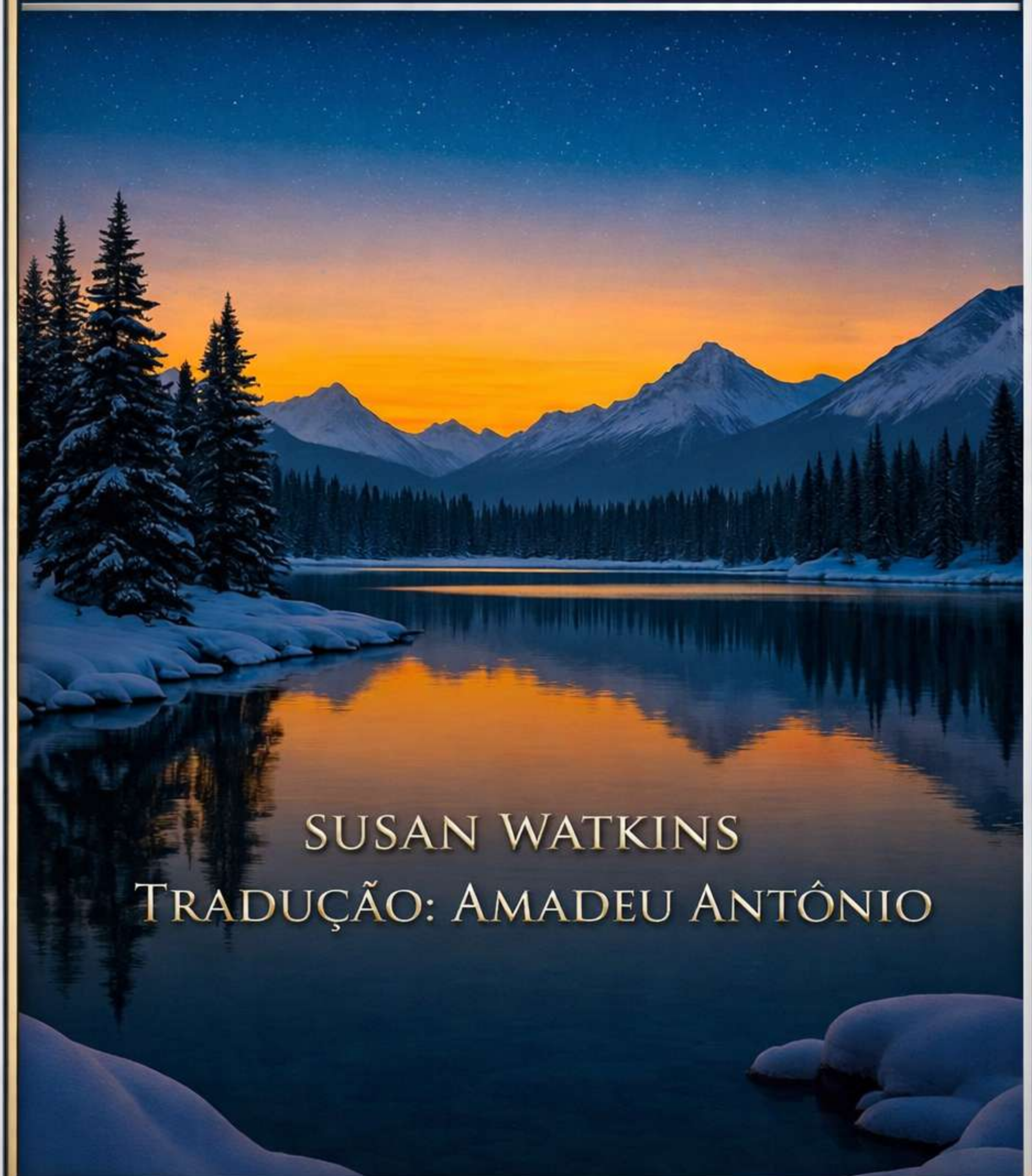
CONVERSAS COM SETH



SUSAN WATKINS
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

CONVERSAS COM SETH

Introdução de Jane Roberts

Susan M. Watkins 2005

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações
Prefácio da Edição do 25º Aniversário
Prefácio da Edição de 1980
Introdução de Jane Roberts
CAPÍTULO 1 Quem disse que a verdade era mais estranha do que a ficção?
(Foi assim que os Bundu souberam)
CAPÍTULO 2 O elenco da classe social e como cresceu
CAPÍTULO 3 Experiências: em que mesas tombaram
e portas revelaram os seus símbolos
CAPÍTULO 4 Quem não tem um segredo?
(Disseram os eus que amávamos odiar)
CAPÍTULO 5 Caixa de Crenças: Seth designa-nos para ouvir os nossos próprios pensamentos
CAPÍTULO 6 A Percepção Extrassensorial revisitada: Vida, morte e acontecimentos estranhos semelhantes
CAPÍTULO 7 Os Sumari (e outros) regressam a casa
CAPÍTULO 8 Reencarnação: Sobrevivência do Mais Apto?
CAPÍTULO 9 O Nu e o Pavor: Ou Como Nos Despimos
e Vestimos o Sexo Oposto
CAPÍTULO 10 A Experiência Continua: Seth II, Acontecimentos Mentais
e o Nascimento da Cidade
CAPÍTULO 11 Saúde, Cura e Como Caminhamos Através dos Ossos Uns dos Outros
CAPÍTULO 12 A Guerra das Flores Idiotas: Na Qual Peixes dos Sonhos,
Espontaneidade e o Draft São Chutados
para o Alto
Chutes
Notas

O mundo receberá estas ideias como quiser. Eu apresento-as de forma lúdica, alegre e humilde, para que possam cair como as sementes caem de um carvalho gigantesco. Não digo que todo o homem deva pegar numa dessas sementes para si e utilizá-la. Digo simplesmente: "Eu sou". E a ti, digo: "Tu és".

Seth em Aula
7 de maio de 1974

Prefácio à Edição do 25.º Aniversário

UMA GUERRA CADA VEZ MAIS IMPOPULAR num país distante. Lutas pela igualdade de género e racial. Degradação ambiental. Um fosso social e económico crescente. Desastres naturais incompreensíveis de proporções épicas. Estes eram alguns dos tópicos debatidos na aula de ESP de Jane Roberts há cerca de uma geração. Atualize-se esta mistura com o 11 de setembro, e temos as parangonas de ontem de volta, apenas sob uma roupagem algo diferente.

Claro que muito bem aconteceu desde os anos sessenta e setenta (é até possível que tenhamos aprendido uma ou duas coisas), mas oh, quão ultrajantes eram as ideias de Jane naquela época, a noção de que a realidade brota da matriz da nossa própria consciência. Pelo menos no que dizia respeito aos meios de comunicação social tradicionais, coisas como sonhos, ESP e o chamado paranormal eram suspeitas anomalias psicológicas ou meras conjeturas de ficção científica e fantasia. Certamente não se dava qualquer crédito a uma ligação entre a crença individual e a experiência de massa. Exceto por alguns núcleos de pensamento original, como o trabalho de Jane e a sua aula de ESP, a cultura não ia dar a lado nenhum a não ser ao mesmo sítio de sempre.

Claro que houve pressões enormes para a mudança social nesses anos, mas era fácil sentirmo-nos marginalizados e sozinhos. Tecnologicamente, o mundo em que Jane e Rob embarcaram nas suas jornadas com Seth em 1963 estava mais próximo da era da Guerra Civil do que daquele que conhecemos hoje. Não havia computadores

domésticos, nem internet ou e-mail, nem ligações por satélite, nem telemóveis ou câmaras de vídeo ou videogravadores; a televisão por cabo estava na sua infância e o DVD era desconhecido. A televisão da "realidade" era de facto real — o Vietname, gravado no local enquanto acontecia, uma inovação chocante (e que alimentou os protestos contra a guerra e ajudou a pôr-lhe fim).

Mas as questões cruciais da vida não tinham os fóruns públicos que hoje tomamos como garantidos, goste-se ou não deles. Os programas de debate na televisão e na rádio, tal como os conhecemos, não existiam. Dilemas de sexo e preferência de género, divórcio, casos extraconjugais, bebés fora do casamento, discriminação racial, violência doméstica — tudo era território proibido de uma forma que é quase impossível de compreender hoje, e exigia o investimento de energia pessoal para disfarçar, ou sofrer em silêncio.

Hoje, a maior parte disto é tão público que chega a ser tema de comédias de situação e de revelações autobiográficas (viva isso), e as permutações da lei e da compaixão libertaram-nos de muitos constrangimentos; no entanto, aqui estamos nós a altercar sobre o básico mais uma vez, para não falar do espetro do terrorismo e do seu impacto insidioso no nosso constructo e hábitos sociais.

Nisso, esta Edição do 25.º Aniversário de *Conversations with Seth* é tão relevante como se eu a tivesse escrito ontem. A aula de ESP da Jane era diversa em idade, antecedentes e política, mas estávamos unidos pelo sentimento de que nenhuma das definições aceites funcionava mais, mesmo quando desejávamos que pudessem funcionar. Relutantemente, com o incentivo sempre sábio e frequentemente exasperante de Seth, deitámos fora a premissa de causa e efeito.

Escolhemos, em vez disso, comportarmo-nos como se o mundo fosse o resultado de crenças individuais e de massa. Angústia, doença, desastres e alegria, tudo o que nos acontecia: criação nossa. Sem acidentes. Nem um único. Sem desculpas.

Desafiando-nos a nós mesmos, escrevemos textos sobre crenças, acompanhámos sonhos, vociferámos e delirámos, rimos e chorámos

enquanto lutávamos com a forma como estas ideias importavam fora das paredes do apartamento da Jane e do Rob. Não "estudámos" o material de Seth tanto quanto o esmurrámos. Homossexuais e heterossexuais, discutíamos as nossas vidas sexuais, contávamos segredos íntimos, trocávamos de roupa (outirámo-la), discutíamos o amor e a guerra, a fuga à conscrição militar, a diversão e a responsabilidade, as drogas e a religião; e tudo em termos de existência e propósito multidimensionais, de passados e futuros infinitos vivos no presente em contínua expansão.

De certa forma, o que fazíamos na aula era conservador e comum, pessoas a tentar descobrir o sentido da vida. Mas de outra forma, a forma mais importante, o que fazíamos ali era mágico e selvagem, mais extraordinário do que qualquer um de nós imaginava na altura. Não era apenas o facto de a aula incluir a presença de "uma personalidade já não focada na realidade física", como Seth se descrevia a si próprio, uma personalidade que nos dava material original, belissimamente escrito (e falado) para fazermos com ele o que quiséssemos.

Não, a coisa verdadeiramente esplêndida, absolutamente escandalosa sobre a aula era que passámos a vislumbrar-nos a nós próprios como personalidades focadas por escolha nesta realidade, não aqui por acidente ou por força de uma divindade escrutável, com todas as implicações para a consciência, para não mencionar a natureza do universo, a propagarem-se pelo mundo fora.

Mas o tempo linear passa, e nos nossos termos nada dura para sempre. A aula de ESP terminou em 1975 e Jane Roberts morreu em 1984, deixando esta existência cedo demais e mais vazia por causa disso. E assim vai, a mistura sublime de passado, presente e futuro neste renascimento de um conto que começou há tanto tempo — ou terá sido apenas na terça-feira passada? Eu esperaria que esta edição de aniversário de *Conversations* possa espoletar um tipo diferente de debate, um que reconheça o fio de consciência que, em última análise, nos une a todos. Como Seth diria — de forma lúdica, claro — "o ensaio continua".

Susan M. Watkins

13 de janeiro de 2005

Prefácio à Edição de 1980

COMECEI A ESCREVER ESTE LIVRO EM outubro de 1978 com a ideia de que seria um projeto bastante seguro; isto é, eu poderia fazer o trabalho de uma repórter — recolher e registar as memórias dos antigos membros da aula de Jane Roberts — e deixar-me de fora disso, como qualquer repórter adequada deve fazer. Pensei que seria capaz de me esquivar à postura verdadeiramente íntima adotada por Jane e Rob nos seus livros que envolviam Seth, a revelação psíquica e a busca por uma estrutura maior de identidade. Tinha lido todos os livros de Jane e admirava profundamente a sua coragem, especialmente com a publicação de *The Afterdeath Journal of an American Philosopher* em 1978. Secretamente, contudo, comecei as minhas próprias incursões nestes reinos sentindo-me bastante presumida: eu não estaria a arriscar nada.

Bem, as coisas não funcionaram dessa maneira, claro. O facto é que fui membro da aula de ESP de Jane Roberts durante quase dez anos, e não há forma de eu poder fingir ter sido uma observadora desapaixonada — e não escolheria ser uma agora, se vivesse esse tempo todo de novo. Fui uma participante apaixonada, saltando para os acontecimentos da aula ou recuando deles conforme as minhas reações individuais tão pouco objetivas decretavam, envolvida no vaivém único à minha própria maneira particular, como toda a gente estava. E assim, enquanto escrevia este livro, passei a compreender que era ridículo da minha parte imaginar que ele pudesse conter qualquer tipo de integridade se não tivesse a plenitude do meu contributo subjetivo.

Pois, ao olhar para trás, para a aula de terça-feira à noite de Jane, vejo o seu efeito sobre as minhas próprias crenças, intenção e propósitos como uma experiência de aprendizagem quase arquetípica para a perspetiva que pergunta: Como é que as pessoas criam — como ouvimos Seth dizer mil vezes — a sua própria realidade, e como é que qualquer grupo, ou grupo de grupos, ou a soma da vida sobre a Terra,

cria o mundo que conhecemos? Quais são as equações interiores dos acontecimentos exteriores? Que migrações de desejo nos levam a realizar as ações sobre as quais mais tarde refletimos, frequentemente com espanto e dor? Conhecemos nós, como indivíduos e como espécie, de facto, uma lógica interior benevolente que, se compreendida, nos mostraria o significado do que parece ser o caos e a loucura da espécie?

Acredito que, à sua maneira, a aula de ESP de Jane foi uma experiência revolucionária do eu de longo alcance, diferente de tudo o que a civilização permitiu até agora aos seus membros. Isto é, a premissa básica da aula — embora tivéssemos de "aprender" a acreditar nela — era esta: A individualidade é inocente; e a partir das crenças e desejos dessa individualidade inocente, tu crias o mundo que experiencias.

A partir dessa premissa de atividade multidimensional, os membros da aula começaram a compreender e a usar a validade da perceção subjetiva como talvez nenhum outro grupo — religioso, terapêutico, académico ou científico — fizera antes. E acredito ainda que os efeitos da aula de Jane, e os seus acontecimentos, nos "alunos" e noutros que lá vinham representam o tipo de revolução interior que pode começar a reestruturar a realidade pessoal e social ao longo da intenção basicamente cooperativa da humanidade. Esta "desorganização", como Seth gostava de lhe chamar, não impunha regras, não ditava nada e esforçava-se apenas por reconhecer a arte do eu; no entanto, tocou e rearranjou as assunções e direções de todos aqueles que faziam parte dela.

Ao longo dos anos, os comentários de Seth na aula foram preservados por dois ou três "regulares" que gravavam, transcreviam e duplicavam as sessões como um favor para a Jane e o Rob e para o resto de nós. Embora numerosos membros fizessem gravações dos acontecimentos da aula, a responsabilidade de transcrever as observações de Seth era habitualmente assumida por uma pessoa, que de alguma forma conseguia ter cópias para nós na terça-feira seguinte.

Nas primeiras aulas, Florence MacIntyre e Brad Lanton fizeram o trabalho; depois Natalie Swing fê-lo durante vários anos, com folgas

ocasionais quando eu concordava em fazê-lo (demora pelo menos o dobro do tempo a transcrever e a dactilografar qualquer coisa do que demora a gravá-la em primeiro lugar). Finalmente, Harold Wiles, gerente de um centro comercial local, fez as gravações e as transcrições escritas nos últimos quatro ou cinco anos, dactilografando laboriosamente matrizes e passando-as num velho mimeógrafo de manivela manual para que todos tivéssemos a certeza de ter cópias.

"Sem essas pessoas com quem contar para as cópias das sessões", diz Jane, "eu nunca teria deixado o Seth manifestar-se na aula."

Os membros tiravam frequentemente notas, e quase toda a gente mantinha registos de sonhos de alguma forma.

Os núcleos da aula, portanto, já estavam ordenadamente preservados. Mas, embora Jane tivesse descrito cenas da aula nos seus livros, uma crónica completa era um projeto que nem ela nem Rob queriam enfrentar.

Como eu tinha sido editora e repórter de um jornal durante cerca de cinco anos, e amiga próxima de Jane e Rob há mais tempo, andava a matutar na ideia há algum tempo de fazer um livro sobre a aula nos moldes do *Working* de Studs Terkel, no qual vozes individuais contavam a história. Tanto do meu ponto de vista como do próprio mosaico vivo da aula, o veículo da entrevista parecia natural. Havia coisas de que eu me lembrava e que queria que as pessoas descrevessem sob os seus próprios ângulos: dois perfeitos desconhecidos subitamente a gritar um com o outro por causa de um incidente percecionado simultaneamente que aparentemente tinha acontecido séculos antes... metade da aula a pôr-se completamente nua em resposta a uma sessão de crenças sobre a responsabilidade, de todas as coisas ("As vossas atitudes em relação aos vossos corpos são como as vossas atitudes em relação à responsabilidade", comentou Seth nessa noite)... uma rapariga com doença de Hodgkin a ver pela primeira vez o quanto tinha estado a depender dos seus sintomas para a sua própria identidade... Seth a manter um diálogo extenso sobre o bem e o mal com um jovem cético que acreditava que Hitler poderia ter usado as ideias de Seth para justificar as suas ações... sonhos da aula, nos quais os membros descobriam correlações fascinantes entre

os seus registos de sonhos, por vezes até nas conversas dos sonhos e frequentemente envolvendo o grupo todo, incluindo Seth... a aula de Halloween na qual fomos "incumbidos" de nos vestir como o sexo oposto... indivíduos que frequentavam a aula e pareciam ilustrar para nós sistemas de crenças em microcosmo... o aparecimento súbito de Sumari e os mini-dramas e canções Sumari... todas estas memórias, e inúmeras outras, eram boas demais para serem deixadas em paz.

Depois, numa das reuniões de sexta-feira à noite de Jane e Rob, Robbie perguntou-me o que tinha acontecido à minha ideia do livro. "Aquela coisa do formato de entrevista que tinhas em mente", instigou ele. "Quando vais começar a fazê-lo?" No dia seguinte, por acaso encontrei um antigo membro da aula num restaurante local. Não nos bíamos há meses, mas as primeiras palavras que saíram da boca dele foram: "Olá, Sue — quando vais fazer aquele livro da aula?"

Fiquei fisgada.

Subsequentemente, elaborei um questionário para enviar a tantos membros da aula quantos conseguisse localizar. Mais tarde, entrevistei algumas destas pessoas por telefone e pessoalmente. Consequentemente, os comentários dos membros neste livro são uma combinação da palavra escrita e falada; mas para simplificar as coisas, descrevi as suas recordações como "ditas" em vez de escritas, exceto onde usei passagens de notas tiradas na altura da própria aula.

Assim, com a ampla cooperação de antigos membros, montei a história da aula de Jane a partir daqueles que a compunham. Ao fazê-lo, não estou de forma alguma a sugerir que a aula resolveu todos os problemas, deu respostas perfeitas (ou perguntas perfeitas), ou tentou tornar-se o caminho para algum tipo de nova religião, completa com a sua própria líder-sacerdotisa mística. Na realidade, houve relativamente pouca resolução direta de problemas pessoais na aula.

Em vez disso, era uma estrutura flexível — ou campo de testes — onde as ideias incorporadas no material de Seth e nos próprios livros de Jane podiam ser filtradas através de uma multitude de realidades diárias. Aceitámos o contexto das ideias de Seth e lidámos com as alegrias e tristezas da vida quotidiana a partir desse nível. E a partir de

acreditar que "tu crias a tua própria realidade", aprendemos o poder pessoal da única autoridade verdadeira — a autoridade do eu.

Devo acrescentar que todos os nomes de membros da aula aqui utilizados são pseudónimos, com exceção de Dan Stimmerman, Richie Kendall e do artista George Rhoads, cujos desenhos encantadores iluminam este livro. Todas as terças-feiras, George enchia dezenas de páginas de cadernos com tudo, desde esboços do abstrato a retratos lineares de pessoas ao seu redor — tudo inspirado pelo momento presente. As ilustrações de *Conversations* são coligidas a partir dessas páginas. (George aparece em ambos os volumes de *The "Unknown" Reality* como "Peter Smith".)

A poesia original que aqui aparece foi escrita por membros da aula e é utilizada com a sua permissão, creditada sem pseudónimo.

Susan M. Watkins

Janeiro de 1980

Introdução por Jane Roberts

QUANDO ESTE LIVRO ESTIVER NAS lojas [em 1980], ter-se-ão passado cinco anos desde que o meu marido, Rob, e eu nos mudámos dos nossos apartamentos na West Water Street, onde realizei as cerca de 400 aulas de ESP de que Sue Watkins escreve nestas páginas. Agora, o Rob e eu passamos frequentemente de carro por aquele velho prédio de apartamentos e, quase sempre, olho para aquelas familiares janelas de sacada do segundo andar, meditando: Será que algum outro eu ainda se senta na cadeira de baloiço Kennedy na sala de estar, "transformando-se" em Seth? Continuarão essas aulas numa dimensão da mente que nunca se intromete no atual inquilino do apartamento?

Embora o tempo físico nos tenha levado "além" dessas aulas, parece-me frequentemente que elas ainda estão a decorrer e ainda

existem num determinado Presente Amplo, tal como a casa ainda existe no espaço. À medida que leio as sessões de Seth da aula no livro de Sue, contudo, vejo que as palavras de Seth não estão datadas. Não se deterioraram. Elas vivem e, em retrospetiva, alcançam uma vitalidade ainda maior do que aquela que outrora lhes possamos ter atribuído.

Cada vez que Seth falava, eu estava em transe, e era Seth quem sorria para os alunos através dos meus olhos abertos. A Sue Watkins frequentou a maior parte dessas aulas e descreve muito bem a minha "transformação" em Seth e as interações de Seth com os alunos — uma proeza considerável, devido às complexidades psicológicas envolvidas. Esta não era apenas uma aula sobre a natureza da psique, a consciência expandida ou as capacidades extraordinárias da personalidade humana. Esta era uma demonstração contínua, à medida que eu me "transformava em Seth" repetidas vezes, desnudando-me das minhas próprias vestes mentais e trocando-as por trajes psicológicos olímpicos; olímpicos apenas no sentido em que Seth exibe uma superabundância de energia, compaixão, sabedoria e exuberância — as quais, assegura-nos ele, são parte da nossa própria herança humana.

Estas aulas foram mencionadas nos meus próprios livros, *Adventures in Consciousness* e *Psychic Politics*, e nas notas de Rob nos livros de Seth; mas em lado nenhum foram tratadas com alguma profundidade. Além de ditar *Seth Speaks*, *The Nature of Personal Reality* e de quase concluir os dois volumes de *The "Unknown" Reality*, Seth deu aproximadamente 300 sessões na aula durante os oito anos abrangidos nas páginas de Sue. Dirigiu-se aos alunos, respondeu às suas perguntas e participou em discussões dinâmicas de vaivém.

O Rob e eu queríamos disponibilizar esse material ao público, mas nenhum de nós tinha tempo para fazer o trabalho envolvido num projeto assim. *Conversations with Seth* ajuda a servir esse propósito, incluindo os excertos mais "substanciais" dessas sessões. As pessoas eram livres de gravar o que quisessem na aula, mas um aluno em particular gravava as sessões de Seth para registo, transcrevia-as,

tirava cópias em mimeógrafo e distribuía-as aos alunos por vinte e cinco cêntimos cada. Obviamente, o custo mal compensava o trabalho envolvido, e eu gostaria de agradecer publicamente aqui ao Harold Wiles por esse serviço.

A Sue também capta a exuberância, a turbulência, a curiosidade impulsionadora e as especulações ousadas que a aula partilhava. Além disso, no entanto, enquanto lia este livro, naveguei mentalmente os dois quilómetros da nossa casa nova para a antiga, vendo-me numa súbita série de imagens, apanhada na minha própria situação na altura da minha vida que a Sue descreve tão bem.

Primeiro, vi-me a observar a partir das pequenas janelas da cozinha, numa qualquer meia-noite passada, enquanto os meus alunos saíam lá fora, no andar de baixo, em direção aos seus carros, com a minha visão parcialmente bloqueada pelo gracioso terraço que mais tarde foi demolido para dar lugar a um parque de estacionamento ao lado. Depois, virando-me, voltava para a sala de estar para enfrentar as pilhas de copos de papel, cinzeiros e desarrumação afim, e para arrumar o sortido de cadeiras dobráveis da varanda — silenciosamente, para não perturbar o Rob, que dormia nas traseiras do apartamento.

Esta imagem mental deve ter sido dos primeiros anos da aula porque, mais tarde, alugámos um segundo apartamento do outro lado do corredor; o Rob despediu-se do seu emprego no departamento de arte de uma empresa local e, muito mais tarde, começou ele próprio a frequentar a aula.

Menciono estes pontos, contudo, para enfatizar que as sessões de Seth e as aventuras mais "esotéricas" da aula ocorriam dentro do quadro de uma vida normal. Porque se eu era Seth em transe, quando saía dele, era eu mesma. O Seth não preparava aquela sala para trinta a quarenta pessoas todas as terças-feiras: eu preparava. Ele não se vestia o mais depressa possível e jantava a correr para esperar os últimos minutos antes da aula, perguntando-se: "O que diabo estou eu a fazer, a ver todas estas pessoas? Para que serve isto realmente?" Durante anos, passei quase metade de um dia a preparar o apartamento para a aula, e metade do dia seguinte a limpar tudo depois, embora mais

tarde o Rob me tenha ajudado bastante, e frequentemente eu lembrava à aula que os mais belos voos da imaginação devem assentar firmemente no quadro da vida quotidiana.

O Rob e eu realizámos cerca de 375 sessões privadas de Seth antes de eu decidir ter uma aula, e mesmo assim não tive uma sessão com a aula durante algum tempo. Por um lado, as nossas sessões regulares estavam agendadas para as 21:00 às segundas e quartas-feiras, e eu não estava habituada à ideia de fazer o Seth manifestar-se espontaneamente, mesmo com o novo quadro da aula. Até então, eu não tinha entrado em transe sem o Rob na sala.

Nos primeiros dias da aula, foi um grande passo para mim ter uma sessão sem o Rob ali e perante um grupo de relativos desconhecidos. Decidi que tinha de me aguentar sozinha, porém: não ia agir como uma mulher desfalecida com o homem forte ali para tomar conta de mim e dos meus transes. Tinha de ser capaz de confiar em mim e nas minhas capacidades; e se eu ia ter algum problema consistente para sair dos transes, então não tinha nada que entrar neles, para começar. Assim raciocinei, de qualquer forma, mas o problema nunca surgiu.

Em todo o caso, à medida que os membros da aula e eu nos tornávamos mais confortáveis uns com os outros, comecei a ter sessões frequentes de Seth. Finalmente, Seth falava em quase todas as aulas, por vezes durante horas a fio.

As sessões nunca se tornaram banais para mim, no entanto. Mesmo agora, nas nossas sessões privadas, fico novamente impressionada com a riqueza do conhecimento de Seth e com a extraordinária organização psicológica que deve estar envolvida no ditado dos seus livros. Seth não ditava na aula, contudo. Ele "manifestava-se" espontaneamente, em resposta à pergunta de um aluno, ou à nossa discussão, ou, com a mesma frequência, para fazer uma contribuição geral. Ele estava perfeitamente ciente da "provocação a Seth" que frequentemente ocorria, quando alguns alunos inventavam perguntas capciosas que supunham ir instigá-lo a fazer uma "aparição". Penso que Seth considerava isso uma espécie de jogo de crianças da parte deles.

Mas, através do quadro amplamente solidário da aula, aprendi as subtis nuances da vida em transe e desenvolvi uma postura psicológica fiável: aprendendo a navegar suavemente pelos muitos estados subjetivos subtis que ligavam a realidade de Seth à minha; piscando intermitentemente de um foco para o outro, do meu para o de Seth e de volta outra vez. (*Here again, there again, gone again, Finnegan.*) Ao fazê-lo, aprendi a focar-me melhor aqui também. Na aula, eu era "mais eu", enquanto Seth era, como sempre, ele próprio.

Se eu era "mais eu", os alunos também eram mais eles próprios de alguma forma estranha. Seth parecia sempre trazer ao de cima o melhor neles — não, como mostram as transcrições, as porções mais piedosas, mas as mais criativas, vitais e compreensivas das suas personalidades. Seth não era distante, para começar. Não se limitava a dar palestras, ele também escutava. Respondia a perguntas concretas concretamente ou explicava as suas razões para não o fazer num determinado caso. E — um ponto importante a reter ao ler este livro — Seth estava a falar para pessoas que voltavam semana após semana, pelo que formulava as suas sessões nos termos dos antecedentes e da cultura delas, como qualquer bom professor faz. Se por vezes fazia uma afirmação pelo seu valor de choque, sabia que a maioria dessas mesmas pessoas estaria de volta na semana seguinte, quando ele ou eu poderíamos responder às suas perguntas. Ele adaptava as suas discussões às necessidades delas e, ao fazê-lo, proporcionava um ambiente de aprendizagem incrível. Isso por si só não é uma proeza pequena.

O humor de Seth transparece nestas sessões com a aula, mais do que no material ditado para os seus livros. Embora ele diga cada palavra em voz alta nas sessões dos nossos livros, utiliza mais um "inglês escrito" direcionado para manuscritos, ao passo que na aula falava habitualmente no vernáculo.

No entanto, de alguma forma, havia sempre mais a acontecer na aula do que os alunos conseguiam compreender. Sentia-me como uma esbanjadora psíquica às vezes, e às vezes entristecia-me que tantas implicações fossem perdidas. Mas a esbanjadora psíquica em mim não se importa: Fizemos o que fizemos; tivemos o que tivemos. E acho

que gostaria de ser uma esbanjadora psíquica mais vezes! Mas depois uma outra parte de mim assume o controlo, a qual quer saber exatamente o que aprendemos, como estamos a usar esse conhecimento e de que forma fomos diferentes depois da aula face ao que éramos antes.

Mais uma vez, a esbanjadora psíquica em mim pensa: Quem quer saber? O que quer que tenhamos aprendido é agora de tal forma parte de nós que é impossível separar esse conhecimento daquilo que somos. As aulas começaram e terminaram, seguindo o seu próprio padrão. Quando tentamos examiná-las agora, tornam-se necessariamente algo diferente do que eram. Admitindo isso, Sue Watkins fez um trabalho extraordinário não apenas ao relatar o que aconteceu na aula, mas ao descrever o clima psicológico mais amplo no qual esses acontecimentos ocorreram.

Ao olhar para trás, a nossa não-convencionalidade e os nossos ruidosos palavrões e apupos podem ser vistos como as suas próprias convenções de certa forma, e talvez o fossem. Eram também lembretes saudáveis de que não seríamos intimidados nem pelas nossas próprias experiências psíquicas, nem pela presença pouco ortodoxa de Seth, e talvez essa seja uma das razões pelas quais Seth gostava tanto da aula. Porque ele gostava. Ele obviamente apreciava cada pessoa que vinha à aula: os membros regulares, os visitantes ocasionais e os de uma só noite.

E, através da variedade de pessoas de todo o país que frequentavam as aulas, fui consciencializada das atitudes divergentes, por vezes divertidas e por vezes irritantes, que as pessoas têm sobre os médiuns ou os psíquicos em geral. Por vezes, eu era considerada uma intermediária necessária, mas ressentida, entre Seth e o indivíduo; alguém a quem elogiar e manter feliz para que eu abrisse as portas de ouro para o Conhecimento Instantâneo. Algumas pessoas esperavam uma mulher santa, assustadora e fascinante ao mesmo tempo, com uma presença elétrica dominadora, para sempre "ligada", de olhos faiscantes, a ler mentes à vontade. Outras queriam uma alma recetiva feminina, vulnerável e passiva, cujo corpo fosse "possuído" num desfalecido abandono psicológico. Outras procuravam uma fraude

charmosa, inteligente e calculista, uma atriz num drama psíquico astuto, a jogar um "jogo cruel" com seguidores ingénuos e cegos pela esperança, ou envolvida em manipulações psíquicas nas quais, subconscientemente, enganava tanto a si própria como aos outros.

E alguns vinham revigorados pela ideia de "enfrentar Seth" ou de jogar um jogo de inteligência com Seth ou comigo. Mas a maioria das pessoas vinha inicialmente apenas para ver o que estava a acontecer, se é que algo estava; e mais tarde vinham para aprender sobre si mesmas. Estavam mais interessadas em descobrir a sua própria realidade e valor; mais preocupadas sobre como podiam ajudar-se a si próprias e aos outros do que em jogar jogos psíquicos.

Por um lado, eu não jogava jogos psíquicos. Também não fazia uso de conotações sexuais. Se eu dizia palavrões e bebia vinho, e se o ar às vezes ficava espesso com o fumo dos cigarros, para mim essa atmosfera era ruidosa e honesta. Não alimentava falsas esperanças de que o Espírito Santo ou a Virgem Maria pudessem estar a pairar em sombras mágicas. Também não encorajava outras sugestões.

Se as mesas andavam aos solavancos pelo chão fora (e andavam), então todos na sala podiam ver também a posição de todos os outros em relação à mesa, porque todas as luzes estavam acesas. E se víamos figuras estranhas e vaporosas na noite (e víamos), então elas tinham de aparecer sob a iluminação de várias boas lâmpadas de sessenta watts.

No geral, as pessoas que frequentavam a aula eram fantásticas. Eram de todas as idades e de quase todas as áreas de atividade. Se alguma atitude nos unia como grupo, era a certeza de que havia mais na vida — e na morte — do que os nossos campos oficiais de conhecimento reconheciam, ou se importavam em investigar; e que, separadamente e juntos, nós poderíamos apenas — apenas poderíamos — ter um vislumbre do que estava realmente envolvido. Isto dava-nos um sentido de camaradagem vital. Eu diria que a maioria de nós, eu incluída, recebeu mais do que aquilo de que estava à espera; e o livro de Sue Watkins descreve as nossas experiências individuais e conjuntas, as experiências, os "ensaios" e as realizações com entusiasmo e compreensão.

Como a Sue é também uma amiga pessoal, foi capaz de recorrer a outros acontecimentos nos quais Seth, o Rob ou eu estávamos envolvidos fora da aula para lançar mais luz sobre qualquer evento da aula, ou para explicar as nossas atitudes psicológicas na altura. Alguns eventos da aula transbordavam para as nossas vidas privadas, por exemplo, particularmente para as nossas reuniões de sexta-feira à noite com amigos, eventos que a Sue frequentava com frequência.

Tanto o Seth como eu costumávamos brincar com um aluno em particular sobre a sua tentativa de "assombrar" o universo, mas, de certa forma, era isso que todos nós estávamos a tentar fazer. Tínhamos o sentimento de que, a partir daquele único apartamento do segundo andar com as suas amplas janelas de sacada, estávamos a espionar o universo, a rondar irrequietamente as margens da realidade comum, a remexer nos arredores do tempo e do espaço.

Quando Seth fazia a sua "coisa da energia", a sua voz (a minha) troava com poder; a sala e todos nós parecíamos tremer, prontos para levantar voo, cavalgando lufadas inebriantes de energia que, sublinhava Seth, eram nossas. Penso que nenhum de nós ficaria muito surpreendido se tivéssemos literalmente feito voar o telhado. Mas cada um de nós "levantou voo" à sua própria maneira.

Lutámos com as nossas próprias crenças sobre nós mesmos, sobre o mundo em geral e sobre o nosso lugar nele. Os alunos faziam perguntas pertinentes e intemporais sobre os acontecimentos muito oportunos das suas vidas: sobre a vida, a morte, o amor, o ódio, a guerra e a paz, o bem e o mal. E, ao responder, Seth tratava sempre cada indivíduo como uma pessoa de honra. Nunca se enaltecia à custa de outrem.

Eu não pensava em termos de métodos de ensino. Em vez disso, sentia que cada aula continha inatamente o seu próprio drama: eu limitava-me a pressentir a sua forma dramática e ajudava a dirigi-la. Como o livro de Sue mostra, as aulas envolviam muito mais do que as próprias sessões de Seth. Havia os nossos "dramas reencarnatórios", a representação de crenças, trocas de papéis sexuais e de vestuário, as tarefas e vários exercícios com telepatia e clarividência e, sempre, o "trabalho" de sonhos que tanto prendia o nosso interesse.

Nós certamente parecíamos encontrar-nos nos nossos sonhos. Alguns dos nossos encontros fora do corpo com outros no estado de sonho confirmavam-se, de acordo com os nossos registos. E há pouca dúvida na mente de qualquer um de nós de que operávamos e interagíamos noutros níveis de realidade que não o normalmente aceite.

Sue Watkins entrelaçou estes vários elementos de modo a contarem a história do que aconteceu na aula e a quem, mas as suas palavras insinuam a história não contada de personalidade e identidade que reside dentro de cada um de nós. Ela descreve quando e como o desenvolvimento Sumari emergiu subitamente na aula, por exemplo, e fá-lo de tal forma que cada um de nós deve questionar a natureza das nossas próprias identidades e as afiliações não oficiais das nossas próprias consciências.

Conversations with Seth contém alguma poesia excelente, e eu tive uma pequena aula de Escrita Criativa durante o período abrangido por este livro. Mas Seth também sublinha a arte viva ainda maior que podemos fazer das nossas vidas, e enfatiza que as capacidades criativas são dedicadas não apenas a artes e ofícios específicos, mas a todo o quadro das nossas vidas. Certamente, nesses termos, a aula era tão criativa como qualquer forma de arte, e era uma espécie de teatro psíquico da mente com os seus próprios episódios dramáticos.

E a aula continuou a mudar, como o livro de Sue mostra. As pessoas vinham e iam ao longo dos anos. Por vezes, os de uma só noite e as pessoas de passagem superavam em número os regulares. Conseguíamos acomodar confortavelmente apenas um determinado número de pessoas naquela sala, e no entanto tentei dar ao maior número possível de pessoas a oportunidade de ouvir Seth falar. Por essa razão, fico espantada quando, ocasionalmente, oiço dizer que algum cientista acredita que "toda a coisa é uma fraude", que não há Seth; ou, inversamente, que encorajo a crença cega por parte dos meus "seguidores". O facto é que Seth se manifestou cerca de 300 vezes ao longo daqueles oito anos, em plena luz, respondendo espontaneamente a perguntas feitas no momento, de uma forma impossível de preparar

previamente. Embora eu fizesse um esforço especial para admitir quaisquer cientistas, muito poucos nos contactaram.

Penso que quatro ou cinco psicólogos visitaram a aula em todo aquele período de oito anos, e dois físicos. Eram excelentes pessoas. Mas é uma pena que mais dos seus colegas não se tenham juntado a eles. Muito mais profissionais nos contactam agora, e fazemos um esforço por recebê-los quando possível. Frequentemente, Seth manifesta-se durante tais visitas, mas entre 1967 e 1975 as aulas proporcionaram uma plataforma e um formato predefinidos para tal atividade.

Na verdade, na maior parte do tempo, não queríamos mesmo ninguém a olhar por cima do nosso ombro na aula. Mas quando alguém o fazia, havia algo que valia a pena observar. Estávamos a explorar a natureza da consciência, a afastar as suas margens oficialmente definidas e a descobrir que elas cediam; elas dissolviam-se. As barreiras oficiais eram artificiais.

Sue Watkins é uma escritora altamente dotada, e as suas palavras recriam de forma evocativa a atmosfera psicológica na qual a aula existia. As suas próprias experiências psíquicas são de um calibre muito elevado, fascinantes em si mesmas, e ela possui uma excelente mistura de recetividade psíquica e senso comum crítico, uma combinação que está longe de ser comum. E como sublinho no meu livro ainda inacabado, *The God of Jane: a Psychic Manifesto*, devemos de alguma forma aprender a harmonizar os nossos intelectos e as nossas intuições. Pois se acreditamos que um está em oposição ao outro, então, não importa qual escolhamos, perdemos.

A própria criatividade de Seth foi provavelmente tão responsável como qualquer outra coisa pela minha decisão de não recomeçar a aula depois de nos instalarmos na nossa casa nova. O Rob e eu temos dificuldade em acompanhar a energia aparentemente inesgotável de Seth; ele terminou de ditar o volume 2 de *The "Unknown" Reality* logo após a nossa mudança, por exemplo, e quase instantaneamente lançou-se em *The Nature of the Psyche: Its Human Expression*. Desde então, concluiu *The Individual and the Nature of Mass Events*, e acabou de começar outro, *Dreams, "Evolution," and Value Fulfillment*. Portanto,

desde que a aula terminou, Seth tem estado tão ocupado como sempre. Através dos seus livros, claro, a sua "mensagem" pode alcançar um número de pessoas muito maior do que alguma vez poderia ser gerido numa aula.

O Rob transcreveu todas essas sessões dos livros de Seth, acrescentou as suas próprias notas inestimáveis e fez quase todo o trabalho de preparação das mesmas para publicação. Ele também dedica parte de cada dia à sua pintura. Escrevi vários livros meus desde que a aula terminou e tenho tentado acompanhar a correspondência sempre crescente dos nossos leitores. De certa forma, suponho que penso neles como uma espécie de família alargada, amigos numa dimensão bastante vital da mente.

Em todo o caso, não faço ideia do que poderei fazer no futuro; mas, por agora, somos o Rob, eu e o Seth sozinhos outra vez, exceto por alguns convidados ocasionais. Cumprimos os nossos encontros privados com o universo através das sessões e, quando Seth dita os seus livros, fala para uma aula maior, não dependente de qualquer tempo ou lugar, uma "aula" na qual cada leitor é um membro bem-vindo.

22 de janeiro de 1980

CAPÍTULO 1

Quem Disse Que a Verdade Era Mais Estranha Que a Ficção? (Foi Assim Que o Bundu Soube)

O Meu Amigo É um Médium às Segundas-Feiras À Noite

(para a Jane)

Apartamento-nave espacial amarelo bem localizado,

Olho para as tuas janelas sorridentes e vejo

O universo dobrar-se, Vejo

Pensamentos-árvore erguerem-se feitos carvão e bolota, Observo

Por trás do ar...

— SMW

Quando o conhecimento intuitivo e a compreensão transbordam, então transbordam para todo o tipo de criatividade e assim é. Não formam grupos. Os grupos aparecem. Há uma diferença. Não há necessidade de formar grupos. Os grupos aparecem porque não há necessidade de os formar.

— Seth na Aula, 11 de junho de 1974

NA LÓGICA INSCRUTÁVEL DA NATUREZA, os dias de verão tornaram-se brilhantes e mágicos na luz especial do outono. Muito acima das ruas da minha cidade natal, os gansos seguem o seu antigo impulso de migração nos seus padrões regulares e óbvios, formando uma equação tão apropriada que ninguém em seu perfeito juízo questiona as estações: Que ganso voaria para sul em julho? Que árvore ficaria vermelha e dourada em fevereiro?

Na igualmente inscrutável — e em grande parte não reconhecida — lógica da humanidade, as pessoas do lado de fora da minha janela seguem as suas próprias migrações de padrão e forma, reagindo e interagindo numa belíssima adequação espontânea que ninguém em seu juízo "perfeito" leva além de certos preceitos aceites de lógica. E, no entanto, que serendipidade de individualidade espreita através da nossa experiência "lógica"?

Era dezembro de 1963. Eu era uma caloira na faculdade de jornalismo da Universidade de Syracuse, uma de 2200 na aula de 67; todos nós ainda a digerir o choque da morte de JFK. Tínhamos assistido a tudo: o cortejo fúnebre na televisão intercalado com anúncios de mopa para o chão; o cavalo sem cavaleiro aumentado por anúncios de comida para cão. A revista do *campus* dedicou toda a sua edição que antecedeu o Natal a entrevistas de rua com estudantes que descreviam onde tinham estado e o que tinham estado a fazer quando ouviram a notícia de que Kennedy tinha sido baleado. As recordações dos estudantes eram, sem exceção, imagens estáticas precisas e nítidas

de um momento no tempo e no espaço; talvez o primeiro assombro da história sentido pela nossa geração. Vaughn Bodé, aquele artista bizarro do *campus* que estava a escassos anos de distância da banda desenhada *underground*, ilustrou o texto das entrevistas dos estudantes com nuvens e bolhas oníricas delineadas a preto. O Muro de Berlim e Cuba tinham sido aterradores, mas não seria isto a morte da poesia — das respostas — no governo?

Toda a gente que frequentava a cadeira de Educação Cívica do Caloiro naquele semestre devia ler *Invisible Man* de Ralph Ellison. Eu tinha tentado alguns capítulos e desistido, aborrecida. Embora o livro de Ellison fosse considerado o comentário social mais corajoso e dilacerante da nova década, eu sentia-me muito mais impelida por uma história de ficção científica numa antologia de bolso que tinha comprado na livraria do *campus*. A história, chamada "The Chestnut Beads", lidava com irmandades universitárias femininas e a Bomba.

Falava dos ritos de iniciação de uma irmandade que eram, na verdade, um ritual de sugestão subliminar dado às mulheres sobre como sobreviver ao holocausto que se aproximava — e, sobrevivendo a ele, dominar o mundo para que os homens nunca mais tivessem a oportunidade de o destruir. As iniciadas esqueciam conscientemente a mensagem interior incorporada no ritual, mas transportavam-na consigo de qualquer forma, como um feto mental invisível, através dos ritos do casamento, do parto e da limpeza da casa — até que o Dia chegasse, e a Bomba caísse, e a mensagem nascesse de novo para as sobreviventes do sexo feminino.

A história era poderosa, sombria e, naqueles dias inocentes pré-feministas, desafiadora e deliciosamente vingativa; e eu lia-a repetidamente, saboreando-a, sobrevivendo com as sobreviventes, dominando os restos do mundo com elas. Mais tarde, li uma versão expandida da mesma história num romance chamado *The Bundu*. O tema assombraria a minha mente durante anos, embora tenha esquecido o nome da autora até a conhecer cinco anos mais tarde. E passaria mais de um ano depois disso antes de eu conhecer Ned Watkins, com quem viria a estar casada por um breve período.

Contudo, foi assim que, enquanto o meu eu de dezoito anos se sentava no meu quarto de residência universitária, longe da minha casa em Elmira, Nova Iorque, a ler a história de "The Chestnut Beads" por Jane Roberts, ela e o seu marido Rob Butts — talvez naquele preciso momento gelatinoso e cúbico — estavam sentados em frente a um tabuleiro Ouija no seu apartamento em Elmira, soletrando as primeiras mensagens de uma personagem que se autodenominava Seth; enquanto eu, lá na boa e velha Univ. de Syracuse, faltava diligentemente ao meu trabalho de cívica por causa de uma história que, de alguma forma, começava a responder ao apelo dos meus sentimentos tumultuosos e violados pelo assassinato, no conto da Olive das contas de castanha e da sua filha algo descartável — cujo nome era Sue Watkins!

E pergunto-me: Que suave e alegre orquestra de lógica, que migração de desejo e intenção — categorizada "racionalmente" como coincidência — ligou a Jane e a mim cinco anos antes de nos conhecermos, através de uma personagem de ficção cujo nome eu não teria até seis anos depois de ter lido essa história?

Depois da licenciatura, trabalhei durante algum tempo no jornal diário de Elmira e, depois, mudei-me para Martha's Vineyard. Durante algumas semanas vivi numa hospedaria cujos outros inquilinos vieram a revelar-se agentes de narcóticos infiltrados que se faziam passar por vendedores de sapatos. Dada a desolação da ilha no inverno sem turistas, era difícil imaginar quem estaria a comprar sapatos, quanto mais narcóticos. Mas os agentes insistiram e, eventualmente, apanharam os filhos de algumas pessoas ricas e famosas.

Durante duas semanas trabalhei na secção de registos médicos do hospital da ilha, tendo conseguido o emprego com base no mérito de uma educação universitária — não importando que eu nunca tivesse estado num escritório comercial na minha vida. Cedo me vi de tal forma atolada nos mistérios da contabilidade que enviei faturas para todos os nomes nos arquivos — incluindo pessoas que já não iam ao hospital há anos. Esse foi o meu último emprego de secretária, mas consegui sustentar-me como operadora de teletipo da Western Union na ilha e "correspondente social" do *Vineyard Gazette*, contribuindo

com pequenas novidades locais sobre quem almoçava ao domingo com quem.

Mas sentia-me eternamente perdida no mar, condenada à extinção sob uma pilha de bilhetes de rejeição editorial — e com razão. Até a minha própria avaliação desesperada dos contos que a minha máquina de escrever triturava previa uma longa aprendizagem com a palavra escrita.

Foi assim, com presságios de novas direções, que numa noite de agosto me vi de pé sob o brilho dos candeeiros de rua na cozinha do meu apartamento, totalmente acordada, a tentar fazer a torneira do lava-loiça funcionar para poder beber um copo de água. Lutei com o manípulo da água fria. Mas independentemente da direção em que rodasse o manípulo — e por alguma razão ele girava livremente para qualquer um dos lados —, nenhuma água saía para o meu copo à espera. O copo também não estava bem: tinha o formato de uma abóbora. Uma abóbora?

Fiquei a olhar para o copo, para a torneira. Não me lembrava de me ter levantado da cama, ou de ter caminhado até ao lava-loiça. Voltei-me e olhei para trás, para o quarto — e ali estava eu, a dormir profundamente deitada de costas, com a boca ligeiramente aberta, os lençóis afastados.

Caminhei até ao lado da cama e fiquei a olhar de cima para mim própria, a observar a respiração a mover-se para dentro e para fora do meu corpo adormecido. A minha consciência não estava definitivamente naquele corpo — estava aqui, fora, de pé e a observar. Aproximei-me e a Sue Watkins tocou no braço do meu corpo, e recuou num salto, sobressaltada.

A pele estava quente e viva, mas eu tinha sentido o toque no braço do corpo em que estava de pé — e tinha estado ciente do toque no braço do meu eu físico, adormecido. Era uma dualidade estranha, como imagens infinitas de espelhos. Um afeto pelo meu ser físico brotou dentro deste eu ciente e acordado que eu era ali, no brilho de luz escura do meu quarto. Era poderoso e seguro, o meu corpo físico, a dormir pacificamente, a revigorar-se de formas apenas vagamente

vislumbradas: seria esta projeção da minha consciência parte desse processo de renovação?

Afastei-me da cama e caminhei para a pequena sala de estar, com os objetos a brilharem cheios de significado, tão vivos e cientes como eu. As janelas da frente abriram-se para mim, e olhei para lá de Vineyard. Som, veludo líquido e escuro, o tilintar rítmico dos prendedores dos mastros dos barcos à vela a ecoar através do nevoeiro marítimo húmido que envolvia a vila. Todos os detalhes da noite eram claros para mim; era como se cada coisa física chamasse por mim separadamente, ansiando por me contar o seu segredo e o seu significado.

Saltei pela janela, então, e voei para a noite; lá em baixo, passando pelos barcos à vela ancorados no Sound; lá em baixo, através da água escura até ao fundo repleto de detritos; lá em cima, saindo do mar quente e espesso para o ar e passando pelas casas de tabuinhas cinzentas que ladeavam as praias de West Chop; e a minha memória contém horas deste voo entre as moléculas da matéria, voando alto como uma criatura física nunca conseguiria através da beleza noturna da terra física.

Várias vezes passei por outros no mesmo estado, a voar numa espécie de êxtase privado. A dada altura, passei rapidamente por um homem com trajes de monge que sorriu e acenou enquanto seguíamos caminhos opostos.

Durante todo o tempo, estive tão acordada como alguma vez estive. E, exceto pela liberdade extática e perfeita do voo, eu poderia estar a caminhar pelas ruas de Vineyard Haven numa qualquer noite de verão envolta em nevoeiro.

Abruptamente, senti um impulso de regressar ao meu corpo. Acordei de repente, sacudida quase violentamente com a sensação de embater na cama. Olhei para o quarto. O sol entrava pelas janelas, mas não era o meu quarto. Parecia ser outro quarto, noutro lugar. Olhei fixamente, forçando-me a encontrar o quarto "certo" — e com um estalido súbito por trás das minhas orelhas, o meu quarto familiar encaixou no lugar. Mas aquele voo noturno da consciência, belo e

altivo, ainda cantava no meu crânio, e permaneceu comigo durante dias depois, convocando os sonhos secretos da minha infância; um ponto de viragem na minha perceção de como as minhas próprias capacidades peculiares faziam a ponte sobre qualquer fosso que eu pudesse sentir entre o meu eu privado e o mundo "real". ("Não há divisões no eu", dir-nos-ia Seth vezes sem conta, sorrindo alegremente.)

E assim, um mês mais tarde, pressionada por uma urgência que não compreendia e que na verdade ressentia (e ainda ressento, até certo ponto), regressei a Elmira, onde o meu amigo Dan Stimmerman me levou naquele setembro de 1968 a uma das festas de sexta-feira à noite de Jane e Rob; era importante que eu contasse as minhas experiências "àquela senhora que fala pelo fantasma de um homem morto", disse o Dan. Ele já me tinha arrastado, sob protesto, a uma festa de Passagem de Ano em casa deles nove meses antes, embora nada tivesse "feito clique" na altura por uma série de razões. Desta vez, as coisas tinham... mudado.

A sala de estar era grande, luminosa, acolhedora. Os ruídos do trânsito da noite misturavam-se com o ar fresco do outono que entrava pelas janelas de sacada abertas do apartamento do segundo andar. As pinturas de Robbie enchiam as paredes; a mobília era um aglomerado confortável de peças descartadas; plantas, livros e adereços de escritor decoravam o lugar. Nenhum homem morto sussurrou através dos lábios de Jane nessa noite, mas a conversa voltou-se inevitavelmente para a ESP e outros fenómenos do género. À medida que eu descrevia os meus sonhos vívidos e outras experiências "estranhas", ia lançando olhares de soslaio a esta mulher elegante, ágil, de cabelo escuro, com este assim chamado espírito pendurado algures por trás dos seus olhos. Conseguiria ela ver o meu passado e futuro, perceber todos os meus segredos, descobrir tudo o que havia para saber? Tais possibilidades deixavam-me um pouco nervosa, mas, na verdade, a Jane não parecia importar-se patavina com estas típicas questões "psíquicas". Fumava constantemente, bebeu várias cervejas, dizia palavrões, ria-se e lia-nos a sua poesia surpreendente com uma vigorosa delícia. Rob, um homem de cabelo grisalho-gris com uma aparência esbelta e atlética, falava com uma espécie de humor e

charme à antiga; e, entre os dois, sabias que nenhuma nuance de jogo de personagens ao redor deles passava despercebida.

Finalmente, após várias horas de conversa — com o sorriso desafiador e intimidador de Jane a responder ao meu e aquele voo noturno vívido e altivo através de Vineyard a ecoar nos meus ossos — , eu disse: "Sabes, eu gostava mesmo de me juntar a essa tua aula de ESP."

"Claro", disse a Jane levianamente. "Há duas — a normal às terças-feiras, e podes começar na de quinta-feira à noite, para principiantes."

"Principiantes?", engoli em seco, um pouco insultada.

"Siiiiim", disse ela, exalando a última nuvem de fumo do seu vigésimo Pall Mall da noite, "isso é apenas para te poderes pôr a par dos outros."

Pôr a par? A minha mente vacilou. Pôr a par de quê? Pelo amor de Deus, o que mais haveria?

O que mais, de facto!

Nunca fui uma verdadeira pessoa de "grupos". Ou ia para o extremo oposto da solidão completa, ou juntava-me a tantos grupos ao mesmo tempo que não conseguia possivelmente ser membro de nenhum deles. Desconfiava do pensamento de grupo; desdenhava a organização e a cerimónia como algo desprovido de mente; ridicularizava a religião como a mais cruel das idiotices; e adotava uma teimosia contrária que às vezes ameaçava romper as minhas próprias costuras.

Mas, apesar de tudo, numa estranha parada de acontecimentos, vi-me a frequentar a minha primeira aula de ESP em outubro de 1968, e já o pequeno grupo — uma mulher de cinquenta e tal anos chamada Rachael Clayton, Daniel MacIntyre de dezassete anos, eu e a Jane — tinha saltado da assunção tácita de que a morte não era O Fim para uma proposição extremamente contrária: a de que um indivíduo escolhe de facto as circunstâncias dessa morte. Estranho.

Quando eu tinha quatro ou cinco anos, a minha mãe parava frequentemente nos nossos passeios pela West Water Street de Elmira para me apontar a enorme árvore de ácer vermelho que crescia em frente desta imponente e velha casa de três andares. Agora eu estava sentada num apartamento nesse mesmo edifício amarelo, ainda sombreado por esse ácer vermelho, equilibrando-me num qualquer passo no tempo e no espaço.

"O que eu não compreendo sobre a morte do meu marido é que aconteceu quando nos tínhamos tornado tão próximos", estava a dizer a Rachael. "Eu sabia que ele não queria envelhecer e ficar débil — mas quando ele morreu, fiquei simplesmente devastada. Dei por mim quase a odiá-lo por ter morrido..."

Rachael lutava para não chorar. Obviamente, estava horrorizada com os seus sentimentos e, no entanto, aliviada por os expressar. Era um momento preciso e delicado para ela, por isso fui completamente apanhada de surpresa quando, subitamente e sem razão aparente, a Jane começou a gritar com a Rachael — numa voz alta, vibrante e com um sotaque estranho. A Rachael nem sequer pestanejou, mas para mim, vozes altas significavam uma raiva terrível (ou algo de inimaginavelmente pior). Encolhi-me na cadeira com embaraço e virei-me para ver, com dupla surpresa, que a Jane não estava apenas a gritar com a Rachael, mas a acenar com os óculos para a pobre mulher além disso.

Que diabo?, gaguejei mentalmente; e depois, com um pequeno sobressalto, percebi que não era a Jane Roberts, tal como eu pensava nela, quem estava a falar — mas Seth, cujo aparecimento cinco anos antes tinha aberto tamanho buraco no tecido da vida quotidiana de Jane e Rob.

Mas... mas não houve transição, nenhum esforço! De um minuto para o outro, esta — pessoa tinha simplesmente começado a estar ali. Porque sentada ali como eu estava — sentindo-me pregada à minha cadeira como uma traça numa caixa de exposição, os terrores do ruído e as suas conotações nas minhas entranhas —, não podia haver dúvidas de que Seth era em grande medida uma pessoa por direito próprio.

"O seu marido, de facto, não queria envelhecer", estava Seth a dizer a Rachael. "Ele tinha horror à velhice, como sabe, e tinha decidido muito antes da sua morte física que não viveria para se tornar decrepito. Ele acreditava que ficaria assim, percebe. E por isso tomou as medidas para garantir que não ficaria."

Rachael acenou com a cabeça, com os olhos a encherem-se de lágrimas. Senti lágrimas minhas a formarem-se. Na primeira hora desta aula, tinha passado a gostar imenso da Rachael. Era uma mulher calorosa, terna, de graça e charme — "uma grande senhora", como diria Scarlett O'Hara.

"Eu compreendo isso, Seth", disse a Rachael, após uma pausa. "É só que..." agora as lágrimas transbordaram. "É só que não consigo desapegar-me. E depois sonho com ele a toda a hora." Controlou a voz com esforço.

"Agora, minha querida amiga", disse Seth, com um enorme sorriso a cruzar o rosto de Jane, "raramente tive uma pessoa tão encantadora a chorar na minha presença, e eu já vivi e morri muitas vezes." Ele (ou ela) inclinou-se para a frente na cadeira de baloiço Kennedy e colocou os óculos de Jane sobre a longa mesa de centro que alguém tinha moldado a partir de uma porta.

Tendo cuidado devidamente dos óculos, Seth recostou-se na cadeira de baloiço e colocou um pé no travamento frontal da cadeira, expondo no processo um pouco mais da coxa de Jane coberta pela malha do que aquilo com que eu me sentia inteiramente confortável. "O seu marido, de facto, comunica consigo no estado de sonho", disse Seth. "Dar-lhe-ei mais informações noutra altura. Mas ele não quer que se meta em demasiados problemas por conta própria, percebe!" Este último comentário atroou para fora do pequeno corpo de Jane com tanta força que tive a certeza de que devia ter rebentado através do rio Chemung, a um quarteirão de distância.

Rachael sorriu e fez uma qualquer réplica sobre ela e Seth serem "velhos companheiros de balcão de bar", e os dois partiram para uma alegre (mas, infelizmente, não gravada) disputa de inteligência sobre

qual deles tinha vivido a série mais decadente de vidas passadas — com ambos a gabarem-se alegremente dos detalhes nefandos.

Mal escutei o que eles estavam a dizer (algo de que me arrependi muitas vezes enquanto reunia este capítulo), porque o que eu estava a ver ali, naquela sala de estar desarrumada e brilhantemente iluminada, não poderia ter sido mais surpreendente se o frigorífico tivesse saído da cozinha para perguntar se queríamos mais cubos de gelo. De uma só vez, esta presença encorpada, exuberante e obviamente consciente de si tinha preenchido o meu universo com possibilidades tão infinitas como a paisagem dos sonhos.

"Obrigada, Seth", estava Rachael a dizer, com o diálogo deles terminado.

"Obrigado, minha querida senhora, pelo seu ser e pela sua vitalidade; pois aquilo que é meu é também seu", respondeu Seth. Olharam-se brevemente, com afeto; esta senhora e este — espírito? Fantasma? Inescrutável eu-Jane? E depois, sem um segundo de aviso, Seth virou os olhos grandes e escuros de Jane para — oh, Jaaasus! — mim.

"E agora, minha querida jovem amiga", troou Seth — e senti-me a corar num vermelho ardente mesmo através do couro cabeludo —, "voltamos a encontrar-nos!"

Eu só conseguia ficar a olhar boquiaberta para aquela afirmação, com as suas implicações a voarem para lá de mim e para fora na noite de outono.

"Não se lembra de mim agora", disse Seth, com os seus olhos e sorriso alegre a perfurarem-me de cima a baixo. "But I do not really mind. Tem capacidades agora, capacidades de outras vidas, e a responsabilidade de as usar. E por isso veio aqui para garantir que o fará."

"A sério?", grasnei, soltando uma gargalhada de embaraço.

Seth acenou com a cabeça, um gesto que eu cedo reconheceria como um prelúdio para blocos de informação. "Tenho algo a dizer-lhe

neste momento", continuou Seth, "e é isto: Não há necessidade de justificar a sua existência, através da escrita ou de outro meio. O ser é a sua própria justificação, e isto é parte daquilo que deve aprender. E dir-lhe-ei isto vezes sem conta, até que compreenda o que é que lhe estou a tentar dizer!"

Não consegui responder. As palavras dele não significavam nada — na altura.

«Casar-te-ás no prazo de três anos», acrescentou Seth inesperadamente, e depois desapareceu, fechando os olhos de Jane.

«Ups — espera aí», balbuciou Jane, voltando a ser ela própria tão rapidamente quanto Seth tinha sido ele próprio. Tateou à procura dos óculos, pô-los e terminou de focar a sala. «Uau», disse, a sorrir para mim. «O que foi aquilo tudo?»

Nós os três olhámos uns para os outros. «Uh», começou Rachael. «Bem, ele mencionou o meu marido, Al.» Fez uma pausa, incapaz de explicar o que acabara de ser dito. E tinha razão: por muito direta e dramática que tivesse sido a aparição de Seth, era um pouco como conversa de sonho. A menos que estivesses na estrutura do próprio sonho, as palavras de alguma forma começavam a escapar, mesmo fora do teu alcance, como pequenos peixinhos num lago claro e verde. «Oh, porra!», exclamou Rachael. «Ele disse-me que o Al me estava a contactar nos meus sonhos, sem dúvida. Mas ele lançou mesmo uma espécie de bomba sobre a Sue!»

Jane voltou-se para mi. «O que foi isto?», perguntou, acendendo outro cigarro. Um monte de cigarros fumados a meio já espreitava no seu cinzeiro grande, perolado, de abalone.

«Bem, eu acho — uh, acho, de qualquer maneira, que ele me disse que eu estava mais ou menos destinada a vir aqui desde o início, e —»

Crack! Como um relâmpago de verão, os óculos de Jane voaram pelo ar.

«Vieste aqui por tua própria e livre vontade», interrompeu Seth em voz alta. «Mas vieste aqui, não obstante, porque sabias o que farias aqui.» Uma pausa. «Eu só queria que compreendesses isso», riu Seth abafadamente e, mais uma vez, como o premir de um interruptor, ele tinha-se ido.

«E lá — não tão depressa», disse Jane, voltando a colocar aqueles óculos aparentemente indestrutíveis. «Às vezes começo a sentir-me como um iô-iô.»

«Mas um iô-iô adorável», acrescentou Rachael, a rir.

Zip! «Isso é bem verdade», entrou Seth de rompante, «sou um fantasma velho e bastante adorável, se o posso dizer eu próprio. E para tua informação, também estou a tomar conta de ti no estado de sonho. Entre nós os dois, deveremos ser capazes de te manter no caminho certo!»

«Obrigada, Seth», respondeu Rachael. «Agradeço mesmo muito isso.»

«Isso é muito bom, porque eu também o agradeço», respondeu Seth. «Dá-me algo que fazer nas minhas horas vagas!»

E assim continuou, por mais uma hora — Seth a aparecer e a desaparecer, a gesticular, a dar piadas elaboradas, a reinar connosco; a aconselhar Daniel a «usar a [sua] mente, e não a deixar ficar alqueivada, sem colheita»; a dirigir observações pertinentes a todos nós. Mas a maioria das palavras desvaneceu-se da minha memória, navegando em direção ao éter com mil outros diálogos de aulas estranhos encontrados ao longo dos anos, naquilo que rapidamente se tornou, para mim, uma excursão tumultuosa e intrigante aos continentes desconhecidos do eu, com descobertas infinitas guardadas dentro deste pequeno grupo com a sua premissa atraente de percepção extrassensorial (PES).

Seth apareceu nas vidas de Jane e Rob a 8 de dezembro de 1963, três anos após eles se terem mudado de Sayre, Pensilvânia, para Elmira. Jane tinha trinta e quatro anos; Rob, dez anos mais velho. Estavam casados há nove anos, trabalhando como escritora e artista, pagando a renda com biscates. A dada altura, Jane vendeu produtos da Avon e facas de cozinha de bicicleta e, mais tarde, trabalhou numa galeria de arte em Elmira e como auxiliar num jardim de infância.

O Rob aceitou um cargo a tempo parcial numa empresa de cartões de felicitações em Elmira e pintava à tarde. Jane tinha publicado dois romances de ficção científica, *The Rebellers* e *The Bundu*; também tinha tido várias histórias aceites pela *Fantasy and Science-Fiction Magazine* («que nos pagava o dinheiro para a lavandaria», observava ela frequentemente). As suas vidas estavam preenchidas com a sua arte e um com o outro.

Talvez de forma apropriada, foi uma experiência artística que lançou Jane e Rob no material de Seth. Em setembro de 1963, Jane sentou-se à sua mesa de trabalho para a sua escrita da tarde quando (como ela descreve em *The Seth Material*) lhe pareceu que, de um minuto para o outro, o universo se rasgou e uma avalanche de ideias surpreendentes se derramou pelo buraco e para as próprias células do seu corpo. As notas que fez dessa experiência, à qual chamou mais tarde *The Physical Universe as Idea Construction*, foram o início de um novo conjunto de percepções para ela e o Rob, nenhum dos quais tinha alguma vez tido o que considerasse um acontecimento «psíquico» nas suas vidas. Ambos começaram a lembrar-se dos seus sonhos. Compraram alguns livros sobre PES no supermercado local, mas nenhum deles satisfez a sua curiosidade. E nenhum deles sequer se aproximava da originalidade daquelas notas surpreendentes que Jane tinha rabiscado loucamente.

Por isso, por sugestão de Rob, Jane elaborou um esboço para um livro do tipo "faça você mesmo" sobre PES.1 A premissa era que ela e o Rob montariam as suas próprias experiências, registariam os resultados e desenvolveriam o livro a partir daí, já que nenhum deles tinha estado alguma vez numa sessão espírita, recebido mensagens

telepáticas, usado um tabuleiro Ouija ou estado envolvido com qualquer tipo de empreendimento de PES. Um editor manifestou interesse no manuscrito proposto e os dois avançaram — começando com o tabuleiro Ouija, que parecia o dispositivo «psíquico» mais simples.

Em *The Seth Material*, Jane confessa: «...ambos ficámos um pouco envergonhados nas primeiras vezes que experimentámos o tabuleiro. A minha atitude era: "Bem, vamos despachar isto para podermos realmente passar para as coisas em que estamos interessados, como a telepatia e a clarividência." Não admira que as nossas primeiras tentativas tenham sido fracassos.»2 Após algumas tentativas, no entanto, o tabuleiro começou de facto a soletrar mensagens, e mensagens muito lúcidas, por sinal.

PODEM CHAMAR-ME O QUE QUISEREM, respondeu o tabuleiro, letra por letra, quando Rob perguntou com quem poderiam estar a falar. EU CHAMO-ME SETH. ADEQUA-SE AO MEU EU, A PERSONALIDADE QUE MAIS CLARAMENTE SE APROXIMA DO EU TOTAL QUE SOU, OU QUE ESTOU A TENTAR SER. JOSEPH É O TEU EU TOTAL, MAIS OU MENOS, A IMAGEM DA SOMA DAS TUAS VÁRIAS PERSONALIDADES NO PASSADO E NO FUTURO.

Muita fruta para um tabuleiro Ouija — e o início das sessões de Seth. Pois Jane logo começou a perceber que estava a ouvir estas respostas na sua cabeça antes de o tabuleiro as soletrar. Um impulso para falar pelo ponteiro pesado empurrava-a. «O ponteiro parou», diz Jane em *The Seth Material*. «Senti-me como se estivesse, a tremer, no topo de uma prancha de salto alta, a tentar obrigar-me a saltar enquanto todo o tipo de pessoas esperava impacientemente atrás de mim. Na verdade, eram as palavras que me empurravam — pareciam correr pela minha mente. De uma forma louca, senti-me como se elas se fossem acumular, pilhas de nomes e verbos na minha cabeça até bloquearem tudo o resto se eu não as falasse. E, sem saber realmente como ou porquê, abri a boca e deixei-as sair...»

Assim, Jane e Rob usaram o tabuleiro Ouija mais algumas vezes e depois dispensaram-no por completo quando descobriram com que facilidade Jane conseguia repetir as palavras que estava a ouvir. À medida que as semanas passavam, esta «escuta interior» dela desenvolveu-se gradualmente para estados de transe mais profundos até que Jane estava largamente inconsciente das palavras específicas enquanto estas estavam a ser transmitidas. Rob escrevia tudo cuidadosamente na sua própria forma de estenografia e passava as suas notas a limpo no dia seguinte. Em breve, estas páginas encheriam dezenas de cadernos.

Eventualmente, a voz de Jane engrossou e adquiriu o sotaque excêntrico «mas cosmopolita» (nas palavras dele) de Seth. O material variava do teórico ao profundamente pessoal; Rob segregava as sessões que lidavam com as vidas privadas deles num ficheiro «eliminado» separado, que ao longo dos anos incluiria algumas das sessões privadas dadas a outros.

Muitas vezes, Jane e Rob quase pararam com a coisa toda. Mas a curiosidade, a excelência fascinante do material e a sua fé básica na expressão artística instavam-nos a continuar. Em anos posteriores, quando Jane e Rob encontravam a «linha oficial de pensamento» e a sua atitude em relação ao trabalho deles, foi, penso eu, esta fé na integridade do eu como uma obra de arte que lhes deu a audácia de continuar a seguir o seu próprio caminho.

Quem ou o que Seth é em relação a Jane — e, de facto, ao conceito de identidade — mudou e alargou-se nas mentes de Jane e Rob à medida que as próprias sessões cresciam ao longo dos anos. Basicamente, Jane vê Seth, Ruburt (o nome da entidade de Jane, de acordo com Seth), Sumari e outros encontros desse tipo (incluindo as personagens nos romances *Oversoul Seven*3) como aspetos da sua identidade — aspetos de si mesma existindo noutras dimensões, ou realidades, como ela existe nesta, com as capacidades de Jane a permitirem-lhe expressar esses aspetos no tempo e espaço físicos.4

De acordo com este conceito, cada um de nós também existe dentro de uma identidade multidimensional e comunica constantemente com as suas várias partes, quer o reconheçamos conscientemente quer não. Nesse contexto, Seth é como uma versão «maior» de Jane, falando da perspetiva de alguém que já não está focado no mundo como nós o entendemos.

A ideia para a aula de Jane foi plantada em 1966, menos de três anos após a emergência das sessões de Seth, quando a professora de Elmira, Florence MacIntyre, combinou encontrar-se com Jane e Rob através de um colega professor que vivia no apartamento por baixo deles. Foi Florence quem sugeriu que Jane começasse uma aula «psíquica».

«Não fui à bola com isso», diz Jane secamente. Ela tinha publicado *How to Develop Your ESP Power* naquele ano, mas as sessões de Seth ainda eram privadas; e embora Seth mais tarde tenha recomendado a ideia da aula como sendo boa, Jane rejeitou-a — ao início. «Achei que nenhum fantasma de merda me ia dizer para começar nenhuma aula de "PES"», recorda Jane.

Mas, mais uma vez, a sua curiosidade manteve a ideia viva. Após mais algumas semanas de hesitação e deliberação, Jane decidiu colocar um anúncio no jornal de Elmira para ver quantas pessoas apareceriam uma vez por semana, por $2,50 cada, para explorar o significado da PES. Florence MacIntyre e mais alguns chegaram às 07h00 em ponto daquela noite de setembro de 1967, e Florence faltou a muito poucas daquelas noites de terça-feira a partir daí.

Inicialmente, Jane mantinha duas aulas — uma para novos membros e outra para aqueles que já frequentavam há algum tempo. Ambas eram largamente compostas por donas de casa da zona e estudantes do sexo feminino do vizinho Elmira College. O filho de Florence, Daniel, e o banqueiro local, Theodore Muldoon, estiveram entre os primeiros homens a vir à aula regularmente. No início, o interesse da aula prendia-se maioritariamente com o que se poderia chamar de aspetos básicos: discussões sobre a natureza da identidade,

as experiências da «porta» ou do teste do envelope, viragem de mesas, vida após a morte, reencarnação, cura.

A Jane fazia leituras psíquicas ocasionais, e ela ou o Seth davam por vezes impressões de vidas passadas na medida em que diziam respeito a perguntas ou observações levantadas na aula — embora Jane não permitisse que Seth se manifestasse na aula durante muito tempo: a primeira sessão de aula foi o 386.º transe de Jane, em 1968, e foi a primeira vez que ela falou por Seth sem Rob lá estar para tirar notas.

Ao início, a aula tendia a ser pacata e teórica. As ideias implícitas no material do Seth e nas descobertas de Jane (e dos seus alunos) eram tratadas como uma possibilidade fascinante — mas não propriamente como um «facto» operacional. De alguma forma, isso era um pouco assustador. Por outro lado, foi durante estes primeiros anos que a aula se entregou à exuberância da viragem de mesas — uma atividade barulhenta e hilariante — e esteve envolvida n'«O Acampamento», uma recordação coletiva de vidas passadas em que os membros participaram mais do que uma vez.

«Ver o crescimento da Jane foi notável», diz a Jeany Krouse, uma das primeiras alunas da Jane. «Eu estava a licenciar-me em psicologia no Elmira College na altura. Vi o anúncio da Jane no jornal, liguei-lhe para falar e acabei na aula. Fizemos testes de envelope, testes de livros, impressões, etc. A Jane estava a passar por tantas mudanças, como as experiências de Estabrooks.5 Agora, comparar os seus livros atuais com os primeiros livros — ver todas aquelas declarações de ressalva desaparecerem — tem sido formidável!»

Gradualmente, um sentido de «aceleração» começou a sussurrar pela aula. Cada vez mais pessoas apareciam na sala de estar de Jane — por vezes enchendo-a tanto que era uma proeza de engenho apenas atravessar a sala sem pisar alguém. De um grupo de cinco a uma dúzia de pessoas, a aula expandiu-se em meados da década de 1970 para trinta ou quarenta, com um recorde de quarenta e sete pessoas enfiadas naquela sala de estar numa noite quente de verão. Agora o grupo

incluía tantos homens como mulheres — com uma ampla variedade de origens.

Indivíduos na casa dos vinte anos sentavam-se de calças de ganga e sandálias ao lado de homens de negócios que usavam fato e gravata. Arnold Pearson, um engenheiro e inventor brilhante numa indústria eletrónica local, trazia os seus filhos, que tinham andado à boleia pelo país e faziam perguntas diretas sobre o complexo militar-industrial.

O Gert Barber, que outrora fora freira e agora estava casada e era mãe de duas filhas, trazia as suas perguntas exigentes e inquietas de identidade sexual para o primeiro plano — e chocava quase semanalmente com Bette Zahorian, uma dona de casa e mãe ferozmente orgulhosa e assertiva de uma pequena cidade da Pensilvânia. Faith e Lawrence Briggs exploravam uma quinta de cabras e vegetais à custa de tostões contados, mas de alguma forma conseguiam arranjar tempo e dinheiro para conduzir até Elmira e acrescentar a sua perspetiva terrena e prática aos trabalhos. O locutor de rádio local e ministro ocasional Joel Hess, que tinha trabalhado brevemente em Cornell com o manifestante de guerra Daniel Berrigan, começou a falar pela sua própria «personalidade» pouco depois de chegar à aula no final de 1970.6

In 1971, começou uma segunda fase da aula — iniciada, penso eu, pelas sessões de «segredos» e levada a cabo através dos «dramas» reencarnatórios, exercícios de mobilidade de consciência, as experiências de cura alfa e, para muitos de nós, uma consciência acrescida no estado de sonho. Jane começou a cantar as canções e cenários Sumari em novembro desse ano; Seth II apareceu em cena e observou que a «experiência» continuava; e os acontecimentos estavam a mover-se rapidamente para fora do reino da teoria.

A terceira fase da aula — embora todas estas fases tenham deslizado facilmente umas nas outras e não fossem óbvias na altura — provavelmente teve o seu início no rescaldo da Inundação de 1972, quando o Furacão Agnes varreu o vale do rio Chemung-Susquehannah, afetando dramaticamente as vidas de todos no seu

caminho. Naquele 23 de junho, Jane e Rob ficaram no seu apartamento com as suas pinturas e manuscritos e os cinquenta cadernos do material de Seth,7 sozinhos no bairro, enquanto o rio Chemung inchado atingia o pico a três metros de profundidade nos relvados da Water Street. Quando a aula recomeçou, um mês mais tarde, começámos a usar as complicadas «tarefas de crença» de Seth, mergulhando em profundidade nos nossos sistemas de realidade individuais e, por inferência, na realidade de massa como a conhecemos.

Esta terceira fase da aula é provavelmente assinalada nas mentes da maioria dos membros pela chegada dos «Rapazes de Nova Iorque», o rótulo geral colado à dúzia ou mais de homens e mulheres no início ou meados dos seus vinte anos que conduziam os 400 quilómetros de Nova Iorque a Elmira todas as tardes de terça-feira, ficavam para a aula de três a quatro horas e depois conduziam de volta toda a distância na mesma noite para poderem chegar aos seus empregos na quarta-feira.

«Entusiasmo maior do que esse é difícil de encontrar», dizia frequentemente Jane quando eles entravam pela porta do seu apartamento. Os «Rapazes» eram uma coleção de pessoas desajeitada, barulhenta, adorável, enervante e charmosa que tinha crescido junta num subúrbio de Nova Iorque. A sua energia alegre e indisciplinada serviu para empurrar a aula diretamente para as exigências do mundo quotidiano de uma forma muito imediata — as ideias de Seth funcionavam mesmo?

Ao longo dos anos da aula, os membros regulares juntavam-se a visitantes ocasionais ou a pessoas que ficavam apenas por algumas semanas. Passado algum tempo, o material era repetido constantemente, visto que os recém-chegados pareciam ter sempre as mesmas perguntas básicas sobre Seth, Jane e a aula. Finalmente, Jane fez dos livros publicados de Seth um pré-requisito para a aula, mas mesmo isso não reduziu o enorme número de pessoas que pedia para frequentar. Os estranhos também criavam um dilema: poderíamos continuar com uma sessão de segredos ou com alguns dos artigos de

crença mais íntimos à frente deles — especialmente quando qualquer pessoa que quisesse gravar os acontecimentos em fita estava livre para o fazer? No entanto, o afluxo de recém-chegados e personagens continha a sua própria adequação intrínseca: as pessoas certas pareciam sempre aparecer na altura certa. Mas era um problema que nunca foi realmente resolvido. (A aula acabou com o debate acabando consigo própria em 1975, quando Jane e Rob se mudaram para a sua nova casa noutra zona de Elmira.)

Em todos os momentos, a aula era uma experiência terrena, calorosa e cheia de humor. Jane desdenhava o lúgubre e o azedo e deliciava-se com a espiritualidade da diversão — que também nunca descurava as agonias privadas. Quando li recentemente uma crítica desfavorável ao *Afterdeath Journal of an American Philosopher* de Jane, fiquei impressionado com a idiotice da crítica mais dura do crítico a Seth e Jane: a de que o tema do sexo estava suspeitosamente ausente dos livros de Roberts. Aparentemente, o crítico chegou a essa conclusão sem ler nenhum deles.

O sexo — e todas as outras inúmeras funções corporais, já agora — eram discutidos constantemente na aula, sem qualquer inibição por parte de Jane e com muito pouca por parte de qualquer outra pessoa. Stewie Gould, por exemplo, leu uma vez um artigo de cinco páginas e meia sobre «crença corporal» que começava com a afirmação: «Acho que o meu pénis é fofo», e explicava minuciosamente por que razão pensava assim. (Poderias torcer o nariz ao narcisismo de Stewie, mas nunca poderias queixar-te de falta de criatividade turbulenta.) As sessões de «segredos» também nos levavam ao cerne da experiência, se é que isso é de facto um requisito para a autoconsciência; e Jane lia frequentemente porções da sua poesia ou obras em curso, nenhuma das quais media as palavras. Havia uma honestidade exuberante entre nós, e ninguém que frequentava a aula pareceu alguma vez desaprová-la.

O que as pessoas ocasionalmente desaprovavam eram os hábitos de Jane, particularmente o de fumar cigarros e o de beber vinho (vinho, chá, café e refrigerantes eram trazidos pelos alunos e

disponibilizados a todos). Às vezes, eram registadas queixas em relação à atmosfera fumarenta na sala de estar; mas as pessoas que vinham para a aula com ideias rígidas sobre o que Jane (como veículo sethiano) deveria ou não estar a fazer reagiam com choque quando Jane acendia o seu primeiro Pall Mall da noite.

«Eu simplesmente não compreendo como podes impedir as vibrações espirituais com os teus cigarros e o teu álcool», disse uma mulher, franzindo os lábios em desaprovação. Jane respondia com algo do género: «Olha, eu simplesmente não acho que a tua espiritualidade seja uma coisa que ganhas ou perdes de acordo com o que fazes ou deixas de fazer.» Mas, por baixo da sua resposta ponderada, estas atitudes deixavam-na furiosa.

Acima de tudo, Jane estava determinada a não ser encurralada nas ideias de outra pessoa sobre o que ela deveria ser. Na verdade, ela admite que, no início, muitas vezes exagerava para provar o quão irreverente era — o que Jane naturalmente já é de qualquer maneira. Mas, por baixo da terra rude, charmosa, carismática e enérgica de Jane, zumbia o verdadeiro ponto de articulação da sua aula: não apenas Seth e a sua perspetiva única, mas um sentido inabalável de excelência que realmente pilotava aquelas noites de terça-feira — e, de facto, o próprio corpo do material de Seth.

Ao manter aquelas aulas, Jane sustentava um belo tipo de equilíbrio inspirado, com todos nós e as nossas variadas emoções, crenças e expectativas por um lado, e as suas próprias sensibilidades por outro. Jane tinha um detetor de futilidade totalmente fiável e um radar de pedantismo igualmente preciso. Ela era ao mesmo tempo completamente espontânea e completamente em controlo. O seu sentido do ridículo era tão seguro como o seu sentido de qualidade — e ela tinha a graciosidade e a argúcia de perceber que a qualidade podia estar escondida dentro do ridículo.

Tinha uma rapidez de mente e uma agudeza para farejar o cerne das questões em tudo o que estava a acontecer. Jane era capaz de olhar para as pessoas como «clássicos de si mesmas», como lhe chamava;

como personagens por direito próprio, quer concordasse com elas quer até gostasse delas — dado que havia inúmeras pessoas que vinham à aula de quem Jane muito certamente não gostava.

«O inferno disso era que o Seth vinha e dizia à pessoa: "Gosto de ti!"», diz Jane. «Depois eu saía do transe, e alguém me dizia que o Seth tinha dito aquilo, e eu tinha de sorrir e dizer: "Heh, heh, oh, a sério?" ou algo assim... mas a coisa disso também era que, quando eu estava em transe e conseguia sentir a maior — digamos, amplitude emocional de Seth, descobria que gostava mesmo da pessoa!»

O sentido de excelência da Jane e do Rob fez mais por nós, enquanto indivíduos, do que aquilo que minimamente suspeitávamos enquanto as aulas decorriam. Para eles, as velhas explicações e categorias para muitas das nossas experiências não eram satisfatórias — tal como, na verdade, as velhas explicações e categorias para a experiência humana como um todo não tinham sido suficientemente amplas para eles e, por isso, tinham dado origem ao desenvolvimento do Seth, para começar.

Quando a reencarnação erguia a(s) sua(s) cabeça(s) na aula, por exemplo, teria sido relativamente fácil — e provavelmente frutífero à sua maneira — para a Jane ter montado um drama reencarnatório por semana, com os membros participantes a entregarem-se a isso de corpo e alma, apenas para registar detalhes de eventos de vidas passadas. Estes dramas aconteceram algumas vezes na aula e eram certamente fascinantes e válidos num reino ou noutro. Mas que reino era esse? Ou existiria alguma explicação conhecida capaz de conter o que estávamos a fazer? E durante quanto tempo podem as pessoas continuar a gritar umas com as outras por causa daqueles tempos lá nos anos 1200, quando toda a gente estava a ser saqueada pelos pagãos?

A informação sobre vidas passadas dada pelo Seth ou pela Jane, adivinhada por outros ou encenada em forma de drama, foi importante para uma certa fase da aula — mas, mesmo aí, a Jane recusou-se a tratar isto como o jogo do espeto no qual íamos pregar as nossas

caudas; e o significado da reencarnação mudou para nós e tornou-se uma parcela das possibilidades da identidade, em vez de ser a sua definição. Também era vista como uma fonte de informação pessoal viável — porque, muito simplesmente, essa informação continha uma validade emocional que não podia ser negada, mesmo sem as conotações de "vidas passadas".

Da mesma forma, embora o Seth tenha dado informações pessoais a alguns alunos sobre parentes falecidos e as suas ligações aos vivos, não foi aí que a aula deixou a questão do que acontece após a morte física. A maioria dos membros regulares não presumiria, por exemplo, que a falecida tia Mae continuaria a ser a tia Mae (ou a estar morta) pelo resto da eternidade, ou que a tia Mae tivesse sido sequer aquilo que todos (incluindo a própria senhora) tinham presumido que ela era enquanto viveu. O que tinha ela sido; e, por inferência, o que era esta personalidade que cada um de nós continha algures dentro da nossa pele?

Nada, por outras palavras, ficava parado na aula.

A diferença mais óbvia, claro, entre a aula da Jane e os grupos de "autoajuda" — para além do facto de a aula não ter sido criada para "ajudar o eu" nesses termos — era a participação do próprio Seth. A Jane entrava em transe e falava por outra personalidade, definitivamente independente e psicologicamente perspicaz. A própria dinâmica da personalidade era dramaticamente redefinida, mesmo diante de nós. O facto de vermos, quase todas as semanas, uma dimensão da personalidade não habitualmente reconhecida no tecido da vida quotidiana, significava que, fossem quais fossem os termos em que definíamos os nossos seres, a realidade das nossas consciências individuais continha muito mais do que tínhamos suposto. E porque a Jane e o Rob — e o próprio Seth — se recusavam a colocar o Seth numa gaveta arrumada e predefinida de "guia espiritual", "dupla personalidade", "contacto com o Além" ou o que quer que fosse, nós, enquanto aula, nunca mais colocaríamos as nossas próprias capacidades ou experiências peculiares em nenhuma categoria predefinida.

A mecânica do Seth trazia automaticamente para as nossas questões um elemento geralmente não concedido à consciência — ou, pelo menos, não com as qualidades de intelecto, intuição, bom senso comum e a liberdade do "e se" que a aula da Jane proporcionava. A recusa dela em aceitar velhos termos era a nossa lição básica em todas as frentes: descobrir a autoridade dos nossos eus dentro do momento e confiar na sua natureza. A Jane e o Rob estavam embarcados no seu próprio mar de perguntas e dúvidas: Quem era o Seth? O que significava a sua personalidade em termos de identidade humana? E, à sua maneira, a Jane não esperava menos dos seus alunos neste tipo de embarque do que esperava de si mesma.

"Ora, o Seth não aprecia a adoração," disse-nos o Seth numa noite. "Por um lado, o Seth compreende os adoradores. E, quando se compreende os adoradores, não se aprecia a adoração!

"Se pensares bem nesta frase, então vais perceber que aqueles que adoram não prestam nenhuma honra real ao objeto da sua adoração. Pois sobre esse objeto, eles colocam todas as suas esperanças, todos os seus sonhos, todas as suas insuficiências e toda a responsabilidade pelas suas vidas; e mesmo um deus — um deus são — se recusaria a aceitar tal adoração.

"O deus compreenderia também a natureza do universo, e a natureza da criatividade lúdica, e saberia que tal adoração é — na sua base agora, na sua base — uma negação da própria vitalidade da vida.

"Pois Tudo O Que É dota as criaturas com uma capacidade latente para o maior tipo de criatividade. E uma criatura que diz: 'Salva-me, Oh Senhor, e ouve a minha voz! Olha para a minha iniquidade e salva-me do meu pecado, e governa Tu a minha vida que na verdade me deste', diz na verdade: 'Oh, Senhor, Tu não me deste nenhuma capacidade de raciocínio, nenhum livre-arbítrio, nenhum poder, nenhuma autoridade e nenhuma bondade; e já que me privaste de toda a santa virtude, então mais vale que me protejas, pois não tenho capacidades próprias, e Tu fizeste-me sem honra. Portanto, é

Teu dever preservar o pobre mundo sobre o qual na verdade o Teu pé poderoso está colocado!'

"Portanto, o Seth não aprecia a adoração… mas os adoradores têm de encarar o deus que acreditam estar a adorar. Pois estão a dizer: 'Tu fizeste um produto inferior — uma imagem defeituosa. Eu sou desprezível e, portanto, embora te adore e diga: 'Sim, ainda que eu caminhe pelo vale da morte, etecetera', e embora eu diga: 'Eu adoro-te, Oh Senhor!', o que quero dizer é: 'Odeio-te porque me criaste uma criatura inferior e, portanto, vou fazer-te pagar — pois as minhas iniquidades, Oh Senhor, são tuas. Como posso ser bom quando Tu me fizeste mau? Como posso erguer a cabeça no universo, quando Tu me fizeste defeituoso? Portanto, rastejo de joelhos para te mostrar que não posso manter-me de pé diante de Ti, pois Tu fizeste-me defeituoso!'

"Tais adoradores assumem como garantido que o produto de Deus é fraco — vindo de uma fábrica inadequada — uma fraca linha de montagem cósmica. A Ford recolhe os seus produtos se eles tiverem defeito, e por isso tais adoradores dizem: 'Oh, Senhor, recolhe a humanidade, pois nós temos defeito!' E ninguém responde, ao que parece…

"Quando as velhas respostas e as velhas organizações já não têm qualquer significado para o indivíduo; quando ele não consegue encontrar refletida nas respostas oficiais nenhuma das suas próprias perguntas; então o indivíduo ergue-se de dentro de si mesmo; e, tal como outrora nasceu esta civilização, assim nascerão outras da mesma forma. E assim, sempre a partir de dentro de si mesma, a raça vai então ao interior da sua psique em busca de revelações mais novas; mais novas no sentido em que são mais frescas em relação à fonte de si mesma — não foram desgastadas por distorções e de tal forma viradas para dentro por organizações que o seu significado se perdeu.

"Portanto, tu ergues-te de ti mesmo individualmente, e do âmago da tua psique; e assim a civilização também emergirá da sua psique de massa."

"Conheci a Jane nos primeiros dias do Seth," recorda o Dan Stimmerman, "por volta de 1965, nos dias das sessões com a mesa a inclinar-se, antes de qualquer um dos ditados [dos livros]. Era uma novidade. A Jane estava entusiasmada com isso, mas não acho que ela fizesse ideia do que o Seth se tornaria na vida dela e do Rob.

"Ao escrever o seu livro, How to Develop Your ESP Power, ela talvez estivesse a preparar um canal para o Seth. Como um poeta é essencialmente um intuitivo, não me surpreende que a sua mediunidade se tenha desenvolvido. Da forma como eu vejo, a sua mediunidade é um passo natural no seu desenvolvimento artístico. O seu dom como poeta aliado à sua eventual aceitação do Seth criaram uma dimensão de criatividade totalmente nova. A sua decisão de explorar a personalidade do Seth foi corajosa; e o seu génio, como resultado, encontrou muito literalmente uma voz maior.

"Mas tudo estava lá para começar, e todas as condições eram as corretas. O tipo de mediunidade que se desenvolveu era peculiar e especial da Jane Roberts."

E pelo exemplo, íamos descobrir que nós éramos, nós mesmos, os nossos próprios e peculiares médiuns.

CAPÍTULO 2

O ELENCO DA AULA E COMO ELE CRESCEU
CANÇÃO PARA OS NOSSOS OSSOS

(com Agradecimentos a Richie K)

Rouba-me a crosta agitada da Terra,

rouba-me o fogo e sacia-me a sede.
Rouba-me os ritmos que deram nascimento aos mundos
mostra-me os segredos escondidos na Terra.

Rouba-me as âncoras perdidas dos navios
que se quebram nas margens do estranho continente.
Rouba-me a ruína e rouba-me a ferrugem,
rouba-me a traça na coroa e a poeira.

Venha o que vier e vá o que仿vire,
os meus amigos continuam ao meu lado —
embora há séculos tenhamos morrido.
Menestréis tão vivos
com madrigais e canções de roda —
os nossos ossos põem-se de pé e escutam
no chão.

Rouba-me a canção que posso cantar ao verme,
rouba-me as flautas que brilham e anseiam.
Rouba-me o primeiro dia dourado do Sol,
rouba-me os sons da primeira canção cantada —
Aquela primeira manhã brilhante na alta montanha,
aquela primeira manhã brilhante na alta montanha.

Rouba-me a crosta agitada da Terra,
rouba-me o fogo e sacia-me a sede.
Rouba-me os últimos dias de cobre do Sol,
rouba-me as palavras da última canção cantada.

Venha o que vier e vá o que vir,
os meus amigos continuam ao meu lado —
embora há séculos tenhamos morrido.
Menestréis tão vivos
com madrigais e canções de roda,
os nossos ossos põem-se de pé e escutam
no chão.

— Canção de Dan Stimmerman, 1973

A AULA DE PES DA JANE ROBERTS ATRAÍA uma grande diversidade de pessoas de todo o tipo de origens: professores, ministros religiosos, donas de casa, psicólogos,[1] engenheiros, cientistas, artistas, agricultores, desempregados e reformados, jovens e idosos, homens e mulheres, pais e filhos, liberais e conservadores. Alguns falavam de eventos "psíquicos" ou inexplicados nas suas vidas; outros vinham em busca de respostas para a morte de um familiar, uma doença ou outros problemas.

A maioria nunca tinha tido qualquer tipo de experiência paranormal e estava simplesmente interessada no conteúdo do material de Seth. Tudo isto dava à aula um equilíbrio nem sempre alcançado nas vidas dos próprios membros da aula, visto que para cada opinião parecia haver uma contraopinião; para cada medo havia uma esperança; para cada linha de desenvolvimento havia a sua face complementar. E, como se veio a verificar, este equilíbrio era mais do que um acidente de circunstância.

O que todos os que vinham à aula da Jane tinham em comum, quer viessem uma única vez ou por anos, era um forte sentimento de que as velhas respostas não se ajustavam às novas perguntas — de que os velhos sistemas, de uma forma ou de outra, já não estavam a funcionar. Claro que este era o estado de espírito predominante da época, refletido em todo o lado, independentemente de quem tu fosses. Mas para aqueles que eram atraídos pela própria experiência da Jane e pela da sua aula de PES, as novas perguntas estavam a ser direcionadas não para as estruturas sociais exteriores, necessariamente, mas para as interiores — para o governo do eu interior.

Mais uma vez, esta busca interior foi uma grande parte das explosões dos anos 1960 e, ao olhar para ela, tu podias conjeturar que a humanidade estava ou a iniciar uma verdadeira revolução da mente, ou a perder a sua sanidade coletiva — ou ambas as coisas. Certamente a popularidade massiva do "oculto" mostrava que uma quantidade

tremenda de pessoas estava a aceitar uma quantidade tremenda de tretas no seu percurso por essa longa estrada interior.

Velhos sistemas e dogmas eram substituídos por novos sistemas e dogmas — novas palavras com as mesmíssimas velhas roupagens. Se tu já não acreditavas no Pecado Original, podias ainda assim mortificar a carne por Buda, ou pela terapia Rolfing, ou pelos ditames da comida saudável, ou por drogas, ou até por seres do espaço sideral que eram naturalmente mais sábios e mais avançados do que nós, os pobres idiotas da Terra. E, à superfície, como podias tu argumentar contra a idiotice de uma raça que passou séculos sistemáticos a encontrar formas mais eficientes de se destruir a si própria? Até os nossos heróis de fantasia concordavam com os nossos piores autoretratos — o Sr. Spock mostrava-nos a estupidez das nossas emoções, enquanto o Capitão Kirk proferia sermões fúnebres impressionantes sobre as virtudes da luta e da autotortura.

A aula da Jane afastava-se destas velhas suposições com a premissa verdadeiramente radical, antes de mais, de que a humanidade é basicamente boa; e, segundo, de que cada um cria a sua própria experiência — de uma ponta à outra. A guerra, a pobreza, a poluição, os governos maníacos, as doenças, os acidentes — bem como o amor, a alegria, a fruição pessoal, a saúde e a felicidade — brotam antes de mais do indivíduo: ponto final. Qualquer pessoa que viesse à aula à procura de um novo ditador espiritual no Seth (e eu acho que, até certo ponto, todos nós esperávamos que fosse assim tão simples) rapidamente percebia que não só o Seth não ia liderar ninguém para lado nenhum (exceto de volta à nossa própria autoridade), mas que a Jane também não se ia tornar a mais recente sacerdotisa na montanha.

Alguns ficaram desiludidos com isto e não ficaram muito tempo — não que tenham sido convidados a sair; a aula simplesmente não se adequava às suas necessidades. Outros chegavam todas as semanas à sala de estar da Jane e do Rob, ao longo dos desenvolvimentos e mudanças que a aula oferecia e experienciava, em resposta não só às próprias capacidades em expansão da Jane e do Rob, mas também ao

desenvolvimento de padrões alternativos de lógica e perceção nos seus membros.[2]

Diz Jeany Krouse, uma das primeiras alunas da Jane em 1967: "Tive uma infância normal e feliz a crescer em New Jersey… lembro-me de ter sonhos vívidos, impressões, de ouvir vozes, sempre. Um dos primeiros livros que peguei e li quando era miúda foi archy & mehitabel,[3] sobre transmigração e reencarnação. Sempre gostei de estar sozinha e de entrar na minha própria mente e pensamentos… Os meus sonhos sempre foram de grande escala, muito vívidos e numerosos. Especificamente, lembro-me de uma noite ter tido treze sonhos, de me lembrar deles e de ficar maravilhada com o seu alcance e variedade. Era como treze pétalas de uma flor, todas… sentindo-se independentes do todo."

A Jeany, agora na casa dos trinta anos, trabalha no departamento de pessoal de uma empresa de New Jersey.

Theodore Muldoon, um banqueiro e dos primeiros alunos de PES, cresceu num "ambiente religioso… as crianças eram vistas e não ouvidas, especialmente quando o pai estava por perto e à hora do jantar," e lembra-se da sua infância da "repetição frequente de um sonho com uma pessoa grande a olhar para [ele] através de uma janela, como se a janela fosse uma lupa." O Theodore e a sua esposa foram convidados a vir à aula com amigos e, pouco tempo depois, ele começou a comunicar regularmente em sonhos e durante estados meditativos leves com uma personagem que apelidou de "Bega" — que deu ao Theodore algumas excelentes intuições sobre o padrão da sua vida diária. (Ver CWS, livro 2, apêndice 2 para detalhes sobre algumas das sessões do Theodore com o Bega.) Muitos dos sonhos do Theodore decorriam no cenário do "Grande Salão", onde uma enorme tapeçaria estava pendurada, com o seu desenho repleto de cenas que lhe davam, em símbolos, informação interior sobre os seus relacionamentos em vigília, particularmente com o seu filho e os seus pais idosos. Da própria aula, o Theodore recorda: "Cada sessão [de aula] era uma evolução no aprofundamento da compreensão e das perceções dos participantes sobre a realidade, o eu e o além da

consciência. Acho que as 'ideias' evoluíram a um ritmo aceitável para os regulares originais. Mais tarde — de 1971 em diante — houve alguns espetadores/curiosos que ocasionalmente prejudicaram a evolução."

Arnold Pearson é um engenheiro cujas patentes incluem tecnologia do programa espacial. "Como muitos outros," diz ele, "eu estava insatisfeito com a religião convencional tal como apresentada nas igrejas e procurava algo em que pudesse acreditar. A leitura independente de Watts, Hesse, Fromm e outros, mais um par de livros sobre o Cayce convenceram-me de que a religião convencional era muito limitadora." O Arnold, cuja mãe morreu na epidemia de gripe de 1918 quando ele tinha três meses de idade, foi criado por "pais adotivos amorosos". Diz ele sobre a sua infância: "[Eu tinha] mais apreço pelo poder e pela beleza da natureza do que a maioria das pessoas parece ter… isto como resultado do meu pai adotivo… um homem grande, fisicamente forte, mas a pessoa mais amável e gentil que já conheci.

"A curiosidade provavelmente foi o que me trouxe à aula na primeira ou nas duas primeiras vezes, mas a lógica e a beleza do que o Seth tinha a dizer foi o que me fez envolver. Fazia sentido. As discussões do Seth respondiam a muitas perguntas que a religião evitava."

Dos seus anos de infância passados a crescer com "irmã, cão, periquitos, tentilhões, tartarugas, caracóis," o poeta e compositor Dan Stimmerman — um dos poucos membros homossexuais da aula — recorda como pontos altos: "(1) Voar escadas abaixo uma vez, quando era uma criança pequena, e aterrar perfeitamente firme sobre os meus pés. Não pensei nisto até anos mais tarde. Não deve ter parecido notável na altura, mas certamente agradável. (2) Experiências recorrentes de me sentir irreal — curtos períodos de tempo em que não sabia quem eu era. Estas continuaram ao longo do meu crescimento e ainda acontecem de tempos a tempos. (3) Horas num ribeiro da Pensilvânia a criar ambientes a partir de rochas, fetos, musgo e líquenes.

O PARAÍSO! (4) Un sonho de infância no qual encontro uma longa fila de pessoas, iluminadas por holofotes, a cerca de vinte pés de distância umas das outras, todas viradas numa direção ao longo de uma estrada escura. Quando pergunto a um homem na fila por que razão não se estão a mover, ele responde que se estão, mas estão a ir tão devagar que não as consigo ver mover-se. (5) Namoriscar com o Jimmie X no quarto dele.

"Comecei a frequentar as aulas quando vivia em Nova Iorque, em 1973… Eu viajava lá de cima, de Nova Iorque, todas as terças-feiras à tarde com alguns outros membros," diz o Dan. "O que me levou a começar as aulas? O que impele alguém a fazer o que quer que seja que possa lançar alguma luz sobre quem é? Duas forças — que são as mesmas forças, em última análise — estão a atuar. Queremos descobrir, penetrar no mistério, descobrir por que sofremos — e, ao mesmo tempo, conseguimos pensar em um milhão de desculpas para não olharmos para dentro de nós próprios… Frequentei durante cerca de cinco meses. O conteúdo dos sonhos durante esse período era frequentemente entusiasmante e vívido. Os sonhos que envolviam música eram muito reais, super-reais… um em particular envolvia uma tribo de povos aborígenes a tocar trompas maravilhosas através do nariz…

"As flores que a Jane tinha sempre na sua mesa de café apareciam frequentemente nos meus sonhos. Eram sempre muito mágicas para mim e muitas vezes cativavam-me nas sessões de aula… Durante os meus dias de aula, o Richie [Kendall] e eu estávamos a coescrever canções e o George [Rhoads] estava a inventar novos jogos. A Sue Watkins estava a trabalhar num romance. Havia um entusiasmo que todos nós gerávamos e uma inspiração que todos nós extraíamos da aula… A música que escrevi nesse período remetia para o meu sentimento de vidas passadas e para o meu sentido de identificação com a natureza."

“Parece-me que assim que conseguirmos valorizar a nossa própria indefinição, todas as ricas facetas da mente podem realmente começar a abrir-se”, diz o Dan. “Nós não nos agarramos; podemos realmente desfrutar das identidades ricas e profundas que somos. Não estamos a tentar provar nada, na verdade. Podemos experienciar e deserdar os múltiplos aspetos de nós próprios; e eles não perdem nada da sua riqueza apenas porque não nos propomos a sufocá-los a fim de nos ‘assegurarmos’ num universo essencialmente misterioso.”

Muitos dos que frequentavam a aula tinham vivenciado alguns acontecimentos decididamente estranhos durante os seus primeiros anos. Jed Martz, um dos que vinham diariamente de Nova Iorque, também se lembra de sonhos vívidos de voar. A minha colega de quarto na faculdade, Bernice Zale, que frequentava a aula sempre que me visitava da sua casa perto de Albany, Nova Iorque, lembra-se de um “fantasma da casa” visto primeiro pela mãe dela enquanto este deambulava pela sua casa centenária no Rio Hudson.

“Tinha menos de dez anos quando acordei a meio da noite e o vi passar ao fundo da cama e sair através da parede”, diz a Bernice. “Também tinha ‘distúrbios de perspetiva’ periódicos, nos quais tudo parecia muito pequeno e/ou muito distante de mim. Crises disto ocorriam ao acordar ou em estados muito relaxados, duravam de cinco a quinze minutos e assustavam-me.” A Bernice, artista e artesã, trabalhou como repórter para jornais da área de Albany.

Nadine Renard, cujas experiências aparecem noutras partes deste livro, cresceu num ambiente acolhedor de classe média com pouco dinheiro; consequentemente, trabalhou desde os catorze anos para pagar o seu próprio percurso na faculdade de enfermagem. Quando tinha nove anos, o seu avô — que vivia na porta ao lado da família — morreu uma noite enquanto a Nadine estava a dormir. “Acordei quando ele apareceu no meu quarto, cerca de uma hora após a sua morte (como se veio a verificar), para me mostrar que estava curado [do cancro]”, recorda a Nadine. “Ele parecia bem e conseguia falar. Disse à minha mãe que ele estava melhor, mas que tinha morrido durante a noite, o que, nessa altura, ela não sabia.

“Durante a faculdade, tive muitas experiências fora do corpo: trepava por cima do beliche… e via-me ao espelho ainda na cama… muito assustada por não saber o que estava a fazer… isto aconteceu em cerca de cinco ocasiões no mesmo quarto. Tinha um namorado que tinha a capacidade de deixar o corpo dele à vontade e descrever o que eu estava a fazer em Hornell [Nova Iorque] enquanto ele estava em Buffalo. Nunca lhe fiz muitas perguntas sobre isso, pois não sabia nada sobre experiências fora do corpo na altura.”

A vida de sonho da minha própria infância também era vívida, assim como as experiências estranhas em estado de vigília. Por exemplo, eu via manadas de animais a folgarem pelo quarto: rebanhos de ovelhas saíam de uma parede e desapareciam por outra enquanto eu observava; cães e gatos brincavam no tapete da sala de estar, por vezes saltando através do teto e mergulhando através do chão. Ocasionalmente, eu olhava para cima e vislumbrava póneis com grandes olhos líquidos, ou leões e girafas a espreitarem por entre a selva do mobiliário doméstico.

A presença deles era reconfortante: eram reais e não reais, parte de mim e, no entanto, eles próprios. Às vezes, enquanto eu estava deitada na cama à noite, a flutuar entre o acordar e o dormir, círculos brilhantes de luz abriam-se no escuro e pequenas figuras apareciam lá dentro e encenavam cenas em pantomima. Também via multidões de rostos, mantendo conversas por cima da minha cabeça. Uma noite, chamei a minha mãe porque precisava de ir à casa de banho. A porta do meu quarto não se abriu, mas a minha mãe entrou. Estava a usar uma camisa de noite branca e comprida — e não tinha pés. Deslocou-se até ao lado da cama e olhou fixamente para mim, inexpressiva, severa, como um buraco no ar. Gritei e acordei sobressaltada na minha cama, mas quando olhei em redor do quarto, uma porta abriu-se na parede. Saí da cama e caminhei através da porta. Dava para a nossa sala de estar, onde estava uma mulher adorável e sorridente. “Podes acordar sempre que quiseres, sabes”, disse-me ela.

Olhei para trás, para a minha cama, e vi-me lá, a dormir. "Às vezes não consigo", disse eu. "Às vezes tenho medo."

"Tu estás sempre no controlo", disse ela. "Estes são os teus sonhos, e podes acordar se quiseres. Tenta piscar os olhos muito rapidamente." Assim fiz e acordei instantaneamente. É uma técnica que tenho usado desde então para me livrar de situações de pesadelo.

Por altura em que os meus pais e eu nos mudámos para a casa do meu avô, na sua grande casa de fidalgo rural, quando eu tinha onze anos, os meus sonhos incluíam frequentemente longos diálogos, por vezes em francês, alemão ou espanhol — línguas que eu não falava acordada. Um grupo de "repetentes" e eu discutíamos o facto de estarmos a sonhar; de que todos estes sonhos, tal como os percecionava, estavam ligados; e de que alguns de nós não eram do mesmo mundo acordado que eu. Ocasionalmente, havia pessoas neste grupo que tinham morrido recentemente — ou pelo menos era o que o grupo me dizia. Supunha-se então que eu fizesse perguntas a estas pessoas recém-falecidas: Como tinham morrido? Percebiam que estavam mortas? (As pessoas costumavam registar uma surpresa consternada.) Infelizmente, na altura, nunca escrevi nenhum destes sonhos. Mas o sonho que finalmente me impeliu a começar registos regulares aconteceu quando eu tinha dezoito anos.

Duas noites após a morte do meu avô, em 1963, levantei-me da cama e caminhei em direção ao corredor. O avô saiu arrastando os pés do seu quarto, carregando o seu bacio de esmalte branco em direção à casa de banho. Eu estava prestes a sorrir com um alegre bom dia quando me apercebi de que, em primeiro lugar, o papel de parede nas paredes era o errado e, em segundo lugar, o avô estava morto há vários dias.

"Bom dia, Mike", disse ele, usando o seu nome carinhoso para mim. Olhei para o vão das escadas. Um desfile de pessoas caminhava de um lado para o outro passando pelo fundo dos degraus, olhando para nós à medida que passavam. Pareceu-me ouvir uma fila de pessoas a mover-se em círculo através da sala de jantar, da cozinha, da

sala de estar — um círculo de observadores. O avô estava de pé à porta da casa de banho, a olhar fixamente para mim.

"Avô", disse eu, "o que estás aqui a fazer?"

"Estou a levantar-me da cama", respondeu ele, observando-me de perto.

"Mas não te lembras?", disse eu. "Tu estás morto agora. Morreste há um par de dias. Já não tens de fazer isto."

Ele pareceu sobressaltado e depois seguiu o meu olhar escadas abaixo. "É verdade?", disse ele, à sua maneira antiga.

"É verdade", disse eu. "Tiveste um par de choques insulínicos e depois o teu enfisema tornou-se demasiado pesado e morreste. Mas isso já passou. Agora podes ficar bem."

Ele limitou-se a olhar fixamente para mim, com as suas mãos castanhas como folhas ainda a agarrar a asa do bacio. "Agora já não és velho", acrescentei.

Lágrimas nadaram nos olhos dele. "Sabes que mais?", disse eu. As paredes pareciam estar a desvanecer-se. "A tua diabetes acabou por não te apanhar. Tu enganaste toda a gente." Acordei com um sobressalto, com um fino feixe de luz da minha porta entreaberta deitado no teto com um brilho não natural. Saí da cama e fui para o corredor. Uma mulher estava sentada no degrau superior, com o rosto nas mãos.

"Nada mau, para uma primeira tentativa", disse ela, sem olhar para cima. Voltei para o meu quarto e deitei-me na cama. Abri os olhos. Duas cadeiras estavam junto à minha cama, a falar uma com a organização da outra. "Vês, ela consegue fazê-lo", disse uma em voz alta. Congelei, a olhar fixamente para elas. Desapareceram. Abri os olhos. Era de manhã. Era realmente de manhã.

Fiquei ali deitada, a pensar no sonho. Teria eu realmente falado com o meu avô? Estaria ele vivo, na forma do seu corpo, algures? E se eu fosse para o corredor agora mesmo, lembrando-me do sonho? Seria capaz de o ver? Saí da cama e caminhei para o corredor. A porta do quarto do avô estava aberta, escancarada, uma boca geométrica. O espaço perto da porta da casa de banho parecia denso, como um baralho de cartas. Foi tudo.

Os avós desempenham um papel místico na vida da maioria das pessoas, claro. "O meu avô Harry morreu quando eu tinha cerca de doze anos", recorda Joy Mankowitz, do grupo de Nova Iorque. "Eu era muito ligada a ele. Após a sua morte, dei-lhe um ponto retangular no meu teto. Todas as noites eu falava com Deus e depois pedia-Lhe educadamente que me deixasse falar com o meu avô. Passava então a ter conversas com ele, direcionando as minhas palavras para aquele ponto, ouvindo-o falar de forma tão clara como se ele estivesse ali."

Joy, filha de imigrantes polaco-austríacos de segunda geração, foi criada num lar que enfatizava a educação e a obediência. "Eu não confiava nas pessoas — em minha casa, também era enfatizado que me lembrasse de que era judia e que compreendesse a história do povo judeu e o meu papel nela. Passei quatro anos de domingos na escola Shalom Aleichem para ter a certeza de que aprendia sobre a cultura do povo judeu.

"A fantasia mais fascinante e repetida com frequência que tive em criança foi imaginar que nenhuma casa existia onde a minha casa estava, depois imaginar que não havia quarteirão, nem vizinhos, nem Nova Iorque, nem planeta Terra, nem lua, ni sol. Depois tentei imaginar o não ar — o vácuo — a fantasia parava sempre aí. Eu, a 'Criança' de Nova Iorque, Joy Mankowitz, não conseguia imaginar o nada…

"Lembro-me de um sonho ou de uma fantasia — na casa da minha avó Esther. Fui à varanda das traseiras e vi uma mulher adorável no quintal, abaixo dos degraus de onde eu estava. Ela falou comigo… esta memória acompanha-me desde que era uma criança

pequena. A minha avó nunca viveu numa casa com uma varanda e quintal nas traseiras…"

Joy veio para a aula da Jane em resultado dos seus estudos sobre o Gnosticismo.4 "Este estudo continha muita informação errada, mas levou-me aos livros de Seth. Embora, como eu estivesse a trabalhar, me fosse impossível frequentar com regularidade, a mensagem de Seth para olhares para dentro de ti própria em busca de respostas era uma mensagem que não tinha preço." Outros membros do grupo de Nova Iorque tinham deparado com os livros de Seth através desta mesma aula de estudos gnósticos, lecionada em Manhattan por um homem chamado Arturo.

"Eu era membro deste culto filosófico que investigava os antigos mistérios das várias religiões e culturas do mundo para determinar o Caminho Singular para a iluminação", observa Jed Martz com um toque de sarcasmo. "Um dos livros que o Arturo recomendou foi O Material de Seth. Ele tinha um grande respeito por Seth, mas não estava de acordo com a Jane. Ele tinha falado com ela em inúmeras ocasiões por telefone, e ela tinha rejeitado as teorias que ele lhe apresentava sobre a realidade, e vice-versa… O Arturo morreu antes de eu ter a oportunidade de lhe dizer que fui lá acima [à aula da Jane] e discutir o que se passava lá."

Jed, funcionário de um Centro de Emprego do Estado de Nova Iorque, frequentou a aula até ao fim em 1975, e sente que esta "mudou de um forte formato de PES para um foco mais forte em crenças interpessoais, e sinto que o meu contingente de Nova Iorque foi integral para a mudança."

Outro elemento do grupo de Nova Iorque, o aspirante a compositor Richie Kendall, lembra-se de uma infância peculiarmente obcecada pela morte. "Em criança, eu tinha, como a maioria das crianças, a minha própria comunhão privada com a natureza", diz ele. "Lembro-me do ritual que costumava fazer todas as noites antes de ir para a cama. Devia ter oito ou dez anos. Ficava de pé na minha varanda e dizia uma espécie de oração às estrelas — elas eram muito

importantes para mim — e eu acreditava que elas me ouviam e podiam ajudar-me."

Crescendo num bairro de classe média predominantemente judeu em Bayside, Queens, o Richie lembra-se dos seus sonhos como "muito assustadores. Sonhos com o fim do mundo através de algum tipo de destruição nuclear e sonhos com a morte eram muito comuns na minha infância. A morte tornou-se uma obsessão completa para mim numa idade muito precoce. Passei por fases disso, mas foi sempre uma força forte por trás e dentro de muitas das minhas ações e atitudes… não houve nenhumas circunstâncias externas que criassem esta obsessão, mas parecia estar sempre lá.

"Não tinha uma identificação particularmente forte com a natureza e, na verdade, durante muitos anos, incluindo até ao início da minha adolescência, rejeitei as coisas psíquicas como uma treta. O meu foco principal era o desporto, e eu sobressaía aí e recebia muita atenção, aprovação e agrado pelas minhas capacidades. Por volta dos quinze anos, o desporto tornou-se secundário para mim e os sentimentos de morte e as questões do universo começaram a assombrar este crânio cansado mais uma vez. As drogas pareciam a avenida mais interessante para encontrar respostas. Ter frequentado a escola hebraica não respondeu a nada, e a escola pública também não.

"Mais do que tudo, a minha experiência com drogas foi bastante inclusiva — erva, Seconal, Tuinols, xarope para a tosse com codeína, speed, haxixe, heroína e ácido. As experiências com LSD foram as experiências mentais mais fortes que alguma vez tive, e uma viagem — na qual eu 'surtei' e passei por muita agonia durante algum tempo; onde coisas psicadélicas pareciam continuar a acontecer sem o meu controlo — foi provavelmente o ímpeto mais forte para eu explorar as dimensões da mente, porque eu estava a viver no meu próprio inferno privado de experiência que me aterrorizava, sem ninguém, ao que parecia, que me pudesse ajudar. Mais tarde, alguém me deu a conhecer os livros de Seth e escrevi uma carta à Jane expressando o meu desejo de vir à aula — ela disse que eu podia passar por lá a

qualquer altura. O dia 4 de janeiro de 1972 foi a primeira vez que passei por lá, e tenho passado por lá desde então.

"Através do crescimento com a aula", conclui o Richie, "envolvi-me na música; é interessante que, antes de eu surtar com o ácido, andava a tocar música, mas depois parei de tocar e vendi a minha guitarra e tornei-me apenas um ouvinte por uns sete anos. Durante a aula de Seth voltei a envolver-me, como que a retomar um eu que tinha deixado para trás, ou um aspeto de mim própria que tinha deixado ir e o trouxe de volta para a minha experiência."

Charlene Pine tinha dezoito anos quando foi submetida a uma cirurgia de urgência devido a uma ileíte extensa, e dezanove quando um caso de hepatite foi diagnosticado como incurável. Após anos de exames e procedimentos médicos, a Charlene decidiu que a condição do seu corpo estava além da capacidade de ajuda da ciência. Através de um amigo, a Charlene ouviu falar do curandeiro britânico Harry Edwards (atualmente falecido), "que curava pessoas do outro lado do oceano", diz a Charlene. "Tive a certeza na altura de que era tudo farsa."

Apesar disso, escreveu uma carta a Edwards descrevendo a sua condição médica, e esta foi entregue em mão ao grupo do curandeiro por amigos em Inglaterra. "Na noite seguinte [após a entrega da carta], tive tanta energia que foi avassalador e depois, na segunda-feira, recebi uma carta dizendo que não haveria garantias, mas que eu deveria esperar uma cura lenta e progressiva. Isto deixou-me realmente boquiaberta, como se a magia pudesse realmente existir.

Continuei a sentir-me melhor e as minhas análises ao sangue começaram a mostrar melhorias. Em dezembro desse ano, escassos seis meses mais tarde, as minhas análises ao sangue estavam normais e comecei a cortar todos os medicamentos (contra o conselho dos meus médicos) — isto vindo de uma situação em que uma biópsia ao fígado tinha dito que era o fim!"

Pouco depois da recuperação da Charlene, ela e o marido compraram uma quinta de cavalos perto de Elmira e descobriram os livros da Jane numa loja local. Na primeira aula da Charlene, diz ela, "fiquei realmente surpreendida; esperava velas e levitação, e o Seth assustou-me de morte. Mal abri a boca e, [visto que] nem sequer tinha lido A Natureza da Realidade Pessoal, não fazia ideia do que todos estavam a falar quando falavam das suas crenças. Achei que o Sumari era louco, [mas] voltei porque senti que faria 'amigos valiosos'! Finalmente comecei a abrir caminho através de A Realidade Pessoal e fiquei espantada por, de alguma forma, ter conseguido encontrar o meu caminho para este grupo, sem compreender conscientemente o quão certo ele era para mim.

"Fui muito afetada pelos Rapazes de Nova Iorque. Eles assustavam-me e, porque sentia as minhas ligações com eles, intrigavam-me, [embora] os achasse barulhentos, desagradáveis e a lamberem as botas à professora. Não foi senão quando as aulas pararam que tive sonhos com a aula e, ao seguir o impulso para o fazer, acabei por parar às 'não-aulas' na nova casa da Jane. Não foi senão aí que me apercebi de quais eram algumas das minhas crenças, e do quão assustada sempre estivera, e de quanta aprovação sempre quisera, e de como todas estas coisas tinham afetado o meu passado."

Priscilla Lantini, uma dona de casa e empregada de mesa de Elmira, na casa dos quarenta anos, lembra-se de uma infância cheia de diversidade filosófica. "Fui criada em duas religiões", diz ela. "Uma era a presbiteriana porque era a religião dos meus pais, e a outra era a católica porque a minha mãe acreditava numa disciplina rigorosa e acreditava que as escolas católicas eram as melhores para isso. Ela obteve uma autorização especial do padre, e lá estava eu — a única não católica numa escola católica. Diga-se de passagem que tive as notas mais altas em catequese, o que acho engraçado. Portanto, lá estava eu com todo o tipo de filosofia a ser-me atirada, a marchar em procissões católicas com alguns dos meus amigos e a cantar na Igreja Presbiteriana com os meus outros amigos.

"Da escola católica fui para a escola secundária pública… odiei genuinamente, a ponto de começar a faltar às aulas a toda a hora. A minha mãe apanhou-me um dia e perguntou-me para onde eu ia. Disse que estava doente e ela levou-me para casa. Passei o resto do dia no meu quarto a mastigar barras de chocolate e a ler livros de banda desenhada. Nessa noite, depois de me ter deitado, fiquei com uma dor de cabeça terrível, tão forte que fui a chorar para o quarto da minha mãe e do meu pai. Levaram-me para o hospital… o médico disse-me que eu tinha pólio.

"Ora, isto em si era estranho, o eu faltar à escola e depois ficar doente, e o facto de estar tempo frio e não ser a época da pólio, e eu ser o único caso de pólio em Elmira e ninguém ter ficado doente até mais tarde. Passei os dois anos seguintes na cama, fora da escola. Quando voltei, foi apenas por um par de meses até me licenciar. Apercebi-me, depois de ir às aulas de Seth, de que aquilo que suspeitava há anos era verdade: Tu crias a tua própria realidade!

"Também tinha uma avó excêntrica que vivia sozinha", recorda a Priscilla. "Ela escolheu-me entre todos os netos dela como a sua favorita. Era uma mulher autodidata, pois só andou até à terceira classe. Negociava em antiguidades. Era uma grande diversão quando ela abria o seu grande baú e me deixava brincar com saias de aro e quimonos de mandarim chinês. Tinha leques lindos com plumas e lantejoulas e o escudo, chapéu e espada de armaduras, alguns dos quais eu nem conseguia levantar. Principalmente ela negociava em vidraria. Adorava nus e Madonas; estavam pendurados por todo o seu apartamento de duas divisões. Ensinou-me como o corpo humano era belo.

"Às vezes lia para mim; outras vezes ouvíamos os discos de Caruso dela. As pessoas favoritas dela eram pessoas do espetáculo e conhecia imensas celebridades. De vez em quando, quando estavam na cidade,5 eu conseguia conhecê-las nos bastidores ou no apartamento dela. Uma vez, quando eu estava na cama com pólio, o Ilusionista Blackstone entrou com ela para me ver, e ainda tenho a pulseira de berloques que ele me trouxe…

"Ela adorava fazer teatro comigo. Lembro-me das manhãs no apartamento dela, à pequena mesa do pequeno-almoço. Fingíamos ser grandes damas da alta sociedade: ela, a Sra. Asterbelt, e eu, a Sra. Gotrocks. Esperava-se que eu começasse as coisas dizendo: 'Minha querida Sra. Asterbelt, como estás tu e o teu cavalo de estimação?', e depois ela discorria sobre todas as coisas engraçadas que o cavalo dela fazia, e se o moço de estrebaria ficasse zangado ela despedia-o sempre… às vezes, quando ela caminhava para minha casa, eu estava a brincar e avistava-a a um quarteirão de distância. Ela lembrava-me um pouco a mãe da Rainha Isabel, a velha Rainha Maria. Era um bocado gordinha e usava um casaco de estilo princesa e caminhava com grande dignidade com uma bengala de ouro e usava sempre chapéu e luvas. Tinha dezenas de pares de luvas e disse-me uma vez que uma senhora nunca sai de casa sem elas. Morreu quando eu tinha cerca de dezassete anos. Era uma valente mulher, e eu amava-a tanto…

"Suponho que liguei à Jane por curiosidade, porque durante muitos anos andei à procura da minha própria filosofia", diz a Priscilla. "Tinha percorrido as ideias de outras pessoas: Ioga, Budismo, Eckankar, Wicca… depois, um dia, a minha vizinha deu-me O Material de Seth para ler, e o que o Seth dizia fazia mais sentido para mim do que todos os outros juntos. Eu tinha mesmo de ir à aula. Sou uma pessoa muito teimosa!"

Betty DiAngelo, uma dona de casa e bibliotecária de trinta e quatro anos que frequentou a aula da Jane durante o seu último ano ou dois, cresceu num bairro italiano em Endicott, Nova Iorque, vivendo com os pais e irmãos por cima da padaria do tio. "Penso nisto como uma era mágica para mim", diz a Betty. "Havia a segurança de uma família alargada, uma série de tios, tias, primos e, em geral, pessoas que gostavam de crianças… Eu tinha muita liberdade de movimentos, mesmo em criança, com a escola, a biblioteca e o parque por perto, e muitas pequenas lojas que eram bastante fascinantes para uma criança: um sapateiro, uma loja de doces cuja proprietária se ouvia a praticar as

suas árias para uma companhia de ópera local, as habituais mercearias e, claro, a padaria com os seus aromas deliciosos…

"O melhor de tudo eram os momentos em que o meu pai e os amigos dele iam fazer serenatas, como lhe chamávamos, com os seus instrumentos, e acabavam em nossa casa pelo resto da noite — com toda a cantoria e algazarra e ninguém a mencionar que as crianças deviam estar na cama. O sentimento de camaradagem ficou comigo e às vezes não consigo acreditar que isto aconteceu realmente — é tão raro agora ver adultos a divertirem-se de forma espontânea pelo puro prazer de o fazer."

A avó paterna da Betty falava-lhe frequentemente de comunicações com pessoas que tinham "partido", e de uma pomba branca que a visitava em ocasiões marcantes, ao que parecia. "Quando tinha seis anos, tive uma experiência especial", diz a Betty. "Estava a sair da biblioteca e, quando saí pelas grandes portas duplas, vi uma menina sentada no corrimão de pedra dos degraus. Por alguma razão parei, muito curiosa, e sentei-me na saliência oposta a ela.

Perguntei-lhe qual era o nome dela e ela acabou por responder: 'Elizabeth.' Fiquei estupefacta por termos o mesmo nome. Acho que ela nunca olhou diretamente para mim; mas por esta altura eu tinha tido uma fantasia sobre conhecer uma menina com o mesmo nome que o meu, como se isso nos desse alguma ligação secreta. Esta menina tinha o aspeto que eu gostaria de ter, o oposto físico de mim, com cabelo loiro e comprido (eu era magricela com cabelo escuro e curto). De alguma forma, ela simplesmente pareceu desaparecer. Acho que voltei a entrar na biblioteca para ver se ela entrava de repente sem eu notar…

"Nunca mais a vi e a razão por que isto foi invulgar para mim foi o facto de eu conhecer todas as crianças da nossa zona e da nossa escola. Pensava e repensava na minha mente a tentar determinar para onde ela tinha desaparecido, pois seria capaz de jurar que não saí do meu lugar na saliência oposta a ela…

“Aos sete ou oito anos, li um livro sobre uma videira de vime que ganhava vida com gatinhos. A ideia deliciou-me e levou-me a tentar a minha primeira experiência mental. Fui para trás da nossa garagem, onde havia várias videiras de vime, fechei os olhos e concentrei-me. Senti o que só pode ser descrito como uma expansão mental. Assustou-me e encerrei a experiência, embora ficasse com a sensação de que conseguia fazer coisas com a minha mente, mas não tinha a certeza do quê.

“Quando tinha dez anos, tive uma experiência assustadora”, recorda a Betty. “Acordei quando estava mesmo a começar a clarear e estava a gostar de ouvir os pássaros a cantar. Era muito agradável. Virei-me de barriga para baixo e… apercebi-me de que alguém estava a caminhar pelo corredor do quarto. Parecia o roupão de tafetá da minha mãe, mas eu sabia que não era ela. Fiquei muito quieta quando percebi que quem quer que fosse tinha entrado no meu quarto. No momento seguinte, houve uma picada de dedo no meu ombro esquerdo. Voltei-me rapidamente, extremamente assustada, e vi um homem estranho — ele tinha um roupão de trespasse carmesim de algum material brilhante, cabelo comprido branco e emaranhado, e dentes caninos como presas! A sua aparência geral era ameaçadora… enfiei-me debaixo das mantas e gritei até que os meus pais vieram os dois a correr. Quando expliquei o que tinha acontecido, os meus pais revistaram a casa para me fazer sentir melhor. Durante anos esta experiência assombrou-me e eu ficava com medo de ir dormir por receio de ter uma repetição da mesma.”

«[Em anos posteriores] aconteceu algo que me deixou curioso relativamente a uma palavra em que eu pensava de vez em quando: “Moloch”. Procurei essa palavra, e tratava-se de um deus egípcio ao qual as crianças eram sacrificadas. Estranho — a minha irmã teve exatamente esta mesma experiência quando tinha nove anos, e passou-me pela mente que ambos perdemos um filho [na infância]…

«Lembro-me de ficar fascinado com a ideia de pessoas pequeninas e recordo vagamente um sonho em que o meu quarto estava cheio de uma multidão delas — conversavam baixinho. Não há

muito tempo, a minha irmã disse-me que não se aproximava do meu quarto à noite quando éramos crianças porque achava que via pessoas pequeninas a marchar lá para dentro em várias ocasiões…

«Comecei a ter experiências fora do corpo, ou pelo menos a lembrar-me delas, quando tinha dezasseis anos… no início ficava bastante assustado com elas, particularmente pelo barulho, um som enorme de zumbido que parecia vir de dentro da minha cabeça. Certa vez, estava quase a levantar-me da cama, pois o cheiro a bacon a fritar no andar de baixo era bastante convidativo, quando o barulho começou e uma substância castanha e penugem deslizou por todo o meu corpo. Não foi totalmente desagradável, apenas um pouco sufocante. Imagina a minha surpresa ao frequentar um curso de história da arte na faculdade e ver esta mesma experiência minha numa pintura de William Blake!»

A Betty e o marido, o Tim, vieram às aulas depois de a Betty ler um artigo sobre a Jane e o Seth na revista Inner Space. «As ideias no artigo pareciam ganhar vida e saltar diretamente da página, e encomendei The Seth Material nesse mesmo dia», diz a Betty. «As ideias, embora novas, eram de certa forma também familiares, como se tivessem encontrado um lar dentro de mim. Depois de ler o livro, liguei à Jane — uma carta simplesmente não bastaria — o livro dela significava tanto para mim, e eu queria dizer-lhe esse facto pessoalmente. Estava tão nervosa que levei o telefone para a casa de banho e fechei a porta para que o Tim não me ouvisse a gaguejar por todo o lado.»

O Matt Adams, um editor e aspirante a escritor, relata que «Curiosamente, a minha infância foi relativamente estéril no que toca ao estranho e ao paranormal», apesar das suas experiências em adulto com trances e estados alterados de consciência. O Matt diz: «[Eu tinha] visões estranhas e brilhantes de sonhos acordados antes de adormecer que persistiam, repetidamente, até que uma luz fosse acesa. Quero dizer, as minhas pálpebras estavam fechadas, mas as imagens — de um espaço vasto, água a ferver, uma série de bonecas de cerâmica — repetiam-se e repetiam-se…

«Certa vez, lembro-me de esticar a mão à noite para uma pequena cadeira de criança ao lado da minha cama e sentir a minha mão ser agarrada, breve mas calorosamente, por algo invisível. Seguindo o exemplo do Dr. Doolittle, tentei falar com as flores, mas elas não responderam. No entanto, sempre que um parente de bom coração morria, eu via-o cerca de um mês após a morte num sonho. O melhor exemplo de que me lembro foi o da minha tia-avó "Olie", que morreu cerca de um ano antes, quando eu tinha oito anos.

No sonho, ela — que em vida tinha sido extremamente religiosa — entregou-me um dos jacintos em vaso que as igrejas Episcopais costumavam dar às crianças na Páscoa em celebração da Ressurreição. "Mas Olie", disse eu, "tu não podes estar aqui (no meu corredor do andar de cima)! Estás morta!" Ela apenas sorriu — parecendo um pouco mais jovem do que eu alguma vez a tinha visto em vida — e desvaneceu-se.

«No oitavo ano, cheguei a formar uma espécie de bando — costumávamos direcionar ordens telepáticas aos professores. Agora estremeço com o pensamento: cinco ou seis miúdos, todos a ordenar silenciosamente ao professor que deixasse cair o giz ou que coçasse a cabeça — com sucesso após alguns minutos de concentração… Eu gostava da natureza — fui monitor de natureza num acampamento e escrevi um livro de jardinagem — mas nunca precisei de entrar em trance para desfrutar do ar livre. Um miúdo comum, dado aos livros, racional.»

O George Rhoads, um artista profissional na casa dos quarenta anos durante os anos das aulas, cresceu no Midwest, viveu durante muitos anos na Europa e tinha praticado ioga e meditação durante a maior parte da sua vida. «A minha recordação mais antiga desta vida é de estar num carrinho de bebé numa rua larga, coberta por ulmeiros altos», recorda o George. «Senti-me atraído pelos ramos longos e graciosos, e dei por mim lá no alto, entre eles, rodeado de folhas e céu. Examinei a textura das folhas, a casca; ouvi o sussurro das folhas ao vento; depois estava de volta ao carrinho de bebé.

Decidi nessa altura celebrar de alguma forma as belezas deste acontecimento e da natureza em geral. Isto seria agora descrito como uma experiência fora do corpo. Para mim, na altura, estar lá em cima entre as folhas não era extraordinário, apenas mais um acontecimento nos novos acontecimentos de uma vida de oito meses.

«O meu pai, médico e presbiteriano dedicado, mandou-me para a escola dominical. O dogma da igreja não fazia qualquer sentido para mim. A ideia de que se devia levar uma vida tão pura como a de Jesus poderia ter sido aceitável. Mas parecia que ninguém esperava realmente que se fizesse isso. As pessoas eram pecadores fracos, maus por natureza, e o melhor que podíamos fazer era tentar ser bons — e falhando, ir à igreja, pedir o perdão dos pecados, arrependermo-nos e, em geral, andar por aí com o rabo entre as pernas, com medo e culpa.

«Como o meu idealismo não podia ser direcionado para a religião, fixei-o o melhor que pude na ciência», diz o George. «Isto foi antes da bomba atómica, antes de a ciência cair em descrédito. A América apoiava totalmente a ciência e a abordagem "racional" da vida. Os fundamentalistas opunham-se à visão científica da evolução do homem, mas a sua convicção íntima era de que o conhecimento prático americano resolveria todos os problemas e responderia a todas as perguntas…

«O meu principal interesse era a arte, que para mim pertencia à vida secreta interior. No entanto, era fascinado pela ciência e tive o meu melhor desempenho escolar a matemática, física e química… Na faculdade, a filosofia absorveu-me. Esperava encontrar aqui revelações sobre a vida interior e a existência em geral. Cedo me apercebi de que as filosofias ocidentais estão interessadas principalmente em criar "sistemas" com terminologia e categorias especiais nas quais toda a experiência humana pudesse ser arquivada de forma arrumada e racionalizada. Senti-me traído e insultado. Se as mentes mais brilhantes da minha civilização lidavam com irrelevâncias, onde é que isso me deixava? Acabei por descobrir Lao-Tsé. Ele fazia sentido, tal como o Zen mais tarde…

«Na faculdade, também descobri Freud. As suas teorias ainda me parecem parvas, mas as suas técnicas de análise de sonhos eram intrigantes. Comecei a registar os meus sonhos e a analisá-los. Isto produziu resultados úteis e reafirmou a minha confiança na vida interior. Tenho registado sonhos notáveis desde essa altura e, desde os anos das aulas, lembro-me e registo sonhos quase todas as noites… Quando era adolescente, fiquei eletrizado quando vi fotografias de iogues a praticar asanas [posturas]. Eu já fazia posturas de ioga desde que era uma criança pequena. Sentava-me frequentemente na flor de lótus completa e ficava de cabeça para baixo por longos períodos…

«Quando vim para a aula pela primeira vez, vivia numa pequena casa no campo, a cerca de uma hora de Elmira. Pintava, esculpia e fazia fontes [por encomenda para a empresa Hammacher Schlemmer em Nova Iorque] e ganhava a vida de forma escassa e pouco fiável com essas coisas… Vim para a aula convencido pelo entusiasmo da Sue W. A Jane era impressionante. Não mostrava sinais de ser uma farsa. Nesta altura, eu tinha um vislumbre desconfortável de que o rumo da minha vida me estava a levar para um terreno difícil… Tive muitos sonhos sobre andar em vários veículos incontroláveis, conduzindo-os mal.»

«Porque é que vim à aula, em primeiro lugar?», pergunta o Geoffrey Beam, que trabalha como funcionário administrativo no estabelecimento prisional de Elmira. «Quase esperava que o Seth me explicasse gentilmente por que razão a um cromo tão maluco como eu era permitido continuar a respirar num mundo que, de resto, era sensato; mas, ao mesmo tempo, tinha medo que ele me dissesse mais do que eu queria ouvir. Fiquei absolutamente aterrorizado naquela primeira aula. Quando o Seth começou a falar naquela noite, infiltrei-me discretamente no reboco da parede.

«Fui criado por uma mãe e uma avó protetoras — não me poderia ter sentido mais seguro num cofre Mosler… Como resultado destes anos intensamente protetores, vejo-me agora como um cavalheiro de meia-idade [de quarenta anos] num fato de negócios preto, sapatos pretos, gravata preta, uma camisa branca impiedosamente engomada e

um urso de peluche mal escondido no bolso de trás. Embora aparentemente em controlo despótico de mim mesmo, praticamente exalo sentimentos de falta de valor próprio.

«Apesar de ter sido criado com as histórias do Antigo Testamento de fogo e enxofre, de castigos terríveis e totalmente desproporcionados em relação à ofensa», diz o Geoffrey, «não conseguia deixar de ter um forte sentimento de pertença ao mundo da natureza. Sentia-me em casa com o Universo… O meu sentimento de estar em completa harmonia com a natureza nunca me abandonou. Deus deve ser realmente muito mais simpático do que as pessoas das suas relações públicas o pintaram.

«[Na aula], foi revigorante estar num grupo de pessoas que estavam interessadas em perceção extrassensorial e que podiam admitir livremente estar interessadas em tais assuntos», conclui o Geoffrey.

A concordar com as desilusões de muitos membros relativamente à religião convencional está a Faith Briggs, que trabalha agora para o Corpo de Engenheiros do Exército no Arizona. «À exceção do papá, todos íamos à igreja regularmente… frequentemente quatro vezes num domingo…», diz a Faith. «No entanto, admito ter ficado surpreendida com uma experiência quando tinha doze anos. Perante toda a congregação na manhã de domingo, fui batizada.

Agora, pensei eu, todos os meus pecados seriam lavados e eu tornar-me-ia imediatamente uma pessoa vastamente melhor, de uma vez por todas! Imagina o meu desânimo ao emergir a pingar e ainda a suster a respiração, para descobrir que eu estava exatamente na mesma! Pensei nisso durante muito tempo…»

«Nunca, desde os meus anos de adolescência, consegui aceitar crenças sobre religião e crenças ligadas a ela — não conseguia compreender porquê», escreve o Fred Lorton, um empreiteiro de Elmira. «Comecei em 1951 a tentar descobrir sobre a vida após a morte; esforcei-me a ler muitos livros. Em Aruba, de férias em 1973,

li o primeiro livro de Seth sugerido por "Nossa Senhora de Florença". Fiquei muito entusiasmado com ele enquanto lia profundamente, pois a personalidade nunca me dizia o que fazer e como eu deveria ser — ao contrário do que [faziam] os escritos orientais.

«Pedi à Florence para perguntar à Jane se eu podia frequentar, ela disse que sim, com reservas. Mais tarde, ela disse-me que se tinha perguntado se um empreiteiro de construção civil de meia-idade não estaria demasiado fixo nas suas crenças!» Acima de tudo, o Fred lembra-se de ter ficado impressionado com a «capacidade da Jane para gerir a aula e com a sua delicadeza — e se necessário, com a sua caçadeira, ao lidar com tantas pessoas de origens tão diversificadas!»

«Vós vindes de muitas origens e [na aula] alguns de vós veem as suas próprias ideias ser-vos devolvidas», disse-nos o Seth uma vez. «O que tenho para vos dizer nada tem a ver com a idade que imaginais ter nesta existência particular; pois, como tenho dito frequentemente, o velho ou a velha que sereis, e a jovem ou o jovem que fostes, e a pessoa que imaginais ser, existem agora…

«E nem toda a gente aprende com a idade, e todos os jovens não são inocentes. Não podeis lidar nesta aula em termos de gerações. Lidareis com os eus que sois, e à medida que eles emergirem, assim conhecereis os vossos eus: os eus que pensais que sois, os eus que pensais que fostes e os eus que pensais que sereis. [Aqui] não vos podeis relacionar em termos de masculino ou feminino; como mãe, filha, criança, filho ou pai…»

«Sempre senti que as pessoas que são atraídas pelo Seth estão à procura de formas de libertar os seus potenciais criativos», diz o Dan Stimmerman. «No Seth, há bastante encorajamento para fazer isso. Considero o ensinamento do Seth como uma religião não oficial de poetas.»

CAPÍTULO 3

EXPERIÊNCIAS: NAS QUAIS AS MESAS SE INCLINAVAM E AS PORTAS REVELAVAM OS SEUS SÍMBOLOS

num tempo em que
as mentes dos homens não
conseguem ver através das paredes,
as superfícies têm um papel
sedutor
os nossos olhos sensoriais servem
visões como um
filete de forma no qual
os nossos pensamentos
cortam
com ideias invisíveis nós
mordemos e moldamos paisa-
gens, depois
vivemos das nossas criações como
artistas orgulhosos a exibir
as suas obras-primas

— Barrie Gellis,
1974

DUVIDO QUE ALGUÉM LIGADO à comunidade científica tivesse chamado «científica» à aula de PESP da Jane, em qualquer sentido contemporâneo da palavra. Aliás, duvido que alguém do meio espiritualista tivesse atribuído à aula da Jane muita «espiritualidade» convencional, também.

Ainda assim, a aula estabeleceu várias experiências contínuas de PESP, mas não tanto para prova científica (conforme o termo é pensado), mas sim para explorar a natureza subjetiva do mundo objetivado. Algumas, como o teste do envelope na porta, tinham instruções precisas a seguir; outras — como previsões, inclinação de mesas ou «viagens» de mobilidade da consciência — pareciam simplesmente crescer por si mesmas pelo prazer da coisa e levavam a todo o tipo de direções.

Pouco depois do início das aulas, a Florence MacIntyre falou à Jane sobre un grupo de pessoas que se reunia semanalmente numa cidade próxima para ouvir mensagens transmitidas por pancadas de um espírito que comunicava através de uma mesa que se inclinava. «A Florence sugeriu que tentássemos fazer isto, mas eu opus-me veementemente», recorda a Jane. «Isso cheirava-me demasiado a todas as coisas que eu queria evitar. Eu disse: "Florence — honestamente! Temos coisas melhores para fazer na aula do que tentar mover uma mesa estúpida!"» Mas quando a amiga repórter da Jane, a Maggie Granger, foi incumbida de fazer uma reportagem sobre o grupo da mesa que se inclinava, ela e o marido, o Bill, pediram à Jane e ao Rob para os acompanharem na aventura investigativa.

«Havia cerca de vinte e cinco pessoas sentadas à volta desta grande mesa redonda, e eles apagaram todas as luzes», diz a Jane. Todos foram então instruídos a apoiar levemente as pontas dos dedos no topo da mesa. Eventualmente, disseram eles, a mesa começaria a balançar para a frente e para trás, levantando as pernas a alguns centímetros do chão e batendo com elas novamente. «Eles tinham um código — uma pancada significava sim, duas pancadas significavam

não, esse tipo de coisas», recorda a Jane. «Não sei, não achei que eles conseguissem grande coisa, mas aquela coisa das luzes apagadas realmente deixou-me fora de mim.»

Com receios, a Jane decidiu finalmente tentar a inclinação da mesa na sua aula, «apenas por desfastio, para ver o que obteríamos. Pensei: quem sou eu para me queixar? Porque não tentar pelo menos?» Afinal, ela e o Rob tinham originalmente feito o contacto com o Seth numa tábua Ouija — por isso, algum tipo de energia estava por trás deste tipo de fenómeno.

«Na terça-feira seguinte, estávamos todos em casa da Rachael Clayton, onde às vezes dávamos a aula, para variar», diz a Jane. «Todas as luzes estavam acesas, claro. Lembro-me de que pus algumas pessoas no sofá, e algumas na pequena e sofisticada mesa de arestas recortadas da Rachael comigo. Toda a gente devia certificar-se de que não lhe tocávamos com os joelhos ou por baixo do tampo com as mãos!

«Preparei-me toda e disse o tipo de coisa que achava que devia dizer», recorda a Jane, revirando os olhos com humor perante a memória. «Eu disse: "Espíritos — movam esta mesa. Espíritos, movam esta porcaria de mesa!" E ela arrancou mesmo! Dançou por toda a sala, com os nossos dedos a deslizar por todo o tampo. Então, já sabíamos o suficiente para pôr a funcionar um sistema de código, uma pancada para o A, duas pancadas para o B, e assim por diante. De imediato, bateu as iniciais A. A. — percorrendo todo o alfabeto para aquele segundo A, e afirmando ser alguém para a Florence. Por isso, durante muito tempo, sempre que fazíamos esta coisa da mesa, pedíamos o A. A. da Florence e pedíamos-lhe para dançar uma jiga para ela — o que ela fazia.»

A assistir a esta primeira sessão de inclinação de mesa estava uma rapariga de dezanove anos que nunca tinha estado na aula antes, recorda a Jane. «A mesa começou a dar mensagens às pessoas, sabias, na escala de uma pancada para o A, com alguém a anotar tudo isto… A coisa dava as mensagens habituais às pessoas na sala, como "Estou

a zelar por ti" e "Amo-te" e coisas do género. Mas quando chegou a vez desta rapariga, disse que havia uma mensagem para ela de uma Mildred Sullivan. Bem, eu tinha conhecido uma Mildred Sullivan na cidade que tinha morrido, e por isso pensei: "Claro, é isso! Grande coisa!" Acontece que — e ninguém na sala sabia de nada disto — a falecida mãe da rapariga também se chamava Mildred Sullivan; a rapariga tinha um apelido diferente, percebes? A mesa deu-lhe informações específicas, incluindo iniciais, datas e factos que mais ninguém naquela sala poderia saber. E a rapariga nunca mais voltou à aula depois disso!»

Na altura, a Jane dava uma aula de escrita criativa na sua casa às quartas-feiras e decidiu tentar a proeza da inclinação da mesa com os seus dois alunos de escrita. «Sentámo-nos à volta da minha mesa de trabalho verde, a tentar fazê-la mover-se — mas ela não se mexia», lembra-se a Jane. «Não fazia nada! Então, finalmente — e esta foi a única vez que disse isto — eu disse: "Seth, por favor, faz mover esta porcaria de mesa!" Ela derrapou pelo chão, zoom, enquanto nós corríamos com ela. Gritei para o Rob, que estava a trabalhar no seu estúdio, e ele veio espreitar. Enquanto ele estava ali junto à porta da casa de banho, eu gritei: "Vai, mesa! Vai apanhar o Robbie!" E ela derrapou diretamente para lá e encurralou-o mesmo contra a parede!

«Na verdade», diz a Jane sobre essas primeiras investidas com a mesa, «eu estava aterrorizada! O que é que, pelo amor de Deus, significava este tipo de coisa? De onde vinham aquelas mensagens? E continuava a parecer tão reles, o velho truque da sessão espírita com roupas novas — embora a validade da informação para aquela rapariga, por exemplo, não pudesse ser negada.

«Às vezes tínhamos duas ou três mesas a funcionar ao mesmo tempo ali — Pum! Pum! Pum! e nós a gritar: "Vai! Vai! Vai, mesa, vai!" a plenos pulmões, e depois, no dia seguinte, eu via o pobre do Leon, o tipo que morava por baixo de nós, e ele nunca dizia uma palavra, nem sequer: "Uh, olá Jane, uh, o que era aquele barulho lá em cima ontem à noite, sabias, os passos e tudo?"»

Numa sexta-feira à noite, este vigoroso sentido de diversão com a inclinação da mesa teve uma surpresa inesperada. A Jane, o Rob e alguns amigos decidiram testar a experiência, «particularmente porque um par deles queria provar que era tudo um monte de lixo», diz a Jane. A mesa — um daqueles modelos vitorianos com uma única coluna grossa no meio — começou a rodar sobre as suas três pernas assim que os cinco voluntários (incluindo a Jane e o Rob) colocaram os dedos no seu tampo.

Como habitualmente, a Jane começou a gritar: «Vai, mesa, vai! Vai, mesa, vai!» Mas em vez de dançar por toda a sala, la mesa começou a balançar ponderosamente, para a frente e para trás, para a frente e para trás, lentamente, como um patriarca de família na sua cadeira de balanço. Após cerca de vinte minutos de batidas para a frente e para trás, a mesa finalmente parou — equilibrada perfeitamente em duas das suas pernas, com toda a gente ainda a tocar-lhe piamente.

«Empurrem para baixo», sugeriu a Jane por impulso.

Toda a gente empurrou para baixo no lado elevado. A mesa não se deixava empurrar.

«Sabes como as coisas se sentem quando estão sobre uma mola e empurras para baixo?», pergunta o Rob. «Foi exatamente assim que isto se sentiu — foi a sensação mais estranha que podes imaginar.»

Empurraram, resmungaram e empurraram. E a mesa permaneceu imóvel, com uma perna suspensa a alguns centímetros desafiadores acima do tapete.

«Vou mostrar a esta porcaria de coisa», rosnou um dos homens entre dentes, e praticamente lançou-se sobre o tampo da mesa. CRAQUE!

O tampo da mesa despedaçou-se — partiu-se mesmo no lado elevado. A balança desabou no chão. Toda a gente saltou para trás e a mesa caiu com um estrondo.

«Lindo!», lamentou-se a Jane. «Mesmo lindo! Pedi esta mesa emprestada a um vizinho! Como é que vou explicar, como raio, que a parti?»

O Rob colou habilmente a mesa de volta, mas esta proeza de «acumulação de pressão» foi feita várias vezes na aula, com variados graus de sucesso. O Joel Hess relatou um incidente semelhante de destruição de mesa durante uma experiência de grupo na sua casa — utilizando, contudo, uma mesa de plástico pesado.

«Era sempre muito divertido», diz a Betty DiAngelo. «Fiquei surpreendida — mas não surpreendida. Não deixou de ser interessante que três homens fortes não conseguissem forçar a mesa a manter todas as pernas no chão!»

«Era tudo apenas diversão sem regras», diz a Jane. «Apenas te mostrava o que podias fazer com energia, só isso. Eu gostava da diversão — mas afastava-me da parte das mensagens.»

Mensagens noutro contexto, contudo, forneceram à aula a base para a experiência da «porta» — um teste simples que qualquer pessoa pode montar. Todas as manhãs de dias úteis, às 9:00, a Jane fixava algo diferente no lado de dentro da porta do seu apartamento: um desenho, uma página de uma revista ou talvez um objeto dentro de um envelope. Este objeto permaneceria na porta até às 9:00 da manhã seguinte.

Durante esse período de vinte e quatro horas, os membros da aula tentavam «captar» o que poderia estar na porta, e ou desenhavam as suas impressões ou escreviam uma descrição. Depois, durante a aula dessa semana, os resultados de todos seriam verificados face aos próprios cinco objetos. Os membros da aula raramente visitavam a Jane e o Rob, exceto em ocasionais sextas-feiras à noite e, por isso, antes de terça-feira, tinham poucas oportunidades de ver os cinco objetos da porta — no sentido habitual.

Os «acertos» que ocorriam eram frequentemente surpreendentes, e não apenas pela sua correlação com os objetos reais da porta. Algumas semanas havia pessoas que acertavam em todos os objetos; noutras semanas, ninguém acertava em nada — e depois, por vezes, havia uma combinação estranha das duas situações, na qual os palpites incorretos de toda a gente coincidiam!

Uma vez, consegui cinco acertos diretos numa semana — o meu recorde pessoal da «porta». A maioria das pessoas desenhava imagens das suas impressões; eu costumava escrever uma descrição do objeto, visto que sou mais orientado para as palavras. Do meu caderno de notas, com data da aula de 5 de novembro de 1968:

Palpite para quarta-feira, 30 de outubro: Página com escrita; pequena, pautada, de um caderno de folhas soltas, ou de algo do género — isto recorda um tempo em que o proprietário se divertiu muito. Objeto: Cartão de índice de livro de biblioteca, preenchido com nomes, para o livro Golden Book of Guns.»

2. Palpite para quinta-feira, 31 de outubro:

Uma margarida ou uma flor de haste longa. Objeto: Um botão com uma flor grande de haste longa desenhada.

3. Palpite para sexta-feira, 1 de novembro:

Um peixe — um desenho ou uma fotografia. Objeto: Uma licença de pesca.

4. Palpite para segunda-feira, 4 de novembro:

Algo vindo de uma arma, ou de um armário de metal. Objeto: Uma placa metálica com o número de série da coronha de uma arma.

5. Palpite para terça-feira, 5 de novembro:

Um artigo sobre moda, ou talvez a lista dos "mais bem vestidos". Objeto: Um anúncio do jornal local que ilustra casacos de inverno, casacos curtos e fatos de senhora.

A Betty DiAngelo relata um acerto que foi partilhado por ela e pelo marido. "Era o corta-unhas do pai da Jane", diz ela. "O Tim tinha ficado com a impressão de uma pinça — eu tinha visto um pequeno retângulo de metal velho." A Priscilla Lantini lembra-se de apenas um acerto: "…aquele que acertei, que captei como uma letra torta, como um envelope de carta deitado de lado. Na altura, havia um pedaço de papel na porta com a letra S. A Jane disse que uma 'letra torta' era a minha interpretação de um S. Isso foi bom; deu-me uma pequena perceção das coisas — foi muito divertido."

Explorando outro "ângulo" da porta, o Harold Wiles diz que teve vários acertos diretos. "Embora já não tenha os meus registos para verificar", diz ele, "creio que o que me impressionou durante estas experiências foi o facto de, intencionalmente, não as fazer diariamente. A dada altura da semana, normalmente mesmo antes da aula de terça-feira, eu fazia os meus esboços do que sentia ter estado na porta em cada dia da semana. Por outras palavras, fazia tudo de uma vez! Afinal de contas, se o tempo é simultâneo, os objetos estavam lá todos ao mesmo tempo — correto? Os meus acertos reforçaram a minha compreensão da natureza do tempo simultâneo."

O Geoffrey Beam, que lutava para relaxar na aula (e em qualquer outro lugar) e que, nas suas palavras, ficava "completamente indiferente" a muito do que se passava naquelas terças-feiras, teve "muita sorte com a experiência da porta". "Consegui um acerto direto exato uma vez, quando a imagem na porta era a de um pente", diz ele. Para ele, a porta deu-lhe uma sensação, raramente sentida, de participação e de realização interior.

Nem toda a gente conseguiu acertos, escusado será dizer, e alguns membros nem sequer gostaram desta experiência em particular — simplesmente não os entusiasmou. "Lembro-me daquela vez em que estava esta grande letra S na porta", diz o Joel Hess, de certa forma

arrependido. “Na semana seguinte, alguém entrou com a letra S num pedaço de papel. Outra pessoa tinha desenhado um pássaro com um pescoço grande e curvado. Uma outra pessoa tinha aparecido com uma cobra curvada no chão, uma espécie de S. Acho que eu tinha desenhado um peito.”

“Gostei mesmo dessa parte da aula”, diz a Betty. “Deu-me um modelo ou formato para tentar captar [coisas] num estado alterado, e também pareceu aproximar os membros da aula, no sentido em que, durante a semana, estávamos a trabalhar em algo juntos na realidade desperta — algo consciente e tangível. E era divertido comparar mais tarde.”

Particularmente evocativos nesta série da porta foram os esboços desenhados no final de 1967 pela Marion Chalmers, na altura professora de música no sistema escolar de Elmira, e pela Pat Klein (ver figura 1). O desenho da Pat (no topo) é quase idêntico ao desenho da Marion (ver figura 3). Ao tentar captar o alvo para quarta-feira, 29 de novembro, a Pat desenhou este pássaro às 7:00 da manhã de uma quinta-feira, 30 de novembro, duas horas antes de a Jane pregar o seu desenho de quinta-feira (no meio, figura 2) do queimador de incenso em forma de pássaro que estava na sua mesa de café. A Marion desenhou o seu pássaro por volta das 11:00 da manhã dessa quinta-feira, durante um tempo livre na escola. “Terá sido que ‘captei’ o meu pássaro da Pat, que desenhou o dela às 7:00 da manhã?”, questiona a Jane nas suas notas. “Se foi assim, então terá a Marion recebido a impressão dela do meu desenho, ou do da Pat?

A Marion, já agora, ensinou música à Pat há vários anos, mas as duas não se tinham voltado a encontrar até o fazerem nas minhas aulas… A Pat e a Marion não faziam ideia de que os seus esboços eram acertos. Elas nem sequer estão nas mesmas aulas [a Pat frequentava a aula de principiantes de quinta-feira nessa altura], mas conheceram-se quando uma delas veio a uma aula de compensação. A Marion estava particularmente desanimada na noite em que registámos os acertos. ‘Tudo em que consegui pensar foi num pássaro

velho!', disse ela. Quão rapidamente a expressão dela mudou quando lhe mostrei a imagem do alvo!"

A Jane acrescenta nas suas notas que "os alunos não fazem ideia se captaram ou não o esboço do alvo quando fizeram os seus próprios desenhos. Esta falta de perceção consciente tem sido, por norma, característica… Até este ponto, nenhum aluno, ao ser notificado de um acerto, disse triunfantemente: 'Eu sabia na altura que estava certo!'"

A Figura 5 mostra outro acerto feito pela Marion Chalmers — desta vez com variações sobre o tema! A Jane tinha desenhado um cisne gracioso, com o pescoço e a cabeça curvados. A Marion desenhou a imagem de uma cobra enrolada, completa com a cabeça arqueada — mas desta vez, a cobra da Marion estava voltada na mesma direção que o cisne da Jane. (Nos dois desenhos das alunas, o pássaro da Marion e o da Pat estão ambos voltados na direção oposta ao esboço da Jane.)

Num outro exemplo de uma falha que acabou por se revelar o tipo mais estranho de acerto, o objeto alvo da Jane era um anúncio da revista *Esquire* para botas Pierre Cardin O desenho de uma orelha feito por um aluno para esse dia parece ser um fiasco total. No entanto, quando seguras o anúncio das botas contra a luz, algo acontece às dimensões do palpite deste aluno. Do outro lado do anúncio das botas está uma fotografia de moda a quatro cores que mostra três homens e duas mulheres colocados nas posturas típicas da exibição de vestuário moderno.

Mas as cabeças de todos estes cinco modelos estão em perfil de três quartos e exibem uma característica proeminente em comum: as suas orelhas. As cabeças dos homens estão colocadas de tal forma, e o cabelo das mulheres está elegantemente puxado para trás, de modo que as orelhas de toda a gente estão expostas à brisa da noite. Visto nesta posição, através do anúncio das botas, a forma e a direção do desenho do aluno de ESP coincidem notavelmente com a orelha do modelo que está de pé com o pé no corrimão do convés — e, por

coincidência, este homem é a única figura na fotografia de moda cujos pés (embora em mocassins de camurça azul) são exibidos de forma proeminente!

Em particular, este acerto da porta faz-me lembrar as técnicas publicitárias discutidas pelo Dr. Wilson Bryan Key nos seus livros, *Subliminal Seduction* e *Media Sexploitation*[1]. É tese do Dr. Key que a arte e o design publicitários são propositadamente embutidos com certos símbolos carregados que são capazes de direcionar, a um nível inconsciente, os hábitos de compra dos consumidores, mesmo que estes olhem de relance para esses anúncios por apenas alguns segundos. Vários dos exemplos de embutidos sensoriais do Dr. Key mostram o tipo de captação percetiva por transparência de uma página para a outra, tal como exibido no esboço de acerto deste membro da aula.

Embora eu devesse acrescentar que ninguém é manipulado a qualquer nível a menos que ceda a isso, o esboço do aluno representa o processo exato que os anunciantes utilizam para vender os seus produtos, segundo a acusação do Dr. Key. A um nível inconsciente, por exemplo, às botas Pierre Cardin poderia ser conferido um significado mais romântico e viril através da sua relação por transparência com as cinco pessoas obviamente ricas e sexualmente disponíveis no anúncio a quatro cores da *Esquire*. E será que o acerto do aluno indica que ele tinha, de facto, reagido inconscientemente da forma pretendida?

Nas suas notas sobre a experiência da porta em 1968, a Jane escreveu: “Estou convencida de que recebemos constantemente informação extrassensorial e agimos de acordo com ela, sem nunca o sabermos conscientemente. As implicações são avassaladoras. Será difícil provar tal afirmação, uma vez que o próprio facto da ignorância consciente nos impediria de receber a prova necessária nos casos habituais. Experiências como [a da porta] poderiam, no entanto, ao longo de um período de tempo, fornecer fortes evidências que sustentam precisamente essa tese… Até aprendermos a estar alerta, a reconhecer a ESP quando ela emerge, não aprenderemos a sua

verdadeira natureza. Não descobriremos como a recebemos e interpretamos.

Se pensarmos que não temos capacidade psíquica, então inibimos o seu uso nas nossas vidas diárias. Se acreditarmos honestamente que somos meramente criaturas físicas, então inibiremos quaisquer manifestações não físicas que, de outro modo, possam ocorrer através de nós ou connosco. Depois é fácil dizer: 'Mas não temos provas', uma vez que nos certificamos muito bem, subjetivamente, de que nenhuma prova irá aparecer.

Em vez disso, devemos perceber que o mundo físico não teria qualquer significado para nós se não fosse a nossa subjetividade; que esta consciência interior é precisamente o que torna o universo físico significativo; e aceitar a possibilidade de que esta consciência possa, de facto, existir independentemente do mundo físico que ela nos permite percetber."

Em setembro de 1974, a aula tinha estado novamente a testar os alvos da porta durante várias semanas, e o Seth tinha isto a dizer sobre os nossos esforços:

"Estás envolvido em mais do que aquilo de que te dás conta. Estas experiências levar-te-ão a outras áreas — não apenas às terras do teu próprio simbolismo, mas à compreensão de um tipo diferente de comunicação. Podes aprender as formas pelas quais comunicas sempre por baixo da linguagem. Podes, se fores curioso e astuto, descobrir os próprios padrões por trás da linguagem através do estudo do que estás a fazer.

Fica alerta ao teu próprio simbolismo à medida que o decifras aqui na aula com os teus [palpites da porta]; conforme ele te aparece no estado de sonho; e conforme te aparece através da associação livre. Vais encontrar correlações.

Também vais, se fores astuto e curioso, encontrar nesses símbolos os padrões por trás dos objetos no universo físico. Tens uma espécie de símbolo taquigráfico para esses.

Haverá símbolos, por outras palavras, que vais usar à medida que tentas aproximar-te do alvo na porta. Os métodos que usas para te aproximares desse alvo são importantes; e, no entanto, esses métodos vão variar com cada um de vós. Ao descobrires os teus próprios métodos, podes, novamente se fores astuto, descobrir a forma como tu, pessoalmente, percebes, crias e interpretas o mundo físico que conheces, e comunicas com os outros.

Ora, noutros níveis de atualidade, tu fazes isto a toda a hora. Mas quanto mais aprenderes — nos teus termos, a um nível consciente — então, novamente nos teus termos, mais te lembrarás após a morte, e mais autoconsciente serás, e mais capaz de prosseguir com novos empreendimentos… Vais abrir caminhos que existem dentro da tua própria experiência. Vais encontrar os símbolos e as capacidades que são unicamente teus, e que não pertencem a mais ninguém.

Dou-te as boas-vindas, então e agora, ao limiar do teu próprio ser; e estás pronto para dar passos nessas terras que são tuas. E o trabalho que estás a fazer aqui, e que estás a começar, mostrará benefícios em todas as outras áreas da tua vida e da tua experiência."

Dentro deste limiar, a aula também fez muitos tipos diferentes de experiências de consciência alterada (que a Jane descreveu em vários dos seus próprios livros, incluindo *Adventures in Consciousness* e *Psychic Politics*) usando o estado de transe alfa[2] para "viajar" imaginativamente para longe do ambiente habitual do apartamento, comparando mais tarde o que tínhamos "visto". Esta ginástica mental era, penso eu, como o treino físico, no sentido em que nos tonificava de certas formas: aumentava o nosso alerta interior e ajudava-nos a distinguir os níveis de validade dentro da experiência subjetiva.

Uma das "viagens" de consciência favoritas da Jane enviava-nos numa jornada lúdica para dentro de outros seres vivos, como um

esquilo do lado de fora das janelas da sala de estar, ou as folhas das suas muitas plantas decorativas. "[Fui] instruído a selecionar uma folha do filodendro da Jane e a projetar-me para ela", registou o Theodore Muldoon nas suas notas de aula a 1 de setembro de 1970. "Seleciono uma junto a uma garrafa verde de pescoço longo que contém água. À medida que me concentrava em fazer parte da consciência daquela folha, senti um grande desejo de entrar na água fresca e refrescante da garrafa (a sala estava bastante fumarenta). De repente, a rolha da garrafa não era um obstáculo, e eu entrei na água. Uma sensação boa! Em retribuição pelo favor, eu por minha vez (imaginativamente) limpei o exterior da garrafa para que ela também parecesse e se sentisse melhor…

Depois de todos terminarem de contar à aula a sua experiência, notei… que podíamos aprender algo sobre nós próprios com isso. Por exemplo, notei que os meus primeiros sentimentos foram para o meu próprio conforto, e em segundo lugar uma compensação pelo favor.

Na experiência 2 [devíamos] permitir-nos projetar para fora da janela. Enquanto todos os outros membros da aula o fizeram de acordo com os seus relatos, e com uma série de exclamações de espanto e felicidade, em vez disso eu tive uma forte atração para obter uma melhor compreensão do Ser versus o Não-Ser. Portanto, eu tinha a consciência de que não podia realmente experienciar toda a profundidade do Não-Ser, já que fisicamente não estava equipado para lidar com isso, mas havia uma pequena experiência que eu podia tentar [durante a aula] que serviria de ilustração.

De repente, estava a segurar o meu violino em posição de tocar, mas não conseguia dedilhá-lo ou passar o arco. Mas pior ainda, nem sequer conseguia imaginar os sons ou a sensação de tocar. Eu soube: isto é o Não-Ser — saber mas não ser capaz de imaginar, ou sentir, ou fazer. Depois, de repente — fui libertado e pude tocar. Que alegria no Ser!"[3]

A aula tentou expansões de consciência em quase todas as fases da aula — para explorar probabilidades, informações de vidas

passadas, realidades alternativas ou em experiências de cura; e muitas vezes os resultados eram eletrizantes e cheios de grande importância pessoal para os indivíduos envolvidos. Enquanto estávamos em alfa, tentávamos ocasionalmente ver as auras uns dos outros — faixas de energia colorida que parecem emanar dos corpos físicos (e que foram registadas através da fotografia Kirlian), visíveis para alguns enquanto em estados de transe leve.

Tentávamos mudar as cores das nossas auras, por exemplo, para ver se os outros conseguiam detetar isso. Alguns conseguiam — e descreviam grandes faixas multicoloridas de luz a fervilhar em redor das cabeças e ombros dos colegas de aula. Raramente via ou me importava muito com auras; mas, por outro lado, isso é uma medida do impacto da preferência pessoal: aquilo por que sentes uma afinidade subjetiva é geralmente o que melhor percebes.

Por outro lado, às vezes apanhas surpresas.

Numa das primeiras aulas de principiantes de quinta-feira, a Jane sugeriu que tentássemos baixar as luzes e relaxar enquanto ela tocava uma gravação num sintetizador Moog no seu sistema de som — "apenas para ver onde a música te leva", disse ela. Nessa noite, o Daniel MacIntyre e eu éramos os únicos alunos presentes. À medida que os sons um tanto irritantes de *ooorghs* e *squeeps* do Moog emergiam das colunas, encostei-me na cadeira e deixei a minha mente vaguear, e depressa me senti sonolento. Nada fora do comum parecia estar a acontecer. Endireitei-me e olhei sonhadoramente do outro lado da sala para a Jane, que estava sentada na sua cadeira de baloiço perto de um candeeiro de mesa pequeno e brilhante.

Ela usava um vestido preto que ia até aos tornozelos e estava a descansar, com o queixo na mão e os olhos fechados. Os sons continuavam a arrastar-se, como o mastigar e o torcer audível de pastilha elástica. Mas enquanto olhava fixamente para a Jane, de repente percebi que estava a ver — mentalmente ao início, mas depois muito claramente — chamas a erguerem-se em redor da Jane, a partir do chão junto à sua cadeira.

Completamente estupefacto com o que estava a ver, consegui de alguma forma agarrar-me a qualquer que fosse o estado de consciência em que me encontrava — e as chamas continuaram. Eram de um vermelho escuro — quase preto — e de alguma forma pareciam frias: fogo congelado, nada quentes. Diminuíam e depois voltavam a labaredar acima da cabeça da Jane, por vezes quase a ocultando da minha vista. (Ela aparentemente não se dava conta de nada do que se estava a passar.)

Ah, ótimo! a minha mente tagarelava. Vá de imagens ocultas fuleiras! Olhei de relance para o Daniel. Para minha surpresa, ele olhava de boca aberta para o canto da sala onde estava a Jane — e depois, para meu duplo espanto e choque, sussurrou: "Chamas!"

"Sim, sim", sussurrei de volta, "eu também as vejo!" Falámos por baixo dos sons do disco do Moog — do outro lado da sala, tenho a certeza de que a Jane não nos podia ter ouvido.

Ambos olhámos de volta para ela. Demorou um minuto de relaxamento, mas uma vez mais, vi as chamas curiosamente lívidas e frias erguerem-se de novo em redor dela. Olhei de volta para o Daniel. Ele acenou com a cabeça — também as tinha visto, ao mesmo tempo. Isto continuou por mais alguns minutos, até o disco do Moog desligar e a Jane abrir os olhos.

Quando os três comparámos notas, ficámos espantados de novo ao descobrir que, enquanto o Daniel e eu percebíamos chamas, a Jane tinha sentido mentalmente algo que descreveu como sendo "como chamas" a correr das tábuas do chão para cima, em redor da sua cadeira.

Sugestão? Uma relação inconsciente dos sons estranhos do Moog com algumas visões de pesadelo há muito esquecidas? Ou um reconhecimento mútuo das nossas capacidades mútuas, usando a posição de liderança da Jane como uma base simbólica? Provavelmente tudo isto — a nossa consciência tinha certamente

caído num estado lateral em resposta à sugestão da Jane para que "obtivéssemos" algo, e obter algo nós obtivemos — mesmo que a Jane e eu tenhamos torcido o nariz um para o outro e resmungado: "Chamas? *Eeeeyukk*!"

Outro bom exemplo de uma aparição extrassensorial que surgiu na aula durante uma destas expansões de consciência está registado nas minhas próprias notas da noite de 1 de setembro de 1970. Havia catorze pessoas na aula nessa noite, dispostas na sala de acordo com a figura 9 (o meu desenho). Três candeeiros de mesa mantinham a sala num brilho agradável. Mesmo quando a noite estava a chegar ao fim, a Jane fez-nos tentar projetar a nossa consciência pelas janelas de sacada para fora, "por cima da cidade".

"Quase imediatamente", dizem as minhas notas, "tive uma imagem intensa e vívida de voar pela janela fora e de cair entre as árvores, até aterrar num pomar de maçãs. Caminhei debaixo das árvores, tocando nas maçãs e sentindo a erva debaixo dos meus pés. Apanhei uma maçã e atirei-a por cima de uma árvore — após o que voei atrás dela até chegar a uma floresta.

Vividamente, conseguia ver-me a flutuar lá em baixo, sob as árvores. Quando toquei o chão, espalhei-me como uma grande poça. De repente, eu era um longo chão de erva, sentindo cada folha individual e a unidade do campo ao mesmo tempo. Pareceu que as estações passaram no espaço de escassos segundos: senti veados a caminhar sobre mim no verão e folhas a tocar-me no outono; a neve parecia um cachecol quente de vibração; senti um pé humano pisar as minhas extremidades cobertas de neve aqui; e a primavera foi uma grande onda de energia e sentimento.

Poderia ter ficado por muito mais tempo", continuam as minhas notas, "mas nesta altura a Jane tocou-me no braço e eu abri os olhos. Pareceu que a sala de estar regressou diante de mim em pedaços, como a montagem de um quebra-cabeças, preenchendo o espaço sobre o chão de floresta da minha visão. Estava muito dissociado, por outras palavras.

Enquanto a aula discutia as suas experiências, eu olhava vagamente na direção do sofá, no qual estavam sentados o Arnold Pearson, o Pat Reynolds e a sua namorada, a Margaret. De repente, comecei a notar fragmentos de linhas diáfanas, curvando-se para dentro de si mesmas, no espaço entre o Pat e o Arnold; estas sobrepunham-se um pouco à perna cruzada do Pat.

Deixei que continuasse por alguns minutos, até que a forma branca e diáfana adquiriu uma forma definida de ovo, concentrada perto da (mas definitivamente não fazendo parte da) perna do Pat. Nesta altura, contei à Jane o que estava a ver e ela acendeu a vela pequena e grossa na mesa entre nós e o sofá. Ela sugeriu que qualquer que fosse a energia ali presente [devesse] provocar alguns efeitos com a vela. Mas nada aconteceu.

No entanto, a Jane começou a ver esta forma também, e ambos comentámos a aparência negra ou opaca de parte dela. O Pat estendeu a mão e disse que sentia 'peso' na zona, mas não conseguia ver nada. Contei uma piada nesta altura e a aula rir-se — e, instantaneamente, la forma tornou-se maior e mais sólida.

Depois fiquei com a impressão clara de que havia outra aula 'provável' de ESP sentada no seu próprio universo, a experimentar com a consciência tal como nós estávamos, e que esta forma branca era como um OVNI, por assim dizer, a aparecer entre as probabilidades, talvez como uma materialização da ligação que sentíamos intuitivamente entre esta aula e a provável (sabendo que a aula provável nos consideraria a 'outra' realidade). Disse isto, ao mesmo tempo que descartava a impressão com um encolher de ombros. A Natalie Swing disse que também conseguia ver a coisa.

A forma foi desaparecendo gradualmente e a aula começou a sair, embora a Jane e eu ainda 'sentíssemos algo por perto'. A Margaret inclinou-se para a frente para pegar nuns fósforos de cima da mesa. Enquanto ela se movia, vi uma enorme coluna de luz branca brilhante fazer *zing!* para baixo, desde o seu armo estendido até ao chão, e

depois erguer-se de alguma forma para cima e para baixo, do teto ao tapete. Nesse mesmo instante, a Jane girou rapidamente a partir da porta, onde tinha estado de costas voltadas, e gritou: 'Oh!' — mesmo quando eu disse: 'Olha!'

Tínhamos ambos exclamado sobre o assunto ao mesmo tempo. As nossas descrições coincidiam, e desta vez a perceção tinha sido perfeitamente simultânea. A Jane disse que se tinha voltado porque tinha 'sentido' algo entrar na sala.

O formigueiro de energia permaneceu naquele ponto durante um bom tempo, mas nada mais aconteceu. Senti definitivamente que a minha perceção da coisa estava ligada à forma como tinha 'reorganizado' a minha consciência na experiência de expansão anterior, na qual tinha sentido as sensações de um tipo diferente de condição de criatura — a de um campo de erva."

Curiosamente, foi pouco depois deste evento que começámos a registar sonhos frequentes da aula (que serão explicados em capítulos posteriores), com alguns desses sonhos e os comentários do Seth a sondarem aparentemente a realidade de aulas prováveis, ou paralelas. (Ver também o capítulo 6 para os comentários do Seth sobre OVNIs.)

Havia um sentido de jogo e de liberdade nestas experiências de consciência, e uma validade emocional, que eram imensuráveis em termos de laboratório; no entanto, ironicamente, foi esta abordagem lúdica que nos deu os resultados mais "mensuráveis". Quando gritávamos com a mesa numa enorme algazarra divertida, ela praticamente saltava pela janela fora.

Quando tratávamos os alvos da porta como um jogo, o palpite era muitas vezes um acerte. Talvez uma razão para isto seja que, na nossa busca séria por "provas" de ESP, os requisitos da nossa abordagem lógica tornam-se simplesmente demasiado estreitos para aceitar o tipo de dados que podem, de facto, ser confirmados — de acordo com as nossas especificações habituais. Pode ser que ainda tenhamos de compreender o alcance e a plenitude da verdadeira lógica.

Por exemplo, como complemento ao teste da porta, a aula devia manter registos de previsões diárias. Durante o dia, cada um de nós tirava uns minutos, sentava-se calmamente, esvaziavia a mente e escrevia rapidamente uma lista de dez a doze palavras ou frases conforme lhe vinham à cabeça — por mais patéticas que parecessem. Depois, acompanhávamos o que quer que acontecesse durante as vinte e quatro horas seguintes, mais ou menos, e verificávamos os acontecimentos face a esta lista original.

Basicamente, estas previsões faziam perguntas como: Quanto de dados percebemos constantemente abaixo das nossas perceções habituais? Quanto sabemos realmente sobre o que o nosso futuro pessoal reserva? Como ligamos, consciente e inconscientemente, a miríade de detalhes das nossas vidas? A taxa de acertos nas previsões da aula era surpreendentemente boa, embora infelizmente a maioria dos membros não tenha preservado estes registos. Jane descreve alguns dos seus resultados de previsão no capítulo 12 de Psychic Politics, contudo; e durante algum tempo, quando o meu interesse por previsões estava vivo, eu próprio consegui algumas pontuações humoristicamente precisas. Na segunda-feira, 7 de julho de 1969, escrevi o seguinte no meu caderno para o dia seguinte, 8 de julho:

Cataratas.

Um velho amigo vai-te ligar — já não o vês há muito tempo.

Salamandras.

No dia seguinte, de acordo com as minhas notas, ocorreram os seguintes eventos, por esta ordem:

Recebi o jornal semanal Martha's Vineyard Gazette pelo correio e li nele que uma mulher que costumava ajudar-me a escrever as notícias sociais da nossa aldeia tinha sido operada às cataratas.

O Dan Stimmerman, de quem eu não tinha notícias há mais de um ano, ligou-me às 18h da Califórnia.

Mais tarde, ao anoitecer, conduzi até um centro comercial local e vi cobras e camaleões na loja de animais de lá. Gosto de répteis, mas como muita gente, confundo as ordens dentro destas classes: as salamandras são anfíbios, os camaleões são répteis.

Da mesma forma, em julho de 1970, registei o seguinte:

Caixeiros-viajantes.

Sela ou algo sobre couro ou sabão de sela — um celeiro que tem lojas de sela e cintos.

Daemon [sic] Runyon morre.

Daniel DeFoe também.

Informação de raça pura.

Escondam-se no corrimão — eles vêm aí! Escondam-se!

No dia seguinte, as minhas notas descrevem os seguintes incidentes:

Um grupo de Mórmons veio a casa enquanto eu estava fora e tentou converter o meu marido.

No programa de televisão da tarde, Sale of the Century, uma rapariga ganhou um cocker spaniel de raça pura. Foi apresentado o pedigree do cão.

Também nessa tarde, um anúncio televisivo de serviço público, muito chamativo, mostrou um homem a correr freneticamente para longe do ar poluído — a música de fundo era “No Hiding Place”.

Em casa dos meus sogros, nessa noite, surgiu uma discussão sobre lubrificar luvas de beisebol depois de o Ned [o meu marido na altura] dizer que talvez levasse a sua velha luva de apanhador a uma loja de selas para reparação. O pai dele sugeriu uma loja de arreios próxima, localizada num velho celeiro. [O Ned e eu tínhamos sempre o cuidado de não mostrar as nossas previsões um ao outro ou de falar sobre elas antes de termos tido a oportunidade de escrever as correlações diárias.] Verificou-se que este local também vendia cintos de couro.

Mais tarde, uma personagem chamada Daemon num velho filme de televisão foi comida por um jacaré.

A última coisa que li antes de ir dormir nessa noite foi a secção de recensão de livros da revista Time daquela semana, que incluía uma análise de Robinson Crusoé de Daniel Defoe.

Claro que houve imensos dias em que nenhuma das coisas que rabisquei se ligou a nada — ou em que apenas uma ou duas previsões estavam sequer vagamente relacionadas com os acontecimentos. Mas com acertos como os de cima, as implicações são impressionantes: Será que os dados extrassensoriais incluem tudo o que vai ou poderia acontecer-nos, até aos artigos de revista que poderíamos ler e aos programas de televisão que poderíamos ver? Como é que as nossas perceções interiores conseguem trespassar nuances massivas de circunstâncias e registar os dados que nos vão tocar? E quanto às previsões que não acontecem — serão estes dados falsos, ou vindos de direções que simplesmente não tomámos?

E quanto ao próprio conhecimento interior? Porque não aceitamos as nossas perceções estratificadas mais facilmente? Ou, quando temos tais experiências, porque são elas tão frequentemente recebidas com pavor, ou perda total de bom senso, ou — como aconteceu uma noite na aula — abafadas por exigências “críticas” impiedosas?

Era uma noite quente de verão. Todas as janelas estavam abertas na sala de estar da Jane e, das ruas e passeios lá em baixo, vinha o ruído do trânsito, sirenes e as vozes de crianças a correr. O Seth estivera a falar sobre buracos negros no espaço, reencarnação e uma série de outros assuntos — comentando a certa altura que "vós possuís, cada um em miniatura, todas as propriedades do universo conforme o concebeis neste momento presente... por isso, o que vos parece, ou aos vossos cientistas, [ocorrer] fora de vós, ocorre dentro de vós, e agora."

De repente, o Ron — um tipo sem sentido de humor, com um rosto inexpressivo e olhos grandes e inocentes — inclinou-se para a frente na sua cadeira e largou um baralho de cartas de jogar, voltadas para baixo, na mesa de café em frente à cadeira de baloiço da Jane. "Quero lançar algo," afirmou ele numa voz monótona. "Há várias sessões, entrámos numa conversa sobre a natureza da forma como tu percebes esta realidade —"

"As formas pelas quais eu posso perceber esta realidade," interrompeu o Seth, com um ar divertido.

"— E tu estavas a dizer que, se quisesses, poderias percebê-la de forma tão clara nos mesmos termos em que nós próprios a percebemos," continuou o Ron.

"Em termos tão limitados," respondeu o Seth. "O teu problema é que não tens sentido de humor!"

"Bem, vamos ver como é o teu," disse o Ron friamente. "Gostaria de sugerir uma experiência, e estou a sugerir-ta para ver a tua reação. Estava mesmo indeciso se haveria de sugeri-la à Jane ou a ti, mas percebes — tipo, estou numa espécie de impasse porque há uma quantidade de palavras e uma quantidade de conceitos e filosofias a ser badalados. Mas quando tu afirmas que sabes coisas em termos específicos e não confundíveis... bem, seria muito simples de demonstrar," o Ron apontou para as cartas na mesa.

A aula susteve a respiração coletiva.

"Agora, meu querido amor," disse o Seth, com a voz baixa e suave. "A Jane pode ou não olhar para as tuas cartas de jogar; isso depende dela — ou do Ruburt. No que me diz respeito, não me darei ao trabalho.

Ora, nós já passámos por isto com mentes mais perspicazes do que a tua," continuou o Seth. "As afirmações que faço, faço-as não apenas para mim, mas para ti e para cada pessoa nesta sala. Tu podes perceber essas cartas de jogar tão claramente como eu — e se não acreditares em mim, não acreditarás em ti mesmo.

Quando eu avançar com tais demonstrações, fá-lo-ei não nos limites desta sala e não sob condições estabelecidas por ti, mas numa situação em que as afirmações sejam claramente registadas com os resultados, [de modo a que] não haja possibilidade de alguém dizer que há sugestão envolvida. Tu podes, no entanto, prová-lo a ti mesmo lendo as cartas. Eu não tenho as dúvidas — tu tens!"

"Bem, tu dás-me a impressão — quero dizer, essa é uma saída fácil," disse o Ron.

"O que é importante são as realidades emocionais, não os símbolos nas cartas," respondeu o Seth. "Até perceberes isso, e até estares disposto a abrir-te emocionalmente à atmosfera da aula... então nenhumas provas serão provas para ti."

"Bem, eu discordaria muito disso," disse o Ron, ainda na mesma voz monótona. "Se és capaz de fazer, mesmo que em extensão limitada, o que afirmas ser capaz de fazer, eu ficaria completamente estupefacto. No entanto, não acho —"

"Estás a lançar desafios em termos que não compreendes," interrompeu o Seth, "e até compreenderes isso, essa é a posição em que vais permanecer."

“Poderias estar a esquivar-te.”

“Poderia perfeitamente, e tu podes interpretar o que estou a dizer da maneira que escolheres. O facto é que és tu, não eu, quem está preocupado com as minhas perceções. O facto é que o que temos feito tem sido claramente exposto no livro que o Ruburt escreveu.[4] Podes aceitá-lo ou negá-lo, e no que diz respeito ao Seth ou ao Ruburt, esse é o teu direito.”

“Nós nunca lemos os resultados [dos testes do Estabrooks], no entanto,” disse o Ron astutamente.

“Estás a falar de um grupo específico de testes — e a dúvida existe, percebes, na tua mente; e enquanto esse tipo particular de dúvida existir, nada te convencerá. E qualquer trabalho que seja feito, é feito com o consentimento do Ruburt... Se eu fosse a ti, saía de fininho pela porta antes que alguém lhe diga [ao Ruburt] o que tu inventaste, pois eu também estou dependente, até certo ponto, da recetividade e das ideias dele — E É EXATAMENTE ASSIM QUE DEVE SER!”

A voz do Seth ecoou de repente, fazendo-nos a todos dar um salto, mas agora ele fixava o Ron intensamente.

“Percebes,” disse o Seth calmamente, “tu vens para aqui com exigências. Ora, aqueles que vieram para a aula de mente aberta encontraram as suas provas — e provas que não estavam dependentes de cartas ou de truques vistosos. Mas uma prova forte, no sentido de que a natureza da realidade deles mudou! Compreenderam-se melhor a si próprios. Conseguiram relacionar-se com a experiência que conhecem. Tiveram experiências que não tinham antes; e os seus mundos mentais, psicológicos e espirituais expandiram-se. E para eles — e para mim — a leitura de cartas é um produto inteiramente diferente e inferior. Mas enquanto for isso que procuras, vais encontrar-te no nível em que estás agora.”

“Então a tua resposta, em essência, é que tu próprio não estarias interessado nisto porque não o consideras relevante,” concluiu o Ron.

“Não o considero, neste momento, relevante,” respondeu o Seth pacientemente. “Considerei quando o Ruburt estava tão preocupado.”

“Também não é relevante para o resto da aula,” interveio o Arnold Pearson. “Mais ninguém na aula está interessado em perder tempo com isso. Não consegues meter isso na cabeça?”

“Receio,” acrescentou o Seth, “que, tal como o nosso amigo Dr. Estabrooks, a menos que mudes, vais andar à procura de provas que não significam nada... ignorando a realidade interior que é sumamente importante e fechando a tua mente à validade interior que, por si só, te daria o tipo de prova de que necessitas.

Por exemplo, se a tua atitude tivesse sido diferente, e se, num espírito de diversão e de livre partilha, tivesses atirado cartas para cima da mesa quando eu estava a falar e dissesses: 'Seth, o que está do outro lado das cartas?', poderias ter obtido uma resposta. Mas não no modelo em que fizeste a pergunta, nem no modelo em que propuseste a experiência.”

“Bem, não sei,” disse o Ron, sem se deixar abater. “Duvido um bocado, mas quanto a olhar para dentro, tu sabes que tem de haver um equilíbrio entre a interioridade e a exterioridade.”

“Há três anos passámos por tudo isto, e está no livro da Jane!” explodiu a Sally Benson.

“Agora, antes de deixar os meus amigos correrem muito doce e gentilmente em minha defesa, permitam-me mencionar que o Ruburt, também, quando as aulas começaram, fez um esforço... para dar leituras espontâneas, o que correu muito bem,” sublinhou o Seth. “Isto significa que elas 'bateram certo'. Ele [o Ruburt] percebeu rapidamente, contudo, que [dar leituras] não era a resposta; que as pessoas apenas diziam: 'Ele tem as respostas e eu não tenho nenhuma';

que projetavam nele capacidades que pensavam não possuir. E, portanto, ele mudou essa política. Sempre que material probatório foi dado, meu querido amigo — e ele foi dado — para ajudar outros a lidar com um problema de interesse vital, não foi dado como uma demonstração, e não foi dado para provar nada a ninguém."

O Seth retirou-se. Um pequeno sorriso de triunfo passou pelos lábios do Ron. Para ele, tudo o que as palavras do Seth significavam era que o cientista duro tinha prevalecido.

"Tive muitos problemas com esse miúdo," disse a Jane, anos mais tarde. "Estava a tentar ser cortês — quero dizer, afinal de contas, ele estava em minha casa! No que tocava à coisa das cartas, lembro-me de pensar na altura: 'Oh, por amor de Deus, Seth! Se consegues ler as malditas cartas, porque é que não as leste simplesmente?' " Mas as direções que a aula estava prestes a tomar iriam em breve cortar este fardo da "prova" de uma forma astuta, de longo alcance e bastante prática.

CAPÍTULO 4

QUEM É QUE NÃO TEM UM SEGREDO? (DISSERAM OS EUS QUE ADORÁVAMOS ODIAR)
CHUVA MIÚDA — UMA CANÇÃO

Chuva miúda ao anoitecer cai,
suavizando a mente;
deixando brotar imagens —?
chuva sem pressa para encher a tua taça.

Deixa a chuva miúda cair ao anoitecer,
deixa-a arrefecer a tua pele presciente;
deixa-a dançar sobre as folhas caídas
e agitar a tua memória antiga —

E diz que és, tu és;
e tu tens sido.
— Dan Stimmerman, 1973

A NADINE RENARD ESTAVA SENTADA no sofá estofado a azul da Jane, com um aspeto de duende e tímida, com as suas pernas esguias encolhidas debaixo de si. Segurava o romance de Robert Heinlein, Stranger in a Strange Land,[1] que por aquele mês de março de 1971 se tinha tornado o evangelho de fantasia da nova consciência; um manual de realizações pós-anos 60. O herói, Valentine Michael Smith, é trazido para a Terra de Marte, o seu planeta natal, com crenças completamente inocentes na bondade e na paz, e estabelece uma comunidade de sensualidade e alegria, baseada na comunicação do "grok".

Grokkar, no mundo de Heinlein, era alcançar uma unidade com outro, ou "compreender tão profundamente que o observador se torna parte do observado".[2]

"É um livro lindo," dizia a Nadine. "Nele, as pessoas deixam cair todas as suas barreiras, e são completamente abertas e honestas e amam-se mesmo uns aos outros..." Ela sorriu para a Jane. "Gostava de nos ver a todos tentar algo assim," disse a Nadine. "Quero dizer, no livro toda a gente tem sexo junta o tempo todo, e eu não me refiro a

nada desse género. Mas o Heinlein tinha ali mesmo qualquer coisa — tinha mesmo."

"Bem," disse a Jane. "Bem, bem." Ela olhou em volta para nós. A maioria de nós tinha lido o livro e escutava a Nadine com interesse. Algo estava no ar; percebia-se. O que estávamos nós a desafiar-nos a fazer agora? "Grokkar" parecia-se muito com aquelas experiências em que nos tínhamos imaginado como parte de uma folha ou de um gato ou algo assim...

"Poderíamos estabelecer algo assim entre nós," disse a Jane, segurando o livro nas mãos. "Mas significaria um tipo de compromisso que simplesmente não assumimos até agora, e teríamos de o fazer sem reservas, senão não funcionaria."

"O que é que não funcionaria?", grasnei eu, com o meu estômago subitamente a revirar-se com o pânico do palco. "O que é que vamos fazer?"

A Jane olhou para mim com uma mistura de impaciência e divertimento.

"Bem, se tens medo que eu vá pôr-nos a todos a apalparmo-nos pelo chão, não é isso," disse ela suavemente. "É apenas — bem, é como se tivéssemos atingido uma certa fase nesta aula e, a menos que algo aconteça — e nem tenho a certeza do que esse algo é —, a aula simplesmente não vai continuar." O rosto dela estava solene. "Simplesmente não vai continuar," repetiu ela.

"Queres dizer que pararias de dar a aula?", disse a Gert Barber com uma voz magoada.

"Não sei, Gert — não, eu provavelmente continuaria a dar a aula," disse a Jane. "Mas o que quero dizer é que, de uma forma estranha, a aula simplesmente não continuaria, como poderia, de alguma outra forma louca."

Puta que pariu, pensei eu, em que é que a Jane se vai meter agora? Senti uma enorme antecipação — de quê, não sabia. Sabia, sim, que o objetivo de Heinlein de perder a identidade individual numa experiência de grupo era totalmente inaceitável para a Jane e para a aula, e representava o pior daquilo de que nos estávamos a afastar. Não, estávamos a falar de outra coisa aqui — algo completamente novo que tinha acabado de saltar da nossa contemplação da fantasia de há dez anos do Heinlein.

"Mas —", começou a Gert, e de repente o Seth estava lá, interrompendo-a da sua maneira mais vigorosa e animada.

"Ora, vós estais todos desligados das vossas emoções," afirmou ele, atirando os óculos da Jane para o ar e sorrindo para o Ned, que se esticou e os agarrou em pleno voo. "Não é tanto que coloqueis barreiras entre vós e os outros, mas sim que colocais barreiras entre vós e vós mesmos, e cada um de vós na aula [colocou] pessoas de papel sentadas à vossa frente, e esperais que os outros se relacionem com essas pessoas de papel!

Todos vós tendes os vossos papéis na aula, como tendes noutros locais, e tendes medo de perturbar o equilíbrio da aula. Tendes algo bom a correr e não o quereis perder! Tendes vários graus de intelectuais; tendes vários graus daqueles que estão dispostos a expressar algumas emoções; e não estou a olhar para ninguém em particular! Eu sou o único que expressa as minhas emoções, e é suposto eu estar morto!"

"Acho que a sociedade em que vivemos se expressa em torno do facto de não mostrares emoção," observou o Ned da sua posição no chão.

"Bem, nós estamos a começar uma nova, e é melhor que te habitues," retorquiu o Seth. O Ned e vários outros riram-se nervosamente.

“Ora, o nosso amigo Ruburt não está prestes a alinhar em todas estas poucas-vergonhas sexuais que são descritas neste precioso livro,” continuou o Seth. “But o homem que escreveu o livro colheu a sua informação do eu interior e depois fez uma história sobre isso. E quando vierdes à aula de agora em diante, esperarei encontrar-vos a todos aqui, não apenas o eu físico, não apenas o eu intelectual, não apenas a parte de ti próprio que designas como psiquicamente inclinada, mas o eu emocional! E esperarei vê-lo a mostrar-se!

Ora, deveis admitir que vos dei algum exemplo. Eu rio mais do que vós. É verdade que não chorei, mas se as coisas continuarem como estão, posso estar prestes a fazê-lo, pois quero aqui o teu eu inteiro, e expressivo! Ora, vós mostrais um pouco mais de vós mesmos na aula do que nas vossas situações de vida habituais. Cerca de um por cento mais. Mas para ganhares verdadeiramente vida, e para ganhares verdadeiramente vida nesta sala, deves mostrar muito mais. Fica-me mal ter de te dizer que é preciso alguém que está morto há tanto tempo quanto eu para te dizer como ganhar verdadeiramente vida!”

“Nunca foste feliz até teres estado triste,” suspirou o Ned dramaticamente.

“Eu não disse isso — foste tu que o disseste,” admoestou o Seth. “A tristeza não te torna feliz automaticamente. A felicidade torna-te feliz.”

O Ned abanou a cabeça. “Não percebes o quão feliz és até teres estado triste,” repetiu ele.

O Seth virou-se na cadeira de baloiço da Jane, fixando o Ned com olhos grandes e escuros. O que estaria o Seth a preparar, com toda esta conversa sobre mostrar o teu eu “real” na aula? Algo se passava, e estávamos todos a fervilhar nas nossas mentes a tentar adivinhar o que seria.

“Não precisas de estar triste, no entanto,” disse o Seth ao Ned, “da mesma forma que o teu dedo grande do pé não tem de ser um dedo pequeno antes de compreender o que é ser um dedo grande do pé.” Inclinando-se para a frente, o Seth esticou a mão e tocou no dedo grande do pé do Ned, que estava de sandália aberta, com a unha da Jane. “O teu dedo grande do pé é mais esperto do que tu,” sorriu o Seth. “Escuta-o.”

“But para a maioria, as pessoas que não são assim tão sensíveis, elas têm de estar tristes antes de estarem felizes,” insistiu o Ned.

“Toda a gente é assim tão sensível — tu é que não percebes que eles percebem,” respondeu o Seth, fazendo o velho sinal de paz dos anos 60 para o Ned, que exibiu o seu sorriso radiante e irresistível e retribuiu o gesto.

“Ora, muitos de vós ainda não percebem o que eu digo,” disse o Seth ao resto de nós. “Vós escutais as palavras e isso é tudo, mas o poder por trás das palavras, e o poder por trás da voz, é poder emocional e energia emocional, e representa — repetindo — energia que está dentro de cada um de vós, e não há necessidade de ter medo dela. Eu não estou preocupado em ser digno e adulto — porque haverias de estar tu? E porque haverias de tentar ser psiquicamente educado enquanto te fechas emocionalmente aos outros que vêm à aula? — pois todos vós colocastes barreiras entre vós. Deveis aprender a reconhecer, a usar e a agrupar a vossa energia emocional. Não perdeis, ganhais.

Não vos disse para serdes decorosos ou silenciosos. Falei-vos de experiência direta, e por experiência direta, quero dizer também experiência emocional. Não podes divorciá-la do teu próprio sentido de realidade; e uso, portanto, a palavra amor, sem o embaraço que alguns de vós, muito privadamente, lhe atribuem. Tu podes amar uma flor [e] não a odeias porque tem uma pétala castanha; e no entanto, quando encontras outro indivíduo com uma pétala castanha simbólica, agarras-te imediatamente a isso.

Agora!" A voz do Seth ressoou, impossivelmente alta e cheia, a partir da pequena estrutura da Jane. "Agora, quando eu conduzir uma sessão de sensibilidade, vais saber que estiveste numa! E se não deixardes cair algumas barreiras por vossa conta, então será com isso que estareis confrontados!"

Abruptamente, o Seth virou-se novamente para o Ned. O Ned sorriu para as feições sethianas da Jane; o Ned andara fechado e pouco comunicativo ultimamente, mas esta noite o seu sorriso era belo e charmoso. Mas o Seth abanou a cabeça em resposta.

"Por trás de toda a tua abertura ostensiva há portas fechadas," disse ele ao Ned. "Elas simplesmente não são tão óbvias como as portas fechadas das outras pessoas. Há uma maneira certa de evitar a deteção pelos outros, que é parecer tão aberto que não lhes passará pela cabeça que haja algo que estejas a esconder — mas a mim não me enganas.

Podeis todos fazer a vossa pausa."

A Jane saiu do transe para uma aula que tagarelava loucamente, ignorando-a. Sobre o que era tudo isto? O que era esta "sessão de sensibilidade" que o Seth estava a cozinhar? "Sinto-me como se tivesse sido picado com um alfinete," lamentou o Ned.

A Jane mal teve oportunidade de ouvir sequer uma parte da explicação sobre o que tinha sido dito, contudo, antes de o Seth estar de volta, com os seus olhos grandes a fixarem cada um de nós por sua vez. "Vós ireis em breve aprender, aqui pelo menos, a serdes honestos convosco próprios, a libertar a vossa própria energia emocional e depois aprender a dirigi-la. Tendes tido todos medo de a sentir; tendes sido, portanto, incapazes de a dirigir. Até certo ponto isto aplica-se também ao Ruburt, pois ele percebe a sua força. Mas chegou o momento de todos vós aprenderdes a reconhecer, sentir e dirigir a vossa própria realidade emocional.

Ora, nós temos falado em termos que compreenderíeis — a natureza do vosso mundo e da realidade como a conheceis. Mas vós não acolhestes a matéria da realidade nos vossos corações nem a compreendestes, e é isto que deveis agora começar a aprender a fazer. Por outras palavras, deveis aceitar o eu emocional, não superficialmente, não idealisticamente, mas como ele agora existe: a realidade do que sois agora — e então podeis começar a trabalhar com o que sois e com o que tendes.

Não podeis projetar a realidade psíquica para outro lugar. Uma coisa é projetar um Deus para fora, para outro universo, e depois tentar encontrá-lo. Já percebeis a esta altura que essa é uma tentativa fútil, mas também é fútil tentares alcançar-te a ti próprio imaginando que o teu eu está noutro lugar, noutro universo — estás a fazer a mesma coisa.

O eu é imediato tal como Tudo O Que É é imediato, e o teu ponto de entrada mais rápido é no ponto dos teus sentimentos presentes, e não há outro caminho. A porta para os teus sentimentos [está] aberta ao aceitares os teus sentimentos, neste momento ou em qualquer momento, conforme se aplicam a ti próprio e aos outros na sala.

Sugiro agora que, quando eu terminar, para um começo preliminar, cada um de vós conte um segredo."

Uma pequena onda de choque pareceu propagar-se pela aula. Olhámos uns para os outros, desconfortáveis.

"Agora," continuou o Seth, após uma breve pausa para causar efeito, "podeis ter contado este segredo ao vosso companheiro ou àqueles que vos são mais próximos, ou podeis não o ter feito, mas [escolhei] um que não seja conhecido do mundo em geral. E num passo preliminar para expressar honestidade nesta sala, e para expressar a vossa própria experiência e sentimento, cada um de vós, portanto, conte um segredo e ponha as suas crenças em ação.

Alguns de vós escolherão sem dúvida segredos que não têm significado, mas mesmo isto é um começo. Sugiro, contudo, que escolhais segredos significativos, pois ireis beneficiar. E quando eu conduzo sessões de sensibilidade, não ando a brincar!"

"Oh, valha-me Deus!" lamentou a Gert enquanto a Jane saía do transe. A Gert explicou rapidamente à Jane o que o Seth nos tinha pedido para fazer.

"Ah, sim?", disse a Jane animada. "Uma sessão de segredos, hã? Fantástico. Ah-ah, ah, ah, ah-ah," acrescentou ela, sem alegria.

Ficámos todos ali sentados que nem patetas, como rãs a pestanejar sob a luz de uma lanterna. Eu passava apressadamente em revista a minha lista mental de coisas horríveis que tinha feito; coisas terríveis que tinha dito; coisas nojentas em que tinha pensado; coisas cheias de culpa de que me tinha escapado de fazer. Oh, Deus, houve aquela vez em que bati no meu cão; a vez em que deixei aquele bilhete insultuoso na secretária do escritório do meu pai; a vez em que — era tudo demasiado horrível. Percebia-se que toda a gente estava a fazer o mesmo: cada um a escavar todo o lixo de uma vida inteira.

"Bem," disse a Jane numa voz cantada, "quem é que vai primeiro, meus amores? Afinal de contas, esta é a minha aula — eu não tenho de ir primeiro!" Ela acendeu um cigarro e esperou.

"Tudo bem, eu começo," voluntariou-se o Lloyd Fredericks em tom desafiador. "Mais vale, não é nada de especial. Roubei uns doces de uma loja uma vez, quando era adolescente. Nunca contei a ninguém. Nem sei bem porque o fiz. Pronto."

Essa é a ideia dele de um segredo?, pensei eu. Ora, isso não é nada! Quem quer saber de uma coisa dessas?

"Tudo bem," declarou uma mulher com um ar determinado, de dentes cerrados. "Vou-vos dizer isto: eu costumava sair com um

homem casado!" Ela olhou em redor da sala, à espera dos suspiros de choque previstos.

"Oh, que diabo," riu o Lawrence Briggs, "quem é que não o fez?" Mas a mulher não pareceu achar piada.

Eu era mais ou menos a seguinte, por exclusão de partes — estava sentada em terceiro lugar na fila. "Bem," gaguejei. Sentia-me horrível, uma incompetente, merecedora de morrer queimada. "Eu..." Não conseguia encarar os olhos da Jane. "Uma vez bati no meu cão com um pau," engoli em seco, contendo as lágrimas.

Silêncio. A Jane encolheu os ombros. "Julgo que teria de dizer que estou surpreendida, Sue, mas se é isso que te deixa tão perturbada..." Ela olhou para a pessoa seguinte, que fez uma confissão longa e agonizada de odiar o seu pai idoso, que tinha acolhido em sua casa. Quase fiz um esgar de desprezo para ele. Grande coisa — ao menos tu nunca bateste no teu cão!

Mais uma vez, o silêncio caiu sobre a sala. As pessoas tossem e assoam o nariz. Ninguém olhava para ninguém. O membro da aula no lugar seguinte disse que "queria passar por agora". Outra pessoa fez o comentário de que estava "sentada no inferno".

"Podes sair num piscar de olhos!" bramou o Seth, manifestando-se através da Jane tão subitamente que a Sally Benson soltou um ganido sobressaltado. "Basta que percebas que foste tu que o criaste! Ora, eu conheço os vossos segredos, e estarei interessado em ver quanto tempo leva para cada um de vós chegar até eles! Não está a ser exercida nenhuma pressão, contudo."

Ninguém disse uma palavra.

"Agora, podeis sentir-vos à vontade para passar desta vez, mas não podereis passar sempre," disse o Seth. "O que eu quero que façais é admitir aqui as coisas que são importantes para vós que não

contastes. Ou seja, importantes para vós, não para mim, e não para mais ninguém na sala — mas altamente importantes para vós.

Todos vós tendes mais do que um segredo, e haverá imenso tempo para os restantes e depois ireis dançar por entre as ervas, e eu guiar-vos-ei com uma flauta alegre, com certeza...”

“Ok, eu conto o meu,” anunciou a Gert dramaticamente, nem sequer esperando que a Jane pusesse os óculos de volta. A Gert lançou-se então numa descrição de um caso clandestino que tivera com outra freira durante os seus anos de convento, antes de deixar a ordem. Toda a gente ouviu fascinada; mas conhecendo a Gert, que já tinha insinuado muitas vezes na aula que lutava contra anseios lésbicos, toda esta história não surpreendeu ninguém. (Anos mais tarde, a Gert escreveu um manuscrito — até à data inédito — sobre as suas experiências no convento e a sua emergência na frente de batalha dos Direitos Gays; é bastante provável que esta “confissão” na aula tenha sido o início da aceitação dos seus verdadeiros sentimentos pela Gert.)

“A-hem, bem,” disse a Jane, limpando a garganta. “Julgo que isso me torna a seguinte.” Ela contou então um facto simples da sua infância — que ela e a sua mãe inválida tinham subsistido durante algum tempo à custa da assistência social. A sua voz era quase um sussurro enquanto falava, e ela estava obviamente muito envergonhada com isso. Eu sabia da existência dessa parte (para mim insignificante) do seu passado, mas o que me chocou agora foi que a Jane a guardasse como um segredo assim. Aquele era o esqueleto profundo, escuro e escondido da Jane? Meu Deus, pensei eu, ao menos ela nunca teria batido no cão dela...

“Ora, a minha sessão de sensibilidade convosco mal começou, mas continuaremos noutra altura,” interveio o Seth, cortando a Jane a meio do gesto de alcançar um cigarro. “Não ficarei satisfeito com estas migalhas que me atirastes! Estais tão orientados negativamente que pensais automaticamente que os vossos segredos têm de ser negativos, percebeis, e pensais neles em termos negativos onde eles

não são negativos. Isto tem a ver com a carga que acumulastes em torno deles. Eles não são negativos. Tu esconde-los porque pensas que são.

Quando te sentires livre para perceber que eles são criativos, sentir-te-ás livre para os libertar. E até que te sintas livre, podes manter o teu silêncio. Desejo-vos a todos uma calorosa boa noite e uma emocional e uma alegre e uma barulhenta e uma espontânea boa noite!"

A aula dispersou-se silenciosamente. Durante a semana, pensei no segredo que tinha revelado aos outros. Senti-me envergonhada de mim própria tudo de novo. Mas quando tentei lembrar-me do que os outros tinham dito, descobri que foi preciso algum esforço para o fazer; e quando recordei esses segredos, pareceu evidente que ninguém tinha contado nada de grande magnitude — exceto eu. (De facto, quando juntei este livro oito anos mais tarde, achei extremamente difícil reconstruir as aulas dos segredos, já que os meus eram os únicos de que me conseguia lembrar claramente, e muitas das pessoas que tinham participado nessas sessões não responderam ao meu questionário. As implicações desta faceta da memória eram, escusado será dizer, o ponto principal de toda a experiência.)

Na semana seguinte, aqueles de nós que tinham aberto o jogo vieram para a aula sentindo-se bastante convencidos — afinal de contas, estávamos livres do perigo, por assim dizer, no que tocava à questão dos segredos. Mas o Seth era, como de costume, mais matreiro do que nós: queria que cada um de nós explicasse por que razão tínhamos "medo das implicações da palavra 'amor', ou de o mostrar aqui," e por que razão achávamos "muito mais seguro mostrar amor a um animal do que a uma pessoa."

"Alguns de vós quase prefeririam levantar-se nesta aula e dizer, 'Matei um animal em ódio', ou 'Arranquei as entranhas a um homem', ou 'Dei um tiro no meu vizinho', do que expressar uma simples declaração de amor ou aceitação a outra pessoa na aula de todo o

coração... Os segredos não vos incomodam nem metade do que imaginais que incomodam," disse-nos o Seth.

Por isso, demos outra volta à aula.

"Prefiro amar o meu gato do que outra pessoa porque o gato precisa de mim e não me magoa, francamente," disse uma mulher. "Toda a gente tem medo do amor, e porque não? É algo que te pode humilhar pior do que — pior do que contar segredos!"

"Bem, eu posso genuinamente dizer à Jane, à Sue, ao Ned e a todos os restantes de vós que vos amo," disse a Rachael Clayton. "Sinto que sou uma pessoa afetuosa, e é fácil de fazer. Mas não tenho a certeza se me conseguiria sentir demasiado segura se vós todos dissesseis que me amavam de volta! Acho que me sentiria como se me estivessem a lisonjear, porque eu diria: 'Porquê eu?' "

A aula levou na verdade um par de semanas a passar por estas confissões de amor — mas quando voltámos a contar segredos, as instruções do Seth acrescentaram outra dimensão: era suposto explicarmos por que razão "não contámos os segredos que desvalorizámos [aquela primeira vez]... e por que razão, em vez disso, [escolhemos] os segredos particulares que [escolhemos]!"

"Ora, cada um de vós passou em revista muito minuciosamente na sua mente a vossa lista carregada de segredos," disse o Seth nessa noite. "Alguns de vós descobriram para vosso espanto que pareciam não ter nenhum; outros encontraram uma lista tal que estabeleceram prioridades. Agora, quero saber duas coisas: porque escolheste divulgar o segredo particular que divulgaste, e porque não escolheste divulgar outro; porque usaste um segredo para encobrir outro. Quero que saibas as respostas às perguntas. E aqueles de vós que não estiveram presentes nessa sessão podem então divulgar os seus segredos iniciais.

Ora, independentemente daqueles que vêm e vão dentro desta aula, nós alcançaremos um estado de confiança, e esta é uma das

formas pelas quais o alcançaremos. E começaremos com o nosso amigo, o irmão Joel!"

"Hum, bem, não consigo mesmo lembrar-me de nada," murmurou o Joel enquanto a Jane saía do transe. "Julgo que talvez, se tivesse de pensar em algo, teria de ser, tipo — oh, uma vez quando era pequeno, talvez tenha roubado algo de uma loja. Mas nem me lembro disso claramente e agora não tenho bem a certeza se aconteceu da forma que estou a pensar que possa ter sido —" Ele parou a meio da frase.

Imediatamente, outra pessoa disse, "Isto lembra-me daquela vez em que..." e a aula derivou para outros assuntos — para óbvio alívio do Joel.

Talvez por causa das reações dele, a Jane tranquilizou toda a gente dizendo que ninguém tinha de contar nenhuns segredos se não quisesse. "É a vossa própria escolha," encolheu ela os ombros.

Mas o Seth não se deixou abater.

"Estou ainda mais divertido com a declaração do Ruburt [do que com o rumo da conversa da aula]," interrompeu o Seth, agitando os óculos da Jane na direção do Joel. "E se vamos ter confiança, por Deus, vamos levá-la passinho a passinho de cada vez!"

"Eu não tenho uma lista de prioridades, não tenho mesmo, mesmo nada," protestou o Joel. "Sinto que te contei um segredo."

"Como tu sabes e eu sei, e sem acusações envolvidas de uma forma ou de outra," disse-lhe o Seth, "a resposta é fácil. É demasiado fácil. Agora faz a ti próprio mais algumas perguntas sobre a resposta que deste e se a aceitas verdadeiramente ou não, usando o conhecimento proveniente do eu total que está agora a ficar disponível para ti."

“Continuo a obter a resposta número um,” disse o Joel rapidamente.

“Não respondas tão depressa — sente-a até ao fim.”

O Joel lambeu os lábios, sem olhar para a sua esposa, a Alison, que estava sentada ao lado dele. “Os meus outros segredos poderiam magoar outra pessoa,” disse o Joel finalmente.

“Agora estás a ser mais honesto,” disse o Seth. “Dar-te-ia uma medalha, mas não tenho nenhuma disponível! Para estabelecer a posição geral de confiança entre ti e o grupo, se a queres estabelecer, então a resposta era importante. E para todos os outros na sala, também as vossas próprias respostas serão importantes.”

“Essa,” disse o Joel, “é a minha resposta mais honesta: não quero magoar ninguém.”

“Isso é muito melhor do que o número um,” concluiu o Seth jovialmente.

Várias pessoas continuaram depois a contar segredos, e pareceu-me que para algumas, pelo menos, foi um pouco mais fácil desta vez. Até a Florence MacIntyre, que tinha faltado à primeira aula de segredos e que mantinha a sua vida privada sacrossanta,[3] decidiu contar pelo menos parte de um facto há muito enterrado da sua infância — e chorou ao fazê-lo, uma das poucas vezes em que a Florence expressou as suas emoções na aula.

“Eu não só te apoio, como te dou os parabéns,” disse o Seth à Florence nessa ocasião. “Ao tentares negar estes factos antigos da tua existência, fechaste partes fortes da tua própria energia e força criativa de modo a que elas não pudessem operar por ti na tua vida. Usaste, literalmente, metade da tua energia... a reprimir estas memórias e ideias, construindo uma [barreira] entre ti e o resto do mundo em pavor [de que] eles descobrissem este segredo, e por isso não podias usar esta energia construtivamente.

E construíste em redor da tua imagem física uma fortaleza de carne para te proteger. A imagem que tens foi construída em teu redor a partir destes medos para que estivesses tão segura que ninguém conseguisse descobrir o segredo...

Ora, nós fizemos várias coisas... o gestalt interior do grupo foi aberto, por um lado, e daí resultará uma melhor unidade do grupo," disse o Seth ao resto de nós. "Por outro lado, através da escuta do que os outros disseram, devereis perceber a vitalidade que está distorcida nestas cargas profundas que frequentemente carregais dentro de vós, pois estas negam-vos o uso da vossa própria energia. Elas amarram-vos literalmente em nós.

Eu tenho um livro de segredos. Em cada vida tive segredos. Agora não tenho segredos, mas tratar de fazer com que alguns dos meus segredos favoritos sejam escritos para que os possais ler. Ora, os vossos segredos deixam-me completamente intocado, dado que fui uma mãe solteira sete vezes, e como pai gerei muitos que não conheci![4] Isso foi em muitas das minhas juventudes. Fui um velho e uma velha bastante piedosos em muitas dessas vidas e esqueci completamente ou justifiquei os erros no decorrer da minha juventude."

"Eu não venho ter convosco como alguém que não sabe o que é ser humano," dir-nos-ia o Seth em aulas posteriores. E à medida que a aula avançava para áreas de experiência mais direta com as ideias do Seth, foram estas sessões de segredos que pareceram ser a fonte do nosso crescimento intuitivo — e humanístico. Outras aulas de segredos ocorriam de tempos a tempos, como ritos de iniciação de certa forma, à medida que novos membros surgiam e o núcleo de habituais do grupo mudava.

"Naquela aula não era assim tão difícil contar segredos, porque não importava," recorda a Priscilla Lantini. "Não importava o quão horrível tu pensavas que era. Mais ninguém pensava assim. Acho que

uma vez cá fora, é fácil esquecer isso. Quaisquer complexos que eu tivesse antes desapareceram de certeza agora."

Arnold Pearson

"O meu segredo era uma piada à minha custa, e contá-lo à Jane numa carta constituiu uma grande revelação," diz a Mary Strand, que não conseguiu ganhar coragem para o mencionar na aula. "O meu segredo eram oxiúros, de que eu era periodicamente atormentada. Acho agora que o medo da gravidez os atraía. Agora, com alguma distância entre nós, consigo rir-me deles." O Jed Martz, um do grupo de Nova Iorque, também não revelou o seu segredo na aula, mas contou-o aos outros que partilhavam a sua carrinha na longa viagem de carro para casa depois da aula. "Não foi nada de especial para eles, e o estigma que eu lhe associava dissipou-se," diz ele.

Vários membros da aula, incluindo o Arnold Pearson e a sua esposa, a Molly, e o Harold Wiles, nunca conseguiram pensar em nada que considerassem suficientemente secreto para se qualificar. "Talvez eu tenha levado uma vida particularmente protegida," conjetura o Harold.

"Lamento, simplesmente não me consigo lembrar de nada," disse o Arnold na aula depois de ouvir relatos de casos, crueldades, preferências sexuais ambíguas e outras confissões. "Talvez tenha levado uns doces de tostão de uma loja quando era criança, mas não __"

"Então como é que esperas que os restantes de nós sejamos honestos?" interrompeu o Ron Labadee subitamente, com a maior manifestação de raiva que alguma vez vimos da parte dele.

"Acabei de te dizer, não me consigo lembrar de nenhum para contar," retorquiu o Arnold. "O que queres que faça, que invente um?"

"É só que eu não acho que ninguém tenha de inventar nenhum," respondeu o Ron. Ele obviamente não conseguia acreditar que o Arnold e a Molly não estivessem a ocultar algo.

"Ron, ninguém tem de dizer nada, incluindo tu," admoestou a Jane.

O Ron cerrou os líbios e sentou-se rigidamente, observando-nos com teimosia. "Não farei parte de uma inquisição." Claramente, ele estava sentado sobre um segredo mais horrível para si do que conseguiríamos imaginar, e senti pena da sua dor, como sei que os outros sentiram.

"Ora," interrompeu a voz do Seth, "há — e não tenho a intenção de te chocar [para o Ron] — indivíduos que, de forma bastante humilde e sincera, fazem o melhor que podem. Há casais casados que se encontram nas suas vidas diárias com uma boa dose de honestidade, compaixão e compreensão... De todos os outros nesta sala, [estes] dois [os Pearsons], no seu relacionamento, têm uma simplicidade e uma integridade que fala por si e é, de facto, altamente invulgar. O maior segredo que este [o Arnold] tem, se me perdoares, é um profundo sentimento de inferioridade que se disfarça por vezes de humildade. Isto eu sei e isto, intuitivamente, os outros membros do grupo sabem, mas tu [o Ron] questionas; e o facto de o questionares... é bom, aqui ou em qualquer outro grupo. Mas não te questiones para fora do sentimento ou da emoção, e não construas uma barreira na tua própria mente, pois não há barreiras aí."

Mas o Ron não cedeu.

Os níveis de participação pessoal, portanto, eram puramente voluntários; e por vezes os resultados destas sessões de segredos eram reviravoltas imediatas e reveladoras nas vidas dos membros, tanto para o indivíduo que contava como para aqueles que escutavam.

Por exemplo, o Richie Kendall contou um segredo que resultou em algumas observações do Seth que revolucionaram literalmente o

rumo do seu pensamento. “Escolhi propositadamente um segredo [numa noite de aula em maio de 1972] que não era nada de especial para mim, mas que eu sabia que afetaria os membros da aula o suficiente para me classificarem como revelador,” diz o Richie. “O segredo era que eu uma vez me tinha metido a dar heroína — nada de especial, na verdade, já que quase toda a gente no meu bairro dava alguma coisa.” Nessa noite, o Richie descreveu os impulsos por trás do uso da droga com mais detalhe do que a maioria dos membros da aula provavelmente alguma vez tinha ouvido antes. “Quando a injetas para dentro e para fora da tua veia, a sensação é — é como — torna-se um amante,” disse o Richie. “Na altura, quando o fiz, quando a estava a usar, aquilo tornava tudo bem, e julgo que passei toda a minha vida de alguma forma ou de outra — isto é absurdo, eu sei, mas é como se estivesse apenas a tentar capturar para sempre as 'alegrias perdidas da juventude'.” (O Richie tinha vinte e três anos.)

Neste ponto, o Seth manifestou-se com um movimento exuberante dos óculos da Jane e falou com o Richie numa voz alta e divertida. “Ora, nós trataremos de fazer com que o faças, para que vejas que há muitas maneiras de partir um ovo e também para que não tenhas de olhar para trás o resto da tua vida com inveja em direção aos êxtases da tua juventude.”

“Aquilo deixou-me mesmo de queixo caído,” diz o Richie. “Aquele parágrafo significou tanto para mim. Primeiro que tudo, deu-me esperança de que para sair do sofrimento que eu ainda sentia — [que] havia muitas maneiras, e portanto para mim significou que eu não tinha de sofrer mais para sair do sofrimento em que já estava... que havia uma saída de toda a porcaria negativa que eu estava a criar para mim próprio, sem ter de passar pelo inferno para conseguir alguma paz de espírito — uma crença que eu tinha anteriormente aceitado e nunca tinha realmente questionado.

A outra afirmação sobre 'NÓS' trataremos de fazer com que recaptures esses êxtases, etcétra, teve — tem — um efeito ainda mais profundo em mim. O Seth estava não só a dizer-me que eu podia sair da dor em que estava, mas que, mesmo já tendo passado os vinte e um

anos, eu podia na verdade ansiar pela alegria, pela diversão — por uma vida tão livre e alegre como quando era criança. Ele não estava a dizer 'talvez' — estava a dizer, 'NÓS trataremos de fazer com que o faças' e senti-me eufórico. Pela primeira vez em muitos anos senti que alguém, ou alguéns, queriam genuinamente saber se eu encontrava a alegria novamente, e estavam na verdade livremente dispostos a ajudar-me. Foi como uma explosão de luz solar numa sala tão escura e húmida que se tinha esquecido de que existia sequer um sol para brilhar. Muitos outros comentários afetaram-me muito, mas aquele tocou-me mesmo profundamente."

Algumas semanas mais tarde, o Richie "ensaiou" outro segredo contando-o primeiro à Jane, ao Rob e a mim antes da aula: que tinha sido violado por um homem quando tinha quinze anos de idade. Algumas horas mais tarde, repetiu esta informação à aula. "A Jane tinha acabado de dizer de repente, de forma muito intensa, sem olhar para mim, que 'alguém na sala' tinha um segredo que, se o contasse, ajudaria muito outra pessoa," recorda o Richie. "Ela foi muito insistente no seu tom e repetiu a afirmação várias vezes... Comecei a sentir esta pressão interior para contar o meu segredo, sabendo de alguma forma instintivamente que... o segredo de [outro membro] tinha a ver com ter sido molestada por uma pessoa na sua família.

Por isso — apesar do facto de tremer interiormente com as reações dos meus amigos homens — contei tudo [e em pormenor macabro] e soube mesmo muito bem," diz o Richie.

Assim que o Richie terminou a sua narrativa, outro membro da aula desatou subitamente num grande pranto convulsivo — algo que esta pessoa nunca tinha feito antes — e contou-nos que, em criança, tinha sido violada por alguém da sua família direta. Ouvimos de forma solidária, mas assim que ela terminou a sua história e começou a enxugar os olhos, outra pessoa tomou a palavra: "Isso não é nada," disse a mulher. "Eu fui violada quando tinha oito anos de idade por um bando de rapazes..."

Ela continuou a descrever o incidente, com a voz a tremer com os terrores de uma criança há muito suprimidos, dado que nunca tinha contado a ninguém, nem mesmo aos seus pais, sobre a violação. “Senti que seria culpada por a ter 'causado',” sussurrou ela. Impregnados na sua história estavam quarenta anos de ressentimento em relação aos seus pais que nada sabiam, e culpa por sentir o ressentimento em primeiro lugar.

“Foi como se os segredos andassem à solta e ninguém reagisse fortemente ao segredo exceto quem o contava,” diz o Richie, “e esse era um dos pontos principais de tudo isto. Sermos aceites, com todas as verdades da nossa experiência nuas, e percebermos que a vergonha e a confusão que sentíamos podiam literalmente ser deixadas ir tão facilmente como — contar um segredo.

Este acontecimento em particular teve mais repercussões na viagem de carro para casa,” recorda o Richie. “O [Will] Petrosky abriu a sua alma mais do que alguma vez o tinha feito; recebi imensa afirmação por parte de amigos e dei mais um passo em frente na aceitação do meu ser como BOM e DIGNO, independentemente de qual tivesse sido a minha experiência.”

“Não há divisão exceto a divisão que tu próprio fazes quando fechas os teus próprios pensamentos de ti mesmo,” comentou o Seth durante esta “série de segredos” na qual o Richie, e outros, contaram tudo. “Vós tendes estado a falar sobre segredos, segredos que tendes guardado uns dos outros. Não tendes falado sobre os segredos que guardais de vós mesmos: esses pensamentos com os quais estais bastante familiarizados e, no entanto, fingis não ouvir; esses sentimentos que são vossos e que ignorais; esses impulsos que travais mesmo antes de atingirem a vossa consciência.

O fluxo de consciência — tu olhas lá para dentro e dizes: 'Ah, olha um [pensamento] simpático', e apanhas-lo. Quanto ao resto, dizes: 'Ah, matéria subconsciente! Não presta!' e deixas-lo passar.

Cada um de vós se conhece a si próprio. É simplesmente uma questão de quanta sabedoria estás disposto a assimilar. Não há divisão — vós guardais segredos de vós mesmos. Esses são o único tipo de segredos com que realmente vos tendes de preocupar. Alguns de vós aprenderam alguns dos vossos próprios segredos, não através do que disseram, mas através do que os outros disseram."

E durante algumas recordações na aula, em 1974, sobre as sessões de segredos, o Seth observou: "Foi-vos dito, frequentemente, para vos conhecerdes a vós mesmos. Mas, normalmente, por trás desse pedido estava uma ideia muito definida de que o eu não valia realmente a pena ser conhecido. Foi-vos dito para vos conhecerdes a vós mesmos, mas por trás disso estava a ideia de que o eu não era, afinal de contas, muito bom. Conhecer-te a ti próprio, então, não se tornou nada parecido com uma busca alegre — [em vez disso], conhecer-te a ti próprio significava: conhece o quão pecador és — conhece as tuas iniquidades!

Olhai em redor, mesmo para as criaturas da terra — elas são mais inocentes; estão mais próximas de Deus; e conseguem correr mais depressa! Olhai para dentro de vós mesmos, foi-vos dito — conhece-te a ti próprio. E quando te conheceres a ti próprio, perceberás a tua pobreza, a tua falta de espiritualidade e ficarás cara a cara com a tua culpa. E porque eras tão culpado? Porque existias na carne, e por isso aprendeste a tentar escapar da carne e a considerá-la como um parente pobre; de modo a que te sentias em farrapos, quando devias, de facto, em vez disso, usar mantos."

Embora a técnica não fosse original do Seth, as sessões de segredos serviram de facto para limpar a dissimulação emocional da nossa experiência na aula; e para nos dar, mesmo que parcamente, uma fé suficiente na bondade de nós mesmos para arriscarmos a verdadeira compreensão do que é isso de "tu crias a tua própria realidade".

"Aquilo para que sinto que isto é bom não é para arrastar o 'mal' numa pessoa, mas para arrastar aquilo com que as pessoas se

hipnotizaram para acreditar que são más," disse uma assistente social clínica sobre os "segredos" do Seth, acrescentando: "depois podes mostrar às pessoas como elas fizeram isto e podes tentar redirecionar a auto-hipnose delas de uma maneira positiva — em direção a objetivos positivos."

CAPÍTULO 5

CAIXA DE CRENÇAS: O SETH ENCARREGA-NOS DE NOS OUVIRMOS A PENSAR

CAIXA DE CRENÇAS

Como o bom laser que corta o aço
as tuas perguntas querido
Irrompem pela minha mente até onde
ideia memória impressão névoa sonhos
estão guardados e
não tenho factos para te enviar de volta e
Como um curioso menestrel que tropeça
as minhas perguntas querido
Roçam na tua mente onde
factos métodos dados fórmulas
equações realidades
estão guardados e os teus sonhos clamam por mim mas
Como dois robôs patetas a sorrir
querido
fechamos os olhos e piscamos num acende e apaga
acende e apaga
— SMW

Se Eu Acreditar Que Sou uma Maçã

Se eu acreditar que sou uma maçã e tu acreditares que sou uma laranja, haverá algo que eu realmente seja além daquilo que nós acreditamos que eu sou?

— Pergunta à aula por Stewie Gould, 1972

QUANTAS VEZES POR DIA O FAZES? Mais do que aquelas de que estás conscientemente ciente — garanto-te.

Pensa nisso: Levantas-te de manhã. “Que nojo, sou um porco gordo,” dizes ao espelho. Sentas-te para tomar o pequeno-almoço. Ovos com bacon? O bacon está carregado de químicos que causam cancro — os ovos vão entupir-te as artérias. A morte num prato. Mas se não comeres algo, não vais ter energia suficiente para apanhar o autocarro, quanto mais para te arrastares por mais um dia deprimente no escritório com todas aquelas pessoas enfadonhas e maldizentes com quem trabalhas.

E olha para o jornal! O mundo está um caos. Cada vez que lês as parangonas, encontras mais provas de que as pessoas são apenas animais. Se a Bomba não acabar connosco, os motins por comida acabarão. Afinal de contas, a história repete-se; a natureza humana continua a mesma — certo? Toda a gente quer lixar-te. Mais disciplina, é disso que se precisa... ser duro... trazer de volta a pena de morte...

Bem, melhor correr para o autocarro... é preciso manter a forma; a caminho dos quarenta, afinal de contas... as coisas são sempre a descer depois de se atingir os vinte e cinco... é mais difícil perder peso... nunca costumava ficar doente na época da gripe... a chegar à idade em que uma pessoa se tem de preocupar... melhor fazer um exame médico... que saudades dos bons velhos tempos...

Aceitação prática da forma como a vida é? Realismo implacável? A lógica do óbvio?

“Tu crias a tua própria realidade,” disse-nos o Seth mil vezes. “Tu crias o mundo que conheces, individualmente e em massa.” Em todos os livros do Seth, sessões de aula e explicações sobre o funcionamento do universo físico, esta afirmação está no centro; é, de facto, a proposição básica da “verdade”, como tal, nas filosofias do Seth. (“Tu recebes aquilo em que te concentras,” reza uma citação do

Seth pendurada na parede oposta à sanita na casa de banho dos Butts, "não há outra regra.")

Na verdade, "tu crias a tua própria realidade" era um chavão da aula, usado durante muitos anos sem grande compreensão prática, como uma espécie de penso rápido para a miséria. "Oh, bem," suspirava alguém depois de descrever uma experiência sombria, "calculo que criei a minha própria realidade, não foi?" E embora a Jane ou o Seth ou a aula pudessem deduzir o porquê de uma experiência, o como de criar a tua própria realidade ficava em grande parte invisível e por abordar.

Mas em setembro de 1972, a aplicação do penso rápido foi arrancada, expondo a estrutura subjacente às circunstâncias: as crenças.

Durante o ano de 1972, o Seth estivera a ditar o seu livro mais recente, The Nature of Personal Reality, nas sessões privadas de segunda e quarta-feira à noite da Jane e do Rob. "É absolutamente fantástico," disse-nos ela a certa altura. "Fico a perguntar-me, contudo, se — meu Deus, Seth, vais mesmo deixar a classe médica fulminante." O livro, dizia a Jane, estava a revelar-se um guia prático fascinante para mudar aspetos insatisfatórios da vida privada. "Ainda não sei o que ele anda a tramar, mas este material está a ficar matreiro como o diabo," disse ela. Rimo-nos todos. "As Rasteiras do Seth!", brincou alguém.

"Era sempre emocionante ser-se admitido na produção de um dos livros do Seth ou da Jane e conseguir ouvir partes dos manuscritos à medida que se desenvolviam," comentou a Lisa, aluna durante vários anos nesta altura. "Isto tornava sempre o material do livro mais vivo para mim mais tarde; eu podia ir lendo e 'ouvir' a voz do Seth, e isso trazia de volta o que tínhamos andado a fazer na aula durante todo esse tempo."

Numa terça-feira à noite, a Jane regressou da pausa da aula com uma parte do manuscrito de Personal Reality, que começou a ler-nos

numa voz calma e firme — um entusiasmo intenso a fervilhar mesmo por baixo das suas palavras. O trânsito de sentido único avançava aos repelões e rinchava pelas ruas lá em baixo, disputando posições em direção à única ponte boa de Elmira, a vários quarteirões de distância, que restara depois de a inundação de junho ter destruído ou enfraquecido todas as outras.

Cheiros familiares de outono misturavam-se através das janelas com lufadas do fedor da lama da inundação, que seria percetível durante meses a fio sempre que chovesse. Nos apartamentos arruinados do rés-do-chão, os carpinteiros trabalhavam até tarde, tentando colar os chãos, paredes e tetos de volta uns aos outros depois de o Rio Chemung ter afogado tudo em três metros de água lamacenta — incluindo o meu próprio apartamento no primeiro andar, juntamente com todos os meus pertences e manuscritos. Foi nisto, no rescaldo das forças da natureza, que ouvimos pela primeira vez a premissa que nos havia de guiar para fora das teorizações serenas e para dentro da realidade das nossas próprias ações.[1]

A Jane ergueu os olhos da leitura. “Está tudo bem aqui, pessoal,” disse ela. “Isto significa que seja o que for — Sue, se tu achas que estás demasiado gorda; ou outra pessoa qualquer, se acha que é demasiado fácil de magoar, ou que o mundo não presta, ou que estás a fazer um excelente trabalho como mãe, ou seja o que for — as tuas crenças pessoais refletem-se para fora e fazem essa experiência.”

“Qualquer coisa que experimentes?”, perguntou alguém. “Mas não pode significar tudo, porque há certos factos que não podes —”

“De acordo com isto,” interrompeu a Jane, naquela voz leve e rápida que tantas vezes prenunciava material novo, “qualquer coisa que vejas como um 'facto' é uma crença invisível!” Ela sorriu. “Uma crença invisível, malta!”

A Jane citou o manuscrito: “‘Vós tomais as vossas crenças sobre a realidade como verdade, e frequentemente não as questionais. Elas parecem autoexplicativas. Aparecem na vossa mente como

declarações de facto, demasiado óbvias para exame… Elas não são reconhecidas como crenças sobre a realidade, mas são, em vez disso, consideradas características da própria realidade.’’’[2]

Depois a Jane pôs-nos a fazer um exercício simples: Cada um de nós pegou num papel e numa caneta e escreveu algumas crenças que considerava verdadeiras sobre si próprio. “Sou uma escritora de vinte e sete anos; preciso de perder dez quilos,” escrevi eu, de forma bastante descuidada. “Tenho uma excelente recordação de sonhos, mas não consigo equilibrar o meu talão de cheques.” Mas, pensei eu, como podes negar certos factos da existência — como ter vinte e sete anos, ou quarenta, ou cinquenta, ou cinco, ou ser homem ou mulher, ou mesmo magro, gordo, ou qualquer outra coisa em termos físicos?

“Sou um jovem de vinte e três anos e não seguro um emprego por mais de dois dias seguidos,” leu o Richie Kendall. Outro membro escreveu: “Os meus pais odiavam-me — davam-me uma tareia com hora marcada até eu fazer catorze anos. Uma vez o meu velho bateu-me com um bocado de tubo de esgoto.” Ele ergueu os olhos do papel. “Quero dizer, como é que isto pode ser uma crença?”, perguntou ele. “Aconteceu, certo?” Vários outros leram os seus miniensaios. “Sou uma boa dona de casa e enfermeira, mas também gostaria de desenvolver as minhas capacidades de escrita,” anunciou a Mary Strand.

Neste ponto, o Seth manifestou-se.

“A vossa própria consciência — ela está a perceber que vós formais a vossa realidade, e se não gostais dela, então deveis mudar as vossas crenças e pensamentos e expectativas,” disse o Seth. “Cada indivíduo o faz, e tu podes fazê-lo. Se não fosse suposto avaliares a tua realidade física com uma mente consciente, não precisarias de uma mente consciente. Se não precisasses de uma realidade física como contraponto, e para feedback, então poderias fazer tudo mentalmente.

Mas a vossa mente consciente foi feita para avaliar a realidade física de forma clara e concisa. A vossa mente consciente foi feita

para ser consciente. Vós só tendes de estar cientes do conteúdo da vossa própria mente consciente. Não há mistério aí. Os teus pensamentos não são tu. Tu és o eu que tem os pensamentos! As tuas crenças não são tu. Tu és o eu que as entretém — e tu podes mudá-las!

Só tens de compreender a verdade para mudares essas áreas da existência, de forma bastante prática, que te incomodam. Mas deveis começar convosco próprios e com a vossa mente consciente — de forma bastante alegre!"

Depois de nos enfatizar a importância de "sentir [a] energia que te invade quando estás satisfeito com a tua experiência, [e] depois [traduzir] essa energia e esses sentimentos para aquelas outras áreas [desagradáveis]", o Seth deu-nos a primeira das suas "tarefas de crenças": esclarecer nas nossas mentes as crenças que tínhamos sobre nós mesmos, e escrevê-las durante a semana. "Vós sabeis no que acreditais," disse ele. "Não estou a falar de desejos enterrados, mas de ideias conscientes que detendes. Estais a tornar isto demasiado difícil."

Durante os dois anos seguintes, o Seth distribuiria estas folhas de crenças em áreas tão específicas como "o corpo, o meu corpo"; "filhos, pais; homens, mulheres; sexo e amor"; "saúde, riqueza e cor"; "cerimónia e ritual"; "responsabilidade e diversão". Escusado será dizer que a maioria das nossas folhas era abrasadoramente pessoal. Às vezes líamos as nossas próprias; às vezes colocávamos as folhas numa pilha, baralhávamo-las e revezávamo-nos a tirar folhas para ler em voz alta. Depois a aula tentava adivinhar qual de nós a tinha escrito. Às vezes isto era óbvio; outras vezes era tudo menos isso. O que foi imediatamente óbvio foi a ligação entre estas tarefas de crenças e as sessões de segredos: tínhamo-nos preparado para a intimidade, tanto diante dos nossos companheiros como, mais importante ainda, connosco próprios. Para a maioria de nós, era a primeira vez que ouvíamos o ruído das nossas mentes conscientes como significando o que quer que fosse.

Por exemplo, havia uma diferença unânime nas nossas mentes entre o corpo (defendido na maioria dos ensaios como um milagre biológico de função física) e o corpo do indivíduo (lamentado como estando fora de forma, doente, a ficar velho e flácido, ou de outra forma inadequado). Na minha própria folha de crenças, dei por mim a escrever que considerava o corpo feminino (o meu ou o de qualquer outra mulher) vulnerável ao excesso de peso, à doença e à decadência — em contraste com o corpo masculino, que na minha estimativa era fácil de manter e que, além disso, envelhecia com elegância.

Estes eram pensamentos bastante conscientes que eu aceitava como verdade. No entanto, também notei a minha crença de que sou uma pessoa saudável e vigorosa — provavelmente um contrapeso afortunado, dado que, após ler o meu próprio ensaio, foi com um choque considerável de reconhecimento que fiz a ligação entre estas crenças e os "problemas femininos" (palavras minhas) persistentemente recorrentes com os quais tinha tido dificuldades durante vários anos. Até então, estes sintomas pareciam-me normais — problemas que assolavam as mulheres como algo natural. E as minhas crenças nessa área eram perfeitamente invisíveis — e conscientes.

O Geoffrey Beam leu um ensaio hilariante sobre as crenças do seu próprio corpo, no qual tinha imposto a si próprio um maneirismo rígido e inexpressivo para garantir que as suas reações físicas nunca traíssem as suas emoções, das quais se envergonhava profundamente. Infelizmente, reconheceu o Geoffrey, esta postura tinha saído pela culatra; não só ele ansiava, por baixo de tudo aquilo, romper com este padrão, como se tinha esquecido de contar com um grupo de crianças do seu quarteirão que persistia em gritar: "Ei! Homem-Lata! Lá vai o Homem-Lata!" sempre que ele passava com o seu andar severo, tipo robô.

"Atirei-me aos exercícios das crenças sem quaisquer travões," diz o Geoffrey. "Descobri muito sobre mim próprio, fiz as pazes com grande parte disso, mudei um pouco, gostaria de mudar mais alguma coisa, mas não encontrei a chave certa. Continuo a procurar. Consigo

ver o problema e a causa do problema, mas os meios para o remover escapam-me... Agora, porém, consigo discutir assuntos extrassensoriais com amigos sem me sentir um bizarro. Isso foi um passo bastante grande para mim."

Geoffrey Beam

Alargando a sua declaração de crença original, a composição apaixonada do Richie Kendall girava em torno das suas querelas com o mundo laboral e daquilo que ele via como o seu efeito prejudicial sobre o espírito criativo. "Claro que eu não seria capaz de manter um emprego," declarou ele, "visto que acredito que uma rotina das nove às cinco destruiria a minha criatividade e quaisquer alegrias da juventude que eu tivesse."

A par disto, dizia o Richie, ele acreditava que as expectativas do mundo em relação à virilidade também destruiriam a sua liberdade: a liberdade de jogar intermináveis horas de paddleball, o seu passatempo favorito; la liberdade de se relacionar com o seu "eu de infância feliz"; a liberdade de encontrar o seu próprio caminho nos seus próprios termos, escrever canções e tocar música. Por outro lado, a Mary Strand apresentou uma folha divertida e bem escrita sobre os medos de se ser criativamente enterrado a menos que se mantivesse algum tipo de emprego regular.

"Oh, Deus," gemeu o Richie quando a Mary terminou a leitura. "Calculo que isso seja bom para ti, mas eu simplesmente não consigo ver um dia de oito horas a despertar a minha criatividade. Quero dizer, como posso enterrar-me num emprego de treta qualquer, como se vê tanta gente fazer? Porque haveria de deixar que isso me acontecesse?"

Com isto, o Seth entrou na conversa.

"Ora, eu tenho uma palavra para ti — esta noite, quando tu não pediste o meu conselho," disse o Seth ao Richie. "Ora, joga paddleball com o universo. Joga paddleball com o universo!"

“Tuuuudo beeem!” concordou o Richie alegremente, batendo as palmas.

“Em termos mais mundanos — em termos muito mais mundanos — sai!” continuou o Seth. “Vai para o mundo! Procura o teu próprio sustento! Tu tens a energia. Tu tens a criatividade. Não há emprego que precises de temer, nenhuma contenda diante da qual precises de te encolher. Não vais perder a tua criatividade no trabalho honesto, mas sim encontrá-la, pois ele acrescentará uma nova fonte à criatividade que está dentro de ti. Mas tu precisas de mais feedback.

E não há nada que precises de temer. Tu não és um Eu Júnior. Não há necessidade de te colocares nessa posição. Tu não és um miúdo, és um jovem homem. Então vai com essa jovem virilidade, lá para fora, para o universo, e encontra-te a ti próprio e ao universo. Joga paddleball com ele!

E digo-te novamente, porque sou um velho tio excêntrico tão magnífico — ou porque me permito parecer um velho tio excêntrico tão magnífico — que tu podes de facto triunfar, e um emprego das nove às cinco não te vai destruir. Quão frágil deves pensar que és! Que armadilha deves considerar que isso seja, que devoraria a tua virilidade e da qual nunca poderias escapar!

Quando trabalhares com as tuas crenças, vais descobrir que te inibiste a ti próprio, e à tua curiosidade natural sobre o mundo, por medo de seres inferior e de não estares 'pronto'. E assim, escondes-te. Mas a grande realidade corpórea do corpo, e a tua benta curiosidade, continuam a dar-te cabo da cabeça para saíres para o mundo que é, e para fazeres a tua praia.

E embora te pareça estranho agora, se te permitisses a tua total espontaneidade, estarias lá fora no mundo, a misturar-te com as pessoas, a ter empregos, a deixá-los, a colocar-te com o mundo que é, a usar as tuas capacidades, a ter um dar e receber com o universo; e depois, a partir desse dar e receber, a escrever as tuas canções, mesmo

a partir da angústia e da exaltação. Mas tu negas la realidade das tuas emoções e dos teus sentimentos."

"Então," disse o Richie, "se bem te sigo: de alguma forma louca, ficar apenas por aqui sentado a escrever canções é outra rasteira matreira, como jogar paddleball?"

"As canções não são uma rasteira, mas as tuas crenças sobre as canções são-no," respondeu o Seth. "As canções são criativas e boas, e ir para o mundo é criativo e bom.

Agora," disse o Seth ao resto de nós, "quero que cada um de vós olhe para as suas crenças sob a mesma luz clara. Pois eu usei o nosso amigo [Richie], e também lhe dei alguns bons conselhos, para que cada um de vós pudesse ver como lida com as suas próprias crenças invisíveis!"[3]

O Seth frequentemente nos alertava para tratarmos as crenças com brincadeira, para compreendermos que as crenças limitadoras não eram barreiras pesadas e impossíveis. "As crianças lidam bastante alegremente com blocos de construção," dizia-nos ele, "e se erguem estruturas que não as satisfazem, então, sem um instante de remorso, mandam-nas para o lado e fazem novas...

Os vossos pensamentos têm uma realidade eletromagnética. Ora, deveis perceber que isto é verdade, senão o resto do que estou a dizer [sobre as crenças] vai parecer, de facto, uma tolice de Poliana. [Mas] quando pensais em termos de abundância e fartura, por exemplo, então esses pensamentos atraem para vós abundância e fartura como um íman o faz.

Haverá um tempo, enquanto estiverdes a mudar as vossas crenças, [em que] vos encontrareis num período onde se sentirão bastante autoenganados, enquanto dizeis: 'Estou rodeado de riqueza e abundância', e olhais em vosso redor, e estais pobres. E pensais: 'Isto é uma treta pegada!'

Mas levou-vos tempo a construir as vossas crenças até ao ponto da vossa experiência presente, e por isso, nos vossos termos, pode haver algum desfasamento físico antes que as vossas novas crenças atraiam para vós a abundância. Mas a vossa experiência física segue o vosso pensamento. E não podeis mudar a experiência sem primeiro mudardes o vosso pensamento!

Ora, de nada serve acreditar em duas coisas ao mesmo tempo. Por isso, o que fazeis é isto: Dizeis: 'Vou brincar um pouco com esta ideia. Vou admitir que possa ser possível que os meus próprios pensamentos sobre o dinheiro estejam a causar a falta dele. E por isso, que se lixe, vou, várias vezes por dia, fingir que estou rodeado de abundância, e na minha mente vou imaginar as coisas que quero. Se não funcionar, não perdi nada; mas se funcionar, terei ganho muito'."

Uma das folhas de crenças lidas durante estes exercícios era do Carl Jones, um piloto de aviões, professor de ciências e marinheiro que ansiava, dizia ele, pela recordação consciente das suas viagens interiores — ele raramente se lembrava dos seus sonhos ou saídas do corpo. "Eu acredito mesmo, mesmo muito que quero lembrar-me dos meus sonhos," disse o Carl com paixão. "Mas se existe essa coisa das crenças, então talvez eu não acredite realmente que acredito nisso! Esse é o problema de tudo isto para mim — eu não sei! Quero dizer, talvez seja apenas um desejo piedoso da minha parte em relação aos meus sonhos. É difícil notar a diferença!"

O Seth manifestou-se abruptamente, ainda segurando o copo de vinho da Jane na mão. "Já era sem tempo — agora estás a começar a reconhecer a diferença!" troou ele. "Pensa nisto: 'Antes de mais, sou pragmático. Confio na Terra real. Sou uma criatura física e confio no meu corpo.'"

O Carl hesitou um momento e depois sorriu. "Sim, exato," concordou ele. Estas eram, aparentemente, crenças que ele detinha sobre si próprio.

"Mas! Estas podem tornar-se crenças nucleares," continuou o Seth, "e se te agarras demasiado fortemente a elas, então elas ligam-se [a] outras crenças. E estas crenças, subsidiárias mas penduradas, dizem: 'Ser pragmático é ficar no meu corpo e estar relacionado com a terra. Deixar o meu corpo é deixar o meu bom senso para trás.'

Este é apenas um exemplo," disse o Seth ao Carl. "As tuas crenças ligam outras em redor de si: 'Estou no meu corpo e estou vivo, portanto, deixar o meu corpo é morrer.'"

"Bem…," o Carl franziu o cenho, intrigado.

"Ora, estas crenças não são inconscientes!" disse o Seth. "Tu só precisas de as assimilar, e de perceber que as deténs, e depois trazes outro material consciente que também está presente, para as combater. Podes dizer: 'O velho Ruburt ali além está bem vivo e já esteve fora do seu corpo muitas vezes. Portanto, não há nada a temer! Ele não morreu quando estava fora!' Mas quando trazes as tuas ideias, então podes perceber aquelas que lutam entre si e lidar com elas. Enquanto não reconheces as tuas crenças, ficas impotente para trabalhar e brincar com elas.

O teu corpo, por exemplo, é perfeitamente capaz de cuidar de si próprio enquanto estás fora," enfatizou o Seth ao Carl. "Assegura-te disso. Isso é importante para ti, percebes, porque tu és vigoroso de uma maneira física. Tens medo de que, quando deixares o teu corpo, ele se torne menos físico — fraco — contigo fora dele. Isto não é verdade."

O Seth retirou-se. Como de costume, parámos uns minutos para relatar as suas palavras à Jane, mas a meio da explicação, o Richie disse subitamente: "Tudo bem, mas se eu acreditasse com força suficiente que cada pessoa que eu encontrasse me daria um dólar, e eu ficasse ali na esquina da rua a acreditar nisso, eles fariam-no?"

O Seth regressou imediatamente, ainda agitando o copo de vinho intocado. "Estou a dizer que as vossas crenças formam a realidade!"

disse ele, inclinando-se em direção ao Richie, que estava sentado no chão junto à cadeira da Jane. “As tuas crenças individuais e as vossas crenças conjuntas. Ora, a intensidade de uma crença é extremamente importante — e há algumas suposições de raiz que vós partilhais, e é mais difícil para vós ir contra essas suposições. Mas tu podes ir contra essas suposições tal como esta aula vai contra essas suposições!

E, se tu acreditares, em termos muito simples, que as pessoas te desejam bem e te tratarão com amabilidade, elas tratarão. E se tu acreditares que o mundo está contra ti, assim será na tua experiência. E, se tu acreditares” — a voz do Seth ecoou alta e clara — “SE TU ACREDITARES QUE VAIS COMEÇAR A DETERIORAR-TE AOS VINTE E DOIS ANOS, ENTÃO ASSIM SERÁ!”

“Peeesssa-do!” respondeu o Richie, quase nariz com nariz com o Seth agora.

“Quando vos falo sobre crenças, vós pensais em crenças negativas, percebeis,” admoestou o Seth suavemente.

Isso era verdade — poucas das folhas de crenças até ao momento tinham mencionado algo que não fossem más experiências e os pensamentos pessimistas que as acompanhavam. “Mas! Vós estais todos sentados aqui, perfeitamente físicos, diante de mim. Os vossos olhos movem-se, as vossas cabeças acenam, o vosso sangue ruge nas vossas veias. Vós, muito obviamente, todos vós acreditais que estais vivos, e a crença serve-vos bem! Acreditais que é outono, e assim é. Por isso, não penseis necessariamente em termos de crenças negativas... Não era minha intenção que vos concentrásseis nas crenças negativas que tendes... Quero que vejadess onde as vossas crenças conflituam umas com as outras. Quero que examineis, pela primeira vez nesta vida, a vossa mente consciente e o seu conteúdo.

Os duendes malvados não estão lá no fundo do inconsciente. Não tendes de jogar s às escondidas com os psicólogos para os encontrar. Eles não estão enterrados no vosso passado nesta vida ou em qualquer outra vida. Não estais vinculados por promessas feitas. Não estais

vinculados por falsas crenças. Vós sois seres livres e conscientes. E assim, esperançosamente, ireis aprender a ser seres alegres e conscientes."

"Bem — sim, ok," respondeu o Richie, com o rosto iluminado por um sorriso de gato de Cheshire. "Ok, eu acredito em crenças, mas e se — digamos, se eu acreditar, digamos, que posso subir a uma montanha roxa solitária que ninguém habita, e que em dez anos uma mulher bonita com cabelos roxos e olhos roxos vai passar por lá e apaixonar-se perdidamente por mim — se eu acreditar nisso com força suficiente, vai acontecer?"

Gritos de riso romperam pela sala de estar. "Não acredito que fizeste essa pergunta!", gritou alguém. O Seth esperou pacientemente, ele e o Richie a sorrirem um para o outro, enquanto o pandemónio subia e descia em rajadas. (Anos mais tarde, muito depois de a aula ter terminado, podias trazer de volta a diversão e a extravagância de tudo aquilo com a analogia da "rapariga na montanha roxa"; no entanto, era típico de um certo tipo de audácia que tínhamos alcançado; um certo tipo de amor e medo exagerados de que talvez, talvez estas ideias que o Seth nos estava a contar fossem possíveis; talvez nós criássemos mesmo a nossa realidade; e se se pudesse apenas provar que funcionava numa situação grosseira e ridícula qualquer, então talvez, só possivelmente, pudéssemos ousar acreditar que funcionava nas nossas esperanças e sonhos pessoais.)

Finalmente, quando o barulho diminuiu um pouco, o Seth disse ao Richie: "Se tu acreditasses nisso com força suficiente" — gargalhadas de riso interromperam de novo — "e se tu não achasses mais fácil aceitar uma mulher com uma cor de cabelo diferente," continuou o Seth, "e se não houvesse uma razão pela qual não pudesses simplesmente aceitar um amor normal numa esquina de rua normal, e se estiveres disposto a compensar todas as outras ligações, e acreditasses nisso profundamente o suficiente, ENTÃO VAI COM A MINHA BÊNÇÃO!"

E o Seth retirou-se. “Quando a Jane voltou a si,” recorda o Matt, “a aula estava literalmente a rebolar pelo chão. Essa foi uma das poucas vezes em que me lembro de a Jane ficar realmente desapontada por estar fora quando o Seth está dentro. Acho que ela se sentiu como uma intrusa na sua própria festa.”

Nas explicações que se seguiram para a Jane, o Richie começou a reformular a sua pergunta sobre a montanha roxa. “Além disso, é muito tempo para esperar!”, interveio o Seth subitamente.

“Ups — espera aí!”, engoliu em seco a Jane, revirando os olhos. Olhou para o seu copo de vinho, ainda na mão, com o cubo de gelo agora derretido no chianti morno. “Merda,” refletiu ela, “eu também perco muitos cigarros dessa maneira! Do que se trata isto, Richard?”

“Bem, é uma boa pergunta,” disse o Rudy Storch, um do grupo de Nova Iorque. “Digamos, por exemplo, que tu realmente te entendes com as tuas crenças e te convences mesmo de que, se te atravessares à frente de um comboio que vai a 160 quilómetros por hora, isso não te vai magoar nada,” o Rudy riu-se juntamente com a aula — “e tu trabalhas e trabalhas nisto e ficas mesmo a acreditar nisto!”, gritou ele acima do ruído. “Quero dizer, conseguiste que todo o teu ser acreditasse nisso! Poderias ir lá para fora e pôr-te nos carris da linha férrea à frente de um comboio e…”

Gritos de riso abafaram a voz do Rudy — mas não a do Seth. “Todas estas perguntas mitológicas protegem-nos de lidar com as crenças que temos agora nas nossas vidas diárias normais, e em vez disso projetamos crenças fantásticas que não temos para não termos de enfrentar aquela que está na nossa cabeça neste preciso momento — as crenças perfeitamente comuns pelas quais formamos a nossa realidade,” troou ele. “E são truques astutos que usais frequentemente convosco próprios! São rejeições giras. Permitem-vos esconder-vos das crenças que de facto tendes.

E mais, vós sabeis disso!”, disse o Seth ao Rudy. “Todos vós, contudo, sois propensos a fazer a mesma coisa. Porque é que se

escondem assim das vossas próprias crenças conscientes? Porque ainda quereis atribuir a outras causas a natureza da vossa própria realidade diária — e quereis uma saída! Quereis alguma contradição. Vós ides atrás dela! Dizeis: 'tudo funciona para todos os outros. Eles formam as suas crenças e a sua própria realidade. Mas eu não — porque!'"

O Seth tocou no joelho do Richie com os óculos da Jane. "Espero que este aqui comece a concentrar-se na sua mulher roxa, sabendo de antemão, enquanto abana a cabeça, que não acredita realmente que vai encontrá-la, para depois ser capaz de dizer, 'AH AH!', passados dez anos, 'Isto não funciona!' e depois voltar para mim!

Vós jogais sempre jogos com as crenças. É por isso que quero que vos torneis conscientes de quais são as vossas crenças, para que possais saber quais são os vossos jogos — e as regras! É isso que estou a tentar fazer-vos ver.

Escutai o que dizeis a vós próprios a cada hora do dia. Essas são as vossas crenças. Elas são claras. Escutai-as!"

À medida que as semanas passavam e as tarefas de crenças continuavam, parecia que mais de nós estavam de facto a começar a escutar o que diziam constantemente a si próprios. Na verdade, alguns de nós começaram a construir todo um novo vale de lágrimas a partir daquilo que pensavam estar a ouvir. A Diana, por exemplo, leu um ensaio de crenças cheio de autocensura por aquilo que via como infinitas áreas de "crenças reles". Parecia-lhe que todas as suas crenças se contradiziam! "Parece que não me consigo orientar, não importa o que faça," leu ela. "Acho que estou apenas a fazer um trabalho péssimo a projetar as minhas crenças. Tenho uma realidade bastante inferior!"

A isto, o Seth respondeu com muito bom humor. "Para todos vós, nos vossos papéis, ou nos papéis na vossa cabeça, escrevei o que espero que venha a ser a vossa crença principal — e não é nada original, já me ouvistes dizer isto muitas vezes!", brincou ele. "[É]:

‘Sou uma pessoa digna, que merece. Tenho direito à minha vida neste universo. Tenho o direito de ser porque EU SOU!’

Agora, ao examinardes as vossas próprias crenças, quaisquer crenças que contradigam essa, riscai-as,” disse ele à Diana. “Se fizeres isso, não terás dificuldades. E não vos compareis com a ideia de perfeição! Vós sois perfeitos como sois. Vós estais a acontecer!

Quando acreditas que és indigna, e quando interpretas esta crença particular, por exemplo, como significando que estás gorda, ou que estás sozinha, ou que estás pobre, estás a seguir as tuas crenças perfeitamente! Não há nada de inferior numa realidade assim que criaste! É um belo exemplo das tuas crenças em ação, nos teus termos!

Se acreditas que és inferior, Diana, e encontras diante de ti o resultado da tua crença, então fizeste um excelente trabalho a projetar a crença para fora! Dá um tapinha nas tuas próprias costas! Mas se não gostas dos resultados, então muda as tuas crenças. Não há nada de errado contigo. Fizeste um bom trabalho a projetar as tuas crenças.

Não há nada de errado com nenhum de vós, com o vosso ser e com o que sois. E nunca deixeis que ninguém vos diga que há! Vós estais simplesmente a usar as vossas capacidades e a aprender como fazê-lo. E continuai a aprender. Mas não há nada de errado com o eu que está a aprender, e é isso que quero que saibais.

Não há nada de errado com os eus que sois. Não identifiqueis crenças de que não gostais com o eu que sois. E agora estou pronto para ouvir alguns ensaios!”

O Carl Jones leu então novamente partes de um tema longo que andava a apresentar aos bocados há várias semanas. Nele, o Carl lamentava o facto de se sentir em profundo conflito entre o seu desejo de viajar pelo mundo num barco à vela e o seu apego aos seus quatro filhos, que viviam com a sua ex-mulher. “Deve ser porque estou confrontado com um conflito no meu sistema de crenças,” refletiu o

Carl. “Caso contrário, acho que não me sentiria assim, mas não sei o que fazer em relação a isso. Quero fazer as duas coisas!”

Imediatamente — e de certa forma previsivelmente — o Seth entrou na conversa.

“Porque estás confrontado com as tuas próprias crenças?”, perguntou o Seth ao Carl, que ergueu as mãos com boa disposição.

“Se tu realmente acreditasses no teu papel de vagabundo do mundo e boleiro, não terias tido tantos filhos!”, disse o Seth jovialmente. “Tu, portanto, trataste propositadamente de navegar entre as tuas crenças e dar a ti próprio uma desculpa para fazeres o que queres, certificando-te ao mesmo tempo de que estavas bem ancorado, porque precisas fortemente desses sentimentos de segurança com outros seres terrenos. E tu acreditas que é melhor navegar pelo meio, e sentir esses anseios, e satisfazê-los dentro de certos limites estritos que estabeleceste pelas tuas crenças!

Tu criaste a tua realidade. Queres ser livre, mas tens medo de ser demasiado livre! Queres sentir laços familiares próximos, mas não assim tão próximos! E assim, colocaste-te numa situação na qual tens uma certa quantidade de espaço de manobra, e cabe-te a ti tirar vantagem do espaço que criaste. Portanto, muda as tuas crenças e percebe que tens liberdade dentro daquilo que te parecem ser as limitações da tua existência. As limitações não existem, e assim que perceberes que podes fazer o que queres e cumprir as tuas obrigações ao mesmo tempo, então fá-lo-ás.”

“Bem, mas…,” murmurou o Carl. “O que é uma obrigação, então?”

“O que achas que é uma obrigação?”, respondeu o Seth. “A minha ideia de uma obrigação não tem nada a ver com as tuas crenças!”

O Carl pensou por um momento. “Uma obrigação é uma crença — uma crença imposta,” disse ele finalmente, sem grande convicção.

O Rudy, da sua posição desleixada na cadeira, acrescentou rapidamente: “A palavra ‘obrigação’ implica responsabilidade, e se não cumprires essa responsabilidade, é melhor que te ponhas a pau!”

“Tu tens a liberdade de fazer o que queres,” replicou o Seth, “e também de cumprir as ideias que tens sobre responsabilidade. Enquanto acreditares que estás apanhado entre duas crenças conflituosas, então assim estás.

As vossas crenças são-vos invisíveis apenas se acreditardes que… os vossos próprios processos de pensamento vos estão ocultos, e que os vossos próprios valores e ideias são inconscientes; e se acreditardes que é difícil compreender o que sois e quem sois. As vossas crenças sobre vós mesmos são perfeitamente claras para a vossa mente consciente e podem ser descobertas aí, se apenas compreenderdes que a informação está disponível.”

“Bem…,” continuou o Carl, franzindo a testa numa perplexidade concentrada enquanto a Jane saía do transe. “Bem, então, e quanto a outra situação minha? Por baixo da quilha do meu veleiro há um conjunto de parafusos da cana do leme que mantêm o mecanismo de direção unido. Como é um barco em segunda mão, não sei realmente se estes parafusos estão bem, ou meio ferrugentos, ou o quê.

É uma verdadeira provação chegar até eles para verificar — é preciso desmontar metade do conjunto da cana do leme —, mas se eles se desfizerem no meio do oceano, estou feito! A minha pergunta é: se eu realmente crio a minha própria realidade e realmente tenho boas crenças sobre mim próprio e sobre a minha viagem oceânica, então devo apenas assumir que os parafusos da cana do leme estão bem e seguir a partir daí?” Ele olhou para a Jane, expectante.

“C-A-A-A-R-L-L-L!”, gritou a Jane com toda a força dos seus pulmões. “Meu Deus! Quero dizer — tu crias a tua realidade, certo,

mas se a tua vida depende do estado desses parafusos da cana do leme, Carl, então por amor de Deus, é apenas de bom senso verificar os malditos parafusos da cana do leme!"

"Oh," disse o Carl. "Oh, oh, bem, ok. Eu só pensei…," encolheu os ombros.

"Pessoal, escutem," disse a Jane para a aula. "Por favor! A vossa realidade existe num universo prático!" Ela sorriu de volta para o Carl. "Especialmente quando ides andar à vela num barco físico lá fora, no grande oceano físico!"[4]

Nós filosóficos como o do Carl eram alguns dos emaranhados sobre os quais o Seth nos avisava; além disso, ele alertava-nos para não enfatizarmos as crenças negativas e as ideias limitadoras como outra forma de "realidade". Um bom exemplo deste enfase a operar num contexto mais familiar é uma folha de crenças escrita por uma amiga minha. A Carmen nunca frequentou a aula, embora tenha lido alguns dos livros da Jane. Quando sugeri que a Carmen tentasse escrever as suas crenças sobre homens e mulheres, este foi o resultado:

"Um homem assume o comando, dá ordens, é obedecido, comanda em vez de seduzir, dita as regras, é decisivo, ganha muito dinheiro geralmente, é direto, ativo, frequentemente sem intuição e desdenhoso de questões emocionais e da intuição; é provável que troce de mim," escreveu a Carmen. "Um homem é rústico, estúpido e desatento; insensível, exigente e egoísta; quer que todas as mulheres se conformem a um certo padrão de beleza (revistas americanas). Não quer que uma mulher seja forte; é supercílio e superior, dogmático, não escuta nem quer saber de escutar. Quer as coisas à sua maneira. Um homem troça da forma como fazes as coisas e quer que faças as coisas à maneira dele.

Uma mulher é interna, intuitiva, sensível, secreta, tem muito poder, tanto mais se não o mostrar," continuou a Carmen. "Ela guarda-se para si, trabalha como assistente de um homem mas faz

todo o trabalho e não fica com nenhuma da glória. Ela é bondosa, paciente e sensível, esconde as falhas dos homens deles próprios. Aguenta muita porcaria. Está sozinha nos seus sentimentos e crenças, é frequentemente solitária.

Os homens observam e escutam enquanto as mulheres falam com as mulheres. Depois um homem dirá algo à sua mulher e ela rir-se-á com ele em conluio contra a outra mulher (a sua amiga).”

A vida social da Carmen, a escolha de homens e os problemas no seu escritório refletem fielmente estas crenças. Os seus amigos homens, por exemplo, são frequentemente réplicas exatas do “homem” que ela descreve aqui. Curiosamente, porém, embora a Carmen compreenda a relação entre crenças e experiência, ela permitiu que estas em particular permanecessem bastante estáticas — quase como se a existência delas lhe desse uma força e uma perspicácia em que ela confia, mesmo enquanto lhe causam miséria. Será que mudar as suas crenças a deixaria vulnerável a algo que ela teme mais do que homens egoístas?

“Ora, por vezes vós enganais-vos a vós próprios de forma matreira e alegre,” disse o Seth sobre este tipo de ênfase nas crenças gerais. “Por exemplo, se acreditas que és indigno, que há algo de errado contigo e que a tua vida é imperfeita, então podes pegar num livro muito bom — como o meu [The Nature of Personal Reality] — e usá-lo para reforçar essa crença através da concentração nos teus pensamentos negativos, ou naqueles pensamentos que te parecem negativos, de modo a que acabas por vos crucificar a vós próprios, dizendo, ‘Ah-ah, eis outra crença má, porca e velha — eu tive razão desde o início! Já não acredito no Pecado Original — percebo que não estou à mercê do meu karma, mas lá estão aqueles piolhos desagradáveis — aquelas crenças que rastejam na minha cabeça; e só posso olhar para elas, não me consigo livrar delas, e o que hei de fazer, e ai de mim!’

E assim esqueces a tua própria vitalidade, e quando te perguntam que boas crenças tens, tens de parar e pensar!

Ora, as boas crenças também vos podem ser invisíveis. Podes não te permitir ver o quão bem estás a sair-te em certas áreas, porque se percebesses que estavas a sair-te bem numa área, poderia ocorrer-te que poderias sair-te bem noutra área, ou ainda noutra área, ou poderias talvez um dia chegar à crença de que afinal estavas bem!

Semana após semana falo-vos da vitalidade do vosso ser. Semana após semana olhais para as vossas crenças e dizeis, 'Pronto, não tenho vitalidade! Esta crença esmaga-me. Que montanha ela é!'

Ora, quando listares o que parecem ser grupos de crenças negativas, oposto a essa lista, em cada ocasião, escreve as tuas crenças positivas. Não há nenhum de vós que não tenha crenças positivas, e cada uma dessas crenças está a trabalhar por vós agora.

Não deixeis que elas se tornem invisíveis, pois quando o fazem, negais a integridade do vosso próprio ser e negais a dimensão do vosso ser e da vossa experiência. Não estrutureis as vossas vidas presentes pelas listas da vossa experiência negativa. Não estrutureis as vossas vidas por listas das vossas crenças negativas, mas através de listas das vossas realizações e crenças positivas. Se fizerdes isto, as chamadas negativas desfar-se-ão. Mas não mantenhas essas na tua atenção. Não passes filmes negativos nas tuas pálpebras interiores."

"Uma crença, uma vez abandonada, parece bastante boba," observa o George Rhoads. "Toda a agonia, o questionamento, a espera, o debater-se sem esperança que a crença induzia é algo em que não me apetece deter-me.

O meu exemplo: durante mais anos do que os que me apetece recordar, parti a cabeça a tentar vender pinturas," diz o George. "Via artistas a fazer um trabalho inferior, a vendê-lo a preços ridículos e imerecidos, enquanto o meu bom trabalho era ignorado. Como artista, eu era aceitável para mim próprio, se não para o mundo. O resto da minha vida, fora da arte, parecia um lamaçal sem esperança… Não conseguia aliar-me ou comprometer-se com nada a não ser com o meu

trabalho. Por isto sentia frequentemente que havia algo de errado comigo. Como podia eu achar impossível aquilo em que os outros entravam com tanta facilidade e abandono?

Apesar da minha aversão ao mundo dos negócios implacável (conforme eu o via) e à política do mundo da arte, consegui produzir pinturas e ter exposições bem-sucedidas numa galeria de topo em Nova Iorque. Mas… comecei a sentir que me estava a sujar ao aceitar dinheiro pelo meu trabalho. Não enfrentei esta crença na altura. Sentia que as pessoas que compravam as minhas pinturas não as mereciam nem as compreendiam. Preferia dar o meu trabalho àqueles que realmente o apreciavam. Ganhar dinheiro com ele parecia errado — uma espécie de prostituição.

Fui nomeado para um Prix de Rome,"[5] diz o George. "A decisão final foi entre mim e outro artista. Ele ficou com o prémio. Eu fiquei indiferente. [As minhas vendas] caíram, a minha galeria abandonou-me. Tive uma exposição noutra galeria — um desastre. Senti uma estranha espécie de justiça e inevitabilidade em relação a estes acontecimentos.

Virou-me para o trabalho de pacote. Pintura má era o que o world merecia, por isso iam tê-la. Contudo, eu não conseguia produzir um trabalho mau. Virou-me para a pintura super-realista: trompe l'oeil. Fi-lo bem. Aqui, por contraste com o meu trabalho mais exuberante, não me expunha — assim acreditava eu. Escondia-me atrás da técnica. Aqui podia fazer um bom trabalho e ser pago por isso, evitando os efeitos da minha crença num mundo que não merecia."

Embora o George mais tarde encontrasse algum consolo na meditação, as suas crenças básicas sobre a riqueza e a arte haviam de atormentá-lo durante anos. Vivia em casas pequenas e apertadas, com canalizações pouco fiáveis, sistemas de aquecimento antigos e uma manutenção infindável e incomportável. Encontrava-se constantemente no limiar da pobreza, mal conseguindo comprar materiais de arte ou pagar a renda. Uma encomenda de escultura ou uma venda de pintura conseguia sempre surgir a tempo de o manter a

andar — mas mal. No meio dos seus piores momentos, o seu pai ligava-lhe pelo telefone para lhe dizer para arranjar um emprego "regular".

Por altura das tarefas de crenças do Seth, o George estava frequentemente em desespero, sentindo que estava encurralado por forças que não conseguia compreender nem controlar. Contudo, aceitou a premissa de que as crenças formam a realidade e começou a trabalhar com as suas crenças a sério — determinado a mudá-las face àquilo que parecia uma pura idiotice prática.

Por altura em que respondeu ao meu questionário, no inverno de 1979, o mundo do George tinha começado a mudar de forma: ele já teve várias grandes exposições de escultura audiocinética em galerias no norte do estado de Nova Iorque, em Chicago e na cidade de Nova Iorque; cria regularmente esculturas para interiores de centros comerciais; vende pinturas por encomenda; e até tem um patrono de arte que lida com o lado dos negócios e investe no avanço da carreira do George. Recentemente, o George comprou uma casa velha e grande numa aldeia perto de Elmira. "Não estou rico, mas as coisas estão muito melhor," diz ele.[6]

"As crenças que provocaram esta situação [anterior] desapareceram," diz ele. "Ainda assim, pensei um dia que talvez fosse altura de vender mais algumas pinturas. Depois, escassos dias mais tarde, um estranho bateu-me à porta. Isto não me acontecia frequentemente; eu vivia fora da vista de habitação humana, numa estrada difícil de encontrar. Era um dia frio. As estradas estavam escorregadias. O estranho revelou ser um colecionador de arte local, que queria comprar uma pintura!

Dei-me a grandes trabalhos para delinear algumas crenças velhas e o desenvolvimento dos acontecimentos que as acompanharam," diz o George. "Talvez estas revelações sejam de valor para alguém. Talvez escrever estas coisas seja uma forma de limpar pequenos bolsos escondidos de crença que escaparam à limpeza geral da casa. Esta limpeza da casa tem sido dura para mim. Em retrospetiva, gastei

uma vasta energia de pensamento e ação na futilidade. Mas agora está feito. Venham novos desafios!"

"O exemplo do George é um dos melhores de como podes realmente mudar a tua vida se estiveres disposto a trabalhar com as tuas crenças," observa o Rob, que provavelmente compreende melhor do que a maioria os conflitos que rodearam os esforços do George. "Ele realmente trabalhou nisso e foi bem-sucedido. É uma ilustração perfeita do que é possível."

"Todos vós, como eu… digo no meu livro [The Nature of Personal Reality] — publicidade! — vos relacionais com ideias de bem e de mal, com o juízo de valor que colocais em coisas como a culpa, a riqueza, a cor e a raça," disse o Seth ao explicar uma tarefa de crenças em 1973. "Alguns de vós consideram a pobreza um sinal de virtude e de bem, de modo a que olhais para alguém que tem dinheiro e imediatamente pensais que não está sintonizado espiritualmente — que há algo de errado com essa pessoa.[7] Ela tem de se aproveitar de alguém. Ela tem de ser desagradável — são Capitalistas! Pensais em alguém que é pobre como sendo espiritual.

«Quero que examinem as vossas crenças acerca de várias coisas — todas relacionadas com o bem e o mal, a saúde, a riqueza e a cor. Por exemplo, o branco é puro e o preto é mau? A saúde é boa e um sinal da bênção de Deus, ou será a doença um sinal de compreensão espiritual e algo benéfico para a alma?

«A riqueza é boa e, na vossa mente, um sinal da bondade de Deus, ou é antes um sinal de pobreza espiritual? Se acreditam que os pobres são virtuosos, que a pobreza significa espiritualidade, então sentir-se-ão envergonhados pelo dinheiro. Se acreditarem, porém, que a riqueza significa bondade, então sentir-se-ão envergonhados da pobreza.

«Se são liberais e, ainda assim, acreditam que o branco significa espiritualidade e o preto significa maldade, poderão encontrar-se em

situações muito embaraçosas quando conhecerem pessoas negras e tentarem relacionar-se com elas.

«Cada um de vós deve examinar essas crenças por si mesmo. O preto significa o inconsciente e o branco a "vida da razão"? Vocês, homens, associam também o preto à homossexualidade? Aqueles de vós que arquivam princípios psicológicos, ou que o fizeram no passado... onde colocam as ideias de Jung acerca da cor negra, do simbolismo e da vossa própria sexualidade?

«Se acreditam que as crenças criam a realidade (e criam)... então qual é a vossa atitude perante os pobres? Dizem: "Foram eles que criaram essa realidade, que azar o deles!"?

«São este tipo de questões que quero que considerem.»

Noutra ocasião, Seth disse-nos:

«Foram escritos grandes poemas sobre a grande procura da alma por Deus, e sobre como a alma corre e foge de Deus, mas muitas pessoas fogem muito mais depressa de um encontro com a própria alma do que fugiriam de qualquer Deus. Afinal, supõe-se que Deus está fora de nós — algum ser espiritual que podem culpar ou louvar.

«Desafio-vos a encontrarem-se convosco próprios de forma lúdica e alegre; a observarem as vossas crenças com a mesma objectividade com que observariam uma flor, uma pedra, uma doninha ou um pedaço de carvão. Simplesmente tomem consciência do conteúdo da vossa própria mente consciente. Aprendam a utilizar o intelecto e a intuição em conjunto, e descobrirão que não existe competição entre ambos. Não precisam de temer ser devorados pelas vossas emoções. Não precisam de recear que o vosso intelecto vos conduza ao erro. Não precisam de temer coisa alguma.

«A liberdade sempre vos pertenceu. E cada um de vós está aqui porque o sabe! E mesmo quando me provocam em tom de brincadeira ou me pedem respostas, estão a pôr-me à prova e a pôr-se à prova a si

próprios. Durante demasiado tempo receberam respostas feitas e aceitaram-nas! Por isso, sempre vos desafiei a formularem novas perguntas e a encontrarem as vossas próprias respostas. E Ruburt sempre evitou qualquer ambiente em que pudesse ser aceite como autoridade aos olhos dos outros. Vocês são as vossas próprias autoridades. Vocês são as vossas próprias autoridades!

«Por mais tentados que estejam a procurar respostas nos outros, vocês são a vossa própria autoridade. E as respostas vêm literalmente — literalmente — de dentro de vós mesmos. Refiro-me agora à vossa experiência privada [e] não podem ser dadas por outra pessoa — têm de ser vividas.

«Só posso conduzir-vos ao reconhecimento dessas verdades, ajudar-vos a abrir as vossas próprias portas interiores e ajudar-vos a usar a vossa própria mente e o vosso próprio intelecto, até que, num momento milagroso, o vosso intelecto e a vossa intuição se encaixem e funcionem como magia; então compreenderão aquilo que tenho dito durante todo este tempo, e as palavras abrir-se-ão, e também cada um de vós se abrirá...

«Ninguém pode fazer essas viagens por vós. Façam o que fizerem, vão para onde forem ou pensem o que pensarem, ninguém pode ir onde vocês vão ou pensar o que vocês pensam da mesma maneira. Em certos termos, a verdade não é a mesma para cada um de vós.

«Será verdade que a luz do sol incide sobre um determinado canto do quintal e falso dizer que incide noutro canto? Mas quando insistem que a verdade é uma única coisa e que deve ser dita ou vivida de uma única forma, então estão a afirmar que uma mancha de luz solar é verdadeira e que a outra, por conseguinte, tem de ser falsa.

«Assim, cada um de vós é verdadeiro e, na autoridade e validade da vossa própria verdade, possuem pelo menos uma inclinação para aquilo que a verdade é. E podem seguir essa inclinação — essa pista. Têm de a seguir para dentro de vós mesmos, porque nenhuma outra

pessoa possui a vossa consciência. Ninguém mais pode fazer com ela aquilo que vocês podem fazer, nem viver aquilo que vocês podem viver. E, ao serem fiéis à vossa experiência privada, enriquecem a experiência do universo, porque fazem parte de Tudo o Que É, materializados na forma que têm.

«Ora, não pretendo fazer este discurso nas esquinas das ruas. Este é o vosso discurso, feito por vós, em certos termos, para vós próprios. E assim, mais uma vez, devolvo-vos alegremente a esses vossos eus.»

«Os exercícios sobre crenças foram profundos», conclui Warren Atkinson. «Levaram-me a perceber que somos senhores do nosso destino e que todos os outros também o são. Isso levou-me a um grande respeito pela natureza divina presente em cada pessoa.»

CAPÍTULO 6

ESP REVISITADO: VIDA E MORTE E OUTROS ACONTECIMENTOS ESTRANHOS SEMELHANTES

Como foi possível que aquela adorável senhora de rosto oval
na parede
acabasse por se tornar
a fotografia barata, quadrada e a cores
do meu livro,
enrugada,
sem forma como um saco,
satisfeita com cigarros e cartas,
e no fim, perdida
dentro do seu próprio reflexo?

Os ocultistas fazem viagens
para fora do corpo e assim
sabem-se
eternos —

Quais são as viagens da carne?

Que truque escapa ao nosso espírito
para que nunca saibamos
quem era
aquela adorável senhora de rosto oval?

Fotografias —

olhamos e tornamos a olhar

Uma pista, como aromas fantasmagóricos —

uma voz, como um déjà vu —

sussurros num quarto vazio.

— S.M.W.

O VELHO ÁTRIO DO HOTEL ESTAVA CHEIO e ensurdecido pelo som de uma banda de rock. Em tempos considerado um alojamento elegante para passageiros que chegavam de comboio, o local era agora apenas mais um bar perto da estação ferroviária abandonada de Elmira.

Jane, Rob e eu estávamos sentados a uma mesa junto à pista de dança, a beber e a observar as pessoas a dançar e a contorcer-se sob as luzes giratórias. De vez em quando, Jane e Rob levantavam-se e juntavam-se a elas, rindo-se por serem (com pouco mais de quarenta anos ela e cinquenta ele) o casal mais velho na pista. A noite era divertida e agradável; o barulho constituía uma pausa bem-vinda do trabalho solitário.

Rob juntou os nossos copos e foi buscar mais bebidas. Passaram dez minutos, depois vinte. Estaria o bar assim tão cheio?

«Deve estar metido numa conversa animada com alguém», suspirou Jane, com afecto.

Finalmente, Rob regressou com as bebidas, abrindo caminho por entre a multidão. E, como seria de esperar, vinha atrás dele um homem de aspecto sombrio, na casa dos vinte anos, segurando uma cerveja e empurrando-se nervosamente entre os grupos de pessoas.

Rob distribuiu as bebidas e sentou-se do outro lado da mesa, fazendo sinal ao rapaz para se sentar entre Jane e mim.

«Ele leu The Seth Material», disse Rob, com toda a naturalidade.

Brad — como lhe chamarei — deixou-se cair na cadeira e apresentou-se com uma mistura de simpatia e desolação cautelosa. Fisicamente era um verdadeiro colosso — os músculos sobressaíam sob as mangas da sua T-shirt preta. Mas estava tenso e perturbado.

A banda fez uma pausa e, no silêncio relativo, Brad contou-nos que acabara de regressar do Vietname, onde sentia que todos os seus ideais tinham sido destruídos para sempre. Não trabalhava. Não sabia o que fazer da vida. Como muitos militares naquela situação, limitava-se a vaguear, perdido, magoado por dentro; tinham passado meses e ele não conseguia recuperar.

Bebeu um grande gole de cerveja. Jane fumava um cigarro, ouvindo-o e observando a multidão. De repente, olhou para mim.

Nesse instante senti aquele familiar formigueiro mental e uma avalanche de imagens invadiu-me a mente. Sabia que estavam relacionadas com a infância de Brad e com a sua recente experiência militar.

«Bem, Brad», disse Jane nesse momento. «Estou a receber algumas impressões e... não sei, posso estar enganada, mas o que estou a captar é que...»

E começou a descrever detalhadamente um incidente que acreditava ter acontecido a Brad no Vietname.

Incrivelmente, era exactamente o mesmo incidente que eu estava a captar.

«Sim, é isso mesmo», disse eu, interrompendo as últimas palavras de Jane. «E além disso, houve...»

Acrescentei outros pormenores à medida que me atravessavam a mente.

«Espera, espera, já percebi! Isso está ligado a uma ocasião da tua infância, quando tinhas cerca de três anos, e...»

Vi Brad com uma mulher alta e severa, vestida com um elegante vestido branco, enquanto o pequeno Brad estava sentado no chão aos pés dela a chorar. A cena completou-se, e o seu significado parecia gritar dentro da minha cabeça; as palavras saíam umas atrás das outras, quase mais depressa do que eu conseguia articulá-las.

Os olhos de Jane estavam vivos e atentos.

«Sim, e isso também está relacionado com uma situação envolvendo uma mulher com quem saíste antes do Vietname...», interrompeu Jane, prosseguindo com a descrição dos pormenores dessa relação — aos quais ambas íamos acrescentando novos elementos.

Brad olhava alternadamente para uma e para outra, de boca aberta.

«Exactamente!», exclamava repetidamente. «Como é que vocês...? De onde estão a tirar tudo isto?»

Jane e eu mal tínhamos consciência da reacção dele. Fosse como fosse que estávamos a fazê-lo, havia uma sensação de precisão, de

exactidão, nessas impressões, que não podia ser negada. Estávamos completamente absorvidas pela experiência.

A informação era específica: datas, nomes, cenas — algumas delas, especialmente as do Vietname, nada agradáveis. Focámo-nos nas origens dos seus problemas, mas também em alguns dos seus momentos mais felizes, aconselhando-o a concentrar-se nessas recordações «melhores». Rob limitava-se a ouvir.

«Espera, estou a captar mais qualquer coisa», disse eu, sem fôlego. «É uma cena... estou a captar algo sobre ti numa época dos primeiros colonos deste país; quero dizer, dos mais antigos — algo relacionado com um homem livre, um homem que tinha estado preso, alguém chamado John qualquer coisa — John Redfield, Wrenfield, qualquer coisa parecida...»

«Isso mesmo!», interrompeu Jane. «Também o vejo — e algo relacionado com uma ilha, ou um lugar semelhante a uma ilha — como se fizesses parte de um grupo sob o comando de um líder militarista; foste de certa forma reunido para integrar esse grupo de colonos, porque já tinham existido tentativas falhadas antes...»

«Sim, e qualquer coisa sobre fazeres parte daqueles primeiros colonos na Virgínia ou noutro lugar que desapareceu, sabes, a colónia de Roanoke, e sobre o facto de tu... meu Deus... teres desaparecido com eles...»

«Exactamente», disse Jane. «E ainda hoje tens este problema relacionado com o dilema de seguir obedientemente padrões de ordem, como o teu serviço militar, mas sem saber o que fazer em relação a isso e odiando-te por isso.»

Falando rapidamente, Jane acrescentou mais vários minutos de pormenores acerca das ligações de Brad com esse eu colonial, incluindo novamente nomes, datas e locais que, segundo ela, poderiam ser confirmados em registos históricos.

Nessa altura, o pobre Brad estava de olhos arregalados. Continuámos naquele vaivém, como duas jogadoras enlouquecidas de pingue-pongue. Por fim, Brad disse-nos que tudo o que tínhamos referido acerca do seu passado era correcto; fazia todo o sentido para ele. Quanto ao material histórico, acrescentou, «soava correcto», mas tinha mesmo de ir embora.

Quando pegou no copo de cerveja e se levantou, reparámos pela primeira vez em quão perturbado estava.

«Obrigado, a sério, muito obrigado, ajudaram-me imenso», murmurou. «Tenho de ir agora, mas obrigado...»

Afastou-se apressadamente e desapareceu pelo bar.

Rob abanou a cabeça ao olhar para nós.

«Vocês assustaram aquele rapaz de morte!», disse com severidade exagerada. «O que é que lhe estavam a fazer?»

E, olhando para trás, tenho de admitir que não fomos muito gentis, insistindo daquela forma perante o evidente horror de Brad.

Impressões pessoais simultaneamente correctas, vindas de duas completas desconhecidas?

Era estranho, até para nós — porque, por mais entusiasmadas que estivéssemos com as correspondências, aquilo trouxe-nos, como habitualmente, mais perguntas do que respostas.

Uma vez que as nossas impressões acerca do passado desta vida dele, do qual nada sabíamos, estavam correctas, haveria alguma razão para supor que o «material histórico» fosse menos correcto? Mas de onde vinha essa informação? Estaria Brad, no seu estado de espírito sombrio, a emitir sinais como um desesperado farol de SOS? A recitação do seu próprio passado iria responder às suas necessidades?

Ou Jane e eu limitámo-nos a reagir ao desespero profundo de Brad demonstrando algumas das possibilidades inerentes à psique?

Os acontecimentos diários — os comuns e os estranhos — constituíam os verdadeiros alicerces da aula de ESP de Jane. Uma conversa típica de uma noite de terça-feira nascia da vida pessoal dos participantes e daquilo que tínhamos feito durante a semana.

Os comentários de Seth raramente dominavam toda a sessão; faziam antes parte integrante do tecido da aula. As semanas que passámos a ler em voz alta o manuscrito ainda inédito de The Nature of Personal Reality foram a única ocasião em que lemos directamente uma das obras de Seth como projecto colectivo. Não era, por outras palavras, um grupo dedicado à página 275 dos nossos hinários. Era um grupo que aprendera a encarar a vida quotidiana como um «médium» em si mesma.

Os nossos conceitos sobre o que constituía o paranormal e o sobrenatural (assim como o chamado mundano) estavam a sofrer mudanças radicais. A vida quotidiana tornava-se mais milagrosa; as nossas percepções aguçavam-se com uma nova qualidade de atenção. Que poderá ser mais surpreendente: uma previsão correcta ou a clarividência da primavera? Até que ponto a ESP podia realmente ser classificada em categorias?

Como vimos no capítulo 2, muitos membros da aula tinham vidas marcadas por experiências «peculiares». Nadine Renard era uma dessas pessoas, cuja vida adulta continha uma multiplicidade de acontecimentos estranhos, entre os quais se destacava o talento musical do seu filho mais novo.

Em 1967, Nadine e o marido compraram uma elegante casa de tijolo num dos melhores bairros de Elmira. Com apenas quinze anos, a casa tinha sido concebida pelos proprietários originais como residência para a reforma.

«No primeiro dia em que nos mudámos», conta Nadine, «senti uma presença e um cheiro malignos e sentei-me a chorar — queria sair dali! Sentia sempre uma presença na casa. O meu filho Steve, que tinha três anos, viu um "espírito" no quarto dele. O quarto da frente estava sempre gelado — os técnicos do aquecimento não encontravam qualquer problema. Havia correntes de ar, objectos que mudavam de lugar.

«Um candeeiro de latão com cerca de vinte quilos rodou sozinho sobre a mesa. As persianas eram arrancadas dos rolos durante a noite, na sala de convívio, que tinha sido a sala de música dos proprietários originais. Um dia, uma chave inglesa voou através da cave e aterrou junto aos meus pés.

«Durante esse período, muitas pessoas apareceram diante de mim [incluindo] a minha tia falecida... que tinha morrido no ano anterior de um tumor cerebral. Tive muitas experiências fora do corpo nessa época...»

Enquanto os Renard viveram naquela casa, nasceu o filho Mark.

«Era um bebé muito difícil e precoce», diz Nadine. «Cantava aos dois meses e falava aos seis. Aos três anos, depois de lhe ensinarem as notas básicas, começou a tocar piano e daí em diante foi imparável!

«Percorria livro após livro de música e fazia-me longas explicações sobre Bach e Beethoven, sobre as razões pelas quais tinham escrito certos tipos de música; ou interrompia uma peça a meio para me dizer o que determinadas passagens pretendiam expressar — aos três anos de idade! E estava certo, e não tinha forma de saber aquelas coisas — ia buscar esse conhecimento ao ar, algures; não tinha acesso a ele.

«Fazia isto durante as aulas de música e os professores quase caíam da cadeira! Este era um caso evidente de prodígio...»

Aos cinco anos, Mark já dava recitais de piano clássico, demonstrando uma técnica altamente avançada e sofisticada.

(«Da primeira vez fiquei tão embaraçada — ele nem sequer sabia fechar o fecho do casaco depois do concerto!», contou Nadine à aula.)

«Entretanto, o meu filho imediatamente mais velho previa com exactidão a chegada do correio.»

Segue a tradução integral para português europeu, mantendo a fidelidade ao original, sem sínteses nem omissões, e tratando as pessoas por "tu" quando aplicável. Substituí também "class" por "aula", conforme solicitado.

Nadine e o marido venderam a sua casa de comportamento estranho em 1969.

Mais tarde, souberam que os proprietários originais tinham ambos morrido naquela casa, juntamente com um parente alcoólico «que morreu ou enlouqueceu na cave». Nadine tinha a sensação de que a casa e as peculiares qualidades «psíquicas» da sua família estavam de algum modo interligadas, talvez alimentando-se mutuamente através de alguma forma de energia ainda não reconhecida. Nunca se provou nada acerca da casa de Nadine, mas, como qualquer pessoa podia comprovar que o seu filho era o prodígio do piano que Nadine dizia que ele era, ninguém na aula duvidava das suas descrições dos outros acontecimentos.

A estranha casa de Nadine foi uma experiência excecional, mas, ao longo dos anos de aula, outros membros também fizeram algumas coisas invulgares com as suas consciências. Gert Barber começou a experimentar «transe de espelho» — olhar fixamente para um espelho enquanto entrava em estados alfa e mais profundos — e em breve relatou ter desenvolvido a capacidade de ver rostos que não o seu refletidos no vidro. Um deles, contou ela, era o de um padre com cicatrizes no rosto, e essa imagem surgia nitidamente poucos segundos depois de ela iniciar o seu transe alfa. Embora a visão de um padre

com cicatrizes parecesse suspeitosamente o insulto perfeito de uma ex-freira, Seth disse a Gert que ela própria tinha sido padre em tempos «...e esse é um dos teus bloqueios, para usar a expressão de Ruburt!», acrescentou. «[No entanto], estás a sair-te muito bem com esta visualização das várias partes do eu.»

Seth continuou então a dar a Gert algumas perspetivas sobre a sua relação no convento com outra freira.

«Terias projetado [sentimentos de afeição] sobre um padre [em vez da outra freira], mas isso assustava-te ainda mais, porque a relação com o masculino despertava em ti uma sensação de terror», disse-lhe Seth.

«Não os projetaste, vês, sobre uma pessoa que pudesse corresponder-lhes imediatamente, sem condições... não querias esse tipo de relação. Estavas apenas a refugiar-te na ideia de uma relação desse género... com um homem que tinhas medo de enfrentar. O masculino em geral.»

As imagens no espelho de Gert (por mais esclarecedoras que fossem) podiam certamente ser classificadas como estranhas, mas estou convencida de que este tipo de projeção de imagens é comum — acontece apenas que a maioria das pessoas esquece esses incidentes, racionaliza a sua importância ou nem sequer reconhece o que realmente são.

Considera, por exemplo, alguém que eu costumava ver regularmente — e em público.

Vejo-o agora, no olho da minha mente, tão claramente como o vi pela primeira vez há vinte anos — e logo num local improvável: a pista de bowling da cidade.

Tenho catorze anos e pertenço a uma liga de bowling do liceu. Cerca de quarenta raparigas jogam bowling, guincham, gritam, saltam de entusiasmo — enchendo o lugar com o ruído e a efervescência de

crianças a divertir-se numa manhã de sábado. Lanço a minha bola pela pista, onde ela descreve a bela curva que aprendera a fazer apenas nessa manhã. Tão precisa e segura como um falcão a mergulhar sobre a presa, a bola dirige-se aos pinos. Crash! Oscilando numa geometria perfeita, os pinos espalham-se pelo chão da pista. Strike!

Viro-me, corada pela emoção do momento, e vejo-o ali, do outro lado dos bancos das equipas, a sorrir para mim. É um homem idoso, com um casaco castanho até aos tornozelos, segurando o seu gasto chapéu castanho nas mãos envelhecidas como folhas de carvalho. As maçãs do rosto destacam-se sob uma pele seca e lisa como maçã. Alguns fios de cabelo grisalho estão penteados sobre o crânio. Sorrio-lhe de volta. Ele acena com a cabeça, a boca abrindo-se num sorriso em resposta; faz um pequeno gesto de adeus com a mão direita. As pessoas passam apressadas à sua frente e atrás.

Espero que a bola regresse; é o décimo lançamento e tenho direito a outra jogada. Pego na bola e lanço-a: desta vez, todos os pinos desaparecem menos um. Volto-me para sorrir ao velho homem e ele observa-me com absoluto deleite; e eu sei que sente uma afeição especial por mim, que parou apenas para me ver jogar.

Minutos depois, desaparece. Mas durante cerca de um ano aparecerá para assistir a quase todos os jogos de bowling que eu disputar. Nunca o verei entrar nem sair. Limitamo-nos sempre a acenar e a sorrir um ao outro. E eu nunca terei coragem de ir falar com ele.

Anos depois, no reencontro da minha turma do liceu, perguntei a uma das mulheres que jogava bowling comigo se se lembrava do dia em que lhe apontei aquele velho.

«Não me lembro do que disseste acerca do velho, mas lembro-me de te perguntar se sabias quem ele era», disse-lhe eu.

«Que velho?», respondeu a minha colega. «Não me lembro de ter visto nenhum velho.»

O que, nessa altura, já não me surpreendeu.

A recordação daquele velho — o enorme casaco castanho totalmente deslocado e o seu sorriso cheio de carinho — perseguiu-me durante anos. Quem era ele, para aparecer em pistas de bowling espalhadas por toda a cidade de Elmira? Intuitivamente, eu sabia que estava ligado a mim de uma forma que desafiava qualquer explicação — até que, numa terça-feira de 1970, decidi impulsivamente perguntar a Seth quem era aquele homem.

Seth olhou para mim com expressão grave quando fiz a pergunta.

«Era um eu provável do teu avô», respondeu Seth, interrompendo a minha explicação confusa. «Manteve contacto contigo, e tu foste capaz de o ver devido às tuas próprias capacidades. Ele reparou em ti, tal como tu reparaste nele, e, na sua probabilidade, perguntava-se quem tu eras — mas gostava de ti.»

Piscaquei os olhos. A figura do velho encaixou-se instantaneamente com uma simplicidade perfeita: sim, era exatamente quem aquele homem era. Até se parecia com o meu avô, tal como ele tinha sido um ou dois anos antes da morte.

«Era uma parte do teu avô que o teu avô, tal como o conheceste, não podia ser e, em muitos aspetos, era muito mais livre do que ele.

«Ora, ele tinha um passatempo e fazia pequenas bonecas», continuou Seth, recostando-se na cadeira de Jane e batendo com o polegar e o indicador no queixo dela. «Essas bonecas eram feitas de madeira, e nelas projetava toda a sua energia criativa; e fez uma boneca parecida contigo e chamou-lhe Susan, sem nunca saber de onde lhe viera o nome. Não sabia que era o teu nome nem quem tu eras. Vivia na Alemanha, na sua realidade. Nasceu nessa realidade em 1831 e morreu em 1897. Mas tu conseguiste vê-lo. Em estados fora do corpo, ele projetava-se para a tua realidade. Dar-te-emos mais informações sobre isso quando nos for possível.»

(No entanto, Seth nunca voltou a fazê-lo.)

As lágrimas picaram-me os olhos. Quão infinitas seriam as ligações biológicas da tua herança, para que um avô e uma neta pudessem comunicar através das realidades que cada um escolhera?

E Jesus Cristo!, pensei, enquanto Seth se retirava. O que teria acontecido naquela altura se — se eu simplesmente tivesse ido falar com aquele velho?

Acredita: culpei-me muitas e muitas vezes por não o ter feito.

Numa aula posterior, perguntei a Seth, cheia de esperança, se ao longo da minha vida voltaria a ter contacto com aquele eu provável do meu avô.

«Sem dúvida», respondeu Seth. «Estou a responder afirmativamente.»

Desde então, fiz questão de manter um canto do meu radar interior «aberto» a qualquer sinal do reaparecimento dessa personagem — embora duvide que ainda usasse aquele velho casaco castanho esfarrapado.

Mas, mais uma vez, penso que este tipo de experiência é mais comum do que se supõe.

Numa noite de 1971, recebi um telefonema de Bernice Zale, que tinha partilhado quarto comigo na universidade. Na noite anterior, disse ela, acontecera algo estranho ao marido, Donald.

Os Zale tinham ido jantar com amigos e estavam sentados no bar do restaurante quando Don, que há semanas lutava com difíceis decisões profissionais, deixou o grupo e foi sentar-se sozinho num banco vazio a um canto.

Bernice disse que o deixara ir para que pudesse ficar sozinho com os seus problemas, mas que, alguns minutos depois, levantara os olhos e vira Don numa conversa animada — consigo próprio!

Rindo com carinho, chamou a atenção dos amigos para isso.

Contudo, quando regressavam a casa nessa noite, Bernice começou a brincar com Don por ele ter estado a falar sozinho no meio de um restaurante, e Don reagiu com espanto indignado.

«O que queres dizer com falar sozinho?», exigiu ele. «Pelo amor de Deus, estive a falar com aquele velho a noite toda!»

«Que velho?», perguntou Bernice, confusa. «Eu não vi velho nenhum — estavas sentado sozinho.»

Atónito, Don gritou-lhe para «parar com as piadas estúpidas!». Bernice contou que teve de insistir bastante para convencê-lo de que não estava a fazer nenhuma brincadeira elaborada.

Don tinha visto e falado com «um velho muito simpático» durante um par de horas e, para ele, o homem era tão real como Bernice e os amigos.

«O Don disse que, por alguma razão, acabou por despejar todos os seus problemas para aquele velho», contou-me Bernice. «Disse que não sabia porque achara que um estranho se iria importar, mas o velho ouviu-o com muita atenção e fez-lhe algumas perguntas inteligentes e que davam que pensar. Nunca lhe disse nada do género "Faz isto" ou "Faz aquilo" — apenas coisas que o Don intuitivamente reconhecia e que o levavam a pensar: "Sim, claro, isso é verdade." O Don disse que era como se aquele velho o conhecesse desde sempre.»

Pouco tempo depois, Don tomou as decisões que o conduziram a uma carreira administrativa bem-sucedida na área do serviço social.

E lembrei-me da história de Bernice sobre o «velho invisível» durante uma discussão em aula, algumas semanas mais tarde, acerca dos pressupostos fundamentais e dos significados por detrás dos objetos físicos.

«A criação de símbolos individuais do eu», refleti em voz alta quando Seth terminou uma breve exposição sobre o tema. «Foi isso que Donald Zale fez naquele episódio no bar, não foi?»

«Foi exatamente isso», respondeu Seth, sorrindo.

«Então... aquele velho era ele próprio», concluí.

«Exatamente», repetiu Seth. «Alguns de vós estão tão perto de compreender aquilo que não pode ser verbalizado, e, no entanto, não vos posso dar um empurrão, porque essas compreensões têm de vir de vós.»

Seth acrescentou que tinha tido conhecimento da experiência de Don e que o tinha «ajudado», embora não explicasse como — e eu também não perguntei.

Enviei uma cópia da transcrição da aula com as observações de Seth a Donald e Bernice; e a ideia de que o velho misteriosamente compreensivo pudesse ter sido o próprio Don personificado pareceu perfeitamente aceitável e lógica para ambos.

Estas perceções — tal como as experiências de infância de muitos membros da aula — fazem-me lembrar outro «avistamento» que tive na adolescência e para o qual Seth apresentou uma explicação igualmente provocadora.

Incluo-o aqui devido ao interesse contínuo pelos OVNI (Objetos Voadores Não Identificados) — e pelas implicações da resposta de Seth quanto à origem de pelo menos alguns desses objetos.

Mais uma vez, eu tinha catorze ou quinze anos. A minha amiga Evelyn e eu caminhávamos pela estrada em direção à minha casa numa tarde de verão. Estava um dia lindo; o sol aquecia e o céu estava limpo. Íamos conversando sobre discos voadores — imagine-se! — e sobre o que poderiam ser.

De repente, ergui os olhos para os pinheiros que ladeavam a estrada perto do quintal dos meus pais — e vi-o: um enorme objeto oval, azul em cima e amarelo-claro em baixo, deslocando-se lentamente acima das copas das árvores. Não fazia qualquer som.

«Meu Deus!», gritei, agarrando o braço de Evelyn. «Olha! Olha! Está ali um agora — um disco voador!»

Evelyn levantou os olhos e agarrou-se também ao meu braço.

«Oh não, tens razão!», gritou. «É mesmo, é mesmo!»

Corremos pela estrada para nos colocarmos por baixo da coisa — estava a não mais de seis metros acima das árvores, que ficavam aproximadamente à mesma distância de nós. Enquanto corríamos, continuava a mover-se sobre as copas, por cima da casa dos meus pais e, por fim, em direção às colinas que cercavam o horizonte próximo — onde pairou durante alguns segundos e depois mergulhou subitamente, de forma brusca, por trás das árvores.

Estivéramos suficientemente perto para a ver claramente — e não era um balão meteorológico (eu já tinha visto alguns) nem um dirigível. Era lisa, silenciosa e estável enquanto se movia pelo ar quente do verão.

Os meus pais estavam dentro de casa e não a viram — e nunca encontrámos mais ninguém que a tivesse visto.

Em 1974, uma dissertação sethiana sobre as «formas das letras» e a linguagem Sumari fez-me lembrar novamente aquela coisa que cruzara os céus da minha adolescência. Esperei por uma oportunidade

para perguntar a Seth sobre ela e não consegui evitar rir para comigo mesma ao recordá-la; agora fazia-me lembrar o recipiente de plástico da Silly Putty com que o meu filho brincava: oval, azul em cima, amarelo em baixo.

«Seth?», interrompi finalmente. «Hum... já que estamos a falar das formas das coisas, podias dar-me alguma ideia do que era aquela coisa que a minha amiga e eu vimos no céu quando eu tinha cerca de catorze anos? Quero dizer», sorri ironicamente, «não era uma embalagem de Silly Putty, pois não?»

Seth olhou para mim durante um segundo e respondeu gravemente:

«Não era. Mas a sua forma irá mudar.»

A sua forma irá... o quê?, pensei.

«Bem, a razão por que pergunto», balbuciei, confusa, «é que pensei que pudesse ter alguma ligação...»

«Tem uma ligação — antes de perguntares mais alguma coisa — com um acontecimento naquilo que consideras o futuro, e parte da tua compreensão futura teve relação com a forma como percecionaste esse acontecimento específico no teu passado», disse ele.

«Ah», respondi, pensando no papel de Evelyn no incidente. «Então também dizia respeito à minha amiga?»

«Sem dúvida», respondeu Seth secamente. «É tudo o que te direi por agora, mas deves perceber que o acontecimento existe não apenas no passado, mas também no futuro; e, de certa forma, foi um sinal enviado por um eu futuro para o passado.»

Com isso, Seth retirou-se: mais um tipo de OVNI, pensei, mergulhando para lá do horizonte das colinas psíquicas de Jane.

Seth já tinha comentado os OVNI uma vez antes, em aula, em 1971, durante uma discussão sobre a natureza «pulsante» dos átomos e a sua relação com os relatos de discos voadores e experiências fora do corpo:

«Em certos aspetos, é isto que acontece em alguns dos vossos incidentes com discos voadores, porque não existe um veículo como aquele que julgais percecionar. Estou a falar apenas de certos casos, em que tendes visitantes vindos de outras realidades.

«O que acontece é uma tentativa de troca de realidades de camuflagem», continuou Seth. «Os seres que entram no vosso plano não podem aparecer nele tal como são. Como a sua estrutura atómica não é a mesma que a vossa, têm de ocorrer distorções para que qualquer contacto seja possível. Assim, sois confrontados com um determinado conjunto de dados sensoriais. Depois tentais compreender o que está a acontecer — mas esses dados sensoriais significam que o acontecimento já está, por si só, distorcido até certo ponto. Os veículos físicos frequentemente percecionados são a vossa interpretação do acontecimento que realmente está a ocorrer.

«O nosso amigo aqui atrás», acrescentou Seth com humor, indicando Ned, «poderia muito bem aparecer como um OVNI noutro aspeto da realidade e assustar os habitantes. Esqueceis-vos de que a consciência é o único veículo verdadeiro. Nenhuma parte da vossa consciência está aprisionada dentro de vós. Ela materializa-se num aspeto ou noutro. Utilizo a palavra "materializa-se" porque faz sentido para vós, mas é uma expressão distorciva, porque pressupõe uma aparência dentro da matéria. No entanto, como sabeis, nem todas as realidades são físicas.

«É teoricamente possível, por exemplo, que qualquer um de vós disperse a sua consciência e se torne parte de qualquer objeto nesta sala — ou se espalhe pelo espaço — sem perder o sentido de identidade. Isso não é prático nos vossos termos, mas muitos de vós fazem-no para se revigorarem enquanto dormem. A consciência, pelas suas próprias características, transporta o fardo da perceção. É este o

tipo de consciência em que estais habituados a pensar. Não conseguis imaginá-la sem perceção, nos vossos termos; e, no entanto, a consciência pode ser vital e viva sem a vossa ideia de perceção. A última parte desta frase é importante.»

PES... acontecimentos estranhos. Mas — porquê estranhos? Porque são separados de um conjunto de acontecimentos aceites e rotulados como «normais»? Porque não haveria um ex-soldado angustiado de procurar um encontro que o levasse a fazer novas perguntas acerca da natureza da realidade? As capacidades em desenvolvimento de uma jovem poderiam naturalmente conduzi-la a um encontro afetuoso com uma figura semelhante a um avô e, ao fazê-lo, ajudar a moldar a sua compreensão da personalidade e da própria perceção.

Um jovem, preocupado com o seu futuro, poderia facilmente recorrer ao seu próprio «eu» futuro, personificado por um «velho sábio»; ou uma mulher com desejos sexuais ambíguos poderia, de facto, objectivar esses dilemas através de uma imagem masculina em espelho — e depois sentir-se compelida a procurar uma explicação para isso.

Como podemos então classificar e arrumar capacidades inerentes como estas de forma tão descuidada, rotulando-as como «PES» ou como «OVNIs», colocando-as assim fora do domínio daquilo que consideramos os sentidos práticos? Contudo, foi através da percepção de acontecimentos quotidianos comuns, e não através do paranormal, que a aula começou verdadeiramente a arranhar a superfície daquilo que a consciência contém.

Em Junho de 1973, Rudy Storch descreveu uma série de acidentes que lhe tinham acontecido no espaço de uma ou duas semanas. Primeiro, disse Rudy, sempre que pegava numa faca acabava por cortar os dedos sem querer. Depois, ele e a colega de aula Lauren Delmarie sofreram um pequeno acidente de automóvel. Mas o ponto alto espetacular de tudo isto tinha acontecido na semana anterior, logo após a aula de Jane, quando o grupo de Nova Iorque foi a um

restaurante de comida rápida local comprar hambúrgueres para a viagem de cinco horas de regresso a casa. Rudy, completamente alheado, atravessou a pé a montra de vidro do restaurante — espalhando cacos de vidro por si próprio e pelo chão. Embora Rudy não tivesse ficado gravemente ferido, a experiência deixara-o obviamente atónito.

— Uma coisa é um homem atirar pedras contra uma montra; outra bem diferente é um homem atravessá-la a pé! — comentou Seth, quando Rudy começou a servir vinho para si e para outras pessoas.

— Ah, Seth... hum... isto aconteceu porque estou completamente delirante ou talvez por causa de certas crenças que tenho? — perguntou Rudy da sua posição no chão, enquanto servia vinho.

— Sabes a resposta à pergunta, porque as crenças estão, naturalmente, envolvidas! — respondeu Seth, inclinando-se na cadeira de Jane.

— Bem, tenho pensado nisso e cheguei a algumas respostas — disse Rudy. — Não te perguntaria, excepto pelo facto de me ter magoado tantas vezes...

— A resolução de problemas também continua nos teus termos! — rugiu Seth, interrompendo-o.

Rudy revirou pela sala os seus grandes olhos melancólicos e o sorriso permanente, fazendo uma expressão que parecia dizer: «Oh! Valha-me Deus! Cá vamos nós outra vez!» Depois voltou-se para Seth, que esperava pacientemente.

— Bem, quando comecei a cortar o meu corpo, concluí que isso era causado pelos meus medos — disse Rudy. — Eu tinha crenças de que o universo estava cheio de maldade e perigo, e de que eu estava a criar essa realidade. Então pensei que, literalmente, se eliminasse essa crença, nunca me magoaria e que, num determinado contexto, o meu

corpo seria invulnerável ao perigo, porque eu crio a minha própria realidade... embora exista, hum, o nível do senso comum...

Seth inclinou-se de repente para a frente e bateu com o dedo na testa de Rudy.

— Queres provar a tua coragem e continuas a criar provas para ti próprio! — disse Seth. — Estás satisfeito por teres passado pela provação com tão poucas dificuldades. É semelhante ao que consideras ritos de iniciação à masculinidade. E isto está associado a ideias que tinhas acerca de uma iniciação psíquica. «Vejam, atravessei vidro e continuo vivo! Tenho apenas alguns arranhões — Viva Eu!» A seguir vais querer andar sobre brasas!

A aula explodiu em gargalhadas, mas Rudy ficou de boca aberta, copo de vinho na mão.

— Basta tomares consciência das tuas próprias crenças nessa área e não voltarás a ter estas dificuldades — continuou Seth. — Lembra-te, contudo, de como os teus amigos pensam sobre isto, de como falam sobre o assunto e de como foi um acontecimento memorável: «e o nosso amigo Rudy atravessou uma montra!» Pensa na atenção que recebeste!

— Agora devolvo-vos às vossas festividades e sugiro que bebas um bom copo de vinho! Não te preocupes. Limita-te a estar consciente das tuas crenças e percebe que, para além dos arranhões físicos, obtiveste muitas recompensas e que as querias.

— Vou devolver-vos à aula por agora — disse Seth aos restantes. — Quero que ele [Rudy] digira aquilo que eu disse!

Seth retirou-se e, instantaneamente, uma dúzia de vozes começou a contar a Jane o que se passara. Várias pessoas falaram de «acidentes» que lhes tinham acontecido nessa semana. Priscilla Lantini arrancara um pedaço de pele do tornozelo enquanto cortava a relva. Eu batera com o dedo do pé numa pedra e durante algum tempo

pensei que o tinha partido. Betty DiAngelo disse que cortara um dedo com um descascador de batatas enquanto preparava o jantar. Mas nenhum desses casos, admitimos todos, podia comparar-se ao feito de Rudy de desafiar o vidro.

— No entanto, não consigo imaginar que «recompensas» obtive com isso — disse Rudy. — Seth quer dizer, sabem, que cinco cortes e uma nódoa negra são recompensas?

Rudy olhou para Jane com uma inocência exagerada.

— A provocar o Seth! A provocar o Seth! — gritou alguém.

— Deixem-me esclarecer isto — respondeu Seth, enquanto Jane entrava obedientemente em transe. — A atenção foi uma recompensa! E não tenhas vergonha disso — todos vocês querem atenção! No entanto, também não confiavas em ti próprio na realidade física. Não confiavas que sobreviverias. Não confiavas no teu corpo. Estavas a «assustar o universo»! Querias algum tipo de prova de que podias ser magoado e sobreviver — algum tipo de confiança profunda na integridade interior do teu ser físico que pudesse fornecer impulso — de que o corpo podia curar-se a si próprio.

— Havia outras crenças ligadas a isto — o perigo, nos teus termos, era invisível. Assim, através da experiência, deste a ti próprio a confiança de que podias atravessar perigos invisíveis e sair com apenas algumas nódoas negras — que até perigos que não podias ver podiam ser vencidos; que, de facto, sobreviverias.

— Noutro nível, isto tem a ver com crenças invisíveis, porque tinhas estado a pensar nelas. Também podes atravessar crenças invisíveis.

— Sem as tornar visíveis? — perguntou Rudy.

— O efeito tornou-se bastante visível! — rugiu Seth, provocando nova explosão de gargalhadas na aula.

Seth sorriu para todos nós e apontou o dedo a Rudy.

— A experiência teve significado em muitos níveis... mas qualquer acidente — e isto aplica-se a cada um de vocês — não é um acidente — continuou Seth. — A vossa boa saúde ou a vossa má saúde não são acidentes. Tudo isto tem significado para vós. O nosso amigo não atravessou uma montra por acaso. Não foi um acidente cósmico nem particular no qual estivesse envolvido.

— Se cortas um dedo, não é um acidente. Se bates com o dedo do pé, não é um acidente. Se apanhas gripe ou um vírus, não é um acidente. Se tens uma dificuldade física crónica, não é um acidente. Se és criativo, não é um acidente. Se recebes boas notícias, não é um acidente. Se te acontecem coisas maravilhosas, não é um acidente.

— Formas a tua realidade. E isto aplica-se a toda a escala — desde a consciência que reconheces como tua até à mais pequena molécula no olho de Lauren!

Bob, outro membro do grupo de Nova Iorque, interveio.

— Estava a pensar no meu acidente de mota — disse ele. — Foi basicamente a mesma coisa. É verdade que resolvi muitos problemas, mas não consigo deixar de pensar que poderia ter resolvido os mesmos problemas sem fazer algo tão radical.

— Talvez agora resolvas os problemas a níveis conscientes — disse-lhe Seth. — Só quando não estás disposto a enfrentar conscientemente as tuas próprias crenças, a confrontá-las e a estabelecer distinções, é que ocorrem acidentes aparentemente inconscientes: quando, de repente, não és tão rápido quanto devias ser; ou quando, de repente, as tuas reacções não são tão boas quando aparece um carro que não devia estar ali. Cada um de vocês tem o seu próprio caminho, e um acontecimento que parece horrendo visto de fora pode ser algo completamente diferente visto de dentro, do vosso ponto de vista privado.

Enquanto Seth falava desses acontecimentos simbólicos mas «horrendos», recordei-me de uma aula de 1970, quando a pobre e sensível Rachael Clayton contou, entre lágrimas, a história de uma tragédia doméstica: na semana anterior deixara Tabby, o seu gato, sair de casa e ele fora atropelado por um carro.

— Eu adorava aquele gato — sussurrou ela, com o rosto encharcado de lágrimas. — Era a criatura mais doce e querida. Não consigo compreender. Porque teria ele querido deixar-me? O que fiz eu? Oh, nunca o devia ter deixado sair naquela noite!

Todos nos sentimos terrivelmente mal por Rachael — ela falara muitas vezes do seu gato divertido e afectuoso.

Lembro-me de Seth ter surgido nessa noite com uma precisão extraordinária nos movimentos: excepcionalmente, dobrou cuidadosamente os óculos de Jane, colocou-os firmemente sobre a mesa de centro e posicionou o corpo de Jane na cadeira com estudada arrumação.

— Permites que te dirija algumas palavras? — perguntou a Rachael, com uma cortesia elaboradamente antiquada.

Rachael assoou-se sem dizer nada.

— Estou à espera da tua resposta — disse Seth suavemente. — Longe de mim falar contigo se preferires não ouvir o que tenho para dizer.

— Eu ouvirei — respondeu Rachael, com voz resignada.

— Já tivemos respostas mais entusiásticas — comentou Seth com um vislumbre travesso do seu habitual sentido de humor. — Agora, isto é apenas preliminar. O resto virá quando estiveres preparada para isso e, se te levantares furiosa contra mim, deixarei Ruburt lidar com a situação! Portanto, escuta!

Rachael cruzou os braços e esperou.

— Ora bem, a consciência é uma coisa bela, personificada e precária — começou Seth. — Não a podes realmente ver, sentir ou tocar, e, no entanto, conheces as suas características. O gato ensinou-te a amar de novo e a abrir-te de novo. Também estavas prestes a esconder-te dentro de casa com o gato e a ignorar a realidade física. O amor que foi despertado deve ser dirigido para outras áreas...

— Mas... — protestou Rachael.

— ...e poderás falar quando eu terminar, mas desta vez vou dizer o que tenho a dizer — prosseguiu Seth. — O gato despertou o teu amor. Sabias que isto iria acontecer e escolheste o meio para que acontecesse. Ao fazê-lo, também deste afecto ao animal e despertaste nele características que antes não possuía. Por outras palavras, expandiste as extensões da sua própria consciência e percepção. Elevaste-o, para o dizer de forma muito simples. A consciência do gato cresceu e desenvolveu-se. Ensinaste-lhe comunicação.

— Não estou a falar de comunicação física, mas abriste a sua consciência. Embora agora te pareça talvez trágico, a verdade é que a verdadeira tragédia teria acontecido se o gato tivesse vivido, nos teus termos, e tu te tivesses enroscado nele, na tua casa da esquina, voltando o teu amor para dentro, para o animal, em vez de para fora, porque existem pessoas que precisam dele.

— Quando pensas em voltar a casar, por exemplo, ou quando os teus filhos te incentivam a fazê-lo, pensas em ti própria — disse Seth a Rachael. — Não pensas naqueles que precisam de amor e afecto e que são mais solitários do que tu, sem filhos, e que procuram não apenas afecto mas a simples cortesia que outro indivíduo pode demonstrar ao reconhecer a sua existência. Não foste capaz de traduzir ou transformar esse amor para o exterior.

— Ao mesmo tempo, expandiste a consciência do animal; ele tornou-se mais do que era. A sua consciência estava pronta para partir e adoptar outra forma. Mais tarde dar-te-ei mais informações sobre isto e também alguns conselhos que poderás aceitar ou não, conforme decidires.

— Não há nada de errado, e há muito de bom, em amar os animais — acrescentou Seth. — Contudo, quando amas uma única coisa com tanta intensidade que ela começa a excluir as outras, então precisas de reflectir... Ora bem, o animal seguiu o seu caminho, como um jovem que sai de casa e cresce. Ajudaste na evolução da sua consciência e depois concedeste-lhe liberdade. Voltarás a encontrar essa consciência noutra forma.

— Tu sabias — e não estou a insinuar culpa — enfatizou Seth novamente a Rachael. — Sabias o que iria acontecer quando deixaste o animal sair. O animal não sentiu dor; abandonou imediatamente o corpo. Ajudaste no desenvolvimento da sua consciência e ele ajudou-te renovando o teu amor. Mas, tal como o animal mudou de forma, também agora este amor reavivado deve voltar-se para o exterior. Há pessoas que sofrem por companhia e que nunca conheceram o amor. Quando deixas que se saiba, telepaticamente, que a tua consciência da sensibilidade e do amor foi despertada, outros podem percebê-lo e aproximar-se dele como de uma luz. Ele encontrará o seu caminho e atrairá aqueles que dele necessitam.

E, na semana seguinte às suas palavras sobre a morte de Tabby, Seth reiterou as suas observações sobre os «acidentes», enquanto a aula discutia uma inundação no Paquistão Oriental, na qual milhares de pessoas tinham morrido.

— Na natureza não existem acidentes — começou. — Se aceitares a possibilidade do mais pequeno, mais insignificante acidente, então abres realmente uma Caixa de Pandora, porque logicamente não pode existir apenas um pequeno acidente, mas sim um universo em que os acidentes não são a excepção, mas a regra. Um universo em que, por conseguinte, seguindo a lógica, a tua consciência

é uma combinação de um conglomerado acidental de átomos e moléculas sem razão nem causa, que desaparecerá para sempre na inexistência, tal como teria surgido da inexistência.

«Assim que aceitas, vês, essa ideia, então, se seguires o teu pensamento até às últimas consequências, tens de aceitar a ideia de um universo aleatório e acidental, em que estás à mercê de qualquer acidente, em que a mente ou o propósito têm pouco significado, em que estás à mercê de todos os acontecimentos aleatórios, em que 300 000 seres humanos podem ser varridos da face do planeta sem razão, sem causa, simplesmente ao capricho de um acontecimento acidental.

«E se esse é o universo em que acreditas viver, então é, de facto, um universo terrível e ameaçador», continuou Seth, com a voz pesada e sonora. «Nesse universo, o indivíduo tem pouca esperança, pois regressará à não-existência de onde surgiu a sua criação física aleatória. Seguindo essa linha de pensamento, então, se a levares até ao fim, um grupo de átomos e moléculas foi acidentalmente despertado para a consciência e para o canto e depois regressará ao caos de onde veio; e o indivíduo não tem qualquer controlo sobre o seu destino, pois este pode ser destruído a qualquer momento por um acaso aleatório, contra o qual nada pode fazer.

«Tudo isto pode ser relacionado com a vida comum. Sempre que pensas que tens uma dor de cabeça simplesmente porque tens uma dor de cabeça; ou embates numa porta simplesmente porque embates numa porta; ou tens um acidente simplesmente porque estavas num determinado lugar num determinado momento; sempre que te sentes impotente, então pensas que os acidentes acontecem e que não tens controlo sobre eles. A única resposta é perceber que formas os acontecimentos físicos, individualmente e em massa. E, como tenho dito vezes sem conta, formas a realidade física que conheces.»

«Sabes», recorda Rudy sobre a explicação de Seth acerca do "acidente", «ao princípio não fiquei satisfeito com a resposta de Seth. Simplesmente não conseguia compreender o que ele queria dizer ao afirmar que eu tinha obtido "coisas boas" por atravessar uma janela!

Quero dizer, ali estava eu, a sangrar como um porco das feridas na mão e no joelho, e um tipo numa banca a dizer-me: "Não te preocupes, miúdo, quando chegares ao hospital eles limitam-se a cortar-te a perna" — e, na verdade, o meu joelho precisou de nove pontos!

«Lembro-me de que tínhamos acabado de sair da aula e eu sentia-me cheio de exuberância», recorda Rudy. «Muito feliz, sabes, aos saltos. Depois — pum! Que golpe impressionante, literalmente. Fiquei ali sentado no restaurante, meio atordoado, a pensar: "Meu Deus, se isto me pode acontecer quando crio a minha própria realidade, o que virá a seguir?" Como se estivesse a dizer a mim mesmo: "Vês o que acontece quando te soltas e ousas confiar em ti próprio? Levas uma tareia!" E a dona do estabelecimento estava em pânico por causa da janela dela...

«Depois Seth atingiu-me mesmo no centro da questão — que eu estava a lidar [no incidente] com crenças invisíveis! Que era isto que eu tinha preparado para mim mesmo; que eu não confiava na minha própria energia; que tinha medo dela e sentia que a minha própria energia me podia destruir. E é verdade que, logo depois de acontecer, senti um alívio estranho e felicidade! Como se tivesse descoberto que conseguia sobreviver; que podia confiar que o meu corpo não se magoaria apesar de um acidente tão terrível — e Seth foi directamente ao cerne disso!»

«Não sobreponhas aos aspectos pessoais e quotidianos da tua vida ideias preconcebidas sobre quem és, o que és, onde estás, porque estás aqui», diz Seth no volume 2 de The "Unknown" Reality. «Torna-te consciente da natureza original de qualquer momento tal como ele existe para ti. Esquece o que te disseram acerca do tempo e do espaço. Recusa aceitar ideias que limitem as dimensões do teu próprio ser natural. Mais uma vez, a realidade desconhecida é aquilo que tu és.»5

* Todos os nomes que aparecem entre aspas são pseudónimos utilizados pelo autor em Conversations with Seth.

CAPÍTULO 7

OS SUMARI (E OUTROS) REGRESSAM A CASA

Segue-te a Ti Próprio

Enquanto a criança chora,
o velho fala —
Oh escuta
Oh escuta —

Enquanto a criança chora,
o velho fala:

Segue-te a ti próprio
Segue-te a ti próprio.

Segue as respostas
que brotam como flores
que nunca cresceram;
como sóis que nunca brilharam —

como um amante
que nunca se deitou contigo —

Oh escuta
Oh escuta —

Segue-te a ti próprio
Segue-te a ti próprio...

— letra de um transe Sumari por Jane Roberts; improvisada simultaneamente no dulcimer pelo membro da aula Dan Stimmerman

NÃO GOSTO DE ORGANIZAÇÕES. Sou automaticamente desconfiada de grupos — quaisquer grupos. Rituais, cerimónias e todas as formas de cantilena gesticulada e disparatada afastam-me imediatamente. Sugerir que eu alguma vez ficaria sentada enquanto alguém me falava numa língua que não existe — nem pensar! Ou que me juntaria a um grupo de pessoas a cantar espontaneamente, em perfeita sincronia, sem falhar um compasso, usando palavras improvisadas que nenhum de nós compreendia — nunca! Ou que alguma vez me veria levada às lágrimas enquanto alguém entoava um cântico que parecia vir de um grupo invisível de observadores em redor da sala —

Nem morta!

E, no entanto...

Eu tentava descobrir como escrever este capítulo; como captar o desenvolvimento Sumari, as canções e os «mini-dramas», os significados verbais e não verbais por detrás de tudo aquilo. Jane já tinha explicado os Sumari em Adventures in Consciousness; Seth também explorara o fenómeno nos seus próprios livros. Que mais poderia ser dito? Além disso, alguns aspectos dos Sumari (como a reencarnação) podiam soar bastante ridículos, se os observássemos isoladamente. Contudo, como sempre, continham uma validade emocional inegável. Como expressá-la?

Tinha trabalhado nisso todo o dia, pensando, escrevendo, caminhando de um lado para o outro, rejeitando ideias e, às dez da noite, estava exausta. Fui para a cama, de olhos pesados. Mas, mal me deitei, aquela familiar lucidez interior apoderou-se imediatamente de mim, e aquele cântico começou, repetindo-se vezes sem conta na minha mente:

Sumari
Ispania
Wena nefarie
Dena dena nefarie
Lona
Lona
Lona
Sumari-i-i-i-i...

A última sílaba prolongava-se até ao fim da escala, tal como Jane a prolongara naquela noite de Novembro de 1971, repetidamente, enquanto eu me revirava na cama; repetidamente...

É um chamamento, pensei, sentindo aquela aceleração a puxar por mim — estou a chamar os Sumari para me ajudarem. Mas, assim que pensei isso, afastei a ideia com desagrado e acabei por adormecer.

Zás! De repente estava sentada na cama, completamente direita. Os números do relógio-rádio brilhavam marcando a meia-noite. Contudo, parecia que apenas segundos antes ouvira aquele estranho cântico ecoar pelo meu crânio; apenas segundos antes me elevara para fora do corpo, atravessando o tecto, voando sobre uma paisagem escura e líquida; apenas um segundo infinito antes descera suavemente sobre um belo prado primaveril, onde todos os que alguma vez tinham frequentado a aula de Jane estavam sentados entre flores sobre mantas de piquenique, a rir e a banquetear-se, cada manta repleta de delícias ornamentadas que (reflectia o meu eu onírico) só a Era Vitoriana poderia ter concebido sem culpa. Eddie Feinstein usava até um saleiro de prata maciça — completo com minúsculas pernas de prata em forma de garra e martelo.

De repente, toda a gente — o campo inteiro cheio de pessoas — levantou os olhos e gritou: «Os nossos corações eram jovens e alegres!» (o título de um livro de que eu gostara na adolescência). Imediatamente fui projectada para a grande garagem dos meus pais, onde vi, para meu espanto, que uma tipografia estava a crescer — literalmente a crescer, como num filme acelerado de jardinagem — a partir das paredes e do chão da garagem.

Todos os meios para expressar as minhas ideias surgiam diante de mim enquanto observava — belíssimas Linotypes antigas, gavetas cheias de tipos de letra talhados à mão em madeira, uma fantástica prensa tipográfica Mergenthaler — e tudo isto sem qualquer esforço da minha parte. Assim que estas máquinas apareceram (todas elas métodos de impressão antigos, mas recém-criados), tudo o que eu tinha de fazer era expressar-me através delas, e a sua beleza tocaria o mundo.

O que era, percebi eu na minha cama à meia-noite, a resposta Sumari perfeita para as minhas frustrações com o capítulo sobre os Sumari.

«Obrigado, pessoal», disse àqueles amigos da aula reunidos no banquete, anotei o sonho e voltei a adormecer.

De facto, como Jane observa no capítulo 7 de Adventures in Consciousness, os impulsos de energia e criatividade são-nos dados pela psique precisamente quando são necessários — e demasiadas vezes não reconhecemos o que realmente são. De todas as coisas que o desenvolvimento Sumari foi, acima de tudo tratou-se de uma explosão dramática e evidente de conhecimento intuitivo — destruindo até as nossas noções de simbolismo.

Simplesmente não era possível confundi-lo com outra coisa. Foi um salto incrível nas já incríveis capacidades de Jane; e, penso eu, também nas capacidades inatas da unidade da aula. Graças ao talento artístico de Jane, era igualmente muito demonstrativo, o que por vezes

deixava as pessoas extremamente desconfortáveis. E o seu aparecimento trouxe consigo, mais uma vez, mais perguntas do que uma vida inteira poderia responder.

Havia uma multiplicidade de necessidades sob a superfície da aula naquele Outono de 1971 — algumas delas apenas parcialmente reconhecidas pelos próprios participantes. Como Jane relata em Adventures, o pai de Rob morrera no início desse ano e, agora, a saúde da mãe dele estava a deteriorar-se. Seth Speaks tinha sido dactilografado e enviado para o editor, um projecto concebido e concluído. Depois, a 16 de Novembro, o pai de Jane morreu. Mais ou menos na mesma altura, a 11 de Novembro, morreu também o pai de Arnold Pearson.

O meu marido e eu divorciámo-nos em Julho de 1971. O meu filho de dois anos e eu tínhamos estado a viver com os meus pais mas, após uma tentativa falhada de criar um negócio doméstico de composição tipográfica, arranjei emprego em Elmira e mudei-me para o meu próprio apartamento, mesmo na rua de Jane e Rob. O meu trabalho obrigava-me a deixar Sean com uma ama durante o dia, o que me enchia de culpa, raiva e solidão — ao ponto de, por vezes, ir chorar para a casa de banho das senhoras no emprego.

Depois, na noite de 16 de Novembro — a data da morte do pai de Jane — sonhei que Arnold Pearson estava em algum tipo de perigo (eu ainda não sabia de nenhuma das mortes). Quando despertei parcialmente do sonho, vi a figura de uma mulher nua em pé ao fundo da minha cama. Calmamente, ela inclinou-se, tocou nos meus dedos dos pés e desapareceu.

Nesse mesmo Outono, George Rhoads e a esposa compraram uma casa perto de Elmira. O casamento deles não estava a correr bem. (George ainda não era membro da aula, embora já tivesse lido alguns dos livros de Jane.) Faith Briggs sofria de graves problemas de ouvidos (ver CWS, livro 2, apêndice 3) e enfrentava uma operação delicada para aliviar a situação. Além disso, ela e o marido atravessavam dificuldades financeiras igualmente graves. Bernice

Zale, participante ocasional da aula, lutava contra uma névoa persistente de depressão que parecia drenar cada gota de energia dos seus dias. Bette Zahorian, Florence MacIntyre e várias outras pessoas tinham filhos que podiam ser recrutados e enviados para o Vietname a qualquer momento. (Aliás, alguns desses filhos frequentavam a aula.) Rachael Clayton ainda chorava a morte do marido, ocorrida alguns anos antes. Dois dos filhos de Arnold e Molly Pearson tinham «abandonado tudo» e viajavam pelo país — sem rumo, receavam os pais.

Em suma, uma dúzia de factos da vida quotidiana acumulava-se no contexto da aula naquele Outono — talvez nada de extraordinário; mas todas as incursões de Jane na psique (incluindo o próprio material de Seth) e, por inferência, as nossas próprias incursões, tinham sido respostas precisamente a este tipo de necessidades queridas e familiares.

A estação avançara para a melancolia de Novembro naquela terça-feira, dia 23; cerca de uma dúzia de pessoas compareceram e estávamos a rir e a conversar como habitualmente. O calor subia com estrondo pelos velhos radiadores a vapor do apartamento; um vento frio e húmido fazia estremecer as janelas. Jane falou sobre o pai, Delmar, e sobre a sua vida turbulenta e briguento. Arnold mencionou brevemente a morte do próprio pai. Gert Barber contou mais algumas histórias da vida num convento.

A Vanessa, que frequentava a aula nessa época com a irmã Valerie, distribuiu exemplares de um jornal universitário local, onde publicara um artigo sobre Jane e a PES. A aula parecia suficientemente calma — na verdade, algumas pessoas disseram sentir-se francamente sonolentas. Tive a vaga impressão de que a atenção de Jane estava concentrada noutro lugar, mas atribuí isso à morte do pai dela. Parte de mim interrogava-se, com apreensão, se acabaríamos por explorar nessa noite as implicações do luto — algo que, naqueles tempos, me teria deixado extremamente embaraçada.

Às 9h30, Jane fez uma pausa. Vários de nós fomos para a fila da casa de banho ou dirigimo-nos à pequena cozinha para conversar. Bette Zahorian estava sentada na sua cadeira, com um ar sombrio. Sorri-lhe, mas nesse preciso momento as minhas antenas interiores despertaram. Estava a acontecer alguma coisa, algo sussurrava mesmo por baixo dos movimentos familiares que estávamos a executar; mesmo por baixo das palavras e das frases, e na curva dos nossos cotovelos, joelhos e lábios.

Os objectos na sala tornaram-se subitamente brilhantes e nítidos; enquanto olhava, parecia que a cor de cada coisa se tornava mais viva, mais ela própria, mais — real. Super-real. Observei Jane quando regressou das divisões do outro lado do corredor e se sentou na sua cadeira de baloiço. Estava virada para as janelas da baía, do outro lado da grande sala semelhante a um celeiro, tornada tão acolhedora pelo biombo coberto de filodendros que continha livros, esculturas, pedras bonitas e um grande cinzeiro preto apropriadamente identificado com a palavra «PONTAS».

Jane ajustou os óculos e ficou sentada em silêncio, batendo com as unhas compridas (pintadas de azul nessa noite) no braço da cadeira — um gesto familiar.

— A pausa acabou! — chamou ela.

Imediatamente, Gert e Sheila começaram a repetir para nós a conversa que tinham tido durante o intervalo acerca de personalidades «separadas» ou em transe. Por alguma razão, a conversa não me chegava realmente, mas nessa altura a minha atenção estava concentrada noutra coisa.

— Acho que há uma multidão de pessoas nesta sala esta noite — declarou Bette.

Quase ao mesmo tempo, Jane disse numa voz suave:

— Esperem um minuto.

Esperámos.

— Estou a ter outra vez aquela sensação de um buraco rasgado no universo — disse Jane por fim, referindo-se a uma experiência de expansão da consciência que tivera recentemente durante a sua aula de escrita criativa.[1] — Estou a ter...

Fez uma pausa, baixou os olhos e bateu levemente com os dedos nos lábios.

— Oh, é... bem, é como... é... há um buraco rasgado no universo para lá daquelas janelas e é como... como se este grupo de pessoas estivesse a... hum... bem, a entrar e a espalhar-se pela sala...

A voz de Jane era rápida e leve, quase apologética. Os seus olhos estavam muito abertos e escuros, como acontece durante os transes de Seth — mas aquilo não era um transe de Seth, de modo nenhum. Via-se que ela estava realmente a captar alguma coisa — era como se o seu pequeno eu corpóreo estivesse a viajar mais depressa do que a luz, rodopiando através da estrutura do espaço e saindo do outro lado, ali mesmo diante dos nossos olhos. Pensei na minha peculiar impressão da «velocidade» das sessões de Seth,[2] mas aqui passava-se algo diferente; algum acontecimento estava realmente a ganhar forma.

— Acho que... é como se o professor deles, ou seja lá quem for... estivesse junto da mesa em frente às janelas...

Jane deixou a frase suspensa, absorvida pela experiência. Todos permanecemos imóveis, à espera. Eu estava sentado no chão, em frente da cadeira de baloiço de Jane. Todas as luzes estavam acesas.

Subitamente, Jane disse:

— Sue, passa-me um lápis e papel, por favor.

Peguei em algumas folhas de bloco e numa caneta de Gert e entreguei-lhas. Jane começou imediatamente a escrever.

— Bem — disse ela pouco depois —, recebi isto... hum... estas palavras, deste grupo ou seja lá do que for. Estou a ouvir esta confusão de coisas, hum, não é inglês, e acho que devo dizê-las ou qualquer coisa assim, Sue, e que se lixe, por isso escrevi-as e são...

A sua voz tornou-se de repente forte e cheia.

— E são assim: SUMARI — ISPANIA — WENA NEFARIE —

Cada palavra saía mais alta do que a anterior. Jane atirou o papel para o chão, arqueou-se na cadeira, encheu os pulmões com uma enorme inspiração extática e literalmente gritou:

— DENA, DENA NEFARIE, LONA LONA LONA, SU-U-U-U-U-MAR-R-R-R-I-I-I-I-I!

As palavras ecoaram pelo tecto e repercutiram-se ao longo do corredor. Os pelos da minha nuca eriçaram-se e estremeceram; as lágrimas picaram-me os olhos, enquanto uma intensa emoção branca e ardente vibrava dentro de mim, exactamente quando aquele lamento ressoava pelas paredes da imponente casa antiga de três andares. Fiquei chocado, alarmado e completamente transformado. Ainda hoje, ao escrever este capítulo ou ao ler as recordações de Jane, a memória daquele cântico provoca-me uma descarga eléctrica que percorre novamente as raízes do meu cabelo e as camadas da minha pele.

Jane continuava arqueada na cadeira, com os olhos a moverem-se rapidamente por detrás das pálpebras fechadas.

— Jane? — disse Sally Benson, inclinando-se para lhe tocar no braço. — Jane, estás...

Ao toque de Sally, Jane abriu os olhos e inclinou-se para a frente, sorrindo para cada um de nós.

— É sempre com isto que começamos, e é assim que começamos as nossas aulas — sussurrou uma voz suave e calorosa. — É sempre com este cântico que iniciamos os nossos empreendimentos no nosso espaço. Não é propriamente o vosso, e é apenas uma tradução, porque não utilizamos comunicação verbal. Começamos sempre com um simulacro daquilo que ouvimos e, sob muitas formas e de muitas maneiras, já conheceis as nossas actividades.

Os olhos de Jane estavam muito abertos, quase sem pestanejar, e a voz era fluida e suave, como uma noite de Primavera. Enquanto ela pronunciava aquelas palavras, eu sentia uma grande confusão de vozes, ou de pessoas, a zumbir algures mesmo para além do alcance da minha visão e audição. Para mim, a sala estava cheia, apinhada muito para além da sua capacidade física para nos conter a todos — e, de facto, ao reler esta sessão mais de oito anos depois, surpreendi-me ao recordar que éramos apenas treze.

A voz calorosa continuou:

— Sempre estivemos aqui, nos vossos termos, tal como vós sempre estivestes noutros lugares e noutras épocas. E há uma grande familiaridade e admiração da nossa parte por ainda estardes envolvidos nestes empreendimentos que começaram, nos vossos termos, há tantos séculos, e de maneiras que agora não podeis compreender.

Mais tarde, Jane descreveu os seus sentimentos durante o transe dizendo que parecia enchê-la «uma espantosa graciosidade». «Graciosa» é certamente a atitude que esta voz exprimia — como se todos nós fôssemos memórias queridas, preciosas e vivas de um tempo e de um lugar quase perdidos nas nuvens do mito, tal como poderíamos recordar histórias de infância sobre os nossos antepassados.

— Existem cidades que construímos e que vós ajudastes a construir noutras áreas do vosso tempo — disse a voz. — Já estivemos aqui muitas vezes, e vós estivestes onde nós estamos.

Os olhos de Jane percorreram novamente a sala e, de repente, ela ergueu a cabeça e soltou outro lamento:

— Su-u-u-mar-r-r-r-i-i-i!

Com isso, Jane começou a falar numa voz mais profunda e solene.

— E eu sou Sumari sob outra forma — disse a voz. — E todos vós tendes as vossas formas e as vossas máscaras, que usais e usastes. Eu sou Sumari sob outra forma. E todas estas formas sou eu. E todas as vossas formas sois vós. E, tal como eu habito em muitas realidades, também vós habitais em muitas realidades.

Os meus olhos estavam fixos no rosto de Jane, mas, enquanto aquela voz falava de muitas realidades, tomei consciência simultaneamente de duas coisas: uma forte sensação subjectiva de que eu era imensamente, incrivelmente antigo, e de que observava com afecto uma cena que, séculos antes, se transformara em pó e ossos; e, em segundo lugar, de que atrás da cadeira de Jane se encontrava uma figura dourada, tridimensional e bastante sólida, cuja cabeça quase tocava o tecto. A figura permaneceu ali enquanto eu a observava com surpresa moderada, embora não houvesse quaisquer pormenores discerníveis na sua massa. Foi neste momento, diria Jane mais tarde, que sentiu simultaneamente as características de personalidade de um velho e de um rapaz novo — «um rapaz antigo», como escreve em *Adventures in Consciousness*[3] — o antigo e o novo combinados.

Mais uma vez, a sala parecia cheia, girando com movimento, luz e som na periferia da percepção. A figura dourado-amarela desvaneceu-se, mas em seu lugar continuavam a surgir-me fortes imagens mentais de fileiras e mais fileiras de habitações, ou de estruturas urbanas — à espera, parecia-me, numa espécie de posição

de «suspensão» do outro lado do espaço, acumulando energia suficiente para irromper.

Mais tarde, quando a aula comparou impressões, descobrimos que todos tínhamos experimentado algum tipo de alteração do foco de atenção, incluindo «visões» de grupos de figuras espalhadas pela sala. Rob, ao que parece (como Jane descreve em *Adventures*), também teve uma visão — a sua consistia numa luz brilhante e recortada, enquanto estava sentado a dactilografar na cozinha do apartamento do outro lado do corredor, sem consciência do que se passava na aula.

— Somos todos Sumari... e vós sois todos Sumari, e nunca esqueçais que sois todos Sumari e sempre fostes Sumari — dizia a segunda voz, mais profunda.

— Existem outros nomes de família? — perguntou Gert.

— É o nome da vossa família — repetiu a voz. — Sempre foi o nome da vossa família.

Quando a voz terminou de falar, Jane levou muitos minutos a sair do transe — algo invulgar nela. Nessa altura já passava das onze da noite e era hora de terminar a aula. Fomos saindo da sala, desejando boa noite a Jane, que permaneceu sentada, respondendo-nos apenas vagamente, ainda com a atenção atraída para outras direcções.

A noite estava intensamente fria e húmida. Quando comecei a descer a rua, parecia que saía de uma sessão de conversa onírica.

— Que raio foi aquilo? — perguntei a Vanessa e Valerie, que entravam no carro.

Sentia-me desconfortável — e, ao mesmo tempo, triunfante de uma forma misteriosa. Mas aquilo fora obra de Jane, evidentemente, uma nova etapa do seu desenvolvimento. Ainda assim, na noite seguinte, quando me ofereci para registar e dactilografar a sessão regular de Seth para que Rob pudesse dedicar-se a fazer perguntas,

Seth falou longamente sobre Sumari — não apenas como uma viragem importante nas capacidades de Jane, mas como uma aliança psíquica, ou «família de consciência», que existia «em todos os níveis de actividade... que se reúnem por certas razões, razões variadas; cujas inclinações individuais são de algum modo semelhantes... podem pensar, por exemplo, nas corporações da Idade Média», disse Seth a Rob. «É uma adesão por escolha, por outras palavras; por atracção e respeito, normalmente unida por propósitos e esforços semelhantes. Estas são as verdadeiras famílias...

"As suas principais actividades decorrem noutros níveis de consciência. Estais em missões, em certos termos. Participais em reuniões quando estais no estado de sono [e] entre vidas. Trabalhais simultaneamente através de muitas camadas da realidade. Estas são as pessoas, por exemplo... os estranhos que vedes nos vossos sonhos. Estais a afectar as realidades uns dos outros."

Seth prosseguiu descrevendo a «família» Sumari e a sua «forte aliança psíquica e... a agilidade com que conseguem movimentar-se conscientemente entre sistemas, com propósito e com alguma exuberância. Estão muito mais voltados, por exemplo, para as ideias do que para as várias realidades de camuflagem dentro dos sistemas... Muitos grupos, vejam bem, lidam exclusivamente com a realidade de camuflagem entre sistemas, construindo-a e mantendo-a. [Os Sumari] iniciam o nascimento dos sistemas. Transportam constantemente comunicações entre sistemas e lidam com a iniciação e comunicação de ideias...

"O momento era simplesmente o adequado para que a informação [dos Sumari] surgisse", disse Seth. "Dois membros [da aula] tinham perdido familiares. Estavam, portanto, preparados para aprender acerca da sua família maior... e só se pode estar envolvido neste trabalho durante certo tempo antes de se conhecerem os verdadeiros associados... Estais a ser reconhecidos, nos vossos termos, como as vossas personalidades actuais, pela vossa corporação mais uma vez. Estais agora prontos para assumir uma filiação consciente. É uma

forma de familiarizar o vosso eu consciente com as vossas alianças reais e profundas."

Seth acrescentou que todos os presentes na aula da noite anterior pertenciam a este clã Sumari, assim como outras pessoas que frequentavam a aula de Jane, mas que existiam outras «famílias» de consciência envolvidas nos seus próprios empreendimentos específicos.[4]

Depois desta primeira aparição, os transes Sumari de Jane mudaram rapidamente de semana para semana.

Na aula seguinte, Jane explicou parte da informação de Seth sobre a «família» Sumari.

— Seth fez uma observação qualquer sobre a minha «aversão a irmandades, vivas ou mortas» — riu-se Jane. — Disse que os Sumari eram temperamentamente adequados ao trabalho criativo, mas que «não gostavam de ficar por perto a cortar a relva», o que, suponho, é uma descrição bastante exacta!

Depois, fácil e suavemente, Jane entrou em transe, e a personalidade Sumari surgiu, de olhos muito abertos e sorridente, com uma certa suavidade no rosto que não lhe era conferida pela presença de Seth.

Desta vez, porém, as palavras que utilizava não eram em inglês. A princípio pensei que estivesse a falar francês ou latim — ou alguma mistura dos dois. Mas não era nenhuma língua tal como conhecemos as línguas; era um som semelhante a uma linguagem, que saía dos lábios de Jane com uma estranha eloquência, acompanhado por gestos belos e graciosos.

«A voz suave, quase inaudível, da personalidade da semana anterior surgiu através de Jane, falando séria, suplicante e afectuosamente com Sue, Sally e Florence numa língua totalmente estranha», recorda Faith Briggs acerca dessa noite. «A certa altura,

Jane bateu com a parte de trás do pescoço na cadeira de costas direitas onde estava sentada, por isso Gert colocou uma almofada macia atrás da sua cabeça...

"Jane passou por todo o tipo de representações", diz Faith, "como se estivesse a relacionar características do grupo actual de Sally e Florence com os seus equivalentes de há muito tempo, cantando canções de embalar, mudando a expressão, o tom e a maneira de falar, e terminando com aquele Su-u-u-mar-i-i-i! num chamamento prolongado. A certa altura fiquei toda arrepiada. Jane esforçava-se tanto, em transe, para que o grupo [à sua frente] repetisse e compreendesse as palavras que estava a usar. Parecia uma semana de regresso à velha casa!"

A personalidade Sumari em transe falou com cada um de nós nessa não-linguagem. Durante alguns minutos tentei traduzi-la palavra por palavra (uma técnica que não funciona, seja qual for a língua); depois relaxei e ouvi o som como se ouve música. Em seguida, Sumari-Jane fez-me um gesto, apontou rua acima na direcção do meu apartamento e representou por mímica uma mãe a embalar o bebé para adormecer, enquanto continuava a falar naquela linguagem de sons ternos e aveludados. Era doce e obviamente apropriado, mas descobri que simplesmente não me sentia muito confortável com aquilo — a expressão emocional era demasiado aberta para mim. E então, sem qualquer aviso, Sumari-Jane começou a cantar!

Já tinha ouvido Jane cantar com a sua «própria» voz e posso garantir que ela não afinava particularmente bem. Embora adorasse todas as formas de música, do rock à música clássica, não tinha qualquer formação musical (excepto o coro da escola católica). Mas as canções Sumari combinavam muitas facetas incríveis de capacidade, incluindo uma sofisticação vocal e uma extensão normalmente para além das suas possibilidades.

«Jane, que não possuía conhecimentos nem formação como cantora, fez aquilo que fazem os vocalistas treinados», reconheceram Warren e Camille Atkinson, ambos músicos e professores de música.

Fluindo de Jane com facilidade e alegria, as canções Sumari eram frequentemente intercaladas com fala Sumari e revelavam uma acuidade psicológica tão hábil quanto a de Seth — mas sem palavras. O seu Sumari era como canções da psique; captava o «som» interior de uma pessoa e a sua relação com os restantes membros da aula. Podia, por exemplo, cantar em Sumari para dois ou três de nós, utilizando gestos, tons e ritmos musicais e uma variedade de registos vocais, desde um soprano agudo até um tenor rouco, para expressar os nossos próprios níveis de interacção. Várias vezes, as primeiras canções Sumari dirigiram-se a Rob e a mim e a dois dos nossos chamados eus passados, Nebene e Shirin.

Como Jane descreve no capítulo 5 de *Adventures in Consciousness*, Nebene e Shirin eram personalidades que Rob e eu supostamente tínhamos sido no século I d.C.: ele, um professor rígido e disciplinado; eu, uma aluna insolente e desafiadora. Tínhamos encontrado estes outros eus de forma completamente espontânea numa noite de sexta-feira, percebendo simultaneamente imagens da escola e da paisagem circundante com pormenores idênticos. Jane e eu também vimos imagens da personagem Nebene na sala de estar, e eu tive a estranha experiência de sentir Shirin formar-se dentro de mim e espreitar através dos meus olhos para a sala do século XX: como se um conjunto de sentimentos vagamente definidos adquirisse subitamente uma identidade própria, completa com uma «história» de outro tempo e lugar.

Desde essa noite, porém, Rob e eu não explorámos mais esta memória partilhada por várias razões — para começar, uma simples falta de tempo. Mas, de vez em quando, brincávamos um com o outro acerca do «perfeccionista» e da «pirralha» e ignorávamos em grande medida as implicações de como estas personalidades poderiam representar porções das nossas estruturas psicológicas.

Sumari parecia determinada a levar-nos a relacionarmo-nos como Nebene e Shirin, contudo. Rob assistiu a várias aulas no início de 1972 e, de cada vez, Sumari-Jane voltava-se para nós e sugeria, em

palavras e em canção, uma luta de emoções conflituosas com que essas outras pessoas dentro de nós tinham lidado nas suas vidas — ou que representavam essas emoções para nós agora. Depois, Sumari apontava para Rob, para mim, e ficava à espera, expectante, em transe. Parecia querer que exprimíssemos tudo isso um ao outro em Sumari. Nunca o fizemos. Eu era demasiado inibida: devia simplesmente inventar palavras à medida que avançava? Parecia ridículo. No entanto, quando Sumari-Jane pegou numa caneta e num papel e desenhou uma série de diagramas geométricos para explicar a sua intenção, Rob rabiscou imediatamente algumas palavras e passou-me a nota:

Kranjo:

Saja bundila a gre op rendo qersa
tuma
lunera Mabajundo.

Petiloj re per.

KE

Fez todo o sentido para mim quando a li, tal como a nota de resposta que lhe entreguei:

Te jingjo le é bordujo—
mayando.

— Sim — disse Rob, levantando os olhos do meu rabisco. — Sim, é isso mesmo.

O afecto surgiu entre nós, e dei-lhe um beijo na face, enquanto toda a aula, e Jane em transe, observavam. Depois Jane saiu do transe e perguntou:

— O que é isto?

— Ah, bem... — engoli em seco.

Rob encolheu os ombros e riu-se. Foi como acordar de um sonho e senti-lo desaparecer da mente. Nem sequer conseguia lembrar-me do que aquelas malditas notas tinham significado para mim, quanto mais dos diagramas loucos. Jane olhou para as palavras de Rob e deu a tradução que lhe pareceu adequada.

— Kranjo, que significa «bebé» ou «coisa jovem» — Shirin, aparentemente — disse ela. — A severidade de um grande propósito não permite lágrimas ou risos fáceis. A intuição encontra-se onde as regras não conseguem seguir.

Seria isto um reconhecimento da ruidosa lição de Shirin ao disciplinador Nebene?

Jane não traduziu a minha pequena resposta; em vez disso, Sumari voltou a manifestar-se e representou o papel de uma menina, agitando a saia de Jane até aos tornozelos, atirando o cabelo para trás e choramingando numa voz cantada. Se aquilo era suposto representar-me, senti-me profundamente embaraçada. Mas, numa transição suave, Sumari-Jane cantou para mim num vibrato vibrante e poderoso, através do qual compreendi que a insolência audaciosa de Shirin podia ajudar-me a projectar a minha criatividade para o mundo; enquanto eu podia dar-lhe — ou dar a essa parte de mim — discernimento e foco criativo.

— Jane [tinha dito] algo que soava à palavra «invocação» — recorda Faith Briggs. — Imediatamente, [Jane] entrou numa longa diatribe de cerca de vinte minutos, falando Sumari, mas com um carácter completamente diferente [do Sumari anterior]. Evidentemente, era suposto tratar-se de uma caracterização da voluntariosa Shirin.

— Sue estava sentada a divertir-se e a sorrir maliciosamente — diz Faith sobre essa cena. — A certa altura [Sue] disse: «Meu Deus! Não mudei nada em 2.000 anos!» O Sumari imitou movimentos de

sono entre Shirin e Bette [que aparentemente tinha sido ama de Shirin]. Como Shirin, [Sumari-Jane] provocou Bette, insultou-a, bebeu vinho, trocou um colar de contas com Sue, adoptou uma postura provocante e sedutora com Arnold Pearson... e, de um modo geral, fez uma enorme confusão! Que espectáculo!

Depois de terminar com Shirin, Sumari-Jane passou a caracterizar, para Gert, Florence e Bette, os seus papéis multicamadas na aula. Para Gert, Sumari indicou um hábito de freira, orações e movimentos robotizados, que gradualmente se suavizaram numa representação de luto. Para Florence, Sumari interpretou uma rapariga jovem e sensual — e depois gritou uma canção de desafio para o céu. Após uma longa canção em staccato dirigida a Bette, Jane saiu do transe. Imediatamente, Bette disparou:

— Eu sabia que devia ir junto de toda a gente, tocar-lhes nas têmporas e dizer: «Eko-Eko Sumari.» Pois não o fiz!

Olhou fixamente para a sala, desafiando alguém a perguntar porquê.

— Quando cantaste para mim — disse Florence a Jane —, pela primeira vez desejei que o meu marido estivesse aqui comigo. É uma reacção estranha, suponho — ele não se interessa muito por estas coisas.

— Era um lamento por mim própria — disse Gert, intrigada. — Compreendi-o na altura, enquanto o fazias. Senti como se cada célula do meu corpo soubesse o que estavas a dizer.

Penso realmente que os dramas Sumari tinham como objectivo conduzir-nos, através das nossas emoções, ao conhecimento das nossas identidades. O facto de Sumari-Jane falar através da música e de uma não-linguagem significava que tu, o ouvinte, tinhas de sentir uma interpretação («Chorei e chorei quando ouvi Sumari pela primeira vez», diz Camille Atkinson) ou desligar-te completamente do acontecimento — o que alguns membros fizeram, não apreciando de

todo o fenómeno Sumari («Para mim, Sumari era apenas uma quantidade enorme de ruído», recorda Harold Wiles).

Eu encontrava-me algures entre estas reacções. No entanto, para além da sua importância psicológica, as canções e a poesia Sumari eram, simplesmente, obras de arte magníficas. Numa semana, Warren transpôs a «Canção da Criação» Sumari e tocou-a para nós no violoncelo — surpreendendo ninguém mais do que Jane com a sofisticada beleza da obra.

Nas sessões privadas de Jane e Rob, Seth forneceu extensas informações sobre a natureza da linguagem por detrás dos sistemas físicos e sobre a forma como o Sumari deveria conduzir-nos, através da qualidade do som, para longe da estrutura aceite das palavras e para a expressão básica e multidimensional do ser.

— Como já disse muitas vezes, a linguagem é usada tanto para distorcer como para comunicar claramente — disse Seth a Rob pouco depois do aparecimento do Sumari. — Existe uma estrutura dentro da linguagem Sumari, mas não é uma estrutura baseada na lógica. Parte da sua eficácia tem a ver com a sincronização dos seus ritmos com o ritmo corporal. Os próprios sons activam zonas do cérebro que normalmente não são utilizadas de forma consciente. É uma linguagem disciplinada na medida em que a espontaneidade possui uma ordem muito superior a qualquer uma que reconheçam.

— A palavra «Shambaline» [por exemplo] conota as faces mutáveis que o eu interior adopta através das suas várias experiências — disse Seth a Rob. — Ora, esta é uma palavra que sugere relações para as quais não têm qualquer palavra. «Shambalina Garapharti» [significa] «as faces mutáveis da alma sorriem e riem umas para as outras». Tudo isso está contido numa única expressão.

— Ao pronunciarem as palavras e abrirem a percepção, o significado torna-se claro de uma forma que não pode ser expressa verbalmente, usando o vosso padrão linguístico reconhecível mas rígido; por isso lidaremos tanto com conceitos como com sentimentos,

procurando-os através da utilização de um novo método e, por vezes, traduzindo-os para trás e para a frente como exercício.

E, sendo a aula o campo de testes que era, as explicações de Seth sobre o Sumari foram «postas à prova» das formas mais estranhas — começando pelo «círculo Sumari».

Seth estivera a falar-nos longamente, nessa terça-feira de Dezembro, sobre as portas interiores que o Sumari podia abrir.

— Cada um de vós recebe revelações a cada momento das vossas vidas — dizia ele. — A vossa vida é uma revelação. Estamos a tentar conduzir-vos suavemente para que aceitem as revelações dos vossos pares. Dentro de vós há respostas e perguntas. As perguntas destinam-se a conduzir-vos às vossas próprias respostas, e as respostas não serão as mesmas.

— As revelações vieram através dos séculos; as revelações são os séculos. Os séculos são transparentes. Podem olhar através desta história que conhecem. Os eus que aí estão sentados conhecem outros eus. Existem revelações dentro de vós que não precisam de palavras; precisam de emergir como novos planetas para a vossa própria consciência, e precisam de ser recebidas com suavidade, sem lhes atribuírem rótulos ou nomes.

— Por isso estamos a afastar-vos dos rótulos e dos nomes e, durante algum tempo, poderão sentir-se confusos ou solitários, porque só se sentem seguros quando conseguem dar um nome a uma experiência; e querem saber: O que é isto? Qual é o seu nome? Esta linguagem [Sumari] é uma verdade? Existiu no passado? O que é?

— Queremos que abandonem a pontuação normal da vossa experiência, porque colocam pontos finais, pontos de interrogação e travessões onde eles não pertencem... as palavras são pedras de passagem destinadas a conduzir-vos para outras áreas da experiência. Dentro da palavra existe um conhecimento sem palavras. Agora precisam dos sons para vos recordar isso.

— Com o tempo — no vosso tempo — dispensarão até os sons. Estarão a caminhar para trás, nos vossos termos, para o coração da percepção; por isso deixarão para trás muitas das verdades que agora vos são familiares, as palavras que tomam como garantidas. Porque, quando consideram uma experiência, aplicam-lhe palavras muito mais do que sentimentos: esta palavra aplica-se ou aquela aplica-se, ou então o que é isto? E sem o seu rótulo, atrevo-me eu a experimentar este desconhecido?

As palavras de Seth eram lentas e medidas, ao contrário do seu habitual tom jovial; parecia que cada sílaba estava a ser transmitida através do crânio de Jane com uma ênfase peculiar. Quando Seth terminou, Florence tirou um bloco de notas da mala e desenhou nele um motivo (figura 10).

— Ando a rabiscar isto há anos — disse ela, hesitante —, mas agora parece-me muito importante mostrar-vo-lo.

Ergueu o bloco, exibindo o desenho, e entregou-o a Jane, que entrou em transe Sumari. Segurando o desenho de Florence, Sumari falou a cada um de nós, por sua vez, num tom rápido e encantado. Feito isso, Sumari-Jane recostou-se na cadeira de baloiço, fechou os olhos e começou um cântico baixo, rítmico e melodioso que prosseguiu indefinidamente, pontuado pelo bater do seu punho cerrado no braço da cadeira. E continuou, continuou; Sumari-Jane balançava-se suavemente para a frente e para trás — pum! pum! — cantando e batendo, cantando e batendo.

Gradualmente, esse cântico-canção tornou-se cada vez mais poderoso até que, de repente — com uma brusquidão perfeita que não surpreendeu ninguém até ao fim da noite — todos nós nos levantámos e nos juntámos à canção, entoando-a em voz alta e clara sem falhar uma única batida nem tropeçar numa palavra. Caminhámos em procissão à volta da cadeira de Jane, eu incluída, cantando em vozes ressonantes e ecoantes, com as «palavras» perfeitamente nítidas e sem distorções, embora não pertencessem a qualquer língua que algum de

nós conhecesse depois. O poder e a antiga clareza simbólica ressoavam pela sala, e estávamos totalmente imersos na experiência, participando livremente e sem reservas. Naqueles momentos, compreendemos sem qualquer dúvida a intenção e a origem daquele «círculo» — e exprimimo-las.

No mesmo instante, toda a gente parou. A canção terminara.

Sumari-Jane dirigiu então vários de nós, em Sumari, para mudarmos de lugar: Florence devia colocar-se diante das janelas salientes e olhar para a noite nevada; eu devia ficar voltada para a porta fechada do apartamento. Tudo parecia completamente apropriado e lógico, simbólico e literal. Ficámos nos nossos lugares por um momento e depois, simultaneamente, Florence e eu voltámo-nos uma para a outra e caminhámos para o centro da sala.

Com naturalidade, Florence ajoelhou-se diante de mim e tocou-me nos dedos dos pés — uma acção que me deixou atónita, no primeiro relâmpago de perplexidade que sentira durante toda aquela experiência. Afastei-me dela, embaraçada — e o sentimento de grupo evaporou-se. Só muito mais tarde associei o gesto de Florence à minha visão onírica de 16 de Novembro, que eu não tinha descrito na aula.

Jane estava fora do transe, a olhar: ali estávamos nós, todos de pé, formando um círculo.

— Ah, pessoal — disse ela, rindo —, o que é que se passa desta vez?

Na verdade, Jane disse que estivera consciente do «círculo», das suas acções e do seu significado durante todo o tempo, e que tudo lhe parecera perfeitamente natural. Ainda assim, do que se tratava realmente? Jane não conseguia acreditar que todos nós nos tivéssemos levantado e gritado aquele cântico juntamente com ela, mas vários gravadores tinham permanecido ligados durante todo o tempo, e reproduzimos as gravações para o provar. E parecia que cada um de nós compreendera todo o acontecimento — enquanto ele decorria.

— Não sei — reflectiu Bette sombriamente —, agora sinto-me ridícula.

Lembrei-me de um sonho que tivera algumas noites antes, em que fazia parte de um grupo de pessoas vestidas com túnicas, balançando e dançando enquanto o sol nascente iluminava uma pirâmide negra e achatada no horizonte distante. Estaríamos a recordar algum tipo de cerimónia de tempos remotos?

— Estiveram, de facto, envolvidos numa variação de uma cerimónia antiga, na qual todos vós, nos vossos termos, estiveram envolvidos em certa altura — disse-nos Seth na semana seguinte. — Esta foi a vossa tradução dela em termos que conseguem compreender, tal como aquilo que são agora é uma tradução de vós próprios em termos que conseguem compreender.

— Mas lembrem-se, todos vós, de que a vossa realidade não está estruturada em termos lógicos, tal como pensam a lógica. O vosso sonho mais caótico, esse episódio simbólico mais importante, e as experiências que tiveram e que vos parecem tão desestruturadas, tudo isso possui a sua própria estrutura interior intuitiva. Compreendem muito bem essa estrutura, quer admitam conscientemente esse reconhecimento, quer não.

Ainda assim, alguns membros da aula nunca aceitaram facilmente o fenómeno Sumari. Depois do «círculo Sumari», os transes Sumari de Jane incluíam frequentemente instruções para que determinados membros se colocassem diante de outros, ou caminhassem pela sala de uma determinada forma, ou talvez trocassem pequenos artigos de roupa ou jóias. Alguns de nós respondiam com entusiasmo, outros não. Num destes minidramas, Bette Zahorian recusou-se a participar até que Sumari-Jane a incentivou suavemente durante a maior parte da noite; por fim, Bette levantou-se, resmungando, e consentiu em deslocar-se de pessoa em pessoa, tocando-lhes na testa — o impulso que admitira ter tido em aulas anteriores.

— Mas que me levem os diabos se vou aprender outra língua! — resmungou Bette mais tarde, em protesto.

"Como é que ficamos aqui sentados a ouvir isto e a fazer coisas engraçadas, afinal? O que é que estamos a fazer?"

"Bem, há realidades emocionais envolvidas, Bette", disse Jane. "Mas compreendo a tua situação, porque também faço esse tipo de perguntas a mim própria." Jane descreveu uma experiência que ela e Rob tinham tentado fazer, na qual ligaram o gravador e conversaram em Sumari durante várias horas, deixando simplesmente as palavras fluírem sem qualquer plano. "A tradução é emocional", disse Jane. "Tens, como que, novas ideias de som, como numa pré-linguagem…"

"Não sei, só acho que fico aqui sentada semana após semana sem saber o que se passa", respondeu Bette. "Penso que algumas pessoas aqui recebem mais informação do que outras e sinto-me excluída. Porque é que eu devia andar à volta de toda a gente a dizer aquelas coisas em Sumari? Não sei porquê, mas apetecia-me fazê-lo. Porquê? O que estava eu a fazer? Ninguém me diz nada."

Imediatamente, os óculos de Jane foram arrancados e a voz de Seth trovejou pela sala. "Os Sumari voltam sempre para casa", disse ele a Bette com grande falsa solenidade. "Nunca saíram de casa e sabem onde fica a casa, e nenhum de vós saiu da sua casa e o [Sumari] que há em vós sabe isso muito bem. Ora, eu não tenho favoritos, e tu sabes isso muito bem, e quando precisas de ajuda, recebes ajuda, e quando os outros precisam de ajuda, recebem-na."

"Sim, mas acho que fui preparada para aquilo", retorquiu Bette, zangada. "Estou a pôr em palavras aquilo que os outros talvez estejam a pensar."

"Eu não disse que foste preparada — apenas disse que não tenho favoritos", respondeu ele. "Ora, tu sabias o que devias fazer [ao tocar nas testas], e demoraste umas boas duas horas a fazê-lo, e agora queres uma medalha!"

“Não, não quero uma medalha”, disse Bette. “Só gostava de saber porque o fiz, porque não sei porque o fiz.”

“Então devias perguntar a ti própria porque o fizeste. E se deixasses de dizer a ti própria que não sabes porque o fizeste, então saberias que já sabias porque o fizeste!”

Os olhos de Bette estreitaram-se em pequenas contas negras. “E tu não me vais dizer porque o fiz, pois não?”

“Diz-me tu porque o fizeste — eu não estou habituado a essas coisas”, respondeu Seth, com humor. “Porque o fizeste?”

“Não sei”, suspirou Bette, resignada.

“Foi uma bela bênção. Porque não ficas por aí?”

Bette soltou outro suspiro. “Está bem. Não vou discutir contigo, Seth. Deixo isso de lado, se é o que dizes.”

“Tu nunca deixas nada de lado”, sorriu Seth. “Não teria nem metade da graça se o fizesses. Eu não te estou a repreender!

“Alguns Sumari regressam a casa mais depressa do que outros e alguns Sumari levam o seu tempo”, disse Seth, após uma pausa. “Ora, eu não quero dar-vos todas as respostas sobre o desenvolvimento Sumari, porque algumas das respostas deveis descobri-las por vós mesmos, e algumas das respostas não podem surgir a menos que as descubrais por vós mesmos... e os cânticos Sumari destinam-se a conduzir cada um de vós mais profundamente para dentro das suas próprias realidades.”

“Há significados nas vogais e nas sílabas e nos sons que vos serão explicados à medida que aprenderdes o que são através da experiência”, disse Seth noutra aula. “Sois capazes de usar os vossos sentidos interiores enquanto estais nesta sala; portanto, deveis usar as

vossas próprias perceções interiores. Prestai atenção aos vossos sentimentos e interpretai-os. As vogais e as sílabas afetam-vos de forma diferente, não apenas como grupo, mas individualmente, e é essa a intenção.

"Na medida em que compreenderdes isto, sereis capazes de utilizar grande parte deste material em vosso benefício, em casa e nos vossos sonhos e na cura e na manutenção da eficácia e da integridade da vossa própria imagem física."

Seth também nos disse muitas vezes para estarmos atentos a outros Sumari: que existia um reconhecimento natural entre membros destas "famílias" de consciência.

"É engraçado este reconhecimento das pessoas Sumari", diz Priscilla Lantini. "Eu trabalhava à noite [como empregada de mesa] no restaurante e um casal sentou-se numa das minhas mesas. Durante o jantar trocámos gentilezas e eu sentia que os conhecia. Finalmente perguntei se os tinha visto antes, se eram de Elmira ou talvez amigos de um dos meus filhos. Disseram que eram de Nova Jérsia e sentiram que também me conheciam de algum lado. Era a primeira vez que estavam em Elmira e tinham vindo para ver Jane porque tinham lido os livros de Seth e estavam muito interessados, mas não conseguiam contactá-la! Sim, eu sinto o que é Sumari e sim, sinto que nos conhecemos uns aos outros."

De facto, a maior parte dos membros da aula compreendeu imediatamente o que Seth queria dizer e podia descrever muitos encontros desse tipo — tal como tenho a certeza de que os leitores também podem.

Outra forma pela qual Sumari foi personalizado para os membros da aula foi quando Seth (a pedido de Rob) atribuiu a muitos de nós os nossos nomes de entidade. Tal como o "Ruburt" de Jane e o "Joseph" de Rob, estes nomes supostamente exprimem a totalidade da pessoa, ou "a imagem da soma das vossas várias personalidades no passado e no futuro", como Seth explica em *The Seth Material*. "Os nomes

são um som que fazes — que a tua mente faz — quando se encontra com o universo, tal como cada folha tem um som que produz ao mover-se contra o céu", acrescentou Seth num encontro informal da aula em 1979. "Assim, a tua mente soa. E esse som tem uma determinada identificação. É o som do movimento das folhas da tua mente."

Para dar alguns exemplos, segundo Seth, o meu nome de entidade é "Oranda"; o de George Rhoads é "Fromage"; o de Florence MacIntyre, "Fentori"; o de Bette, "Varneldi"; o de Gert Barber, "Meor"; o de Harold, "Larlee"; o de Priscilla Lantini, "Sorta"; o de Richie Kendall, "Ringdano"; o de Mary Strand, "Peter"; o de Jed Martz, "Torlara"; o de Lauren DelMarie, "Pan"; o de Zelda Graydon, "Fromadon"; o de Rudy Storch, "Norvelinda". No espaço de dois anos, o nome de entidade de um membro da aula mudou, segundo Seth, de "Igor" para "Fornestor": "Ele é um novo eu", explicou Seth, ao mesmo tempo que advertia que os nomes eram basicamente destituídos de significado. Observámos Phil atentamente: seria uma probabilidade a emergir mesmo diante dos nossos olhos?

A Sumari-Jane também deu pequenas canções personalizadas a vários membros da aula; Seth disse-nos que estas podiam ser cantaroladas ou cantadas em privado para recuperar sentimentos de afirmação, ou para ajudar na cura e na "manutenção geral da imagem física". Estas pequenas canções eram requintadamente belas e, naturalmente, impossíveis de reproduzir por escrito; mas, tal como os nomes de entidade, exprimiam o "tom" interior de uma pessoa; e cada uma era completamente diferente, tal como cada canção Sumari era diferente de todas as outras.

"Não sei o que pensar desta coisa dos nomes de entidade", queixou-se Lauren DelMarie certa noite, depois de Seth lhe ter chamado 'Pan — que toca a sua flauta nas encostas das montanhas'. "Quero dizer, e se eu acordar uma manhã e descobrir que tenho pés de cabra?"

Jane riu-se e apontou para o retrato de Seth pintado por Rob, pendurado na parede junto ao televisor. “Olha, quando o Robbie acordar uma manhã e encontrar aquilo a dormir ao lado dele, então todos nos preocupamos”, disse ela.

“Seth dorme”, acrescentou Warren.

“Lembro-me da primeira vez que ouvi Sumari”, recorda Betty DiAngelo numa longa e lírica passagem sobre a experiência. “Embora eu não tenha escrito as minhas impressões, foi uma expansão instantânea da mente. Quase conseguia ouvir um estalido quando mudava de canal... por vezes tinha a sensação de finalmente chegar a casa após uma longa viagem; outras vezes era como a sensação agradável e pacífica que se tem ao caminhar depois de uma queda recente de neve. Por vezes havia nela uma bela tristeza ou saudade. Era também uma experiência estabilizadora e centradora, como rodar um botão até ao ponto exato em que a receção é mais forte e mais nítida.

“Lembro-me de uma vez ter tido a impressão distinta de que Sumari vinha de toda a parte — das paredes, das plantas da sala e até do chão sob os nossos pés. E, por último mas não menos importante, havia o espanto provocado por tal proeza da parte de Jane. Certamente estávamos a testemunhar, e a fazer parte de, algo milagroso ou mágico. Era bom e correto ser uma pessoa, algo que não afirmamos vezes suficientes, pois passamos tanto tempo a censurar-nos a nós próprios e à raça humana em geral.

“O canto de Jane era o meio pelo qual fazíamos viagens Sumari juntos; o veículo era usado como se estivéssemos num autocarro e Jane fosse a motorista”, diz Betty. “Embora estivéssemos todos no mesmo veículo, a dirigir-nos para o mesmo destino, cada um de nós via a paisagem de forma única através de si próprio.

“No início não me atrevia a admitir a mim própria o entusiasmo que sentia com o conceito... da família Sumari. Como era contraditório para mim — desde criança que sou ferozmente anti-

grupos. Mas, ao princípio, era como se estivesse a espreitar por entre as mãos colocadas diante do rosto. Gostava dos aspetos esotéricos da ideia da família Sumari... não conseguia ignorá-la... de que outra forma explicar a confiança familiar entre os membros da aula e a sensação de que éramos uma espécie de família? Havia tanta abertura e comunicação na aula — tanta confiança dada por adquirida; era um aspeto natural da aula e não algo em que trabalhássemos...

"A poesia Sumari dirige-se à entidade no tempo e é uma experiência em muitos níveis, como toda a literatura substancial. E não fala apenas à família Sumari... os poemas [de Jane] parecem-me presentes preciosos e encantadores cuja novidade nunca se esgota, mas é experimentada de novo sempre que regressamos a eles."

George Rhoads recorda Sumari de forma sazonal.

"Sumari é o drama do eu interior, simbolizado e condensado, como um sonho desperto sob a forma de música", diz ele. "Sumari não julga nem interpreta nem explica. Elucida a totalidade do ser à medida que se torna uma criação por direito próprio.

"Há temas que regressam de canção para canção, tanto nas palavras como na melodia. Uma canção cresce e evolui para a seguinte. A nova canção remete para a antiga ao mesmo tempo que mergulha no novo, e cada combinação é única. Nas canções que surgiam através de Jane, dos padrões algo formais e estruturados do inverno emergiam temas fortemente emocionais e dramáticos, relacionados com problemas e atitudes. Depois, com a primavera, surgiam canções mais fluidas e primitivas, evocando novas preocupações psíquicas. Mesmo nessas, tão diferentes das primeiras canções, havia vestígios e indícios de temas que tinham sido apresentados muito antes.

"Esta evolução das canções Sumari acompanha o desenvolvimento da aula como um todo. Passámos de uma perspetiva confusa, limitada por problemas pessoais e por uma atitude de busca, para a área da concretização das crenças, incluindo e transcendendo

teorias e problemas, para a perceção do poder do presente, que é o ponto de controlo das crenças, e depois para uma brincadeira criativa com as próprias crenças. As canções finais pareciam abrir a porta para mundos de realidade alternativa.

"A canção Sumari tem significado em muitos níveis", conclui George, "e está sempre a dizer que a alegria e a agonia, o vazio e a plenitude, a confusão e a iluminação, são simplesmente canção."

"Havia uma riqueza de símbolos", diz Dan Stimmerman. "O outono chegou e as mudanças na terra que significam tanto para mim eram frequentemente a linguagem de Seth e a poesia de Jane e de Sumari."

CAPÍTULO 8

REENCARNAÇÃO: SOBREVIVÊNCIA DOS MAIS APTOS?

"AGORA PODEIS MOVER-VOS LIVREMENTE ATRAVÉS da vossa consciência e experimentar outros tempos, outros lugares, outros eus que sois", dizia Jane. "Esses eus que fostes, nos nossos termos, vivem dentro dos átomos e moléculas do vosso ser, e podem

tornar-se tão conscientes de vós como vós vos podeis tornar conscientes deles...”

Abri os olhos e olhei para cima. Jane estava a conduzir-nos através de uma experiência de mobilidade da consciência naquela aula de novembro de 1970, e até ela estava sentada de olhos fechados enquanto proferia o longo e tranquilizador monólogo. Lancei um olhar distraído pela sala cheia de pessoas, todas em várias posições de repouso, acompanhando mentalmente as palavras de Jane. Era uma cena agradável e gratificante. Olhei para o outro lado da sala, para Laurie, uma recém-chegada, que devia estar sentada no sofá azul.

Não estava.

Sentado no lugar de Laurie, tão nítido e tão tridimensional como o resto da sala, um velho grotescamente emagrecido e de aspeto miserável olhava vagamente para mim. A boca pendia-lhe frouxa; o rosto caía em pregas de pele curtida pelo tempo. Fios de cabelo branco saíam em ângulos estranhos do crânio. A figura permaneceu durante alguns segundos e desapareceu, trocando de lugar com Laurie.

Quando Jane terminou, relatei o que tinha visto, juntamente com outras impressões: eu “sabia” que o velho tinha vivido no início do século XX e morrido de tuberculose numa pensão situada num bairro degradado de uma cidade americana. Em particular, continuava a vê-lo numa rua chuvosa, caminhando sem rumo, vestido com uma camisola e umas calças sujas — sem ninguém, sem nada, que pudesse chamar seu. As imagens eram vívidas, quase sobrepostas à sala de estar de Jane.

Laurie ouviu, corando. “Não sei porquê, mas isso faz um estranho tipo de sentido completo para mim”, disse ela.

Nesse momento, Jane tirou os óculos.

“A informação estava completamente correta”, disse Seth a Laurie, “e tem algo a ver com o problema em que estás a trabalhar,

para que possas usar isto ao fazer perguntas ao teu próprio inconsciente e ao teu eu mais profundo." Seth fez um gesto para indicar a condição de excesso de peso de Laurie. "A ideia de seres magra e esbelta faz-te lembrar esse eu anterior consumido pela tuberculose."

Laurie assentiu. "É por isso que não consigo formar uma imagem nítida de mim própria tal como quero ser?", perguntou.

"É exatamente por isso, e também porque sentes que o peso extra é uma espécie de seguro contra a tuberculose", respondeu Seth. "Contudo, nessa vida passada tiveste a doença para os teus próprios fins. Nessa vida, não compreendias nem apreciavas a realidade física e não sentias que conseguias agir dentro dela com facilidade, eficácia ou competência. Não gostavas da vida física... mas nessa vida aprendeste um sentido de compaixão que não possuíras anteriormente, na vida anterior àquela, em que foste soldado. Nessa vida eras dado à violência e não tinhas uma compreensão profunda dos teus semelhantes... eras um homem muito forte e corpulento.

"Sentias apenas desprezo por aqueles que eram fisicamente fracos. As tuas atividades nessa vida acabaram por te causar um profundo desgosto devido às guerras em que estiveste envolvido. Essas guerras estavam intimamente ligadas às Cruzadas...

"Por causa do desprezo que sentias por ti próprio nessa vida, escolheste uma vida seguinte em que a tua imagem física era muito pequena e frágil e, ao teres essa imagem, aprendeste a natureza da compaixão. Onde antes tinhas usado a força, passaste agora a sentir o peso da força. Onde antes não tinhas qualquer utilidade para os fracos, encontraste-te de facto entre eles...

"Na tua mente, um corpo magro significa predisposição para a doença e falta de força", continuou Seth. "Agora, ao compreenderes isto e ao trabalhares com o teu eu interior, isso ajudar-te-á a mudar o teu corpo físico. O que realmente desejas, vês, é o corpo do guerreiro para te proteger, mas já não és esse guerreiro."

Depois de advertir Laurie para não pensar que estava implícita qualquer culpa pelas ações do guerreiro ("A verdadeira compaixão é força, mas tu não sabias isso e, por isso, tiveste de o ensinar a ti própria"), Seth voltou-se para outro aluno e apresentou uma longa explicação sobre as razões interiores pelas quais o homem tinha uma deficiência congénita nesta vida — razões que, segundo Seth, se tinham manifestado através de algum tipo de defeito físico em todas as suas vidas.

"Em cada uma das tuas vidas, carregaste aquilo que para ti é um distintivo", disse-lhe Seth. "Em cada vida escolheste afetar uma parte ou outra da tua imagem física para que não pudesse funcionar corretamente, como um lembrete para ti próprio e até para o teu eu físico atual de que não estavas a embarcar de todo o coração nestas aventuras de vida... Para ti, é uma recordação constante.

"Tudo isto foi, até certo ponto, símbolo de uma recusa em entrar completamente nas experiências que tu mesmo escolheste. Nesta vida, deves compreender que colocaste essa distância entre ti e os outros; entre o eu interior e aqueles que conheces na realidade física e que, para cumprires plenamente os propósitos que estabeleceste para ti próprio, deves agora relacionar-te emocionalmente com os outros, apesar do distintivo que adotaste."

Seth forneceu-lhe mais pormenores e Jane saiu do transe.

Enquanto Laurie punha Jane ao corrente da descrição do guerreiro feita por Seth, o meu marido, Ned, comentou que também sentia que tinha sido uma pessoa guerreira muitas vezes.

"Talvez os problemas que tenho agora com o recrutamento sejam porque estou a tentar ser o oposto disso", disse Ned, referindo-se aos seus esforços infrutíferos para obter o estatuto de objetor de consciência ou, pelo menos, ser declarado não combatente. "Serviria como socorrista, mas nunca mataria ninguém", afirmou.

Então Seth regressou para dizer a Ned que tanto ele como eu tínhamos vivido na Europa e participado na Segunda Guerra Mundial; ele como interno e eu como enfermeira.

"E os sonhos que tens tido são bastante legítimos", disse Seth para mim, referindo-se aos sonhos recorrentes de guerra que eu tinha desde a infância e alguns dos quais relatara na aula. Seth deu-nos informações detalhadas sobre essas vidas, incluindo apelidos de família, datas, locais de nascimento e outros factos verificáveis.

"Ambos foram lançados para a guerra aparentemente por força das circunstâncias e ambos morreram de forma violenta, separadamente, durante a guerra — tu [Ned] nas ruínas de uma catedral na Alemanha e ela [eu] mais tarde em França", disse Seth. "Nesta vida, por isso, são contra a guerra, estão extremamente insatisfeitos com o sistema atual e ressentidos porque combateram a guerra que deveria acabar com todas as guerras e agora percebem que nenhuma guerra acabará com todas as guerras e que apenas a paz acabará com todas as guerras. Por isso, tu [Ned] não aceitarás um estatuto em que tenhas de transportar uma arma."

Seth previu então, "embora isto, compreendam, pertença ao domínio das probabilidades", que circunstâncias imprevistas impediriam Ned de ser incorporado nas forças armadas.

As informações de Seth (muitas das quais não estão incluídas aqui) forneciam certamente uma especulação fascinante sobre as possíveis origens dos meus sonhos de guerra vívidos e aterradores da infância e sobre o medo gelado que me invadia aos quatro ou cinco anos, quando acordava sobressaltada durante a noite cada vez que um avião passava sobre a nossa casa. Teriam os jornais ou as conversas dos adultos assustado uma criança tão profundamente?

(Não tivemos televisão até eu ter onze anos.) Ou estariam os meus medos, na verdade, a recordar a experiência física de um eu que eu fora? Poderia realmente ser verdade que eu tivesse sido contemporânea dos meus próprios pais, morrendo na guerra que o

meu pai sobrevivera? Ou estaria Seth a captar habilmente o nosso simbolismo psicológico e a oferecer-nos um cenário útil e dramático onde pudéssemos trabalhar os nossos problemas?

Antes de se retirar, Seth deu mais pormenores a Laurie, ligando outros aspetos da vida do velho homem a acontecimentos do seu próprio passado. Para todos nós, as informações de Seth tinham um significado direto e pessoal, ligando-se a acontecimentos subjetivos e "factuais" das nossas vidas e proporcionando valiosas perceções sobre a teia dos nossos dias.

Lembrei-me recentemente de cenas da aula como esta enquanto folheava uma revista popular de temas "psíquicos". As suas páginas estavam cheias de anúncios de leituras de vidas passadas: duas por 10 dólares, três por 12,50 dólares, ou envia um poema e recebe uma análise das tuas vibrações pessoais. E o que recebes em troca do teu dinheiro? — resmunguei eu. Outro conjunto de "razões" para a tua vida ser como é, com o poder de orientação transferido desta vez para ações praticadas séculos atrás? Uma nova e agradável mitologia para substituir todas as antigas e gastas?

De certa forma, porém, eu não podia propriamente queixar-me — tal como aconteceu com Laurie (ou com Nebene e Shirin), também eu tinha recebido esse tipo de informação e participado nela, assim como Jane e outros membros da aula. Mas não conseguia evitar sentir que a aula de Jane lidava com as vidas "passadas" de uma forma diferente — com, antes de mais, um equilíbrio de integridade; sem a tentativa de encaixar tudo num conjunto de definições de "poder" convenientemente compartimentadas.

Seth, naturalmente, fala da reencarnação nos seus livros, tal como Jane nos dela; e, ao longo dos anos da aula, ambos deram informações sobre vidas passadas a muitas pessoas. Contudo, essas informações eram sempre apresentadas no contexto da vida quotidiana da pessoa e nunca como uma simples lista de pessoas e lugares por si só.

Em The Seth Material, Seth explica a reencarnação em termos de tempo simultâneo:

"Porque estás obcecado com a ideia de passado, presente e futuro, és forçado a pensar nas reencarnações como estando alinhadas umas após as outras. Na verdade, falamos de vidas passadas porque estás habituado ao conceito de sequência temporal. O que tens, em vez disso, é algo semelhante ao desenvolvimento narrado em The Three Faces of Eve. Tens egos dominantes, todos parte de uma identidade interior, dominantes em várias existências. Mas as existências separadas existem simultaneamente. Apenas os egos envolvidos fazem a divisão temporal. 145 a.C., 145 d.C., mil anos no teu passado e mil anos no teu futuro — tudo existe agora...

"Uma vez que todos os acontecimentos ocorrem ao mesmo tempo na realidade, pouco se ganha ao dizer que um acontecimento passado causa um acontecimento presente. A experiência passada não causa a experiência presente. Estás a formar passado, presente e futuro simultaneamente. Como os acontecimentos te parecem ocorrer em sequência, isto é difícil de explicar.

"Quando se diz que determinadas características de uma vida passada influenciam ou causam padrões atuais de comportamento, tais afirmações — e eu próprio fiz algumas — são altamente simplificadas para tornar certos pontos mais claros.

"O eu total está consciente de todas as experiências de todos os seus egos e, uma vez que uma única identidade os forma, é inevitável que existam semelhanças entre eles e características partilhadas. O material que vos dei sobre a reencarnação é bastante válido, particularmente para fins práticos, mas constitui uma versão simplificada do que realmente acontece." (The Seth Material [Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1970], pp. 148-149.)

A aula partilhava a sua própria espécie de gestalt psicológica, na qual a reencarnação era pelo menos um ponto de referência aceitável. Jane ou Seth podiam captar e relatar imagens de vidas passadas; por

vezes os membros da aula "sintonizavam-se" uns com os outros. Eventualmente, isto evoluiu para dramas reencarnacionais em que várias pessoas representavam cenas completas de tempos e lugares "passados" — ou, pelo menos, de partes de si próprias que normalmente não eram expressas.

E embora utilizar o enquadramento reencarnacional para catarse emocional e psíquica não fosse algo original entre nós, a beleza da aula de Jane estava em podermos brincar com essa informação sem a transformar no destino final de todas as reações humanas em todos os encontros quotidianos — e Jane fazia questão de que assim fosse.

A atitude de Jane em relação à reencarnação (tal como a minha) era profundamente ambivalente. A ideia de a vida física se expressar em muitas situações históricas fazia sentido emocional e intuitivo para ela. Intelectualmente, contudo, desconfiava profundamente da noção tradicional de reencarnação, particularmente quando apresentada como resposta fácil para os problemas presentes. Assim, quando a aula começou a experimentar a teoria da reencarnação sob a forma de dramas carregados de emoção, Jane encontrava-se muitas vezes numa posição extremamente desconfortável, com um pé no cais e outro no barco, simultaneamente escandalizada do ponto de vista intelectual e envolvida intuitivamente.

Mesmo nas ocasiões em que a lógica interna dos acontecimentos reencarnacionais parecia encaixar, ou quando Seth fornecia informações sobre vidas passadas que faziam todo o sentido para as pessoas, Jane preocupava-se com isso durante dias. Qual era o significado dessas memórias? De onde vinham? Estaríamos a criar os acontecimentos através da sugestão, combinada com uma necessidade de descarga emocional? Ou recordávamos realmente pessoas que viveram — nos nossos termos — muito antes de qualquer um de nós nascer? Ou seria a verdade alguma combinação dessas hipóteses? Estas questões exigiam que a aula mantivesse um equilíbrio do qual Jane nunca permitia que se afastasse demasiado.

"Uma coisa que achei impressionante [em Jane]", recorda Matt, "era a forma como ela se afastava e deixava a aula conduzir-se a si própria, sem tentar impor demasiado as suas próprias interpretações ou crenças. Mas lembro-me de uma vez em que falávamos ao telefone e ela comentou que tinha posto fim aos dramas reencarnacionais.

'Porquê?', perguntei. 'Os alunos estavam a ficar demasiado tensos?'

'Não', respondeu Jane com um riso inquieto, 'estavam a ficar demasiado soltos.'"

Mais tarde, porém, o questionamento de Jane acabaria por conduzi-la aos seus livros sobre psicologia dos aspetos (incluindo Psychic Politics e Adventures in Consciousness) e a uma nova perspetiva da identidade.

Jane e Rob iniciaram a sua fortuita experiência com o tabuleiro Ouija em 1963 convencidos de que ninguém sobrevivia à morte uma vez, quanto mais muitas vezes. Nunca tinham tido uma experiência psíquica nas suas vidas; nem sequer se lembravam dos sonhos. Em contraste, eu tivera uma infância repleta de sonhos e visões vívidos; também me acontecera muitas vezes estar plenamente consciente ao lado da minha cama, olhando para o meu corpo adormecido. Do ponto de vista do eu sonhador, a minha vida desperta era um puzzle confuso, mantido unido por uma lógica especializada que apenas o meu eu físico compreendia plenamente.

Assim, independentemente daquilo que aceitasse ou rejeitasse intelectualmente, quando comecei a frequentar a aula de Jane já possuía, desde muito cedo, um conhecimento intenso e inegável de que o meu Eu era independente do corpo das minhas horas diurnas. Contudo, nunca tinha explorado o significado dessas experiências com a inquieta investigação que Jane demonstrava no seu trabalho e na aula.

Por isso, embora eu acredite que a comunicação entre diferentes partes da psique ocorre constantemente, poucos acontecimentos na aula me surpreenderam tanto como a aparente ligação entre um dos meus sonhos de infância mais vívidos e um episódio "reencarnacional" recorrente na aula.

Nesse sonho, a minha identidade de Sue desaparecia simplesmente e "eu" corria descalça através da noite, uma fina película de suor a formigar-me na pele ao ar fresco; corria com força, em passadas longas e poderosas, vestindo apenas umas calças leves e macias para proteger os rins e as coxas; corria durante horas, transportando algo na mão, enquanto um único pensamento me atravessava a mente enquanto corria pela noite:

Tens de chegar à aldeia a tempo! Tens de chegar à aldeia a tempo!...

E ao surgir no topo de uma elevação iluminada pela lua, parando demasiado depressa, com a respiração ofegante e as pernas a cãibras, na orla de um campo seco de cereal que sussurrava ao vento; e a aldeia lá em baixo, em perigo; a arder, o fogo a saltar da aldeia e a espalhar-se pelos campos, as chamas a dançar agora à minha volta como flores brilhantes no cereal maduro...

PUM! Acordava aterrorizada, atirada contra a cama, com o conhecimento daquele eu masculino sobre voo e fogo a atravessar-me; e permanecia desperta durante muito tempo, vendo aquele fogo irromper pelo campo seco (de quê? Trigo? Milho? Centeio? Onde?), com o coração a bater como um cavalo a galope.

Por vezes dois ou três desses sonhos de outros-eus decorriam ao mesmo tempo — "sonho duplo", chamava-lhe Rob em The "Unknown" Reality. Eu sabia, de alguma forma, que os sonhos eram mais do que "apenas" sonhos, independentemente do acontecimento superficial do quotidiano que os pudesse ter originado; e que estas experiências oníricas em particular eram do tipo que eu deveria recordar e compreender.

Também sabia — com um simples conhecimento interior — que o corredor na noite e os outros não eram "imaginários" no sentido habitual. Estavam vivos, e o meu conhecimento deles tocava-os, tal como as suas atividades nos meus sonhos me tocavam a mim. Esse sentido de comunicação subjetiva era absolutamente claro.

Contudo, na altura, não existia nada que sequer começasse a fornecer um enquadramento para explicar ou conter aquilo que eu fazia ou a forma como o fazia. Todos os estudos psicológicos sobre sonhos que lia classificavam a subjetividade como suspeita: como a parente pobre da lógica científica. Por alguma razão, recusei obstinadamente aceitar essa premissa.

Por outro lado, as teorias do karma e do nirvana eram igualmente repelentes; a reencarnação nesse contexto parecia-me uma idiotice escandalosa. Em comparação, a ciência parecia pelo menos racional — exceto pelo facto de essa racionalidade acabar por negar a subjetividade como experiência válida. Em suma, nenhuma das explicações aceites para aquilo que eu fazia estava à altura das próprias experiências.

E depois havia a fogueira.

Numa fria terça-feira de janeiro de 1969, a aula decidiu reunir-se em casa de Rachael Clayton para variar. A sua confortável e antiga casa colonial ficava mesmo ao virar da esquina do prédio onde Jane e Rob viviam, naquela zona de Elmira marcada pela elegância de uma época passada. A ampla sala de estar de Rachael estava mobilada com cadeiras e sofás de várias épocas antigas; um espesso tapete oriental aquecia o chão. Rachael serviu café, chá e refrigerantes; Florence, Sally e Theodore tinham trazido vinho. Eu frequentava a aula de iniciantes de quinta-feira há apenas alguns meses; esta era uma das minhas primeiras ocasiões com o grupo regular de terça-feira, composto por meia dúzia de participantes.

Jane estava sentada numa ampla poltrona de abas, a beber vinho. Conversámos durante algum tempo sobre as nossas origens e as ideias com que tínhamos crescido acerca da morte. Não me apercebi de nada de invulgar no ambiente, mas, gradualmente, pareceu-me que a nossa conversa se estava a desviar; a atenção das pessoas já não estava concentrada nas palavras que trocávamos. Até a Florence falava de forma sonhadora, sem realmente chegar ao assunto, o que não era habitual nela. Então apercebi-me de que toda a gente estava a falar de algo que me tinha escapado completamente.

Além disso, a Jane estava agora sentada na ponta da poltrona, com o copo de vinho esquecido na pequena mesa redonda ao lado, e falava com a Rachael numa voz grave e arredondada, diferente da sua — ou da de Seth. Os seus olhos estavam vivos e atentos, mas aquelas não eram as suas maneiras características de falar e gesticular — nem, mais uma vez, as de Seth.

— Rachael, se permaneceres nesse círculo, isso é uma falsa segurança — dizia a Jane naquela voz estranha.

— Não posso sair enquanto não conseguir ver para onde vou — respondeu a Rachael.

Ela não estava a olhar para a Jane, mas fixava o olhar para a direita dela, em direcção ao centro da sala. Parecia estar num transe ligeiro.

— Haverá luz, e mais alguém — disse a Jane. — Acho que eu. Apenas sei que é uma falsa segurança permanecer no grupo, porque tens de ir para além desse grupo nesse momento.

Franzi o sobrolho mentalmente — porque tens de ir para além desse grupo nesse momento? Os tempos verbais eram absurdos, e no entanto faziam um estranho sentido. Nesse instante, uma sensação peculiar, semelhante à consciência intensificada que antecede uma inspiração iminente, roçou os limites da minha percepção mental, e a

imagem de colinas baixas, escuras e distantes, recortadas na silhueta de uma lua nascente, inundou-me a mente.

A Jane e a Rachael continuavam a sua conversa peculiar.

— Tens a oportunidade de fazer ajustamentos e de deixar o grupo quando a noite chegar — dizia a Jane. — Tens o mesmo tipo de coisa que a Jane tinha, mas a Jane está a ultrapassá-la nesta vida... Nessa época, não deixaste o grupo e devias tê-lo feito. Agora tens a oportunidade de voltar atrás e deixar o grupo.

— É como se, nos nossos termos, percebes, pudesses regressar a um período desta vida em que deverias ter agido de forma diferente e não o fizeste — disse a Jane à Rachael. — Bem, agora tens a oportunidade de regressar a essa existência e torná-la diferente no presente... porque podes mudar... podes mudar aquilo que consideraríamos o passado através de acções no nosso presente. Estás a acompanhar-me?

A Rachael assentiu lentamente.

As colinas iluminadas pela lua destacavam-se claramente na minha mente. Eram visuais ou não? Por vezes despertei de devaneios e percebi que não estava realmente a ver nada do que estava à minha frente. Agora via, ou de algum modo percebia, aquelas colinas escuras e ameaçadoras com um poderoso sentido de urgência que, por si só, me era familiar. Verdadeiramente estranho. E porque se referia a Jane a si própria na terceira pessoa?

— O passado, nos nossos termos, não causa o comportamento presente — continuou a Jane, ainda a falar para a Rachael. — Podes regressar agora a esse passado e mudá-lo, no nosso presente. Terás a oportunidade de o fazer devido à tua compreensão intuitiva, e isto é algo que a maioria das pessoas não desenvolveu suficientemente para conseguir.

O olhar da Jane voltou-se para mim.

— Ruburt — disse suavemente a Florence, a título de explicação, referindo-se ao nome de entidade que Seth atribuía à Jane.

Ah, sim? E o que significava isso? Estaria a Jane a falar com uma consciência mais ampla, incarnada pelo seu eu total?

— Na verdade, esse círculo e essas pessoas são tão reais como esta sala parece ser para os restantes — disse a Jane. — Neste momento, esta sala não me parece muito real.

Então percebi vagamente que aquela era a cena da «fogueira», que surgira pela primeira vez alguns meses antes durante um exercício de mobilidade da consciência. Tudo o que a Jane me tinha contado sobre ela era que vários membros da aula tinham relatado simultaneamente ter visto imagens fantasmagóricas e incompletas de figuras sentadas em redor de uma fogueira, com uma aldeia primitiva ao fundo. Consciente de que a sugestão podia estar a actuar (incluindo o facto de a própria aula ser um grupo sentado em círculo na sala de estar), a Jane incentivou todos a concentrarem-se nas imagens para verem o que conseguiam captar.

Em maior ou menor grau — quer através de imagens visuais ou mentais, quer através da sensação de que «algo estava a acontecer» — todos os membros da aula sintonizaram aquela cena. A Rachael sentiu-se especialmente atraída pela sensação de ser uma daquelas pessoas sem rosto reunidas junto à luz da fogueira; de que algum ritual que afectava a sua posição dentro do círculo era o que a atraía de volta para ali.

A Jane continuava a dirigir-se à Rachael naquela voz estranha.

— Agora podes, se quiseres, e sem qualquer tipo de coerção, levantar os olhos e ver o rosto de Seth — disse ela. — E nesse rosto encontrarás a confiança para deixares o grupo nessa altura. A confiança que encontrares então servir-te-á agora e ajudar-te-á na vida quotidiana que pensas estar a viver neste momento.

— Quem são os hostis? — perguntou a Rachael.

Mais uma vez, aquela terrível agonia de urgência percorreu-me.

— Começando por ti própria, contando contigo, a terceira pessoa à tua esquerda nessa altura estava em conflito contigo... — dizia a Jane.

Mas, nesse instante, uma sensação de aceleração pareceu empurrar-me também para dentro daquela cena de devaneio: a voz da Jane vinha de longe, e a lua erguia-se acima das colinas, lançando um brilho prateado e pálido sobre a terra; e eu via as figuras agrupadas ali, com os rostos cobertos por peles, a luz vermelha e laranja da fogueira reflectida nelas; via-as primeiro de perto e depois como através de um telescópio, à espera, como tinham esperado tantas vezes — à espera de...

— Espera um minuto — disse a Jane bruscamente. — Responde-me, sim? Para além de uma colina... sinto uma elevação ali.

— Sim — concordou a Rachael. — Um campo de cereais ou de trigo.

O meu estômago deu um salto de surpresa, arrancando-me parcialmente à imediaticidade da cena.

— Está bem... sentes alguém para além disso? — perguntou a Jane.

A Rachael assentiu.

— Sinto alguém para além desse campo — prosseguiu a Jane —, vindo da [outra] aldeia de que falámos anteriormente. Sinto que tu [Rachael] não queres saber que eles estão ali... há uma figura naquele campo de trigo que ela [Rachael] não quer enfrentar.

— Meu Deus! — interrompi pela primeira vez. — Sou eu quem está no campo! Sou eu, é o meu sonho!

Mas os outros estavam demasiado envolvidos naquilo para me prestarem grande atenção.

Seth acabou por transmitir alguma informação à Rachael sobre esse «grupo», dizendo-lhe que «haverá outras ocasiões na aula em que estaremos lá [na "fogueira"] e decidirás deixar o grupo e empreender a viagem que te levará até lá... e então sentirás triunfo».

Só na semana seguinte tive oportunidade de descrever o meu antigo sonho recorrente, no qual nem sequer pensava havia anos. A Jane e eu abanávamos a cabeça. Nunca tinha mencionado esse sonho na aula e, até àquela noite de Janeiro, só conhecia alguns poucos detalhes da fogueira.

Coincidência dramática? Uma equação criativa de cenas da minha parte? Um maravilhoso caso de telepatia de grupo, combinado com sugestão? Ou uma peça de um puzzle retratando a minha participação num acontecimento ocorrido há muito tempo? Ou tudo isso ao mesmo tempo?

E o que é que tudo isto provava? Ou seria a tentativa de reunir «provas» de vidas passadas um fim em si mesma? Não sabíamos o que pensar. Que a fogueira existia a algum nível de actividade não podia ser negado — mesmo que servisse apenas como um local comum de encontro para exercitarmos as nossas capacidades psíquicas. Teria eu captado isso simbolicamente no meu sonho de mais de uma década antes? Estaria relacionado com a visão das chamas que Dan MacIntyre e eu vimos erguerem-se à volta da cadeira da Jane nessa noite (como descrito no capítulo 3)?

— A «fogueira»... estranho — recordou a Rachael numa carta recente que me escreveu. — No instante em que comecei [a pensar nela], todas as velhas sensações e imagens regressaram, juntamente com arrepios e calafrios. Nunca senti que fazia verdadeiramente parte

do círculo da fogueira, embora estivesse lá. Continuava a parecer que eu estava na periferia exterior. A Jane chegou mesmo a dizer-me uma vez que eu era mais ou menos uma figura transitória.

— Nunca se distinguiam rostos [visualmente], embora eu sentisse que muitas pessoas que conhecia estavam presentes. A Jane estava lá, mas não como Seth. Seth era o único rosto que eu conseguia distinguir, e estava ao centro, de pé, perto da fogueira... Ainda sinto um vento frio e forte a soprar, e havia juncos ou ervas altas a cobrir a planície para além, ondulando ao vento... o corredor aproximava-se através deles. Eu tinha um pressentimento de desgraça e relutava em vê-lo [o corredor], embora sentisse um amor profundo por essa entidade. Nunca senti que fosse totalmente aceite como parte do círculo. Sentia-me nos limites da gestalt.

— Ainda conservo sentimentos permanentes relacionados com a fogueira — escreveu a Rachael. — Na verdade, estive na fogueira noutras ocasiões, mas [nem sempre] fisicamente. Não é estranho? Desde o momento em que te conheci [a ti, Sue], senti um profundo sentimento de ligação por ti, semelhante ao amor que se tem por um camarada... por vezes é um sentimento paternal. Deve haver algo no passado, caso contrário nunca teria começado esta carta da forma como comecei.

— De certa forma, existe a ideia de que aquilo que somos possui estas realidades noutros níveis que simplesmente não somos capazes de utilizar fisicamente neste momento — sugeriu a Jane certa vez na aula. — Portanto, elas estão a ser expressas noutro lugar e, quando finalmente lhes acedemos fisicamente [como nos dramas reencarnacionais], são apenas aproximações.

Era então a experiência pessoal da reencarnação que a aula utilizava, e por vezes sem aviso prévio — como no caso de «o ataque de mau humor do Matt à Natalie», no Outono de 1972.

— Não me lembro de nenhuma aula que me tenha envolvido tão directamente ou provocado um tal banquete de reacções emocionais — diz Matt.

Visitante ocasional da aula, Matt perguntara a Seth, no início da noite, sobre um projecto editorial em que estava a trabalhar. Ao responder à sua pergunta, Seth disse que Matt acabaria por ter «mais autoridade e poder» no seu campo e referiu-se a algum material sobre vidas passadas que lhe tinha transmitido alguns anos antes.[5] Essa informação dizia respeito a Matt enquanto monge francês do século XIII que trabalhara contra o dogma da Igreja. De modo semelhante, Seth afirmou que Matt estava numa posição que lhe permitia trabalhar contra os tipos de dogma modernos que encontrava no mundo editorial.

— Talvez seja melhor explicares um pouco o teu trabalho — sugeriu a Jane a Matt depois de lhe terem sido transmitidas as observações de Seth.

— Normalmente, na aula, fazia questão de manter a boca fechada — diz Matt. — Desta vez, porém, quando a Jane me pediu especificamente que explicasse [o meu trabalho], falei durante algum tempo... mas, precisamente quando estava a controlar a minha própria tendência para me alongar e começava a concluir, a Natalie interrompeu: «Tu falas demais!»

O choque silencioso provocado por aquela explosão completamente atípica da Natalie quase paralisou toda a aula.

— Hum... bem, Natalie, talvez devêssemos deixar o Matt terminar — sugeriu esperançadamente a Jane, no silêncio pouco habitual.

— Curiosamente, aceitei aquilo com bastante boa disposição, embora tenha ficado ligeiramente surpreendido — diz Matt. — Imaginei que a Natalie estivesse a trabalhar algum sistema de crenças

que exigia que dissesse tudo o que lhe viesse à cabeça, e por isso não levei a coisa para o lado pessoal.

Mas Natalie insistiu.

— Ah, ah, ah, ah, ah! — resmungou ela sarcasticamente perante as tentativas de Matt para continuar a explicação. — Não estaremos nós muito sérios e sabichões esta noite?

Natalie, normalmente uma mulher cordial e amigável, estava praticamente a destilar desprezo. Na sua cadeira junto à estante coberta de filodendros, endireitou os ombros e ergueu-se, aparentemente preparada para a batalha. Um sorriso de escárnio curvou-lhe os lábios enquanto fitava Matt.

— Estava muito afectada, como se contivesse uma gargalhada enorme e superior — diz Matt — e, à medida que esta estranha troca continuava, tive uma reacção invulgar. Habitualmente, quando sou atacado pessoalmente por estranhos, a minha resposta é tornar-me leve e cortês. Mas neste caso... percebi que a única forma de travar o jogo da Natalie era permanecer mental e emocionalmente inerte.

Mais uma vez, em vez de confrontar Natalie, Matt tentou descrever o seu trabalho; enquanto a Jane, consciente das correntes subterrâneas repentinas, observava atentamente. Cinco palavras após o início da primeira frase, Matt foi interrompido por outro resmungo de desprezo.

— Vá lá, Matty, porque não lhes contas o que realmente se passa? — troçou Natalie.

— Não... cedo a palavra ao meu irmão mais velho! — ripostou Matt, fazendo um gesto de exagerada cortesia na direcção de Natalie.

Várias pessoas suspiraram de surpresa.

— Fiquei bastante satisfeito [com essa reacção] — a parte Matt de mim — diz ele. — O substrato estava cada vez mais irritado.

— Está bem, vocês os dois, parem lá com isso — disse a Jane, interrompendo calmamente a resposta que Natalie preparava. — O que se passa?

— Ele era um monge, sim! — exclamou Natalie, apontando para Matt, sentado a pouco mais de um braço de distância dela. — E levava tudo tão seriamente, raios! Achava-se tão superior! E continua a achar-se! Ah! Se eles soubessem!

Natalie, que raramente utilizava linguagem forte, acumulava surpresa sobre surpresa naquela noite.

— Natalie — disse cautelosamente a Jane —, tens a certeza? Quero dizer, talvez estejas a projectar ressentimento sobre o Matt por causa da idade, da instrução, da posição dele ou algo do género...

— Ah! — interrompeu Natalie a Jane como um trovão. — Pergunta-lhe! Vê o que ele diz! Ele é que sabe tudo!

— Bem — disse a Jane —, estou a captar alguma coisa sobre isto, mas preferia que vocês os dois resolvessem a questão...

Rapidamente, com Natalie a acrescentar apenas algumas concordâncias desdenhosas de vez em quando, Matt descreveu aquilo que via como a situação em causa.

— Como monge no século XIII, eu era muito sincero — diz Matt. — Levava a religião muito a sério... [agora, na aula,] recordei a Natalie como uma monja mais velha cerca de vinte anos, angulosa, alta, mundana e refinada, e irritantemente evasiva em relação a questões que para mim eram da maior seriedade e preocupação. O ponto de discórdia não era a questão da fé, mas [as atitudes] perante ela... Naturalmente, se pegarmos naquele monge rígido que eu era, percebe-se porque a reacção «actual» da Natalie era uma avaliação tão

trocista, vendo toda a minha postura «séria» de certa forma recriada no meu pequeno sermão sobre edição.

No meio de tudo isto, a Jane entrou num transe Sumari e entoou uma canção cheia de amor para Matt e Natalie.

— A mensagem parecia [sugerir] uma forma de Natalie e eu encontrarmos um terreno comum, ou talvez de nos vermos sob uma perspectiva diferente — diz Matt. — Lembro-me de um gesto maternal que a Jane fez com as mãos; muito comovente. Mas Natalie reagiu à canção com gargalhadas sonoras, e percebi que esta parte monástica de mim provavelmente ainda levava tudo demasiado a sério. Ou seria Natalie que levava tudo demasiado levianamente? Não importa; a implicação de que ela compreendia melhor o Sumari do que eu só me irritou ainda mais.

— Mais tarde, a aula passou para outro tema, mas lembro-me de que, quando todos estavam a sair, a Natalie praticamente me encurralou, com um grande sorriso no rosto, apertando-me a mão, e insistiu que eu a olhasse nos olhos de homem para homem. O choque posterior surgiu quando a Jane me explicou que a razão do espanto da aula era que, até essa noite, Natalie tinha permanecido sempre à margem, sem nunca abrir a boca! Em suma, eu provocara uma grande mudança catalítica na sua personalidade. E o mais espantoso foi que Natalie [membro regular desde o início] nunca mais voltou à aula!

— Esta é uma história que conto às pessoas cépticas em relação à reencarnação — acrescenta Matt, com alguma ironia. — Digo-lhes: «Vamos ver se conseguem arranjar uma explicação racional para isto!» E depois despejo-lhes em cima a História da Natalie e de Mim.

Os livros da Jane contêm vários exemplos de experiências reincarnacionais ocorridas na aula. (Ver, por exemplo, Adventures in Consciousness: capítulo 2, «Um Drama Reincarnacional e Outros Acontecimentos "Não Oficiais"»; e capítulo 5, «A Reencarnação Aproxima-se Demasiado de Casa».) Algumas delas, como a «zanga» do Matt e da Natalie, foram dramáticas e voláteis; a maioria envolveu

diálogos de impressões coincidentes. Seria impossível e, de certa forma, inútil, enumerá-las todas aqui. No final, estes dramas representaram uma fase pela qual a aula passou no desenvolvimento de uma consciência mais flexível da psique.

Por exemplo, o empresário de Elmira, Fred Lorton, começou a frequentar a aula nos seus últimos anos e nunca testemunhou um destes dramas nem recebeu de Seth o mais pequeno indício reincarnacional. Em vez disso, o Fred enfrentou toda a questão por si próprio.

«Tenho pensado em vidas passadas, interrogando-me sobre elas, desejando que o Seth simplesmente me apresentasse as últimas seis ou algo parecido para eu poder reflectir sobre elas», observa o Fred. «Usando auto-hipnose, incentivado pelo Rob e pela Jane, aconteceu o seguinte: Uma vida, duas sequências. Primeiro: encontrei-me a cerca de 40 000 pés acima do Egipto, exactamente como se estivesse num avião; olhei para uma zona a oeste de Alexandria e gritei mentalmente: "Eu vivi ali! Eu vivi ali!" Fim da sessão.

«Uma semana depois, sob hipnose, com a auto-sugestão de continuar a experiência anterior, vi uma mulher negra, com cerca de trinta anos, numa pequena aldeia com menos de cinquenta habitantes, vivendo numa cabana de adobe de barro, parecida com uma colmeia, com um poste alto ao lado. [O poste] era a única madeira existente naquela zona desértica e parecia estranho. Essa rapariga era eu... Comia peixe e caracóis. Transportava água de um riacho em dois cântaros suspensos numa vara apoiada sobre o pescoço. A areia quente magoava-me os pés. Tinha pavor da escuridão e das trovoadas. Fazia cerâmica, mas não era boa nisso.

«O poste de madeira junto da minha cabana de barro vinha de um pequeno barco de pesca que ali chegou e ficou danificado. Descobri que, entretendo estes homens que vinham pelo mar, dormindo com eles e alimentando-os, eles davam-me presentes, e eu era bastante feliz.

«Nenhuma recordação da morte, de sofrimento ou de qualquer acontecimento importante», registou o Fred. «Tive a sensação de que tinha sido trazida do interior profundo de África. Isto era tão nítido, ou mais nítido, do que a minha recordação de ontem. Era como ver filmes em ecrã panorâmico e durou cerca de vinte minutos.

«Noutra curta sessão de auto-hipnose, de cinco minutos, vi-me entre os doze e os catorze anos, na Índia: tinha má visão e mais tarde fiquei cega. [Depois de acordar] perguntei-me porque não sentia grande pena de mim própria. Mais uma vez, nenhuma recordação de sofrimento ou morte.»

Nas experiências do Fred, o conceito de existência multidimensional ganhou literalmente vida e provocou, além disso, uma revolução na sua autoconfiança criativa. De forma semelhante, uma compreensão emocional das facetas da identidade foi transmitida ao Lauren DelMarie, um dos membros do grupo de Nova Iorque, através de uma visão muito invulgar que teve — enquanto fazia a barba.

«Estava a olhar para o espelho e reparei que a iluminação por detrás da minha imagem era diferente», contou o Lauren à aula. «Senti-me um pouco tenso, mas decidi acompanhar a experiência. A imagem no espelho mudou completamente e vi as paredes desaparecerem e serem substituídas por uma cena numa floresta.

«Havia alguns soldados sulistas [da Guerra Civil Americana], que estavam à volta de um soldado da União que tinha sido capturado. Reconheci um dos homens, um oficial, como uma parte diferente de mim mesmo. Esse homem estava a dizer ao prisioneiro que, se ele não lhe revelasse as informações que ele/eu queria, ele/eu lhe cortaria os dedos um a um até ele falar. Fiquei profundamente perturbado com o comportamento daquele sujeito e quis que a experiência terminasse; e assim aconteceu.»

Mais tarde, o Lauren contou à aula que tinha tido vários sonhos com esse soldado confederado, um dos quais em que se encontrou

«sentado dentro da cabeça dele, a olhar pelos olhos dele, a sentir os pensamentos dele — e, a sério, estou a dizer-vos, algumas das ideias dele sobre a guerra e essas coisas deixaram-me enjoado!»

Nesse momento, Seth entrou na conversa.

«Boa noite», disse ao Lauren. «E, se te sentas dentro da cabeça dele, nunca te ocorreu que ele também se senta dentro da tua cabeça e que as tuas ideias mudam as ideias dele? Porque, mais uma vez, vives vidas simultâneas. Os teus pensamentos e atitudes actuais afectam, nos teus termos, o teu futuro e o teu passado; e assim, através da tua experiência presente, esse outro eu toma consciência de ideias que, de outro modo, não lhe ocorreriam.

«E», continuou Seth, sorrindo para o Lauren, «ele fica inicialmente — inicialmente — tão horrorizado com as tuas ideias como tu ficas com as dele. E, no entanto, elas entram na consciência dele, de modo que ele se pergunta de onde vêm aquelas ideias de cobardia! Essa é a interpretação dele!

«Mas o conhecimento que tens torna-se disponível para ele, nos termos dele, para que o possa usar e interpretar à sua maneira e, portanto, se assim escolher, mudar o seu comportamento. Há sempre uma troca. Estás, portanto, a afectar a realidade dele da mesma forma que ele afecta a tua, e ambos estão a aprender.

«Porque ele está seguro da sua própria energia e, através dele, podes aprender a estar certo e orgulhoso da tua — embora espere que decidas utilizá-la de forma diferente!

«Ele desperta, vês, do seu próprio sonho acerca de ti. Agora, acrescentarás outras interpretações ao teu sonho sobre ele e os teus próprios símbolos oníricos privados. E quando ele sonha contigo, tem os seus próprios símbolos privados. Mas ambos conservarão, à sua maneira, a informação pertinente.»

Seth voltou-se então para o resto da aula.

«Agora, porque vamos lidar com material reincarnacional, podem esperar receber informações nos vossos sonhos e também aquilo que vos poderá parecer alguns encontros surpreendentes durante o dia. O simples facto da vossa intenção actua como um impulso que atrairá até vós parte da informação que desejam. Mas terão também de aprender a decifrá-la. O passado é agora. O futuro é agora. Não estão a sofrer por causa de quaisquer crimes que tenham cometido numa vida passada, e queremos que isso fique perfeitamente compreendido!»

Algumas semanas mais tarde, na aula, George Rhoads relatou um sonho em que se viu como um médico escandinavo que vivia num século anterior. No sonho, o médico era aterrorizado por um grupo de homens que invadia a sua casa junto ao mar. O George disse que, da perspectiva do sonhador, reconheceu que ele e o médico partilhavam crenças semelhantes acerca das massas populares serem destrutivas, ameaçadoras e vingativas em relação a artistas, educadores e outros que não «se conformavam». O George afirmou que talvez tivesse ajudado o médico a perceber que a situação da invasão fora provocada pela insistência nessas crenças.

«O sonho era também, evidentemente, uma imagem exagerada de alguns dos meus maiores medos», reconheceu.

«Ajudaste-o realmente nisso», confirmou Seth, retirando os óculos da Jane. «Vamos efectivamente envolver-nos em actividade reincarnacional, e mais profundamente do que agora supõem, quando a maioria de vós chegar ao ponto de perceber que o ponto de poder é agora — que não estão à mercê de um passado reincarnacional.

«Porque pensam que não discutimos probabilidades no passado?», continuou Seth após uma longa pausa. «Porque alguns de vós — e manterei os olhos fechados para não vos embaraçar, mas sabem quem são — alguns de vós estariam tão presos aos dogmas que ainda vos acompanham que, assim que começassem a pensar em realidades e acontecimentos prováveis, perguntariam: “Onde entra o karma?” e “Que culpa tenho eu numa existência provável?”

«Estão, saibam-no ou não — e sabem-no —, a treinar-se. Não sou eu que vos treino; são vocês que se treinam a si próprios. Assim, quando lidarmos com a reencarnação — e estamos a lidar com ela agora, saibam-no ou não, e sabem-no — usarão algum bom senso! O bom senso é esotérico!

«Mas quando lidarmos com a reencarnação, não lhe irão automaticamente aplicar velhos dogmas e antigas crenças, nem encontrar desculpas para a culpa que foram ensinados a sentir. De pouco vos serve deitar pela janela o conceito do Pecado Original; reconhecer que grande parte das teorias de Freud eram disparates; reconhecer que não estão à mercê do passado nesta vida; considerarem-se emancipados, livres, modernos — e, em vez disso, aceitarem a ideia do karma tal como é interpretada e acreditarem que estão à mercê de trinta séculos de passado em vez de trinta anos! Que vantagem têm? Cavaram uma sepultura de teorias!

«Portanto, na estrutura em que estudaremos a reencarnação, vocês estarão no centro. E, a partir desse centro, olharão então para o vosso futuro e para o vosso passado, percebendo, contudo, que o futuro não está predeterminado — mas que o passado também não está predeterminado!»

Numa aula posterior, Seth continuou:

«O milagre está agora dentro de cada um de vós. O material reincarnacional que esperavam encontrar, encontrá-lo-ão por vós próprios... mas também aprenderão que essas existências são actuais. São simplesmente focos diferentes assumidos pela vossa consciência e percepção.»

«Seth?», levantou a mão Warren Atkinson. «Uma pergunta? Será possível, neste momento, criar uma encarnação que esteja no passado, nos nossos termos?»

Seth sorriu de uma orelha da Jane à outra.

«É perfeitamente possível!», rugiu para o Warren. O riso e os aplausos espalharam-se pela sala. Seth esperou um minuto e prosseguiu:

«Quando compreenderem que o tempo não existe da forma como pensam, quando juntarem isso à ideia de que o ponto de poder está no presente, então não se sentirão à mercê dos eus reincarnacionais nem verão os eus prováveis como um papão a perseguir a vossa consciência durante a noite! Verão que a vossa realidade é agora e que, a partir dela, as probabilidades se espalham para fora tal como as flores espalham as suas sementes.

«Negam então a vós próprios as vossas próprias sementes? No tempo que conhecem, enviam voluntária e alegremente filhos para as gerações do tempo tal como o compreendem. Da mesma forma enviam os vossos filhos, se quiserem vê-lo assim, para realidades prováveis. Dão-lhes nascimento, tal como as flores espalham as suas sementes.»

«Bem, Seth», disse Harold Wiles, «há alguma coisa que impeça um desses eus prováveis de decidir vir para esta existência física, tal como a conhecemos, através do processo de concepção e nascimento?»

«Não há», respondeu Seth, com voz baixa e áspera.

«A realidade não tem princípio nem fim. Esperemos — esperemos, esperemos mesmo! — que, nos vossos termos de tempo, consigam vislumbrar o que quero dizer. Existe efectivamente um universo em expansão, e ele é formado no eterno presente. Criam a vossa própria realidade. Isso funciona e é verdade, quer sigam ou não para estes outros domínios; quer vos interesse ou não que o universo não tenha princípio nem fim; quer tenham ou não o mínimo interesse por eus prováveis. Continuam a formar a vossa própria realidade.»

«Por isso, não é necessário que todos vós sigam [para esses outros domínios]. Para aqueles que o fizerem, porém, prometo-vos uma aventura, uma alteração criativa da consciência e experiências que ultrapassam aquelas que, nos vossos termos, conheceram até agora. Olham para o mundo à vossa volta e ficam maravilhados com a sua riqueza e variedade — com os seus aspectos físicos. Pensam que o mundo interior não é igualmente rico, ou ainda mais rico e mais válido? Pensam que existe apenas um tipo de consciência?

«O vosso mundo é constantemente formado a partir da vasta imprevisibilidade da consciência. Formam as vossas próprias ideias de significado e, a partir delas, formam a vossa ideia de vós próprios e do vosso mundo. Têm de deixar de pensar em termos de progressão comum. Já é suficientemente mau quando começam a preocupar-se em acompanhar os vizinhos. Mas é outra coisa quando começam a preocupar-se com qual tipo de eu é superior a outro tipo!»

Com estas sugestões evocativas, o significado da reencarnação atravessou os sonhos e os encontros dos membros da aula, reaparecendo no Outono de 1974 na ideia dos «correspondentes» de Seth (ver CWS, livro 2, capítulo 6); mas, antes de voltarmos realmente a aprofundar a reencarnação, a aula terminou — deixando-nos a tarefa de a explorar por nossa conta. Mas, em última análise, continuo sempre a regressar a algumas observações feitas por Seth em Julho de 1971, durante uma discussão do drama reincarnacional entre a Bette Zahorian e o Joel Hess.

«Já vos disse, a vocês, os alunos habituais, que terminaram o jardim-de-infância», disse Seth nessa noite. «Têm andado a contar segredos noutro nível, em termos reincarnacionais. É uma extensão [desses segredos], uma aceleração. Quero que olhem através dos deuses e dos demónios para ver além deles. Quero que olhem através da vítima e do assassino. Quero que olhem através das imagens estereotipadas do bem e do mal até compreenderem o que é a vossa própria criatividade. Quero que compreendam que, neste momento do vosso tempo, as vossas próprias células respondem ao que digo; não porque eu o diga, mas porque as vossas células também falam através

da minha voz e através das partes esquecidas de vós a que não prestam atenção.

«A voz que clama no deserto é a vossa própria voz, e a voz que responde a partir de éons de tempo que não compreendem é também a vossa própria voz! Têm correspondentes — não estão sós. Têm irmãos e irmãs que não reconhecem.

«Estratos que voam pela noite, nos vossos termos actuais, conheceram a consciência e o canto. O ar que roça a vossa face está vivo. Também ele conheceu o amor e a exaltação, e voltará a conhecê-los.

«No que estou a dizer-vos, existem respostas para vós, se tiverem a inteligência necessária para as captar. No poder que sentem [na voz de Seth], existem respostas, se tiverem a inteligência necessária para reconhecer dentro de vós esse mesmo poder. Para sentir, nos timbres da voz, o êxtase que canta através do vosso próprio ser. Para ouvir todas as histórias que os vossos eus vos contam, os segredos que voam pelo ar. E é isso que vos tenho dito durante todo este tempo.»

CAPÍTULO 9

OS NUS E O TEMOR:
OU COMO TIRÁMOS A ROUPA
E VESTIMOS O SEXO OPOSTO

Estou a tentar dizer-vos que, se olharem para dentro de vós e estudarem a vossa própria sacralidade, criatividade, bem-aventurança, alegria e poder com tanta atenção quanto estudam os livros sagrados dos deuses, então compreenderão que todos esses livros dos deuses foram baseados numa realidade maior: a do indivíduo — a alma individual — e, portanto, na vossa própria realidade. Prestem a vós próprios a honra que merecem...

— Seth, na aula, 6 de Novembro de 1973

DURANTE ANOS, SETH TINHA-NOS PROMETIDO uma aula sobre sexo. Tínhamo-lo importunado em inúmeras ocasiões, querendo os detalhes mais concretos e, ao mesmo tempo, receando-os. Agora não tenho a certeza do que esperávamos. Pensávamos que Seth se transformaria numa espécie de super Dr. Reuben (um conhecido terapeuta sexual da época) e falaria durante três horas sobre o verdadeiro significado do pénis e da vagina? Pensávamos que cada um de nós receberia a chave para os seus problemas sexuais particulares, ficando embaraçado para além do suportável mas, ao mesmo tempo, criando a vida amorosa dos seus sonhos?

Não creio que isso alguma vez tenha sido claro na mente dos membros. As discussões sobre as possibilidades de Seth Sobre Sexo estavam cheias de uma alegria excitada e marota — como crianças que querem brincar aos médicos mas têm medo de serem apanhadas. E depois, quando a nossa aula sobre os detalhes da sexualidade realmente aconteceu, nenhum de nós a reconheceu plenamente, na altura, pelo que ela era.

Na verdade, a prometida lição sobre sexo surgiu em duas partes: a «aula dos Travestis de Halloween», de 30 de Outubro de 1973; e a «aula Espontaneamente Nus», de 21 de Maio de 1974. Ambas ilustraram na perfeição a incorporação pessoal das crenças colectivas e a forma como cada um de nós, enquanto pessoa privada, se identifica como ser sexual sobre a Terra.

No Outono de 1973, os exercícios de crença da aula tinham-nos desafiado a revelar coisas sobre nós próprios — e a nós próprios — que noutra época poderiam ter sido consideradas impensáveis. A nível nacional, o movimento feminista ganhava força. Os Direitos dos Homossexuais e o próprio mundo gay estavam a emergir como uma alternativa sexual abertamente disponível, ainda que não totalmente aceite. Os conceitos tradicionais de masculino e feminino explodiam em sistemas solares inteiramente novos; crenças que, por assim dizer, procuravam novos sóis em torno dos quais girar.

E foi o Dan Stimmerman, membro da aula, que sabia desde a infância que era homossexual, quem abriu a porta para a primeira das nossas prometidas sessões sobre sexo.

«O problema para mim não era eu ser uma coisa e as outras pessoas serem outra», diz o Dan sobre a sua posição na aula. «No meio de uma aula maioritariamente heterossexual, eu era um dos dois — e, na maior parte das vezes, o único — membros gays. Havia muito para trabalhar e, de facto, a minha única conversa com Seth envolveu identidades de papéis sexuais. Não era um problema de ser diferente. Nessa altura, ser gay já deixara de ser um problema de aceitação para mim próprio. Havia algo mais.»

Naquela terça-feira de Outubro, o Dan, um músico talentoso que já tinha tocado a sua música e lido a sua poesia muitas vezes na aula, estava a expressar as suas atitudes profundamente contraditórias em relação aos papéis sexuais e à criatividade. O Dan era um homem e amante de homens; contudo, via os homens como os agressores, os destruidores, os insensíveis. Era artista e poeta; e, ainda assim, via a criatividade como algo feminino. Por outro lado, o Dan acreditava que ser mulher era estar biologicamente amaldiçoada. Admitia sentir frequentemente que não existia, que não tinha identidade nenhuma. Foi na sequência das observações do Dan que Seth surgiu com alguns comentários incisivos sobre este tema interminavelmente debatido da agressividade e passividade, do masculino e feminino, do forte e do fraco.

«Ora bem... não compreendes o grande impulso agressivo da criatividade — a acção que ela exige», disse Seth. «É porque não compreendes a natureza da passividade — que é agressão, acção, que se permite seguir um curso interior de acontecimentos. Consideras a criatividade fraca e a violência forte, e não compreendes que o nascimento, nesses termos, é uma violência — pois é um impulso agressivo para uma nova dimensão; e, naquilo a que chamas passividade, existe também uma agressividade jubilosa.

«Quando usas a palavra "agressão", pensas automaticamente que é uma coisa má! Pensas que significa violência contra outra pessoa, ou

guerra, ou desastre. Não compreendes que o teu mais pequeno pensamento, enquanto acção, é uma agressão contra aquilo que não existia antes de o pensamento existir. E que as pétalas de uma flor realizam tão passivamente uma agressão contra o ar quando se abrem.

«Fazes distinções e separações onde elas não existem, porque atribuis tanta importância e tanta distorção a uma palavra que utilizas!», concluiu Seth. «E agora, dêem-nos um momento e escutem uma canção, uma canção Sumari, "Agressão e Passividade".»

Seth retirou-se e a Jane deslizou para a personalidade Sumari, que cantou ao Dan uma canção estranha e bela. Parecia que a Sumari «feminina» utilizava tons profundos e poderosos e que o Sumari «masculino» cantava suavemente, quase timidamente. Era encantador e divertido. O Dan parecia atingido por emoções enormes e contraditórias.

A Jane saiu do transe e acendeu um Pall Mall, escutando apenas vagamente a recitação de Seth e a explicação sobre os Sumari.

«Ouçam, pessoal», disse ela, enquanto uma inspiração repentina iluminava todo o seu corpo, «tenho o exercício perfeito. Encaixa-se exactamente nisto tudo. Para a semana é Halloween, certo? Então ouçam, vamos fazer uma verdadeira festa de doces ou travessuras. O que quero que façam é o seguinte: cada um de vocês vem vestido como o sexo oposto, certo?»

Instalou-se o caos. Gritos de riso e gestos exageradamente efeminados voaram pela noite de Outono.

«O que queres dizer com vestir-nos?», perguntou o Warren Atkinson, nervosamente.

«Exactamente isso», respondeu a Jane. «Vistam-se da maneira que quiserem, como acham que se vestiriam se fossem do sexo oposto.»

O caos desvaneceu-se. Ficámos a olhar uns para os outros. Isto ia ser divertido ou não?

Durante a semana, eu, pelo menos, decidi definitivamente que não seria. Como é que, em nome de Deus, iria encaixar os meus seios

grandes e a minha cara de querubim numa postura masculina? Era impossível. Claro que podia ficar em casa na terça-feira seguinte, mas isso parecia a derradeira fuga cobarde.

«Se não te apetecer fazer nada, então não faças — eu não vou fazer», aconselhou-me outro membro da aula, com algum desdém.

Chegou a terça-feira à noite e eu ainda não tinha descoberto como me vestir como homem. Na verdade, naquela época, as minhas roupas eram roupas de homem. Usava jeans masculinas e camisolas largas quase sempre, numa tentativa de esconder os quilos que nunca parecia conseguir perder. Não vestia um vestido há anos. Mas sabia que não se tratava de jeans azuis e camisas de homem. Havia aqui um risco que eu não estava totalmente disposta a correr — alguma exposição da minha feminilidade que eu não compreendia e também não queria compreender. No fim, limitei-me a ir para a aula vestida de forma mais desalinhada do que o habitual.

Fui uma das primeiras a chegar. A Mary Strand já lá estava, vestida com roupa de rapaz, a sua tez clara escurecida com maquilhagem pesada e lápis de olhos. A Priscilla Lantini tinha escurecido os seus grandes olhos amendoados e as maçãs do rosto elevadas com delineador exagerado e parecia uma versão em miniatura de Rhett Butler, usando um fato de três peças com colete. Lançou-me um olhar directo e sexualmente dominador, como um homem atraído por uma mulher poderia fazer. Foi perturbador — senti-me incapaz de reagir à encenação dela. Não parecia encenação nenhuma. Jesus! O que se estava a passar?

«Então, Sue, acobardaste-te?», gritou a Mary em tom trocista.

«Não sei», encolhi os ombros. «Não consegui pensar em nada para fazer.»

Desta vez, fiquei contente por me distrair com as habituais discussões entre a Mary e eu — estavam a salvar-me de outros tipos de interacção.

Então ouvi a porta do outro lado do corredor abrir-se e fechar-se, e entrou a Jane. Vestia calças verdes e uma camisa de padrão paisley com um colete de ganga. Uma boina preta inclinava-se alegremente sobre o cabelo escuro e tudo era completado por uma barba estilo Vandyke desenhada a lápis, que lhe dava o aspecto geral de um francês aventureiro — uma versão mais angular da pequena personagem francesa da antiga série Hogan's Heroes. As mulheres riram e aplaudiram.

O Warren e a Camille Atkinson estavam sentados em silêncio. Tal como o George Rhoads e eu, também não se tinham mascarado. Quando a Jean Strand provocou o Warren, ele anunciou em voz alta que «não havia hipótese nenhuma» de ser apanhado «vestido de mulher». A sua voz estava cheia de desprezo e irritação, algo muito pouco característico do Warren, normalmente um homem sensível e empático. A sua atitude era ofensiva. O que receava ele? E, já agora, o que receava eu?

O George fumava um dos seus malcheirosos cigarros turcos e observava a Mary de forma especulativa.

«Muito bem», disse por fim.

«Sim?», respondeu a Mary. «Em que sentido?»

«É uma melhoria evidente», disse o George, apontando para o traje masculino dela. «Afasta-te do disfarce de loira matronal que costumas usar.»

A Mary ficou de boca aberta, estupefacta. Pensei que estivesse magoada e embaraçada — afinal, o George nem sequer tinha participado — mas antes que a conversa prosseguisse ouvimos a algazarra no corredor do rés-do-chão que anunciava a chegada dos Rapazes de Nova Iorque.

Vinham a rir e a fazer barulho pelas escadas acima, como de costume — embora se ouvisse: «Querido, por favor, não me trates assim!» e «Meu Deus, adoro os teus olhos! Os teus lábios! O teu decote!» e logo se percebia o que aí vinha.

Entraram em massa — os rapazes a levarem a brincadeira ao extremo. O Will Petrosky usava uma saia até aos tornozelos, mas

mantinha as habituais meias, sandálias e a velha T-shirt preta. O seu longo cabelo escuro estava frisado e penteado de forma mais elaborada nessa noite, e trazia bastante batom brilhante, sombra e blush. Fez uma pose à Marilyn Monroe na porta e lançou beijos teatrais, enquanto todos assobiavam e gritavam em aprovação.

Depois entrou com passinhos afectados e começou a representar para mim como se fosse uma mulher a seduzir um homem. Rodopiava as ancas e deixava a boca cair cheia, frouxa e húmida. Fiquei completamente enojada. Era assim que eu parecia quando julgava estar a ser sensual?

Depois o Lauren DelMarie entrou a dançar, balançando-se sensualmente numa saia comprida com abertura até à coxa e seios postiços recém-recheados. O cabelo até aos ombros caía suavemente junto de brincos dourados de cigana. Soltou risinhos e arrulhou para a Jane, beijando-a sedutoramente e inclinando-se de modo a que o seu busto de lenços de papel roçasse no braço dela.

O resto de nós uivava de riso. O Lauren pestanejava e fazia trejeitos com uma precisão maníaca. Rebentámos em aplausos a pedir mais.

Os outros começaram a encher a sala. O Dan, que frequentemente usava maquilhagem na vida privada, entrou atrás do resto do grupo de Nova Iorque, um pouco desafiador. Os seus traços finos e delicados tinham sido cuidadosamente maquilhados em tons de azul e dourado e estava realmente belo, vestido com um conjunto de seda e um longo lenço de seda à cintura. Estaria ele travestido ou não? Os outros homens podiam muito bem ser caricaturas daquilo que a sexualidade dele exprimia naturalmente. O Kurt Johns tinha posto alguma maquilhagem mas usava a roupa de sempre. Vários outros também tinham feito pequenos gestos em direcção à ideia do Halloween, mas uma coisa era óbvia: mais homens estavam dispostos a levar isto muito mais longe do que as mulheres.

As raparigas que vieram de carro com o grupo de Nova Iorque tinham geralmente feito o mesmo que eu: simplesmente vestir roupas maiores e mais desleixadas. Algumas usavam bigodes falsos. A Diane

Best tinha frisado o cabelo e vestido roupa de trabalho masculina, conseguindo de algum modo parecer Beethoven. Uma mulher fumava um Tiparillo. E era tudo.

Entre gargalhadas, o grupo de Nova Iorque descrevia como tinha trazido todas as suas roupas «travestis» na carrinha do Jed para se mudarem depois de chegarem a Elmira.

«Só de imaginar chegar aqui todos vestidos assim e a carrinha cheia de nós ser mandada parar pela polícia estadual», rugiu o Lauren. «Conseguem imaginar a explicação? "Ah, sim, senhor agente, estamos só a ir à aula de Seth, onde uma senhora que fala por um fantasma disse que devíamos vestir-nos de forma um pouco, bem, estranha para o Halloween — sim, Halloween..." Claaaro! Por isso fomos todos mudar de roupa às casas de banho do McDonald's!»

O que todas aquelas pessoas terão pensado enquanto comiam os seus Big Macs e este grupo de hippies desaparecia na casa de banho dos homens para surgir quinze minutos depois como hippies do sexo oposto é provavelmente melhor ficar por saber.

A Gert Barber chegou a fumar um enorme charuto. Tal como o Lauren, tinha enchido a camisa — só que a Gert enchera a sua com músculos brutais em vez de seios. Parecia um lenhador de banda desenhada. Uma peruca escura e um bigode completavam a sua imagem masculina.

«Olá, boneca!», bradou ela ao Lauren, claramente a divertir-se imenso com a mascarada.

Dirigiu-se a passos largos para a sua cadeira habitual, puxou-a da parede como se fosse despedaçá-la, deixou-se cair pesadamente e soltou um arroto de cerveja absolutamente estereotipado.

O Lauren levantou a saia até mostrar os calções e ajustou delicadamente uma meia imaginária, chegando até a corar quando vários dos «homens» assobiaram. Claramente, a noite era um sucesso memorável na história da aula. Quem entraria a seguir?

No rés-do-chão, a antiga e ornamentada porta principal voltou a abrir-se com estrondo, o som ecoando pelo corredor. (Perguntei-me como os outros inquilinos daquele edifício aguentavam aquilo, por vezes.) Agora, mesmo daqui do segundo andar, ouvia-se o tum! tum! tum! de passos pesados e irregulares nas escadas, uma bengala a bater em cada degrau como um machado numa árvore.

«Nunca vi uma casa tão arruinada, comida pelas traças e repugnante em toda a minha vida!», queixou-se a voz aguda e nasal de uma mulher idosa, vinda do primeiro patamar.

Olhei para a Jane; ela estava carrancuda. Como iria lidar com uma visita inesperada precisamente nesta noite?

A Jane remexia-se impaciente na cadeira de baloiço.

«Olhem para aquelas imagens obscenas!», lamentou-se a voz na galeria de cartazes e desenhos do corredor superior. «Que espécie de lugar é este? Disseram-me que isto era uma reunião espiritual e olhem para esta porcaria! Valha-me Deus, eu nunca...»

A Jane fez uma careta de desagrado e virou-se para a porta precisamente quando uma mulher idosa, grande e bastante corpulenta, entrou na sala a bater com a bengala, sacudindo o casaco de pele de raposa sobre os ombros, de modo que os olhos de vidro dos animais espreitavam sobre o imenso peito do seu vestido espalhafatoso e vulgar. O rosto estava impecavelmente empoadado, o cabelo branco-azulado cheirava intensamente a perfume e usava cinco ou seis anéis em cada mão.

Foi recebida por um silêncio absoluto. Quem diabo era aquela pessoa?

«Mas que espécie de disparates são estes?», gritou ela, batendo com a bengala no chão.

Algumas pessoas riram. Ela lançou-lhes um olhar severo por cima dos óculos de avozinha.

«Sabem, não é bonito rir-se de uma senhora idosa!», cacarejou ela, abrindo de repente um sorriso familiar.

«HAROLD!», gritou a Jane.

E o reconhecimento explodiu em todos nós.

Porque aquela não era a avó desagradável de alguém — era o próprio Harold Wiles, o trunfo travesti da aula e a suprema surpresa de Halloween. Enganou toda a gente e ninguém conseguia acreditar. Olhámos e rimos a noite inteira, e a querida Tia Hattie Harold sorria de volta e agitava um lenço, tomando notas como de costume com aqueles horríveis dedos cheios de anéis.

«Diverti-me imenso nessa aula!», relata o Harold. «Percebi que eles estavam praticamente a fazer apostas sobre se eu apareceria ou não vestido de mulher. Mal sabiam aqueles membros da aula quem era o "verdadeiro eu"! Tive a ajuda de uma prima, que me emprestou a peruca. A minha mulher ajudou-me bastante com a maquilhagem. Achei que fiz uma viúva excêntrica e idosa bastante convincente! Se bem me lembro, o Lauren DelMarie era uma mulher lindíssima! Creio que a minha única desilusão foi que tão poucos dos outros tiveram coragem para se entregarem completamente à experiência!»

O Harold contou à aula que tinha conduzido de sua casa até ao apartamento da Jane completamente mascarado, passando por dois bloqueios policiais: um que desviava o trânsito por causa de um acidente e outro devido a um incêndio.

«Só conseguia pensar: meu Deus, e se me mandam parar?», disse o Harold. «Acabei por decidir que continuaria a representar uma senhora idosa excêntrica que, por engano, tinha a carta de condução do sobrinho... A única coisa que me preocupava era o que faria se me metessem na prisão feminina durante toda a noite. Como iria à casa de banho? Conseguem imaginar o gerente de uma empresa local numa situação dessas?!»

Começámos a analisar os nossos disfarces e o grau de participação de cada um. O que nos revelavam as nossas roupas acerca das nossas crenças sobre os papéis masculinos e femininos?

Era óbvio que tanto a Priscilla como a Gert viam o homem como poderoso e ostensivo.

A Camille Atkinson disse que a Priscilla se tinha transformado de uma mulher «oprimida» numa imagem de poder — sob a forma da masculinidade. A própria Priscilla recorda que a aula de Halloween «me mostrou que tipo de homem eu sou. Tendo sido criada numa sociedade que coloca homens e mulheres uns contra os outros, é agradável ser o teu oposto... Creio que me deu uma perspectiva que muito poucas pessoas têm».

Do outro lado da questão, o Lauren e o Will exageraram a sexualidade tímida e provocadora que viam na feminilidade, e desempenharam esse papel com muito mais poder do que alguma vez se permitiam enquanto homens. Não havia engano possível — o Lauren e o Will conseguiam tudo o que queriam com os seus requebros, os seus trejeitos e os seus gestos aprendidos. Como homens, normalmente viam-se como uns falhados à Woody Allen. E sentiam muito mais afecto por aquelas versões femininas de si mesmos do que pela masculinidade do Lauren e do Will.

O Dan também se tinha maquilhado como uma mulher atraente, mas sem assumir os atributos sexuais «femininos» da mesma forma. Se alguma coisa fez, foi simplesmente adornar-se com a plumagem brilhante de uma sexualidade não permitida aos homens na nossa sociedade — sedutora à maneira de quem é estimado, e não de quem caça. A representação da feminilidade feita pelo Dan foi a que mais gostei, em todo o caso. As do Lauren e do Will eram engraçadas, mas a do Dan parecia simplesmente compreender. Seria essa uma nuance da homossexualidade?

No entanto, a Gert, que anos mais tarde se assumiria abertamente lésbica e se juntaria a um grupo local de Direitos dos Homossexuais (sem surpreender ninguém dos tempos do ESP), não estava a representar um homem agradável nesse mesmo sentido: fisicamente poderoso, sim, mas não alguém que se desejasse apresentar à mãe. Mas, à sua maneira, tal como o Dan, a Gert estava a ser desafiante e defensiva — e grosseiramente vulnerável.

O Lauren e o Will estavam a gozar consigo próprios, bem como com os jogos femininos inculcados pela cultura — e faziam-no muito bem; mas a inveja que sentiam daquilo que consideravam ser o poder feminino estava escondida sob um glamour sentimental. Nada no homem da Gert tinha glamour. Havia nele uma desesperança triste que não conseguia rir-se de si própria. Era a personificação da ideia de verdadeira segurança sexual da Gert.

O Lauren e o Will não viam qualquer segurança na sexualidade — tudo nela era perigoso. Algumas coisas eram simplesmente mais eficazes do que outras; e, quando se chegava ao fundo da questão, as mulheres podiam pelo menos usar o sexo para aceder a outros tipos de poder: o poder masculino que lhes faltava, sem terem de se comprometer no mercado social.

E porque é que eu não tinha participado? Aliás, porque é que a maioria das mulheres presentes não tinha participado? Seriam realmente as nossas características femininas aquilo que temíamos, como nos dizia o movimento das mulheres?

Quando tentei imaginar-me disfarçada de forma tão convincente quanto o Harold, descobri que a simples perspectiva me repugnava. Então como poderia censurar o Warren por sentir o mesmo? Teria eu medo da masculinidade, vendo nela alguma profundidade inimaginável de agressividade e violência, simbolizando tudo o que de pior a nossa civilização tinha produzido?

Consideraria eu a minha feminilidade biologicamente problemática, mas espiritualmente superior? Existiria uma parte de mim que eu protegia da agressividade e do poder que associava a uma sociedade masculina; uma parte aliviada por ser discriminada, deixada em paz e guardada em segurança, intocada?

Lembrei-me das observações de Seth na semana anterior acerca da nossa interpretação errada da agressividade e da passividade. Estaria o Dan a exprimir naquela noite os seus receios relativamente aos extremos de ambas? E o Warren?

O disfarce da Jane foi o último a ser analisado. Decidimos que ela era definitivamente uma personagem boémia e pouco recomendável da Margem Esquerda parisiense, provavelmente a escrever poesia num sótão com vista para o Sena.

A Jane adorou.

«Essa é a coisa mais simpática que disseram sobre mim em anos!», exclamou, com um horrível sotaque francês de imitação.

E essa foi, naturalmente, a deixa perfeita para a aparição de Seth.

«Vocês são todos as ovelhas negras do universo, e eu já vos disse isso antes!», começou Seth, sob uma salva de aplausos. «Vocês são todos as ovelhas negras do universo, e esta noite vou dar-vos algumas pistas porque esta noite...» — aqui Seth tirou a boina da Jane — «sou um homem tão jovem!»

Preparámo-nos todos para um comentário devastador sobre os disfarces escolhidos para a noite, acompanhado de análises pessoais sobre aquilo que tínhamos ou não feito.

Em vez disso, a voz de Seth tornou-se baixa e íntima.

«Houve uma vez um deus que não era um deus — não era um deus, porque estamos a falar de lendas», disse ele, quase num sussurro. «Havia um deus no antigo Egipto, e o seu nome era Seth, e era uma figura pouco respeitável. E ele rejeitava as instituições estabelecidas. Sempre que outros deuses se levantavam e diziam: "Nós somos a verdade, somos puros e somos sagrados", esse deus pouco respeitável erguia-se e, com uma voz semelhante ao trovão, dizia: "Vocês são uns idiotas!"»

«Isso mesmo!», interrompeu o Lauren.

«E os outros deuses não gostavam dele», continuou Seth no mesmo tom de contador de histórias. «E sempre que erguiam os seus altares, ele surgia como um trovão, mas de forma brincalhona, e destruía-os, dizendo: "As tempestades são naturais, boas e fazem parte da Terra, tal como os céus serenos. Os ventos são bons. As perguntas são boas. Os homens e as mulheres são bons. Até os deuses e os demónios são bons, se insistirem em acreditar em demónios. Mas as estruturas são limitadas!"

«E assim esse deus, que não era um deus, chamado Seth, andava por aí a destruir estruturas, reunindo à sua volta outros que faziam o mesmo. E eles eram eles próprios, fossem homens ou mulheres. Pensassem eles que eram bons ou maus, Verão ou Inverno, velhos ou jovens, eram criadores. Eram questionadores.

«E sempre que outra personalidade se erguia e dizia: "Eu sou o deus diante de ti, e a minha palavra é lei", então Seth aparecia e dizia: "Tu és um idiota", e voltava a destruir as estruturas. E assim são vocês, à vossa maneira, todos Seths, porque destroem as estruturas. São as ovelhas negras das religiões, as ovelhas negras dos cientistas, as ovelhas negras dos médicos, e as ovelhas negras das vossas mães e dos vossos pais, das vossas irmãs e dos vossos irmãos.

«E, contudo, as mães, os pais, as irmãs e os irmãos escutam», continuou Seth naquela voz tranquila, naquela sala tranquila, «porque não têm coragem para ser as ovelhas negras e encolhem-se perante a voz do trovão que é tão brincalhona, embora não a compreendam, porque equiparam intensidade a violência e pensam que a mulher é passiva, o homem agressivo e que, por isso, a guerra e a violência têm inevitavelmente de emergir da realidade da humanidade.»

Com isto, Seth atirou a cabeça para trás e gritou numa voz que fez estremecer as janelas:

«E assim são, de facto, todos ovelhas negras do universo, e os Sethitas sempre foram as ovelhas negras do universo!

«Ora, para ser Sethita não é preciso seguir este Seth», prosseguiu num tom mais suave. «Basta seguir o Seth que existe dentro de ti, e esse Seth interior é um questionador, um explorador e um criador. E o Seth dentro de ti sabe quando deve fluir passivamente com o vento que sopra pela janela sobre uma cidade de Verão e quando deve opor-se à força do seu ambiente. Vocês já eram Sethitas antes de me conhecerem, e existiu um Seth antes de eu ser Seth, e o espírito continua através das eras tal como as conhecem.

«Esta noite estão a receber — e a dar a vós próprios — a vossa própria lição acerca das vossas crenças. Certifiquem-se de que cada um de vós prossegue as suas próprias questões privadas! E devolvo-vos à vossa aula pouco respeitável!»

Ovelhas negras, hein?

Rimos, gritámos e felicitámo-nos mutuamente. Podia dizer-se que aquela era uma aula pouco respeitável, sem dúvida — certamente suficientemente pouco respeitável para fazer o que tínhamos feito naquela experiência extravagante.

(No entanto, mais tarde Seth desmontaria qualquer culto nascente das ovelhas negras ao observar que «a minha analogia servir-vos-á bem... mas uma ovelha é uma ovelha! Não estou a dizer que exista algo de errado numa boa ovelha, seja ela preta, branca, laranja ou púrpura... Uma ovelha que segue é uma excelente ovelha. É uma ovelha perfeita — tornando-se aquilo que apenas uma ovelha pode ser. Sabe o que deve seguir. Tem um sentido da sua própria integridade. Não segue burros, por exemplo. [Mas] percebam que estou a falar em muitos níveis. Porque nenhum burro tenta seguir ovelhas também!»)

Mas, como tantas vezes acontecia mesmo com os temas mais fascinantes, acabámos por nos afastar das implicações da aula de Halloween. Os exercícios de crença continuaram; a Jane e o Rob finalmente deram origem a The Nature of Personal Reality, após meses de preparação; o Dan partiu para a Califórnia nesse Inverno;

chegaram novas pessoas à aula; os acontecimentos oníricos absorveram o nosso interesse.

Depois, em Maio de 1974, na sequência de um debate sobre as virtudes da responsabilidade versus a diversão, Seth pediu-nos que escrevêssemos as nossas crenças acerca daquilo por que nos sentíamos responsáveis mas de que não gostávamos; quão bem essas tarefas eram realizadas e quão eficazes eram; o que fazíamos por diversão e quão eficazes eram essas actividades; e de que forma estas ideias de diversão e responsabilidade se aplicavam aos nossos filhos ou aos nossos pais, conforme o caso.

«Uso a palavra "diversão" propositadamente», salientou Seth com grande fervor, «porque quando uso a palavra "alegria", podem esconder-se atrás dela e pensar naquilo que consideram termos espiritualmente elevados, pois "alegria" soa espiritual e "diversão" não!»

E tornou-se bastante claro na aula da semana seguinte, quando começámos a ler essas crenças, que a maioria de nós não estabelecia qualquer equivalência entre aquilo que era divertido e aquilo que eram «responsabilidades». As coisas divertidas eram suspeitas: só eram aceitáveis se todo o «trabalho a sério» estivesse concluído primeiro. Alguns membros julgavam que a diversão era incompatível com a responsabilidade; outros pareciam agarrar-se a ela para se salvarem da responsabilidade. O fosso parecia enorme.

A discussão já decorria há cerca de uma hora quando alguém fez a observação elevada de que o nosso único dever fundamental era cuidar dos nossos corpos; era a responsabilidade «espiritual» de estar vivo.

«Percebia-se», disse a Jane mais tarde, «que era uma daquelas afirmações supostamente espirituais que escondem uma enorme quantidade de coisas.»

E, reagindo como só a Jane conseguia reagir, endireitou-se na cadeira e agarrou no fecho que descia pela frente do seu vestido até aos tornozelos.

«Bem, se vamos falar de corpos, mais vale olharmos para eles», declarou.

Abriu o fecho até à cintura, libertou os braços e deixou cair a parte superior do vestido para o colo. Por baixo do vestido estava nua.

Instalou-se, como tantas vezes acontecia, o caos.

Gritos de hilaridade e surpresa ecoaram pela sala. Eu estava sentada no chão, na extremidade oposta da longa mesa de centro em relação à Jane; o meu primo Mark Disbrow encontrava-se empoleirado no braço do sofá ao lado dela.

A Jane encolheu os ombros.

«E então?», disse. «O que pode haver de mais inocente do que isto?»

Sugeriu uma pausa. Ninguém se mexeu. Toda a gente falava ao mesmo tempo.

Eu não ousava olhar para a Jane e também não ousava deixar de olhar para a Jane.

Filosoficamente, considerava a nudez social algo inconsequente, que só chocava avós vitorianos. Na prática, sentia-me embaraçada e desconfortável ao ponto de me sentir mal. O que estava por detrás de uma reacção daquelas? Certamente não era a simples visão do corpo de outra mulher?

«Muito bem, se achas isso tão fantástico, porque não és tu o próximo?», disse uma voz feminina irritada.

Era a Jean Strand a provocar o George, imagine-se. Os dois estavam sentados no chão, lado a lado, à direita da Jane.

«Então?», insistiu a Jean, dando uma pancada na perna cruzada do George. «Então? Se és assim tão livre e tudo o que fazes é divertir-te o tempo todo, porque não tiras também a roupa? Hã? Porque não? Porque é que continuas vestido?»

«E se eu não me apetecer tirar a roupa?», perguntou o George, de forma bastante razoável.

«Que bela desculpa!», troçou a Jean. «O pobre do Georgie não lhe apetece... ohhh!»

«Muito bem, então toma lá! Se é isso que queres, é isso que vais ter!», gritou o George, levantando-se de um salto.

Desatou o cordão das suas velhas calças curtas tingidas em azul e rosa, deixou-as cair juntamente com os calções interiores e exclamou:

«Aí está! Era isto que querias?»

A Jean recusou-se a olhar. Escondeu o rosto nas mãos e gritou.

Imediatamente, cinco ou seis outros membros da aula levantaram-se e começaram a despir-se. O John Dennison atirou as calças para o outro lado da sala. A Mary tirou a camisola mas manteve o soutien. O Ira levantou-se e engoliu em seco:

«Bem, se é só isto!»

Baixou as calças até aos tornozelos, sentou-se, voltou a levantar-se e tornou a vesti-las — um verdadeiro efeito de exibicionista relâmpago. O Tim DiAngelo saiu das jeans sem sequer se levantar. O Derek ficou em roupa interior. Finalmente, a Jean descobriu os olhos e tirou a blusa, embora mantendo também o soutien.

A maioria dos restantes limitou-se a ficar imóvel, a observar.

Eu queria desaparecer.

Olhei com inveja para a Jane: era tão pequena e esguia, sem um grama de gordura. Naquele momento sentia-me uma enorme massa de gelatina, carregada com seios gigantescos, e sentia vergonha.

Não havia razão para me sentir assim, dizia a mim mesma. Afinal, ali estava a Diane Best, bastante mais pesada do que eu, com os seus enormes seios descobertos como uma magnífica figura de Rubens. Mas naquele instante odiava-me por não ser perfeita; pior ainda, odiava-me por me odiar.

E então o meu primo rematou tudo dizendo:

«Sabes, Jane, tenho de dizer isto: tens umas mamas fantásticas!»

«Obrigada, Mark», respondeu a Jane com naturalidade. «Mas sabes, isto é o que realmente és!» Olhou ao longo da mesa na minha direcção. «É mesmo, Sue. Tu sabes que é.»

«Claro», engoli em seco, com vontade de chorar.

O George estava a voltar a vestir os calções. A maioria dos outros também se estava a recompor, mas a Jane continuava despida, a fumar um cigarro. E quando Seth apareceu poucos minutos depois, os seios descobertos da Jane, sublinhando a voz de Seth, provocaram uma nova ronda de risinhos desconfortáveis.

«Quero apenas que saibam que aprovo isto, e aprová-lo-ia ainda mais — e aprová-lo-ei ainda mais — quando usufruírem da mesma liberdade», disse ele, apontando para o peito nu da Jane. «Têm consciência do que isso significaria para vocês, se fossem capazes? Todos procuram uma espiritualidade esotérica. Conhecei os vossos corpos! Honrai a vossa carne! Senti a alegria do vosso ser corpóreo! Sabei que viestes nus ao mundo! As roupas foram acrescentadas. As

posturas foram acrescentadas. Amai o vosso ser corpóreo e não negueis a integridade da carne. Então sabereis o que é a espiritualidade. Então encontrareis o milagre da união entre a carne e a alma numa só coisa, e não tereis vergonha dos vossos corpos nem medo de vos mostrardes.

«Se têm medo de se mostrar nesta sala, então que fachada erguem para benefício das outras pessoas lá fora? Que fachadas constroem para esconder a vossa própria realidade de vós mesmos, simplesmente porque não compreendem a vossa própria beleza, a vossa própria validade; porque não são compreensivos convosco próprios; porque não pensam em vós como belas mulheres ou belos homens, mas como crianças extraviadas que devem ser escondidas de si mesmas e dos outros?

«Desafio-vos, portanto, e o Ruburt também, a enfrentarem e conhecerem a espiritualidade do vosso ser corpóreo! Então não precisarão de procurar a verdade nos outros, porque, olhando para vós próprios ao espelho, encontrarão a validade do vosso ser e verão a expressão de Tudo o Que É tal como se manifesta através da vossa individualidade. Quanta alegria existe dentro de vós que escondem de si mesmos e dos outros, e quanta camaradagem negam!

«Ora, estas aulas são construídas em torno da natureza das crenças», recordou-nos Seth. «E esta demonstração inocente e inofensiva destina-se precisamente a fazer-vos questionar as vossas próprias crenças acerca do vosso corpo pessoal e da sua relação com os outros. E essa é a tarefa para a próxima semana: porque permaneceram vestidos?»

Nessa altura, a Renée Levine, que era a próxima a ler o seu texto sobre diversão e responsabilidade, despiu sem qualquer inibição a camisa e o soutien. Segurando o texto numa mão, abanou a cabeça para Seth, que ainda não se tinha retirado. Os dois encararam-se sem vergonha.

«Sinto-me livre para fazer isto», disse a Renée, gesticulando para o próprio corpo, «e, no entanto, não sinto que isso seja uma grande liberdade, sabes? Para mim é uma coisa muito fácil de fazer, e não creio que prove tudo aquilo que estás a dizer.»

«Os outros nesta sala, que não o consideram fácil, racionalizam contudo que é fácil», respondeu Seth.

«Sim», murmurou a Renée, «mas coisas que eles consideram fáceis talvez não sejam fáceis para mim.»

«É bom que compreendas isso», disse Seth.

E retirou-se, deixando a Renée ler as suas crenças sobre diversão e responsabilidade — de peito descoberto.

E foi então que a situação explodiu verdadeiramente.

Parecia que o grande espírito divertido e desinibido da Renée girava em torno de uma liberdade sexual que o resto de nós mal ousava imaginar, quanto mais praticar. A Renée, aos vinte e três anos, mantinha relações sexuais com vários homens diferentes sem qualquer vergonha; além disso, leu um relato bastante fascinante sobre a forma como, desde os treze anos, conseguira fazer desfilar uma sucessão de rapazes da vizinhança para a sala de jogos da cave da família, sem que os rapazes soubessem uns dos outros nem os pais soubessem de nada.

Declarou enfaticamente que, embora ideias mais convencionais acerca do comportamento sexual a pressionassem constantemente, ela simplesmente se recusava a obedecer contra os seus próprios desejos. Faria aquilo que quisesse fazer até deixar de lhe apetecer fazê-lo, e ponto final. Adorava fazê-lo — e sempre adorara.

E então?

Sentia-se responsável apenas perante si própria e obedecia às suas próprias regras. O sexo era inocente e a vida era divertida — ponto final.

A Renée pousou o texto.

Dizer que a sala ficou atónita seria um eufemismo. Mesmo em 1974, aquele exemplo de sexualidade feminina agressiva e casual era espantoso para a maioria das pessoas presentes.

À procura de palavras, o Fred Lorton disse que só conseguia relacionar-se com o que a Renée escrevera na condição de pai de uma filha.

«Provavelmente a Renée está a dar-se bem», disse ele, «mas não consigo compreender verdadeiramente. Tento, mas...»

«Pois eu lamento, mas não consigo compreender de todo!», interrompeu a Florence MacIntyre, sentada atrás da Renée. «Não consigo evitar pensar que é uma enorme irresponsabilidade agir dessa forma — fazer isso aos teus pais! Como achas que eles se sentiriam, Renée?»

A Renée voltou-se ligeiramente; os seus belos seios moveram-se suavemente. A sua calma era incrível — as pessoas atacavam as suas crenças e ela ousava continuar nua. A Jane, também ainda nua, escutava enquanto fumava.

«Eles não sabiam», respondeu a Renée com simplicidade.

«Ora essa!», explodiu a Florence. «Estás a agir como uma criança! Como uma menina mimada! A atirares-te para todo o lado dessa maneira. O que é que isso realiza? O que é que estás a contribuir para o mundo? Nada!» O rosto da Florence estava vermelho de raiva e as palavras saíam em catadupa. «Só te preocupas contigo própria! Isso não é diversão, é estupidez! Estás a fugir à responsabilidade por ti mesma, independentemente daquilo em que pensas acreditar!»

As lágrimas encheram os olhos da Renée.

«Não estou nada!», respondeu. «Era exactamente isso que eu estava a tentar dizer — as pessoas aproximam-se com os seus julgamentos. Quero dizer, o que há de mau nisso? É apenas sexo, só isso. Não faz mal a ninguém! Tenho o cuidado de garantir que nada de indesejado acontece! Eu adoro-o! É divertido! Que diferença faz para...»

«Eu simplesmente não percebo como...», interrompeu a Florence.

Mas a voz de Seth cortou-lhe a palavra.

«Ora, quando a nossa Senhora Florence perceber que o seu eu alegre é um eu extremamente responsável, então compreenderá que, quando está alegre, está a ajudar os outros; e que, quando não está alegre, não está a ajudar os outros», disse Seth. «Faço, de facto, esta afirmação profundamente herética, minha encantadora Senhora Florence. Quando te divertes, estás a ajudar os outros. Quando não te divertes e dizes a ti mesma que estás a ajudar os outros, não estás a ajudá-los nem a ajudar-te a ti própria!

«Assim, quando pensas em termos de responsabilidade e estabeleces uma divisão mental entre responsabilidade e realização alegre, estás a privar-te a ti mesma e ao mundo de muito prazer e a esconder, minha querida Senhora Florence, de ti própria e do mundo a grande e jubilosa sinfonia que és!

«Quando realizas a natureza alegre do teu ser, ajudas-te a ti mesma e ajudas os outros. Quando ajudas os outros porque achas que deves fazê-lo, mas isso te custa, eles sabem-no, e impões-lhes uma obrigação que não tens o direito de impor; e então dizes: “Sê simpático comigo porque te estou a ajudar — tens uma responsabilidade...”»

«Seth!», interrompeu a Florence, furiosa. «Estás a acusar-me de cumprir as minhas responsabilidades sem vontade, sem amor por elas? Eu amo o meu trabalho e a minha responsabilidade para com os meus filhos!» (A Florence era educadora de infância.)

«Minha querida Senhora», respondeu Seth suavemente, «estou apenas a tentar abrir-te ao amor do teu próprio ser e derrubar as barreiras que existem na tua mente entre aquilo que esta rapariga [Renée] disse e a tua interpretação da experiência e das palavras dela. Estou apenas a tentar pôr-te em contacto com a bela alegria do teu próprio ser e ajudar-te a derreter essas barreiras às quais ainda te agarras; barreiras que te separam da experiência jubilosa da tua própria natureza.»

Seth inclinou-se para a frente na cadeira de baloiço, projectando o peito da Jane e com os olhos a brilhar de divertimento.

«Ora, para vos mostrar como sou responsável e quão terrível é a palavra "diversão", tenho isto a dizer-vos [a todos]!», rugiu ele, dando um estalido no mamilo direito da Jane com o polegar, num gesto descaradamente burlesco.

«Oh, meu Deus!», guinchou alguém.

Seth esperou que deixássemos de rir e corar, e depois voltou-se, com grande ternura, para a Florence.

«Quando segues a tua própria natureza, sentes automática e naturalmente as necessidades dos outros», disse-lhe. «Quando és alegre e livre, e quando te divertes, sentes automaticamente... a tua unidade com todas as outras criaturas do universo e conheces o teu lugar em Tudo o Que É. E quando és tu própria, os outros olham para ti com admiração, alegria e compreensão, e tu olhas da mesma forma para eles. E ajudas todas as criaturas que partilham contigo a estrutura desta Terra...

«Quando reconheces a alegria do teu próprio ser, dás alegria aos outros. Tudo o que vos peço — e ninguém pediu mais nem menos — é que reconheçam o direito jubiloso do vosso ser à existência e sigam a sua grande natureza alegre, pois isso é cumprir qualquer responsabilidade que qualquer deus ou qualquer eu possa impor-vos!»

Depois acrescentou:

«[A Florence] sabe que eu a amo, e simplesmente não está disposta a reconhecer que pode amar-se a si própria. E isso aplica-se a cada um de vós!»

A Florence — como habitualmente acontecia nestas situações — não ficou convencida.

A Renée estava a voltar a vestir-se, para grande desgosto do Harold Wiles, que mais tarde comentou que ficara profundamente irritado com ela por ter passado todo o tempo de costas voltadas para ele enquanto esteve em topless.

«Assim, devolvo-vos a vós próprios», observou Seth. «Querem regressar aos vossos convencionais eus vestidos? Então, pelo menos na vossa mente, divorciem-se dessas limitações. E até tu» — aqui acenou ao Mark — «que pensas ser tão livre, tenho apenas uma coisa a dizer-te, mais uma vez, desde que faças a tarefa da próxima semana e te sintas, claro, suficientemente responsável para a fazer: é isto!»

E Seth voltou a dar um estalido no mamilo da Jane na direcção do Mark.

O Mark riu-se ruidosamente, mas quase toda a gente ou forçou alguns risos ou permaneceu em silêncio.

«Se consideram isso sacrílego, então examinem a natureza das vossas crenças», advertiu Seth, pois era evidente que todos nós estávamos horrorizados em algum grau. «É pena — têm corpos

belíssimos — que tenham decidido escondê-los e esconder aquilo que representam.»

Durante a semana, escrevi um ensaio torturado sobre as razões pelas quais a gordura era embaraçosa. A Camille recusou-se a ir mais longe do que declarar-se «uma pessoa muito reservada». O Harold reflectiu sobre toda aquela confusão durante dias e não escreveu absolutamente nada.

Na aula da terça-feira seguinte, contudo, o Geoffrey Beam leu um texto maravilhoso, divertido e honesto, sugerindo que a roupa poderia ser uma fortaleza construída para representar características específicas que desejamos que os outros vejam e às quais reajam, «mas, ao mesmo tempo, ocultando cuidadosamente aquilo que desejávamos que não fizesse parte de nós e que não queremos que os outros conheçam... no interior da qual nos escondemos do mundo».

A Florence leu o seu texto sobre não se despir, descrevendo a criatividade que podia ser expressa através da roupa e evitando habilmente o confronto com as crenças sexuais da Renée na semana anterior — o que constituiu, naturalmente, a entrada perfeita para Seth, que assegurou à Florence:

«Não podes alegar inocência, porque me conheces, e eu conheço-te demasiado bem!»

Seth observou cada membro da aula, um por um, com os olhos brilhantes e penetrantes, antes de continuar.

«Pensam nos vossos corpos da mesma forma que pensam nas responsabilidades!», declarou finalmente. «Pensam que a vulnerabilidade é algo errado. A vossa liberdade reside precisamente na vulnerabilidade perante a vida, a sensação, a experiência, a canção e o ser — o ser é vulnerável. Reage. Vive. Sente. Não podem negar os sentimentos sem negar partes da vossa alma. As vossas atitudes em relação aos vossos corpos são iguais às vossas atitudes em relação à responsabilidade! Pensem nessa correlação!

«Quando responsabilidade significa fazer aquilo que não querem fazer porque pensam que devem fazê-lo, então a responsabilidade não é divertida. Nem sequer é verdadeira responsabilidade, porque não estão a responder como seres vivos e conscientes. Estão apenas a seguir cegamente. Não estão a dar quando pensam que estão a dar porque devem ser responsáveis, embora não o desejem.

«Não ajudam ninguém quando ajudam sem vontade, nos vossos próprios termos... Quando dizem "amo-te" porque acham que têm a responsabilidade de dizer "amo-te", mas não sentem a emoção por detrás das palavras, então são mentirosos, e a outra pessoa sabe-o.

«Nus! Pensem nisso de outra forma! Pensem nisso como estarem alegremente livres dessas fortalezas que possuem sem reconhecer que as possuem — e das quais não são tão honestos quanto o nosso amigo aqui [Geoffrey]. Pelo menos ele está consciente da sua fortaleza e, até certo ponto, consegue e procura transformá-la num palácio.

«Nos termos mais simples, vocês são pessoas belas. Não existe nada em vós que devam temer ou de que se devam envergonhar. Os vossos corpos nesta Terra servem de representação da vossa alma... Quando compreenderem que não há nada que precisem de esconder, serão livres para esconder o que quiserem, por vontade própria ou por intenção própria, mas não porque são forçados pelos vossos medos a ocultar-se de si mesmos ou dos outros.

«Podem olhar para imagens de animais — animais velhos, magros, gordos, feridos, belos ou feios. Podem observá-los... e pensar: "Que singularidade!" E reconhecem a integridade e a singularidade dos animais tal como os percebem. Contudo, olham cegamente para as imagens dos vossos próprios corpos e, se elas não correspondem a algum ideal que estabeleceram para vós próprios, recusam-lhes aquilo que concederiam de bom grado a qualquer animal. Nenhum de vós admite a sua própria beleza física.

«Se virem um animal ferido, ainda assim conseguem apreciar a sua beleza ou vê-lo no seu ambiente. Não julgam um ramo pela direcção em que cresce — para cima, para baixo, direito ou torto. Conseguem meditar sobre um ramo e, no entanto, olham para os vossos corpos e recusam admitir a sua validade; e quando recusam essa validade, estão a depreciar o vosso eu interior nos termos mais simples possíveis.

«Se têm quarenta anos, querem que o vosso corpo tenha vinte; se são gordos, querem ser magros; se são magros, querem ser gordos. Querem um corpo que não seja individualista, um corpo que não seja vocês. Mas o vosso corpo é vocês e exprime o vosso ser e o de mais ninguém.

«A alma na carne manifesta a sua individualidade através da estrutura óssea, da expressão dos olhos, da ponta da orelha, da mais pequena articulação do dedo mais pequeno do pé, da curva do cotovelo, da vagina e do pénis, do cabelo, das unhas e de todas as partes da imagem física.»

Quando Seth se retirou pela última vez naquela noite e a Jane saiu do longo e profundo transe, a Mary Strand comentou:

«Bem, suponho que Seth acabou de nos dar a nossa aula sobre sexo.»

«Vocês deram-na a vós próprios», murmurou a Jane.

E embora tivesse havido outras aulas em que Seth falara sobre papéis sexuais, não se podia negar que as acções — as nossas próprias acções — tinham literalmente dado corpo às suas palavras e mostrado a nossa natureza de criaturas tal como escolhemos vivê-la. E, embora outros grupos de desenvolvimento pessoal tenham recorrido à nudez para descobrir bloqueios e liberdades, apostaria que muito poucos deles estiveram dispostos a associar a sua espiritualidade ao simples estalido de um mamilo nu.

«Olhando para trás, a aula dos nus parece agora despreocupada», diz a Mary Strand. «Houve muito pouca nudez — alguns peitos ficaram descobertos; o George e a minha irmã fizeram um rápido baixar de roupa que agora parece hilariantemente infantil. A Sue W. escolheu não participar e eu tirei a minha blusa de alças, o que era ousadamente atrevido tanto para os padrões da época como para os actuais, mas foi uma diversão espontânea e sensual sem perder a inocência nem degenerar em algo lúbrico.»

«A "aula dos nus"», reflecte o Geoffrey Beam cinco anos mais tarde. «Certamente uma aula invulgar, embora não totalmente imprevisível. Fiquei moderadamente surpreendido, algo divertido e algo ofendido; mas pelo menos proporcionou uma oportunidade para alguns comentários interessantes, bem como para sugerir a ideia de que as roupas que escolhemos podem servir literalmente de figurino...»

«O realmente estranho nessa aula», recorda a Jane, «é que eu tinha quarenta e cinco anos e suponho que pensei que, se uma mulher de quarenta e cinco anos conseguia tirar a roupa, os outros só podiam ficar a ganhar! Pensei que os mais novos teriam menos inibições porque tinham corpos magníficos, mas não foi isso que aconteceu!»

«O Tim DiAngelo, por exemplo — tinha pouco mais de vinte anos e era um fanático da boa forma física — tinha um corpo fantástico! No entanto, sentia-se embaraçado e chegou mesmo a pedir desculpa, dizendo que tinha tido um corpo melhor quando era mais novo! Na verdade, os que tinham entre vinte e cinco e trinta anos eram mais espontâneos…

— E espontâneo foi! — riu-se a Jane. — Se eu tivesse planeado fazer aquilo com antecedência, teria ficado demasiado inibida... acho eu...

CAPÍTULO 10

A EXPERIÊNCIA CONTINUA:
SETH II, ACONTECIMENTOS MENTAIS
E O NASCIMENTO DA CIDADE

Notas para um Jovem

Para Dan

I

Chegou à minha desatenção
Que tu nem prestas atenção nem deixas de prestar,
Mas vês através das ilusões dos deuses
E recusas piedosamente

Entrar no jogo.
Não tenhas cuidado com nada.
Os passeios existem por uma razão.
Os meio-sábios podem escorregar
Nas próprias pegadas
E não encontrar apoio.

II

A dona de casa
Poliu o copo de beber,
Acarinha a mesa que sonha com madeira,
Molda chávenas e pires
A partir de pedaços de espaço,
Coloca-os
Sobre quadrados encerados de nada
Com um sorriso.
Ajuda a esculpir
Este querido nada
Numa forma tão impermanente
E tão bela.
Sustenta o universo. Atende
Com amor e subtil maravilhamento.
Os deuses viram
A ilusão do avesso
Até ela se tornar verdade.

III

Não tenhas cuidado com nada.
Os deuses enfiam dedos brincalhões
Pelas tuas faces
E vagueiam como vermes cósmicos
Pelas maçãs multidimensionais
Dos teus sorrisos.

IV

Os estúpidos dizem:
«As árvores são reais.»
Estão errados,
Mas por agora estão seguros.
A sua sombra desaparecerá
Quando as árvores desaparecerem.
Sem corpos, cambalearão
Como galinhas sem cabeça.
Os meio-sábios dizem:
«Que ilusão!
As formas mutáveis são sombras.
Eu dispenso-as.»
E é precisamente aqui que as formas são reais
E as árvores pesam toneladas.
Tem cuidado com as tempestades de vento.

V

Os sábios dizem:
«As árvores são uma ilusão real.»
Estão certos e a sua sombra
Sobreviverá às árvores.
Olham para fora sorrindo
Através dos rostos das moléculas.
Giram de forma espantosa
Através das chávenas e dos pires de porcelana.
Rindo, colhem cerejas
Do nada.
Não tenhas cuidado com nada.
Atende sem atenção.
Como é espantoso o jogo.

— Jane Roberts

Mantém-te atento ao que parece coincidência. As coisas que dizes a ti próprio que não podem ser — essas coisas são.

— Seth na aula, 16 de Julho de 1974

Não é que o teu ser exista numa realidade inferior. É que ainda não aprendeste a reconhecer a extensão da realidade em que efectivamente existes.

— Seth II

AS ESTAÇÕES DESFILAVAM AS SUAS MERCADORIAS pelos apartamentos da Jane e do Rob; o Inverno trazia os seus ventos gelados e estridentes contra a casa, o Verão o seu fiel bando de pombos esfomeados para os telhados. A publicação dos livros da Jane também trazia cada vez mais pessoas à aula: os visitantes enchiam a sala de estar, lado a lado com os membros habituais, até que, em algumas noites, as pessoas ficavam literalmente espremidas ombro contra ombro. (Numa noite, o Mark Disbrow evitou a situação de «sardinhas em lata» à porta do apartamento voltando para a rua, subindo pelo cano de escoamento e entrando pela janela da cozinha.)

Havia uma aceleração que impregnava aquelas noites de terça-feira, e era possível sentir ali propósito e intenção mesmo quando parecia que as mesmas perguntas estavam a ser respondidas pela quinquagésima vez. Tal como o fio das estações, uma multidão constante de acontecimentos percorria o tecido da aula da Jane, logo abaixo da superfície das experiências, discussões e desenvolvimentos.

Por vezes abandonávamos um assunto e, meses ou anos mais tarde, ele reaparecia no contexto de outras coisas que, superficialmente, pareciam não ter relação: as sessões secretas funcionavam como uma espécie de campo de treino para os exercícios de crença; a experiência da porta servia para despertar as nossas percepções nos sonhos, conduzindo-nos aos sonhos de «aula». Por vezes, no nosso entusiasmo, cepticismo ou tratamento apressado de um acontecimento da aula ou de uma sessão de Seth, ignorávamos completamente como tínhamos chegado àquele ponto; ou como as nossas experiências anteriores tinham permanecido adormecidas como

sementes, prontas para rebentar em novo crescimento quando estivéssemos devidamente preparados para a ocasião.

— As pessoas não compreendiam isso naquela altura — diz a Jane. — Queriam muitas aulas sobre reencarnação, ou muitas sobre Sumari, mas não funcionava assim.

Na verdade, o processo de reestruturação psicológica proporcionado pela aula, à medida que aprendíamos um conceito mais amplo de identidade, só se tornou evidente para mim recentemente, quando reli cerca de trezentas sessões de Seth realizadas na aula, em preparação para este livro. Foi então que reconheci alguns desses fios de acontecimentos e a forma como a sua aparição nos conduziu à verdadeira nascente da nossa vida quotidiana.

No Verão de 1969, a personalidade de Seth II apareceu pela primeira vez na aula. A Jane já tinha encontrado este aspecto «mais vasto» de Seth durante uma sessão em Abril de 1968 (como descrito em The Seth Material), pelo que sabíamos alguma coisa sobre ele (ou ela, ou isso — ou seja lá o que fosse). Mas assistir a esta transformação era algo completamente diferente.

Nessa noite, Seth falava-nos sobre estabilidade psicológica («Eu queria alguém com uma estrutura de ego suficientemente forte para conter o equivalente a quarenta anos de experiência mediúnica», dissera Seth sobre a Jane) e sobre as muitas formas existentes dentro da personalidade. Falando através da Jane, Seth estava tão animado e jovial como sempre, gesticulando para o cinzeiro transbordante da Jane e brincando:

— Há dois pedidos simples que tenho feito: primeiro, tenho pedido a Ruburt que deixe de fumar cigarros, um hábito nojento, e passe a fumar charutos — e ele não o faz!

— Que marca gostarias? — perguntou o Brad Lanton, que naquela altura gravava e transcrevia as sessões.

— Um gordo! — respondeu Seth.

E fez uma pausa, esperando que deixássemos de rir dos seus adorados charutos e do conhaque que a Jane se recusava terminantemente a consumir em seu nome.

Depois Seth tornou-se suave e tranquilizador.

— O que quero que saibam é isto. Venho aqui, espero eu, como uma personalidade cativante, com características que conseguem compreender. Essas características foram minhas e são minhas; e eu sou quem digo ser. Contudo, o Seth que conhecem e que consideram tão cativante e compreensível é apenas uma pequena parte da minha realidade — a parte que mais facilmente se relaciona convosco.

Tradução integral do excerto fornecido.

O Seth olhou para cada um de nós, à vez, como se fôssemos todos crianças muito queridas. Lembrei-me da descrição do Rob de uma das primeiras vezes em que a Jane tinha realmente falado com a voz do Seth. Na altura, a Jane recusava-se a sentar-se durante as sessões, caminhando pela sala enquanto estava em transe. O Rob contou que a Jane, enquanto Seth, caminhou até às grandes janelas salientes e ali permaneceu alguns momentos, observando a neve a cair e a cintilar sob a luz pálida dos candeeiros da rua e sobre a silenciosa paisagem urbana de inverno. Foi com essa mesma nuance de tempos passados que o Seth nos falou então:

— É uma parte que foi física… [para o Theodore] que pode compreender o facto de estares sobrecarregado de trabalho; [para mim] é uma parte que pode compreender o facto de estares grávida [eu estava grávida de seis meses]; [para a Lydia] é uma parte que pode compreender as aspirações que não conseguiste realizar…

— E esta parte que vedes e que aparece nesta sala, e que pode demonstrar alegria e mostrar a sua existência e realidade, que pode chamar-vos para além do espaço e do tempo, que mostra tanta energia,

que vos mostra quanta energia pode atravessar uma estrutura tão pequena e frágil [a da Jane] — esse eu é uma pequena parte da minha realidade — continuou o Seth, recostando-se na cadeira e fechando os olhos da Jane. — Durante algum tempo ainda, precisareis da sua familiaridade. E precisareis das características humanas que conheceis — e que foram minhas — e continuam a ser minhas, pois este eu que vos mostro continua a existir e a crescer.

— Mas para além desse eu existe outro eu, e ainda outro, dos quais tenho plena consciência. E esse eu consegue ver através da realidade física. E, para esse eu, a realidade física é como um sopro de fumo no ar — e esse eu não necessita das características que conheceis e considerais tão encantadoras. E, contudo, não é um eu sem emoções; é um eu de emoções condensadas; e não é distante.

Durante este monólogo, a voz do Seth tornou-se cada vez mais forte; mas, quando terminou, a Jane saiu abruptamente do transe. Contudo, em vez de pegar nos óculos, como fazia habitualmente, permaneceu recostada na cadeira, abrindo e fechando os olhos.

— É como se… estivesse a receber este efeito de pirâmide — disse lentamente, formando um triângulo com as mãos sobre a cabeça. — Tenho a sensação de que esta pirâmide desce sobre a minha cabeça e de que estou a ser puxada para cima através dela. Quer dizer, sei que é apenas uma imagem, mas…

As palavras perderam-se; os olhos fecharam-se; as mãos relaxaram sobre os largos braços da cadeira de baloiço.

Na verdade, parecia que todo o corpo da Jane tinha passado para um ponto morto, como se não existisse nele qualquer personalidade.

Observávamos, perplexos. Que diabo era aquilo?

A Jane respirou profundamente várias vezes, inspirando e expirando em longas e arrastadas golfadas de ar, humedecendo repetidamente os lábios com a língua. Depois começou a falar — com

uma voz fina, aguda e completamente sem animação, que não parecia humana; como a voz que a matemática teria, se a matemática encontrasse a sua própria voz.

O Brad teve de aumentar o volume do microfone do gravador ao máximo para captar as palavras agudas e monótonas que saíam dos lábios da Jane:

— E esse eu diz-vos que existe uma realidade para além da realidade humana, para além das características humanas que conheceis… e, dentro dessa realidade, até eu sou diminuto e existe conhecimento que nunca poderá ser verbalizado — disse a voz. — E existe experiência que nunca poderá ser traduzida em termos humanos.

— Embora este tipo de existência vos pareça frio, trata-se de uma existência clara e cristalina na qual se conhecem coisas que estão para além da vossa compreensão — na qual não é necessário tempo, nos vossos termos, para a experiência — na qual o eu interior condensa todo o conhecimento humano que recebestes através das vossas diversas existências e reencarnações, e esse conhecimento foi codificado e existe de forma indelével.

A Jane fez uma pausa, voltando a humedecer os lábios. As palavras surgiam devagar mas de forma constante, sem inflexão, nunca se afastando daquele zumbido agudo semelhante ao de um computador.

— Sabei — disse a voz — que, dentro dos vossos átomos físicos, neste momento, as origens de toda a consciência ainda cantam e que todas as características humanas através das quais vos conheceis continuam a existir dentro do olhar de toda a nossa consciência, nunca diminuídas, mas sempre presentes.

— Portanto, eu sou o Seth que está para além do Seth que conheceis. E em mim ainda ressoam o conhecimento e a vitalidade desse Seth. Nos vossos termos, sou um Seth futuro. Mas esses termos

não têm significado para mim, porque ele é aquilo que eu fui, nos vossos termos.

— Nós formamos a realidade que conheceis — continuou a voz. — Falamos convosco desde o início do vosso tempo. Inspirámos e ajudámos aqueles dos vossos profetas que se voltaram para nós… Queremos que compreendais que existe consciência sem forma; que existe consciência dotada de vontade e vitalidade que vos chega de além dos lugares que o vosso Seth conhece. Queremos que compreendais que, embora nos seja difícil comunicar, falámos com a vossa raça antes de a vossa raça aprender a linguagem. Demos-vos imagens mentais e, com base nessas imagens, aprendestes a formar o mundo que conheceis.

— Demos-vos o padrão através do qual os vossos eus físicos são formados. Demos-vos os padrões, intrincados, complexos e abençoados, a partir dos quais formais a realidade de cada coisa física que conheceis. A mais diminuta célula do vosso cérebro foi criada a partir dos padrões de consciência que vos demos. Demos-vos o padrão sobre o qual formastes todo o vosso universo físico… e a compreensão que existe em cada célula, o conhecimento que cada célula possui, o desejo de organização, foi-nos dado por nós. Toda a teia foi iniciada por nós. Ensinámo-vos a formar a realidade que conheceis.

A voz parou. A Jane permaneceu imóvel durante vários minutos, movendo apenas os olhos sob as pálpebras fechadas.

Finalmente, a Sally Benson estendeu a mão e tocou-lhe no braço.

— Jane? — chamou ela. — Jane? Jane, estás aí?

— Sim, estou aqui — respondeu a Jane, ainda de olhos fechados.

Por fim, abriu os olhos, inclinou-se para a frente e colocou os óculos.

— Ufa! — exclamou. — Ainda tenho aquela coisa da pirâmide. Suponho que aquilo era o Seth II, certo?

Em The Seth Material, a Jane descreveu o fenómeno Seth II como «um desenvolvimento futuro» do Seth, contendo o Seth «presente» (e, por implicação, a Jane «presente») e, ainda assim, sendo mais do que isso, possuindo a sua própria gestalt, enriquecida pelo menos em certa medida pela capacidade da Jane de o contactar.

— A viver passado, presente e futuro — disse-nos a Jane.

Tudo muito fascinante — e inquietante.

— Onde está o nosso velho Seth? — exigiu saber a Rachael Clayton. — Ele vai voltar ou desapareceu de vez?

A Rachael não precisava de se preocupar. Na aula seguinte, o «velho» Seth tinha realmente regressado, a brincar e a gracejar connosco como habitualmente. Mas o Seth II também não tinha desaparecido; esta personalidade surgiu ao longo dos anos das aulas, geralmente durante duas ou três semanas seguidas de cada vez — e sempre com uma mensagem semelhante: acerca de um nível de consciência a partir do qual o universo físico, tal como o conhecemos, tinha nascido.

Numa aula desse outono, o Seth falava sobre reencarnação quando voltou a referir que as características pelas quais o conhecíamos eram «apenas uma pequena parte da [sua] realidade».

— Uso-as frequentemente — disse ele — como instrumentos de ensino. Apareço-vos… de formas familiares, para que possais sentir os laços entre nós que realmente existem. E, contudo, há liberdades que nada têm a ver com a consciência humana tal como a compreendeis. Há caminhos que seguireis e olhareis para trás para os eus que conheceis como os primeiros e ténues vislumbres do vosso nascimento.

— E assim, quando vos falo, muitas vezes falo-vos com a simpatia e a compaixão de quem sabe quão pouco sabeis e quão longe tendes ainda de ir — e, no entanto, percorreis um caminho que eu também percorri, e por isso posso, até certo ponto, entrar na vossa existência e compreender a realidade tal como ela vos aparece…

Desta vez, conscientes de certos sinais nas palavras do Seth e de uma sensação de aceleração no seu discurso, suspeitámos do que estava a acontecer.

E, de facto, a voz do Seth desvaneceu-se e a Jane mergulhou naquele estranho transe do Seth II, com o corpo completamente imóvel, excepto pelos lábios — em contraste directo com a energia característica do Seth.

— Deixai que as características humanas através das quais me conheceis se desvaneçam até à sua verdadeira perspectiva — começou a voz fina e monótona. — O Seth tal como o conheceis encontra-se no meu próprio passado, uma realidade de que mal me recordo. Ele é uma parte da minha realidade e, como tal, continua a existir. Existe agora na sua própria realidade. Contudo, para mim, tudo isso pertence ao passado.

— Não sou apenas aquilo em que ele um dia se tornará, nos vossos termos; sou muito mais. E, em mim, o vosso Seth, embora permaneça uma identidade em desenvolvimento por direito próprio, é uma memória distante da minha consciência. Enviámo-lo até vós, nos vossos termos, num passado indescritivelmente distante. Entrou no vosso universo numa realidade que me é difícil recordar. Orientou a vossa espécie durante éones do vosso tempo…

— Não compreendo suficientemente a experiência em que estais actualmente envolvidos, nos vossos termos — continuou a voz, e era evidente, pela expressão dessa voz, que os sentidos, tal como os conhecemos, estavam fora da experiência deste ser. — Estamos envolvidos na formação de criações, realidades, consciências — mundos que estão para além da vossa compreensão. Dentro deles, o

Seth tal como o conheceis é uma sombra dentro da minha consciência. Contudo, ele faz parte daquilo que eu fui. Parece existir uma ligação ténue entre ele e o Ruburt que conheceis…

— Nós formamos as realidades, damos origem a universos; mas posso dizer-vos que dentro de vós existe agora o sopro da criatividade, a fonte de Tudo O Que É, da qual fazeis parte…

A Jane parou. Suavemente, abriu os olhos e o Seth «normal» falou:

— Agora — disse ele, sorrindo — vamos recuperar o nosso bom amigo [Ruburt]. Está perdido nos Países Baixos. Dêem-nos um momento.

Por fim, a Jane «desceu de volta através daquela maldita coisa da pirâmide», como ela dizia, e declarou um intervalo; mas quase imediatamente depois, o Seth II regressou:

— Não imaginem que não somos indivíduos ou que, por parecermos estranhos para vós, não conhecemos a alegria ou a criatividade. A nossa alegria forma universos… possuímos a energia que dá luz ao vosso Sol… Cada um de vós existe no meu «agora», embora não reconhecêsseis os eus que sois. Ajudareis a criar estas realidades de que falo.

— Não gosto dessa pessoa — declarou a Rachael com firmeza numa aula posterior. — Quero o nosso Seth de volta! Aquilo é como falar com uma máquina — excepto que nem sequer se consegue falar realmente com ela. Que horror!

— Ele não é tão brilhante como eu — mas tem as suas razões! — respondeu o Seth, entrando na conversa. — Agora, apesar das minhas observações bem-humoradas sobre a personalidade a que chamais Seth II, deixai-me dizer-vos uma coisa: não podeis traduzir as dimensões da personalidade dele. Aquilo que ele é não pode ser traduzido nos vossos termos. Os pensamentos dele não são traduzidos

nesses termos porque não lhes podeis chamar legitimamente pensamentos da forma como estais habituados a pensar nos pensamentos! Para ele, um pensamento é uma experiência criativa. Aquilo que pensa torna-se imediatamente…

— A energia dele está para além do meu conhecimento — e a criatividade dele está para além do meu conhecimento. Eu não me tornarei aquilo que ele é — temos os nossos próprios caminhos a seguir. E, no entanto, estamos ligados. E parte da minha energia, vêem, também vem dele. Eu, por acaso, gosto mais dos meus mundos. Caso contrário, não viria aqui tantas vezes. Sempre lidei com a emoção, mas ele lida com as realidades que tornam a emoção possível.

Embora o Seth nos dissesse muitas vezes, ao longo dos anos, que não nos falava simbolicamente — ou que os seus símbolos estavam cheios de significado pessoal e literal — grande parte da importância destas aulas passou-nos ao lado, deixando mais ou menos à Jane e ao Rob a tarefa de examinar o que estava a acontecer sob a superfície.

E sei que houve ocasiões em que a compreensão lhes escapou e a Jane considerou terminar as aulas de vez; afinal, embora estas manifestações de personalidade emanassem da sua própria psique, ela nem sequer estava «presente», por assim dizer, durante a maior parte delas. Contudo, todos nós estávamos ali porque suspeitávamos, pelo menos, de que éramos criaturas muito mais multidimensionais do que nos tinham levado a acreditar. E por isso pergunto-me como pudemos ignorar as implicações da personalidade Seth II.

Em Janeiro de 1970, o familiar Seth fez uma longa e enfática dissertação sobre as «regras»:

— Vós criais o vosso universo — criais, dentro do sistema que conheceis, o mundo que conheceis. As regras são que dentro de vós existe conhecimento e que deveis olhar para dentro, não para fora, para o encontrar. As regras são que este universo é criado pelos

pensamentos que existem em cada uma das vossas mentes… e não há excepções.

Quando o Seth terminou a sua garantia de que nós, no universo físico, «não fomos deixados sozinhos nem abandonados», a Jane fez uma pausa em transe, interrompeu os gestos exuberantes do Seth e começou a falar com a voz aguda e distinta do Seth II:

— Não compreendeis as estruturas de personalidade multidimensionais. Isso não significa que elas não existam. É verdade que a nossa realidade não pode ser traduzida nos vossos termos emocionais. As emoções, tal como as conheceis, representam apenas os mais ténues vislumbres da nossa realidade.

A Jane fez nova pausa, como se aguardasse que uma distância imensa fosse vencida.

— Sempre observámos — disse a voz, mais suavemente do que nunca. — Somos os observadores e os protectores — e nunca estivestes sozinhos. Cuidamos de vós cuidadosamente, como um jardineiro cuida das suas plantas mais queridas. Preocupamo-nos com o vosso crescimento e o vosso desenvolvimento.

— Existem desenvolvimentos dentro das vossas próprias identidades dos quais não tendes actualmente consciência… estais, de facto, a aprender a ser criadores, e já sois, nos vossos termos, criadores.

Continuação da tradução integral, com fidelidade ao original.

— E será através dos produtos das vossas criações que aprendereis a ver-vos a vós próprios e a conhecer aquilo que sois. E é através do espelho da realidade física que vedes os vossos eus interiores materializados. E será através das vossas criações que reconhecereis as vossas capacidades e as vossas responsabilidades, tal como nós.

Com isto, a Jane voltou a falar pelo velho e familiar Seth:

— Espero que vos encontreis no meio de um jardim de consciência. E, tal como uma flor desabrocha, assim fostes feitos para desabrochar. E, tal como uma flor deve florescer, assim também vós fostes destinados a florescer. Não consegueis ver o jardim, embora estejais nele, mas existem emanações que vos são invisíveis. E eu ficaria muito satisfeito, se estivesse no vosso lugar, por saber que existe alguém por perto para manter a ordem, vigiar as coisas e cuidar da vossa nutrição espiritual quando vos tivésseis esquecido do que é o espírito.

A Florence MacIntyre, que até então estivera a beber vinho em silêncio, franziu o nariz com desagrado.

— Eu certamente não me vejo como uma simples flor — disse ela. — E detestaria ter de depender de alguém para me regar!

O Seth voltou-se para a Florence com uma severidade fingida.

— Vedes-vos sob forma física, e a analogia com as plantas incomoda-vos… porque vos considerais acima de uma planta e não percebeis que maravilhosa consciência elas possuem — disse ele. — E, no entanto, tal como um jardineiro, por vezes, passeia de noite pelo seu jardim e observa as suas plantas, acrescentando fertilizante a umas, regando outras e reorganizando outras para que recebam mais sol, assim também a vossa própria entidade percorre a vossa alma e vos sussurra instruções. E faria muito bem a todos vós ouvi-las!

E assim passou despercebido. Jardineiros a passearem entre as flores? Estaria o Seth II tão acima de nós quanto nós estamos acima das plantas? Talvez — se aceitássemos a ideia de que alguma coisa pode estar «acima» de outra.

De qualquer forma, passou mais um ano e meio. Contámos os nossos segredos. Os dramas reencarnatórios seguiram o seu breve curso. Os sonhos da aula tornavam-se cada vez mais frequentes e

detalhados. Brincávamos com diferentes estágios da consciência alfa e tornámo-nos bastante competentes a mudar o foco da atenção. O Seth e a Jane guiavam-nos através de exercícios de expansão da consciência, utilizando estados alfa para perceber probabilidades, encontrar várias partes do eu ou simplesmente obter a «sensação» das nossas próprias mentes. (Ver CWS, livro 2, apêndice 1, por exemplo.)

Numa terça-feira de Junho de 1971, o Seth manifestou-se e sugeriu que fechássemos os olhos e tentássemos seguir imaginativamente a sua voz.

— No alfa 1 estais habituados a dar um pequeno passo para além daquilo a que chamais a vossa consciência — disse ele durante o longo e tranquilizador monólogo. — Agora quero que deis um passo para além disso. Quero que compreendais que sois, de facto, altamente perceptivos, que à vossa volta e em todas as direcções os sentidos interiores se estendem; que estais rodeados por outras realidades, que tendes o hábito de as excluir e que agora estais a aprender a aceitá-las; a abrir portas que estiveram fechadas…

— Para além dessa porta existem realidades que sempre conhecestes e pessoas com quem sempre estivestes familiarizados. Quero que abras livremente os olhos interiores e vejas os seus rostos. Abre o núcleo interior e ouve as suas vozes.

— Quero que caminhes livremente e com alegria dentro dessas outras realidades que existem agora com tanta certeza quanto esta sala existe… e assim, pouco a pouco, os sentidos interiores poderão começar a funcionar, para que aquilo que vês se torne claro e aquilo que ouves se torne audível, claro e forte… Quero que compreendas que estás a vislumbrar uma realidade que existe agora, nos teus termos; que existiu no passado; e que, nos teus termos, existirá no futuro…

Após cerca de quinze minutos destas instruções transmitidas de forma suave, o Seth disse-nos:

— Regressa com carinho à tua imagem e ao conhecimento dela, ao conhecimento íntimo da carne, dos ossos e das células; ao conhecimento íntimo da Terra da qual, pelo menos por agora, nasceste… confia nisso, abre os olhos e devolve a tua atenção à sala.

Durante este exercício, muitos de nós tivemos imagens mentais vívidas. Eu encontrei-me ao lado de um homem que estava a descrever pontos de interesse na paisagem circundante — que consistia numa vasta e plana planície geométrica que conduzia a uma cidade distante. Tive a sensação de estar a sonhar acordado com um grupo de pessoas que conhecera há muito tempo, em vez de prestar atenção à conversa em curso. Nesse momento, o homem fez-me uma pergunta, e senti-me bastante embaraçado, pois tinha estado a pensar nessas pessoas que conhecera outrora e não estivera a ouvir o meu companheiro. Eu estava completamente inserido naquela cena; por outras palavras, não era «apenas» uma fantasia imaginária.

O meu amigo observava-me com curiosidade, até com cumplicidade.

— Sabes o meu nome? — perguntou.

Claro que sabia. Mas quando tentei pensar nele, não consegui encontrá-lo — o nome tinha desaparecido completamente da minha memória. Nesse momento, apercebi-me de que a voz do Seth estivera ao longe durante todo o tempo e de que eu estivera consciente das suas instruções. Depois percebi também, com alguma desilusão, que ainda não pertencia realmente àquele lugar com o meu amigo. Foi então que me lembrei de que era aquele lugar que constituía o «sonho acordado», e não a sala cheia de pessoas de que me recordava com tanta afeição. Mas, como o meu corpo estava claramente ali naquela planície com aquele homem, e não naquela sala de estar, senti-me bastante confuso.

— O meu nome é Jason — disse o homem. — Somos associados há muito tempo.

Com essa observação, ouvi a voz do Seth dizer-nos para imaginarmos as nossas percepções alteradas como uma porta. Imediatamente, abriu-se uma porta dentro de uma enorme pirâmide que surgiu no horizonte atrás de nós. Eu sabia que o Seth iria terminar o exercício em breve e que deixaria o meu amigo e aquela cidade distante.

— Vem comigo para lá — sugeri, referindo-me à sala de estar da Jane. — Consegues fazê-lo? Não seria divertido se conseguisses?

Atravessámos a porta, mas quando abri os olhos na aula ele não estava lá — naturalmente.

E agora parecia estranho recordar-me dele e daquela estranha planície geométrica como se tivesse sido um sonho.

Os membros da aula descreveram aquilo que tinham visto; vários tinham encontrado cenas tão vívidas e tão completamente «reais» quanto as minhas. Era emocionante e intrigante. E embora eu nunca mais tenha pensado naquela personagem chamada Jason até ler o relato da Jane sobre esta aula em Adventures in Consciousness, asseguro que aqueles momentos naquela planície eram tão «reais» como qualquer conjunto de momentos que consigo recordar da minha vida tal como a conheço.

— Ainda não terminei com a aula — disse o Seth, entrando na discussão. — Vamos entrar num nível mais emocional. Não vos deixarei esquecer isso, percebem, mas esta noite a experiência ainda não terminou… Quero dar-vos um breve momento em que possais sentir, até certo ponto, as vastas distâncias dentro das quais a vossa própria realidade encontra significado e as outras dimensões da existência nas quais também tendes o vosso papel.

Depois a Jane recostou-se na cadeira e, após uma longa espera — pelo menos cinco minutos — começou a falar pelo Seth II, com o corpo novamente completamente relaxado.

— Estão a ser feitas certas traduções para vós, de modo que estas comunicações façam sentido — disse o Seth II. — Nós ajudamos-vos a manter as vossas vidas, tal como vós ajudais a manter existências das quais não tendes conhecimento. Observamo-vos tal como observais outros, mas a distância é tão vasta, nos vossos termos, que a comunicação é difícil.

— Não observamos sob forma humana. Percebeis-nos dessa forma através de uma visão distorcida. Nos vossos termos, as nossas formas seriam geométricas. Não compreendemos com muita clareza a natureza da realidade que estais a criar, embora as sementes vos tenham sido dadas por nós.

Creio que todos nós nos encontrávamos em algum estágio alfa, com os efeitos do exercício de consciência ainda a ecoarem dentro de nós. Mas eu, pelo menos, despertei imediatamente quando comecei a sentir, de forma subjectiva mas poderosa, que a sala estava cheia de observadores — era essa a expressão que me ocorria incessantemente — e quando olhei para o alto tecto branco e vi, para minha enorme surpresa, dezenas de rostos gigantes a observarem-me serenamente.

Olhei à minha volta para os restantes. As pessoas fitavam várias direcções, incluindo o tecto, mas algumas, como a Bette Zahorian, tomavam notas apressadamente. O Seth II continuava a falar com aquela voz distante. Mal prestava atenção às palavras. Os rostos permaneciam ali, ao longo de todo o perímetro do tecto: rostos grandes, ovais, semelhantes a desenhos animados, algo inchados e completamente sem expressão, tal como a voz do Seth II.

Naturalmente, na altura assumi (como a generalidade dos membros da aula assumiria) que não havia rostos ali em cima da mesma forma que, por exemplo, os nossos rostos estavam na sala; tal como sabia que o meu amigo da porta da pirâmide não estivera ali da mesma forma que aquela sala de estar estava. Por outro lado, era ridículo negar a minha experiência daquela realidade. Sabia que estivera num lugar que existia de alguma forma, embora não dentro da mesma ordem de acontecimentos da minha vida quotidiana.

Era o mesmo tipo de credibilidade que tínhamos aprendido a conceder aos sonhos: realidades plenamente válidas, com significado não apenas para nós mas também provenientes de nós; e, embora os sonhos não interfiram na vida física diária (ou não devam interferir, nesses termos), certamente a enriquecem — e mais do que isso, tornam-na possível de formas fundamentais.

O mesmo era verdade em relação àqueles rostos, excepto que, neste caso, existia uma imagem fisicamente percebida que, ao que parece, foi vista por muitos de nós. E passaria muito tempo antes que o significado deste tipo de experiência, e a sua relação com a minha percepção da realidade de Jason, das realidades dos sonhos e das circunstâncias do mundo físico quotidiano, começasse a ligar-se.

Os rostos desapareceram; a Jane saiu do transe. A sala explodiu numa agitação de vozes e exclamações. Pelo menos meia dúzia de nós tinha visto a multidão de rostos redondos e inexpressivos à volta do tecto. Vários outros, que não tinham visto essas imagens, tinham sentido fortemente «os observadores». A Bette foi particularmente enfática quanto à sensação de que massas de seres — não seres humanos — tinham enchido a sala durante o discurso do Seth II. (Na verdade, parecia bastante ofendida com isso!) Outras duas pessoas tinham visto uma pirâmide sobre a cabeça da Jane enquanto ela estivera em transe do Seth II. E todas estas impressões tinham sido registadas sem comparação prévia, numa sala totalmente iluminada e com diferentes graus de envolvimento.

Na semana seguinte, o Seth II voltou a manifestar-se, repetindo várias vezes que «a experiência continua».

Experiência? Que experiência? A experiência de quem?

— E qual é o grupo de controlo dele? — gracejou o Joel.

De vez em quando voltávamos a falar desta «experiência» e fazíamos piadas sobre o nosso desempenho — sem nunca associar,

por exemplo, o aparecimento de Sumari nesse outono ao seu «grupo» de pessoas sentido na sala por muitos de nós; à sua linguagem não verbal que destruía as percepções habituais; às primeiras palavras pronunciadas pela Jane em transe Sumari:

— É sempre com este cântico que iniciamos os nossos empreendimentos no nosso espaço… existem cidades que construímos e que vós ajudastes a construir noutras áreas do vosso tempo… estivemos aqui muitas vezes e vós estivestes onde nós estamos.

Aliás, também não relacionámos o Seth II e a «experiência» com o aumento simultâneo dos sonhos da aula; nem com o significado emocional dos exercícios de crença; nem com qualquer destas actividades que procuravam, pelo menos, visualizar outras partes das nossas identidades.

O reino da imaginação simplesmente não recebia o reconhecimento que merecia, nem sequer por esta aula. A realidade subjectiva era interessante, fascinante, cheia de possibilidades emocionantes, carregada de emoção e de meios de expressão — mas não era verdadeiramente uma força no mundo tal como o concebíamos. Não estávamos conscientes da mudança da nossa própria postura de consciência e do significado pessoal que a expressão da Jane através de Seth, Seth II, Sumari e tudo o resto tinha para cada um de nós — do significado pessoal e prático dos acontecimentos mentais.

Na minha opinião, todas estas ligações — juntamente com o significado aplicável dos acontecimentos mentais — emergiram como uma nova forma de consciência na aula com o nascimento da «cidade».

O outono de 1974 foi luminoso e quente. Os relatos de sonhos correlacionados multiplicavam-se todas as semanas. Seria a magia do outono? Muitos de nós, eu incluído, tivemos séries de sonhos sobre atravessar rios poderosos a nado, ou nadar para trás contra

redemoinhos, ou estar de alguma forma em conflito com qualquer sentido de direcção.

«Como estar na fase de transição das contracções do parto», escrevi no meu diário de sonhos no final de Setembro.

Durante duas noites consecutivas fui acordado às três da manhã por ruídos estranhos na varanda da frente da minha casa: uma vez pelo som de um enorme cão a ladrar junto à porta; e na noite seguinte pelo som de alguém a bater discretamente e a rodar a maçaneta. Em ambas as ocasiões abri a porta, aterrorizado e armado com um taco de basebol, precisamente quando os ruídos cessaram — e não encontrei ninguém. A minha casa situava-se numa estrada rural, e o vizinho mais próximo estava a mais de três quilómetros de distância. O que estaria eu a ouvir?

A nível nacional, a política parecia mais sombria do que nunca. O presidente Nixon tinha-se demitido, mas só depois de colocar as forças armadas dos Estados Unidos em estado de alerta no Médio Oriente durante esse verão. Alguns afirmavam que o alerta tinha sido uma encenação da parte de Nixon para melhorar a sua imagem pública. Quaisquer que fossem os seus motivos, trouxe novamente à superfície o espectro da guerra e da Bomba.

Os membros da aula resmungavam desanimados naquela primeira terça-feira de Outubro: apesar de tudo o que fazíamos e dizíamos naquela sala, a raça humana devia estar colectivamente louca. Mais uma vez tínhamo-nos colocado à beira da destruição — desta vez em nome das Relações Públicas. Que tipo de sistema de crenças nos tinha conduzido até ali?

“Sabes, é engraçado,” disse o Derek quando a noite já se aproximava do fim, “tenho andado a ler recentemente nuns jornais científicos que a rotação da Terra acelerou ligeiramente nos últimos tempos. Eles conseguem medir isso, sabias?” O Derek encolheu os ombros. “Não sei por que razão isto parece relacionado com o que estamos a falar, mas, por algum motivo, parece.”

O George exalou uma nuvem de fumo de tabaco turco, franzindo o sobrolho. “Talvez seja porque todos nós acabámos de escorregar para fora de um mundo que explodiu e ainda estamos a sentir as repercussões de toda essa energia, traduzida em aceleração da rotação,” sugeriu. “No sistema de probabilidades em que estávamos, percebes, o confronto no Médio Oriente desencadeou uma guerra nuclear — mas todos nós decidimos não nos envolver.” Ele sorriu inocentemente.

“Que bela desculpa!” vaiou a Mary Strand. “Mesmo à Sumari — achas que podes andar a saltitar para qualquer realidade que te apeteça!” Toda a gente se riu. A Mary também tinha relatado alguns sonhos de nadar contra a corrente. “Faz tudo parte da Síndrome de Sumari,” explicou a Lauren, “como apaixonar-se seis vezes por semana — e escrever sobre isso!”

“Mas houve uma aceleração da rotação da Terra,” disse o Derek, trazendo-nos de volta às nossas preocupações mais terrenas. “Foi medida. E se nós criamos tudo o que acontece, então por que razão criámos isso?”

Eram onze e um quarto. Como a aula normalmente terminava às onze horas, este parecia ser um daqueles terços-feiras que passariam sem que o Seth comentasse as coisas. Os membros não ficavam sentados a noite toda à esperante que a Jane se desligasse e deixasse o Seth manifestar-se, contudo — pondo de lado alguma provocação ruidosa ao Seth, a turma estava tão entusiasmada a comparar notas sobre as nossas próprias experiências, sonhos, ou o que quer que fosse, como a ouvir as observações do Seth.

Na verdade, pelo menos nos anos mais recentes, acho que o Seth era como outro membro da turma (embora mais sábio) que viajava distâncias inéditas até para os Rapazes de Nova Iorque para estar connosco. Mas a viagem de ida e volta de 500 milhas deles era uma das razões (além do próprio horário de escrita da Jane) para a aula terminar a uma hora razoável. A Jane e o Rob costumavam demorar

uma hora ou mais a arrumar a sala de estar depois de todos se irem embora; e embora o Rob tivesse deixado o seu emprego a tempo parcial (e pudesse, por isso, frequentar a aula), os dois gostavam de se levantar cedo de manhã para começar o trabalho do dia.

Por isso, naquela noite em particular, mesmo quando nos estávamos a preparar para sair, ficámos realmente surpreendidos quando a Jane permitiu que o Seth entrasse subitamente na conversa. "Precisavam de tempo para falar uns com os outros," começou ele. "O grupo da turma tem estado a mudar. Precisavam da vossa própria conversa e da vossa própria partilha.

"A turma é a sua própria entidade!" trovejou o Seth. "Vós sois parte dessa entidade. As pessoas entram na turma e saem da turma, pois a turma está sempre a mudar, à medida que cada um de vós muda."

O Seth voltou-se para o Derek. "Estás correto. Há uma aceleração, e vós estais prontos para ela. É vossa. Há também uma ligação com as estações do ano, e lembra-te de que vós também formais o tempo; e a aceleração que vos chega do vento é, novamente, vossa, objetivada."

Para a turma em geral, o Seth continuou: "Agora, em certos momentos, a atividade onírica também é acelerada, e este é, de facto, um desses momentos. Tendes uma oportunidade, agora, de vos conhecerdes a vós mesmos, e como existis também na realidade interior."

Os olhos do Seth estavam arregalados, escuros e penetrantes. A sala estava impregnada com a magia da noite de outono e com um vento fragrante que sobrava pelas janelas abertas. "Tendes uma oportunidade agora de abrir novos caminhos, se quiserdes," disse o Seth, com um sorriso a esboçar-se nas feições da Jane. "Sereis os novos habitantes. Pode ser a vossa própria cidade. Tereis de fazer a vossa própria política! Será de qualquer tipo que desejardes.

“Tendes membros suficientes na turma agora para formar uma cidade assim. Ela será usada simbolicamente como um local de encontro. Tereis o vosso próprio lar interior, então, que formais para vós mesmos.

“Devíeis ir para lá como fundadores, cada um de vós. Podeis começar a formar essa cidade agora. E quando formais uma cidade assim, forma-la para vós mesmos, e no entanto também a formais para os outros. E, em termos mais amplos, claro, já a formastes; e quando já não precisardes dela, será usada por outros, e será uma espécie de marco interior onde os outros poderão usar o que vós criastes.”

Uma parte de mim estava fascinada. Uma parte de mim estava horrorizada. Bandeiras vermelhas agitaram-se no meu cérebro. Uma cidade interior? Oh-oh. Parecia um bocadinho demais com uma daquelas coisas de registos-ocultos-escondidos-nas-montanhas. Além disso, eu não gostava de cidades no nível com que estava a lidar agora, quanto mais num nível algures no céu. E no entanto… as palavras do Seth encaixavam de alguma forma, e senti o apelo do desafio e da aventura. Era entusiasmante pensar nos tipos de correlações de sonhos lúcidos que a turma poderia ter, usando esta “cidade” como um local de encontro simbólico. Mas a questão era que eu tinha a sensação desconfortável de que este era um daqueles momentos em que o Seth não estava a falar “simbolicamente”.

“Agora, eu dei pistas sobre a arte multidimensional, e isto é, de facto, arte multidimensional,” estava o Seth a dizer. “Cada um de vós tem capacidades peculiarmente adequadas para formar um ambiente interior desse tipo — uma ‘cidade Sumari’ dessas — e assim sereis pioneiros à vossa maneira. Há terras interiores ainda por conquistar, pois há terras interiores ainda por formar. Porque quando criais esta cidade, criais a paisagem e a realidade em que ela existe. O planeamento da vossa cidade deve começar por esta altura. Mantende o registo da vossa atividade onírica!

“Agora, devolvo-vos a vós mesmos, e a esta sala, e à fundação da vossa primeira cidade Sumari interior. Não vos podeis queixar dessa

cidade, pois fostes vós que a formastes! Tornai-a agradável e calorosa para outros viajantes do sonho" — aqui, o Seth olhou fixamente para mi — "e sede sempre corteses com aqueles que batem às novas portas!"

O Seth retirou-se. A turma explodiu numa azáfama de conversas, mal parando para contar à Jane o que tinha sido dito. "Uma cidade dos sonhos?" disse ela intrigada, franzindo o sobrolho. "Hmmmm." Conseguindo meter uma palavra a custo, descrevi rapidamente os barulhos estranhos e as batidas no meu alpendre da frente durante a semana — teria aquilo feito parte desta coisa da cidade? Já era meia-noite, mas enquanto continuávamos a falar todos ao mesmo tempo, o Seth manifestou-se novamente.

"Há contos antigos que vos dizem que 'o caminho' está preparado — que há muitas moradas na casa de Deus, mas quem fez as moradas?" trovejou ele. "Agora estou a começar a dar pistas na Realidade 'Desconhecida' sobre um tipo diferente de cultura e atividade. E eu gostaria de ver, neste espaço e tempo, um início feito novamente desse tipo de atividade.5 Gostaria de vos ver, então — e vós podeis fazê-lo — a construir uma cultura inteiramente válida, começando com uma cidade num outro nível de realidade; onde, se acreditardes no que vos estou a dizer, podeis lidar com matemática — matemática com a qual ainda nem sonhastes, e realidades das quais ainda não estais conscientes.

"Podeis, portanto, construir um nível interior de liberdade que vos dá acesso a muito mais informação do que aquela que normalmente tendes. Podeis colonizar um nível interior inteiro de realidade. Para o fazer, deveis dar o vosso melhor com dedicação e criatividade alegre.

"Esta não será uma cidade imaginária! Terá uma realidade maior do que qualquer cidade física que conheçais… lá, espera-se que trabalheis no desenvolvimento de competências… sabereis o que esquecestes, e no entanto, ao fazê-lo, aprendereis algo novo. Pois

todos vós mudastes, e não existe tal coisa como conhecimento morto ou uma competência morta…

"A cidade terá mais do que sete colinas [como a antiga Roma], e nem todos os caminhos darão a ela; nem todos os caminhos devem dar a ela. Tentai, então, antes de dormir, lembrar-vos da vossa própria criatividade sem fim. Lembrai-vos de que aquilo que eu digo pode definitivamente ser alcançado. Tentai, antes de dormir, lembrar-vos da cidade e planear o que faríeis lá, pois vós fá-lo-eis!"

O George chamou: "Seth? É essa a cidade com que sonhei na semana passada e que descrevi um bocadinho na aula?"

"Era uma versão distorcida, mas outros membros da turma também tiveram esses sonhos, mas não se lembram deles," disse o Seth. "À vossa maneira, tendes estado a trabalhar para um programa desse género."

"Duas coisas!" gritou o Rudy Storch, acenando com a mão em frente ao rosto do Seth. "Em primeiro lugar, há uns anos, tive uns sonhos sobre uma cidade. Poderia ser uma espécie de prenúncio? Em segundo lugar, esta cidade é o tipo de coisa que a Atlântida era?"

"Não vou responder à segunda pergunta, e a resposta à primeira pergunta é sim," disse o Seth, e depois acrescentou, "Sim, e não, à segunda."

O Rudy riu-se alto. "Tudo bem!" gritou ele.

O Derek falou a seguir. "Quando eu era uma criança muito pequena, olhei um dia por uma janela, em direção a leste, e vi uma cidade muito brilhante algures nas nuvens. Fiquei mesmo impressionado e ainda me lembro dela, porque era tão reluzente. Há provavelmente uma ligação entre o que vi naquela realidade e a cidade de que estás a falar."

"Isso é verdade," afirmou o Seth. "Mas também, todos vós tereis uma cidade interior, na qual estareis sempre em casa, e entre amigos, e com a vossa própria família. Estareis sempre com pessoas que

admiram a vossa própria integridade, e não deveis temer," acrescentou, falando para o Derek.

A aula finalmente terminou, embora os membros fossem a falar e a rir por todas as escadas do prédio abaixo e pela noite de outubro fora. Que diversão! Toda a gente estava num estado de feliz exultação. Na semana seguinte, houve ainda mais correlações de sonhos do que o habitual. Tanto o George como eu tínhamos registado sonhos duplos. Numa parte do meu, eu estivera numa praia com o Joel Hess, que já não vinha à aula há três anos. Ambos éramos crianças no sonho.

Ao mesmo tempo, dei por mim a falar com uma mulher que dizia ser eu, aos trinta e cinco anos — um eu "futuro" significativo, disse ela. No dia seguinte, o Joel ligou-me de Elmira — a primeira vez que comunicávamos em escassos anos — e na conversa que se seguiu, ele mencionou que tinha tido um sonho comigo na noite anterior, no qual éramos crianças sentadas num banco; ambas as nossas cenas oníricas estavam situadas na periferia de uma cidade.6 (E seis anos mais tarde, aos trinta e cinco anos, publiquei este livro.)

O George tinha sonhado que ensinava escultura multidimensional num edifício fantástico, com os Rapazes de Nova Iorque como alunos; vários dos Rapazes de Nova Iorque tinham sonhado com um provável eu do George que era professor de arte. Dois membros tinham sonhado um com o outro na mesma noite; em ambos os sonhos, tinham estado a empilhar madeira em preparação para a "construção da cidade". Mais uma vez, o tempo da aula voou, e passava pouco das 11:30 quando o Seth se manifestou com mais palavras sobre esta cidade.

"Agora, cada um de vós, à sua maneira, tem estado a trabalhar com a natureza da realidade e da criatividade," disse ele. "Há muito que não vos contei sobre a vossa cidade, pois tereis de a descobrir por vós mesmos. E no entanto, existe, de facto, esta outra realidade na qual a vossa criatividade floresce; e quando fazeis planos aqui, eles frutificam de facto. Estou apenas a encorajar-vos a focar as vossas

energias conjuntas nessa direção. E se o fizerdes, tereis, em que termos for, uma dimensão na qual vos podeis encontrar…

"Estaríeis a lidar com símbolos, no entanto aprendereis que os símbolos são a realidade, pois vós sois símbolos de vós mesmos que vivem e falam, e vós não pensais em vós mesmos como símbolos. Não compreendeis que os símbolos vivem — que não há símbolo que não tenha a sua própria vida individual.

"Falo-vos teoricamente de outras realidades. Desafio-vos agora a serdes criativos noutra realidade, como sois nesta. E se vos parecer — se vos parecer — por causa das vossas crenças, que estais limitados aqui, embora não estejais limitados aqui, então desafio cada um de vós, alegremente, como num jogo, a criar uma cidade, um ambiente e talvez um mundo onde tais limitações não ocorram. E se tivésseis escolha, que tipo de mundo criaríeis?

"E assim começastes a construção. Pois cada um de vós, à sua maneira, irá contribuir. Há aves a serem criadas para voar por esses céus — e essas aves são os vossos pensamentos, libertados para a sua própria fruição; e novamente, noutros mundos, que carriças e pisco-de-peito-ruivo e cardeais voam invisivelmente para fora do vosso crânio para se materializarem na vossa cidade, e pousarem nas árvores que são também a fruição do vosso desejo?

"Ora, há livros escritos que programam atividades fora do corpo, onde se diz a milhões que quando saírem do corpo encontrarão este demónio ou aquele demónio, ou este deus zangado, ou aquele deus zangado, que comanda qualquer reino ou realidade particular; e que deveis fazer isto ou aquilo ou sereis aniquilados. Assim vai a literatura esotérica!

"Por isso, em vez disso, formaremos uma cidade livre, e um ambiente livre para onde essas pessoas possam vir — onde não há demónios nem deuses precipitados; e onde aqueles que entrarem possam ler livros sobre o Budismo, se preferirem, ou brincar aos

padres católicos. Nós diremos, ‘Esse é o vosso direito — vós formais a vossa realidade.’ E permitiremos aos viajantes essa liberdade.

“Agora, a maioria de vós dá como certo o facto de que podeis, de facto, viajar para fora do corpo. Durante séculos, nos vossos termos, não existiram caminhos agradáveis e reconheíveis para os viajantes fora do corpo seguirem. Por isso, estou a sugerir que crieis esse caminho e esse destino.

“Agora, escutai — vós achais que não há nada de impossível, intrinsecamente, em construir uma plataforma no espaço [exterior] — um lugar útil onde os mantimentos possam ser reunidos. Estou a sugerir, então, uma plataforma na realidade interior; um lugar seguro para os viajantes, e vós podeis construí-la. É tão válida, e muito mais válida, do que uma cidade em órbita no céu em termos físicos, e desafia muito mais as vossas capacidades criativas.

“Precisais de um bom desafio — é divertido! Não porque o devais fazer, mas porque o desejais e porque é divertido, e porque não há outro desafio criativo semelhante que possais lançar a vós mesmos — e mais ninguém pensou num melhor lançado a vós mesmos por eus futuros que ireis de facto encontrar,7 e sabeis que podeis fazer isto e sabeis que já o fizestes; e na face da Terra, como a conheceis, não há maior desafio que possais dar a vós mesmos…”

Ou — que damos a nós mesmos, porque se podemos, de facto, criar um lugar assim, de tal maneira, numa realidade interior coletiva — então o que mais existe senão o aqui?

Imaginativamente, claro.

CAPÍTULO 11
SAÚDE, CURA E COMO CAMINHÁMOS ATRAVÉS DOS OSSOS UNS DOS OUTROS

ELA ERA UM FANTASMA PÁLIDO DE RAPARIGA, sentada passivamente no chão, com um lenço de caxemira verde brilhante atado sobre o seu cabelo ruivo escuro; o seu rosto tão liso, de um branco pastoso, que tive de me forçar a não olhar fixamente para ela em descrença. Ela era uma visitante na aula naquela noite de outubro de 1973, e embora passasse pouco das 22h, ela não tinha dito uma palavra, embora eu a tivesse visto a falar longamente com a Jane durante a pausa.

Não que alguém conseguisse meter uma palavra a custo de qualquer maneira, resmunguei para comigo. Esta noite, os Rapazes de Nova Iorque estavam mesmo no seu auge — toda a gente a falar ao mesmo tempo, e ninguém a conseguir dizer mais do que uma frase ou duas antes de ser interrompido: um grupo barulhento, vivo e exasperante, estes gajos. Normalmente, a grande piada de tudo aquilo valia o incómodo — além disso, eles tinham dado à turma um novo tipo de estímulo: uma alegria indomável e estabanada com uma boa pitada de irreverência à mistura. Mas esta noite, o barulho e o constante encontrão para falar eram apenas irritantes. Ninguém se calava o tempo suficiente para ouvir? Sentado ali, com a minha cadeira entalada entre outras cadeiras na sala cheia, dei por mim a

ferver num belo ressentimento contra todo o grupo. O que tinha acontecido aos bons velhos tempos em que a turma se sentava calmamente em redor da mesa de centro e discutia — às vezes com emoção — as possibilidades por trás das teorias do Seth?

A névoa do fumo do cigarro ardia-me nos olhos; o meu nariz parecia cheio de lã. Pensei na viagem de quarenta milhas que me esperava depois da aula. Pensei em saltar pela janela para apanhar um ar fresco e fresco, e para ir para casa. Pensei em levantar-me a meio da sala e gritar. Naquele momento, tais pensamentos eram todos bastante deliciosos.

"Parem!" gritou a Jane, e um silêncio momentâneo caiu sobre o grupo pela primeira vez naquela noite. A Jane sorriu para as pernas e braços emaranhados e para os corpos de t-shirt amontoados pelo chão da sala de estar. "Ora isso," disse ela, "é que é um silêncio de ouro." Imediatamente, trinta e cinco vozes começaram a falar ao mesmo tempo, todas elas a disputar a atenção da Jane.

"PAREM!" voltou a gritar a Jane, de bom humor. Às vezes, naquela altura, eu simplesmente não conseguia compreender essa faceta dela. Aqui estava eu, furioso com toda esta impertinência, enquanto a Jane parecia deliciar-se com o barulho e o caos. À sua maneira, a Jane tem total confiança na pura e indomável pândega. Mas, para mij, a exuberância estava a transformar-se numa verdadeira dor de cabeça — se a espontaneidade conhecia a sua própria disciplina, então onde raio estava ela esta noite?

"Ouçam," disse a Jane, olhando em redor para nós, "acho que a nossa visitante aqui tem algo que quer dizer." A Jane sorriu para a rapariga-fantasma pálida, que a esta altura já tinha sido empurrada e abanada junto ao sofá, aos pés do Will Petrosky.

"Bem," disse a rapariga numa voz apenas uns tons menos pálida do que a sua pele, "tenho estado aqui sentada a ouvir-vos a todos falar sobre os vossos sonhos e tudo mais, e é ótimo… mas, reparem, eu tenho a doença de Hodgkin."

Ninguém disse nada, por uma vez, mas eu estava demasiado sufocado em ressentimentos frustrados para registar o que a rapariga estava a falar. Eu nem sequer sabia o que era a doença de Hodgkin.1 E depois? pensei eu. É verdade que ela baixou os olhos num gesto estranho, quase donzelil, mexendo nervosamente no nó do lenço sob o queixo.

"Eu li os livros," continuou ela, "e queria vir à aula, e tenho estado a ouvir-vos, mas —"

"Cora," disse a Jane suavemente, interrompendo a rapariga. Meu Deus, pensei eu, a Jane também está a pegar a mania. "Cora," repetiu a Jane.

A rapariga olhou para cima, confusa.

"O quê?" disse ela. A sala esperava na expectativa.

"Cora," disse a Jane novamente. "O teu nome é Cora. Diz-lhes."

"Dizer-lhes?" respondeu a rapariga.

"Diz-lhes que o teu nome é Cora," disse a Jane, e depois inclinou-se para a frente em direção à rapariga e repetiu, lenta e cuidadosamente, "Diz-lhes-qual-é-o-teu-nome."

— Oh, claro — disse a rapariga. — Bem, sim, o meu nome é Cora, e tenho estado a tentar meter na cabeça o que vocês estão a dizer sobre criarmos a nossa própria realidade e sermos espontâ—

Vinte vozes arrancaram em uníssono.

— Sim, a velha história da alegria e da vitalidade! — riram-se várias pessoas. — TU! Sê espontânea — agora! — gritou Richie para Lauren. Cora sorriu para as pessoas sentadas no chão com ela. Não parecia minimamente perturbada com todo aquele barulho.

— Esperem um minuto — disse Jane, tirando os óculos. — Acho que temos uma canção Sumari para ti, Cora — algo sobre as células e moléculas do teu corpo terem nomes… — A sala acalmou enquanto Jane se entregava a uma canção Sumari delicada e adorável que, gradualmente, cresceu até um clímax vibrante de autoafirmação. A

rapariga nunca tinha ouvido falar em Sumari, mas o seu rosto pálido e anguloso quase brilhava com uma atenção absorta.

A canção foi pontuada ao longo de toda a sua duração por movimentos de dança mimetizados, com Jane a balançar-se graciosamente para a frente e para trás na sua cadeira. Em vários momentos da canção, Sumari-Jane imitou os próprios gestos desajeitados de Cora com o seu lenço, exceto que Sumari parecia estar a encorajá-la a tirá-lo, ou pelo menos a libertar-se dele de alguma forma. A canção terminou numa nota longa e poderosa, e Jane saiu quase instantaneamente do transe. — Hum… — encontrou os óculos e voltou a colocá-los. — Aquilo foi Sumari — explicou ela ingenuamente.

— Oh, sim, foi lindo — disse Cora. — Era o Seth, ou o que era? Gostei mesmo muito.

A aula recomeçou imediatamente; várias pessoas intervieram com explicações a atropelarem-se umas às outras.

— Sumari é uma família de consciência — disse alguém; dois ou três outros gritaram uma explicação simultânea de «sons que dizem respeito a outros níveis de perceção».

— Fiquei com a ideia de que tinha algo a ver com dizer-te para reconheceres o teu próprio ser de uma forma que não estás a fazer — disse Jane. — ESPEREM! — gritou ela acima do burburinho de vozes. — Deixem a Cora dizer a sua impressão.

— Eu… — Cora hesitou e, incrivelmente, um coro de vozes interrompeu-a de novo. Por esta altura, eu fervia por dentro, pronta para me ir embora e bater com a porta atrás de mim, quando Will Petrosky de repente conseguiu a atenção de todos. — Não tens de te esconder aqui dentro! — gritou ele para a rapariga. — E por isso também não precisas desse lenço, tal como o Sumari disse! — E com isto, avançou de um salto, esticou-se e, numa versão exagerada do gesto Sumari, arrancou o lenço da cabeça de Cora.

E com o lenço, horrivelmente, veio a cabeleira muito, muito vermelha que Cora usava para cobrir a coitada da calvície pálida e total do seu crânio nu.

Um silêncio mais absoluto do que o túmulo caiu sobre a aula, e Will encolheu-se de volta no sofá, com a mão ainda travada no gesto de agarrar, uma expressão de horror absoluto no rosto; o horror que envolvia toda a gente, à medida que finalmente todos compreendíamos aquilo de que a rapariga falava quando dissera «doença de Hodgkin».

Fiquei escandalizada: aquilo era a derradeira invasão de privacidade. Mas devo admitir que também fiquei maliciosamente triunfante. Toma!, pensei rudemente, é o que vocês merecem! Bem feito! Agora talvez aprendam alguma coisa sobre boas maneiras!

Cora estava calmamente a reajustar a cabeleira e o lenço. — Bem, isto é uma das coisas que acontecem quando tomamos os medicamentos que nos dão para isto — disse ela com naturalidade, como se aquela revelação violenta não fosse nada com ela. — Ultimamente, tenho conseguido passar sem alguns deles, e tenho estado num período de remissão… Li os livros e acho que me ajudou um pouco.

Will Petrosky

O silêncio absoluto reinou supremo. Petrosky parecia querer desaparecer no rio Chemung. Jane olhou em volta, esperando.[2]

«Que lição para aqueles pobres rapazes», recorda Warren Atkinson com afeto. «A impetuosidade fulminante do Will trouxe um retorno que ele não esperava! O seu rosto, a sua devastação e a turma sobressaltada estão todos gravados na minha memória. De repente, vimos quão perto da morte ela estava e como a estava a esconder enquanto tentava continuar a viver.»

— Acho — disse Jane calmamente — que esta é uma boa altura para fazermos uma pausa.

A pausa, que costumava ser um circo de correrias entre a casa de banho e a cozinha, foi moderada, para dizer o mínimo. Ninguém teve de gritar que a pausa tinha terminado, sequer. E depois de todos se deixarem cair de volta nos seus lugares, Seth manifestou-se quase imediatamente.

— Agora, tenho algumas palavras a dizer a certos indivíduos e, antes de mais nada — disse ele, inclinando-se em direção a Cora —, saúdo-vos e limito-me a apontar-vos que vos identificastes aqui como uma jovem com uma doença. As primeiras palavras que proferistes identificaram-vos como uma pessoa com uma doença. A vossa autoimagem está demasiado envolvida na doença que tem o nome que lhe foi dado.

— Agora escutai-me! — trovejou Seth, com a voz a ecoar pelas janelas de outono. — Vós tendes o vosso próprio nome — afirmai-o na alegria do vosso ser! E se quereis viver com vitalidade e alegria, então o vosso nome é mais importante do que o nome de qualquer grupo de sintomas, pois estes não têm o tipo de realidade que vós tendes! E a vossa integridade radiante identifica-vos aqui, portanto aceitai a vitalidade do vosso ser e pronunciai o vosso próprio nome repetidamente! Pois esse nome é o nome que vos foi dado neste espaço e neste tempo, e não aceiteis, em vez dele, o nome de uma doença na qual perdeis, ao que parece, identidade e força. Não recueis perante o vocabulário! A vossa integridade, a vossa beleza e a vossa força identificam-vos aqui, e identificam-vos para todo o sempre. Portanto, não tenhais um aspeto desalentado. E esquecei pensamentos de tragédia que estão traçados, e afirmai a vitalidade do vosso ser!

Cora escutava as palavras de Seth, imensas como eram naquela sala humilhada, com a mesma calma com que tinha aceitado tudo o resto naquela noite. Quanto a mim, o meu coração batia com força com o choque estranho de olhar para uma pessoa mais jovem do que

eu, que estava efetivamente a morrer; alguém a quem tinham dito que lhe restava aquele determinado tempo de vida.

Como conseguia ela aguentar aquilo? Como podiam as palavras de Seth fazer qualquer diferença agora? Era humilhante. E à medida que comecei a discernir os meus sentimentos anteriores de raiva, percebi que a impetuosidade de Will tinha aberto os olhos de todos nós — incluindo os de Cora — para uma aplicação inescapável da teoria: a sua condição era ou o resultado das suas crenças ou, caso contrário, ela era vítima de uma insanidade indiscriminada de células impessoais. Diante dela agora, qual das duas hipóteses se podia aceitar?

— Ora, se decidirdes deixar este mundo, esse é um direito vosso, e ide em alegria e vitalidade — dizia Seth a Cora. — Mas ide porque sabeis que decidistes partir, e não como vítima de uma doença a que foi dado um nome. Se decidirdes que quereis viver, então vivei em toda a vossa glória e força, mas decidi-vos e não vos deixeis vitimizar.

— Se quereis morrer, então porque quereis morrer? Conhecei as razões, e ide porque vos decidistes, e ide com força e vitalidade, tomando as vossas próprias decisões — mas não como uma vítima, e não em tragédia, e não desalentada!

— Se decidirdes viver, então dizei a vós mesma que quereis viver e conhecei as razões, e o vosso corpo recompor-se-á em alegria e glória — acrescentou Seth. — Vós não sois uma vítima!

Com isto, aqueles olhos escuros e penetrantes viraram-se para Petrosky. — A energia nesta sala é sempre aparente — continuou Seth. — E é uma das razões pelas quais Ruburt não vos manda calar com mais frequência, ainda que por vezes tais pensamentos abundem! — Mexi-me desconfortavelmente na cadeira, corando, mas Seth continuou com a sua habitual compostura seca.

— Nesta sala, tendes a energia que forma cada um dos vossos mundos e que se estende com a sua grande vitalidade para tocar os

outros. Portanto, à medida que surge em vós, ela é inesgotável; e enviai-a, por conseguinte, a esta rapariga, e deixai-a usá-la como desejar. Deixai-a tomar as suas próprias decisões, tal como cada um de vós deve tomar as suas próprias decisões. Nenhum deus fez vítimas — vós fazeis vítimas de vós mesmos através das vossas crenças.

— Agora, vejamos um sorriso e algumas maçãs nessas bochechas — disse Seth a Cora, estendendo a mão para lhe tocar por baixo do queixo. — Eu já morri muitas vezes, mas nunca como vítima, e cada um de vós escolhe o momento da sua morte e o momento do seu nascimento. Conforme confiais no âmago do vosso ser, também partilhareis da alegria do vosso ser e confiareis em vós mesmos — confiai que o que vem de vós é bom e acrescenta algo ao universo. Confiai na integridade do vosso sangue e das moléculas. Confiai que estais aqui por uma razão.

Quando Jane saiu do transe, apontou a Cora que ela se andava a identificar tão fortemente com a sua condição que nem sequer tinha dito o seu nome como apresentação, mas em vez disso tinha dado o nome de uma doença. Cora admitiu que fazia isto noutras reuniões: em festas, em conversas informais, até em cartas. Disse que agora percebia como tinha estado, na verdade, a depender dos sintomas para lhe darem uma sensação de importância e força: ela, Cora, vitimizada por uma doença, a lutar corajosamente contra ela. A morte iminente, reconheceu ela, tinha-se tornado literalmente a seiva da sua vida.

— Acho que o nosso amigo Will aqui nos fez um favor — disse Jane, e talvez tenha sido mesmo isso. Certamente nunca tínhamos tido um confronto mais direto com a questão de sabermos se aceitávamos realmente que as crenças criavam a nossa experiência — ou se sentíamos, no fundo de tudo, que isto era uma teoria fascinante, mas não «real». Por um lado, há uma abundância de provas «óbvias» de que o corpo físico, por si só, está indefeso; de que a boa saúde está numa frágil oposição ao poderoso mal da doença; e de que o corpo (tal como a paz) exige uma vigilância constante contra a decadência. E baseando-nos apenas na superfície das provas históricas, parece loucura não aceitar os benefícios da ciência médica — exceto que, ao

olhar para Cora, tínhamos de nos questionar sobre as contrapartidas de tais benefícios: diagnóstico, tratamento e morte, tudo medicamente amarrado e rotulado num pacote arrumadinho, do qual não era provável que Cora escapasse.

No entanto, as armadilhas inerentes a colocar toda a nossa confiança numa autoridade externa — médica, espiritual ou outra — não são tão evidentes uma vez aceites os seus termos. Para Cora, apenas um medicamento mais recente lhe daria a remissão. Para outros, o método poderia ser mais complexo. Recentemente recebi uma carta de um homem na Califórnia que tinha frequentado a aula uma vez no início dos anos 70. Tinha «ouvido dizer», dizia ele, que Jane estava a morrer de cancro e perguntava se eu lho podia confirmar: «Achei isto deprimente, visto que se criamos a nossa própria realidade, e a Jane tem estado a aprender isto diretamente da fonte, por assim dizer, não parece haver muita esperança para o resto de nós.»

Assegurei-lhe que Jane e Rob estavam ambos de saúde e alegremente absorvidos no seu trabalho,[3] mas que depender da perfeição física de Jane como «prova» de que criamos a nossa própria realidade era não compreender o essencial. «A Jane não se está a armar numa nova deusa na Terra», escrevi. «O ponto fundamental é que cada um de nós faz a sua própria experiência e, se há ali algo de que não gostamos, devemos examinar essa realidade — não a da Jane.»

Bem, dei uma palmadinha nas minhas próprias costas por causa dessa resposta — sim, apanha a erva daninha do guru logo no broto, congratulei-me, esquecendo por momentos as inúmeras vezes em que me tinha aterrorizado a mim mesma ao ler estatísticas de cancro e listas de sintomas. Mas não muito tempo depois, soube que um amigo em Elmira tinha morrido aos trinta e cinco anos, após lutar durante vários anos contra a leucemia — e com um conjunto de crenças que, à primeira vista, poderiam parecer focar-se na saúde.

Bill tinha sido um vegetariano estrito e defensor da alimentação biológica durante quase dez anos. Equilibrava a sua dieta cuidadosamente, nunca consumia açúcar nem álcool e mantinha uma vida diária ativa. À segunda vista, porém, percebia-se que a comida no mundo de Bill era um negócio perigoso — um deslize podia causar o caos — e cheia de potenciais desastres espirituais. (Os ovos, por exemplo, eram «demasiado elevados na escala cármica» para serem comidos — um estatuto aparentemente não concedido ao reino vegetal.)

Bill e a mulher eram membros de uma seita meditativa cujo líder, do tipo guru, exigia a negação da carne em todas as suas expressões em prol da «pureza» — não era suposto terem relações sexuais, para começar (« Esforçamo-nos muito para não ter», disse-me Bill uma vez, suspirando pela fraqueza dos seus fracassos). A pedido dele, Jane tentou em várias ocasiões dar-lhe alguma perceção sobre as origens da sua condição: para começar, era óbvio que, aos olhos dele, o corpo era um cancro literal sobre o espírito. E Bill morreu a acreditar nisso — porque era isso que o seu «mestre» tinha decretado.

Por outro lado, aos médicos da medicina convencional é rotineiramente concedida a autoridade e o poder sobre a nossa salvação física: no caso de Cora, ela tinha sido declarada morta vários anos antes do facto — e morreu na primavera de 1975, acreditando no diagnóstico. E em todos estes sistemas, ao próprio é concedida muito pouca autoridade ou poder de decisão.

Certamente, pouca atenção tem sido dada à investigação das crenças por trás das condições médicas, ou ao motivo pelo qual a consciência se desenvolveu daquela forma particular, esquecendo a origem interna dos acontecimentos externos. E assim, a este respeito, Seth não «curou» automaticamente ninguém — nem ele, Jane ou a turma alguma vez fingiram que o podiam fazer. Cabia ao indivíduo fazê-lo, como as observações de Seth a Cora implicitavam. A saúde e o estado do corpo eram tratados como o resultado de crenças: como um reflexo da ordem interna da lógica, surgindo em expressão física.

Oferecia-se ajuda através da «terapia» de crenças, energia alfa ou outros métodos; mas com um respeito psicológico soberbo, Seth (e Jane) davam às pessoas o mérito de serem capazes de resolver os seus próprios problemas — de serem elas próprias as curadoras das dificuldades físicas, independentemente do sistema externo (incluindo a ciência médica) que fosse utilizado.

— O que [pensas] sobre o odor da Terra e das pessoas — eles cheiram mal? — perguntou Seth uma vez a um visitante que se questionara em voz alta sobre o porquê de ter dores no nariz. — Em termos depreciativos… que parte de ti acredita que eles cheiram mal, de modo a quereres fechar metade do odor dessa realidade? Isto é tudo o que direi, e tem uma mensagem perfumada!

A harmonia literal e simbólica das circunstâncias, tal como expressa por Seth, era hilariantemente evidente nesse tipo de observação, como foi quando perguntei, por exemplo, por que razão uma erupção cutânea tinha coberto o corpo do meu filho em menos de uma hora numa tarde, transformando-o num caos manchado e escarlate, e depois desaparecera tão subitamente. — Para dar uma pista… embora não te vá dar uma resposta, considera os teus pensamentos sobre exércitos invasores — respondeu Seth. — Não de nações em guerra, atenção, mas de exércitos invasores; e a palavra «exércitos» é importante, em relação ao que consideras memórias reencarnatórias [conforme relatado no capítulo 8]. E isto é tudo o que direi e, como sabes, já é demais!

Exércitos invasores? Oh, que inferno, pensei eu, porque é que nunca é nada simples como «O teu filho é alérgico ao cão» ou «Para de o obrigar a comer espinafres»? Não, tem de ser algo sobre decifrar o que significa «exércitos invasores»! Mas uma vez decifrada esta pista (forças de massa insanas a atacar os inocentes… hummm… um processo que, na verdade, me levou vários meses), alcancei uma perceção sobre as minhas crenças acerca das crianças e da doença que era muito mais «prática» do que, digamos, uma receita fantasmagórica de loção de calamina. A erupção cutânea nunca mais voltou, e

também aprendi algo sobre o poder da sugestão e a inter-relação das crenças no seio das famílias.

— Sinto que toda a gente causa as suas próprias doenças para um propósito subconsciente e pode curar-se a si própria se isso lhe «convier» na altura — diz a «Enfermeira Nadine» Renard. — No entanto — os meus filhos estavam sempre doentes [na altura das aulas]! Corríamos para o médico, mas mesmo assim eles continuavam doentes e, consequentemente, eu andava preocupada com eles a maior parte do tempo. — Como a sua família a considerava a pessoa que supostamente entendia tanto de assuntos médicos como psíquicos, Nadine sentia-se responsável por manter todos saudáveis. Uma noite na aula, Nadine explicou as lutas da sua família com uma série interminável de constipações, dores de garganta e gripe. Apesar das suas boas intenções, queixou-se, esta situação tinha-lhe deixado um medo terrível de germes — o que parecia sensato face às circunstâncias.

— Podes livrar-te de toda a doença — aconselhou-a Seth —, quando perceberes que tens o hábito de a criar e de a atrair para ti por medo. Aquilo que mais temes, atrais para ti. Em vez disso, deves concentrar-te no que queres — e não fiques tão preocupada! Podes aprender a concentrar-te no que queres e a atrair isso para ti, e a reestruturar completamente os hábitos de saúde da tua família.

— Ora, existem algumas razões de vidas passadas para as tuas atitudes e também para a profissão em que te encontras, mas, antes de mais nada, deves compreender que podes atrair saúde, vitalidade e força para ti mesma e que não estás à mercê de nenhum pobre germe rastejante ou de pequenos monstros voadores que venham atacar-te a ti ou à tua família! Digo-te isto porque há uma ligação na tua mente; a doença torna-se para ti o símbolo de algo muito diferente e muito mais profundo. Torna-se na tua mente o símbolo do mal, que te ataca — na tua mente — de pequenas formas como pequenas doenças.

— Acontece frequentemente que aqueles que têm fortes capacidades de cura se focam na doença e na enfermidade e ficam

obcecados com isso — disse Seth a Nadine. — É da mesma forma que muitos ministros religiosos, dados a pensamentos sobre o bem e Deus, ficam obcecados com a ideia do diabo e do mal. Tu também tens fortes capacidades de cura, mas estas, até agora na tua vida pessoal, têm estado latentes devido ao teu medo e à tua obsessão na outra direção.

— Se me perdoares, é um pouco como uma mulher com desejos muito carnais… que se recusa rigorosamente a usá-los e se detém, em vez disso, em pensamentos sobre a sua maldade, contendo-os simplesmente porque percebe que eles são muito fortes. Na tua própria vida pessoal, tens medo de usar as tuas capacidades de cura. Não as compreendes e, no entanto, na tua profissão és livre de as usar e já as viste funcionar.

Numa aula posterior, Seth dirigiu-se novamente a Nadine, que tinha perguntado como podia mudar o seu pensamento para manter a sua família bem «em vez de os pôr doentes».

— Percebe que não formas os acontecimentos sozinha — disse-lhe Seth. — Estás envolvida num empreendimento cooperativo. Não és a única responsável por um acontecimento, portanto, na medida em que normalmente outros participam na sua criação e pelas suas próprias razões.

— Ora, a questão não pode ser respondida simplesmente numa única noite — continuou Seth —, mas cada consciência viva tem o seu próprio sistema de defesa e a sua própria vitalidade, e tu deverias confiar na tua — [mas] tu não confias na tua. Vós cooperais juntos para formar a realidade física que conheceis, telepathicamente, através de vias e meios que vos são desconhecidos. Vós teceis estas teias de realidade psíquica que depois se fundem em realidade física. Não as teces sozinha, necessariamente — vós teceis-nas juntos. Os teus pensamentos entrelaçam-se com os pensamentos dos outros. Tu és responsável pelos teus próprios pensamentos.

— Precisas de aprender o poder do pensamento e da emoção, mas isto deveria encher-te com a alegria da criatividade. Uma vez que percebas que os teus pensamentos formam a realidade, então já não és escrava dos acontecimentos… Porque regas os teus medos como se fossem ervas daninhas, e garantes que eles cresçam?

— Agora, estás envolvida na cura — é o teu interesse. Mas deves também encontrar a paz da tua existência na área onde a má saúde não existe, ou serás de facto arrastada para essa aura. E, por isso, deves também começar a concentrar-te, pelo contrário, e de propósito, nos organismos saudáveis e não imaginar os não saudáveis. Farias melhor se mudasses completamente o teu foco para longe da saúde — porque, para ti, saúde também significa má saúde!

— Estais num nível onde os opostos parecem existir, embora não existam — acrescentou Seth para a turma em geral. — Portanto, quando pensais no bem, pensais no mal, e quando pensais na saúde, pensais na doença. Seria melhor se, quando descobrirdes tais pensamentos a ocorrer-vos, mudásseis o vosso foco completamente para outra área. Encontrai vós mesmos a área, mas tende uma área que envolva o vosso interesse, um lugar de energia e de paz — no qual percebais que, nas vossas relações com a saúde e a doença, estais a lidar com sombras.

Nadine diz de facto que as suas capacidades de cura, quando libertadas das ansiedades da sua família imediata, aparentemente ajudaram outros. — Usei a sugestão com alguns vizinhos com problemas — diz ela. — Limito-me a dizer-lhes coisas boas, e os médicos dizem que ficam espantados com a forma como eles recuperam bem seja do que for.

Uma vizinha, diz Nadine, tinha passado por duas operações a cataratas e estava em casa há apenas alguns dias quando um olho inchou, ficou inflamado e começou a minar. — Tinha um aspeto horrível, mas eu dizia coisas como: «Estás com ótimo aspeto, Frances», ou algo do género, ou às vezes colocava suavemente as minhas mãos sobre o rosto dela e dizia-lhe que o olho dela já estava

bom — diz Nadine. — Uma vez, no meio de tudo isto, a Frances ligou-me e perguntou-me se eu lhe conseguia arranjar uns analgésicos fortes.

Bem, eu só tinha um bocado de Tylenol e aquilo não lhe daria muito alívio — quer dizer, o olho dela estava tão inchado que se podiam ver os pontos —, por isso disse-lhe que aquilo era codeína e substância, e não é que ela teve mesmo alívio! E o médico dela disse-me mais tarde que os olhos dela cicatrizaram muito melhor do que ele pensava que cicatrizariam.

— Uma outra amiga minha morreu de cancro há algum tempo — diz Nadine. — Eu costumava ir lá e limitava-me a segurar-lhe as mãos e a dar-lhe sugestões de paz, e então ela dizia que se sentia melhor e adormecia, o que já era muito para lhe dar na altura, suponho eu.

Enviar energia a amigos, ver as crenças por trás dos males de outrem ou ouvir as perspicazes avaliações psicológicas de Seth eram todas coisas suficientemente fáceis de aceitar quando aplicadas a outra pessoa. Mas quando a doença é nossa (o de um ente querido) e é suposto olharmos para além do nosso desconforto ou medo ou dos efeitos físicos imediatos para compreendermos a raiz, então essa pontinha de distância necessária evapora-se demasiadas vezes.

Numa tarde de segunda-feira, no verão de 1971, no espaço de poucas horas, um abcesso doloroso e latejante floresceu no meu ouvido esquerdo. Na altura, pareceu apenas mais uma coisa associada a uma sequência de dias péssimos. George Rhoads e a mulher, que visitavam os meus pais e a mim a caminho do Oeste, tinham debitado longos e de certo modo impiedosos sermões sobre alimentação saudável a propósito de tudo o que eu dava de comer ao meu filho; durante a consulta do Sean nessa semana, o pediatra afirmara categoricamente que, pelo facto de o Sean comer vários ovos por semana, «ele cairá morto com um ataque cardíaco aos cinquenta anos e a culpa será sua». O meu divórcio do Ned tinha sido decretado há um mês e eu tentava forçar-me a reentrar no mercado de trabalho. Para completar o quadro, o abcesso tinha-me enchido o crânio de dor;

além disso, eu estava cheia de medo de acabar como cinco anos antes, quando um médico tinha lancetado baldasmente um abcesso no mesmo ouvido, deixando-me no hospital com meningite bacteriana.

Enquanto conduzia para a aula naquela terça-feira à noite, determinada a desviar a minha atenção da dor de ouvido, cada detalhe daquele internamento hospitalar surgia como luzes de um pesadelo: as injeções de penicilina espessa como pasta de dentes; a dor rígida e ardente no meu pescoço e cabeça; o nevoeiro vertiginoso do torpor do Demerol.

No apartamento da Jane, deixei-me cair no tapete junto à porta da casa de banho e tentei concentrar-me nas pessoas à minha volta. Juanita, uma recém-chegada, estava sentada no sofá, com um sorriso amplo e fixo no seu rosto de algum modo marcado pelas preocupações. Alguém falou com ela e ela não respondeu. A pessoa sentada ao lado dela no sofá deu-lhe um toque com o cotovelo. — Ei, o John disse «olá»!

— O quê? — disse a Juanita em voz alta. — Desculpem, não consigo ouvir-vos. — Portanto — duas de nós aqui esta noite têm problemas de ouvidos, meditei.

A aula começou com uma discussão sobre as nossas experiências atuais com alfa (ver CWS, livro 2, apêndice 1). A Juanita esforçava-se por ouvir, esticando-se literalmente até meio do sofá. O meu ouvido dava estalos e pontadas; o meu pescoço doía. Visões daquelas injeções de hora a hora dançavam na minha cabeça. Perante este tipo de problemas, a condição do mundo inteiro parecia-me bastante desesperada.

A Jane observava-me com uma expressão de simpatia, combinada com algo como um alerta científico, uma comunicação que partilhávamos frequentemente. Sorri para ela e abanei a cabeça. Ao telefone, nessa tarde, tinha-lhe falado sobre a dor de ouvido e sobre a experiência anterior em 1966, quando tinha perdido um semestre da faculdade e terminado um relacionamento de longa data com um

homem que conhecia desde o liceu. Agora, cinco anos mais tarde, estava recém-divorciada e a enfrentar a necessidade de me sustentar sozinha, com um filho pequeno e sem emprego. Em ambas as circunstâncias, tinha desenvolvido o mesmo sintoma inicial. Estava envolvido mais do que uma coincidência, eu sabia, mas, por alguma razão, simplesmente não queria pensar nisso.

— Tem algo a ver com a questão de seres mulher — disse a Jane, do nada, ainda a observar-me com aquele alerta absorto.

— Tem o quê? — perguntei. O ruído e o burburinho da aula isolavam-nos numa privacidade. — A questão de ser mulher?

— Exato — disse a Jane. Ficou à espera. Eu não percebi.

— Olá, pessoal — chamou a Jane para a turma —, vamos fazer um pouco de alfa para a Sue e para a Juanita. — Contou-lhes brevemente quais eram os nossos problemas; a Juanita, ao que parecia, tinha uma obstrução crónica do canal auditivo que lhe estava a destruir gradualmente a audição.

Mas antes de a turma poder iniciar a tentativa de alfa, os óculos da Jane foram arrancados e o velho e familiar «Agora!» de Seth cortou toda a conversa.

— Ambas têm esta questão com o barulho! — disse Seth — muito barulhentamente! —, dirigindo-se à Juanita e a mim. — Falarei com as duas ao mesmo tempo, por conseguinte.

— O mundo não é tão tumultuoso como imaginais que seja, e vós conseguis aguentar-vos nele — disse Seth à Juanita. — Conseguis de facto! Podereis desimpedir os vossos próprios ouvidos e a vossa própria visão [a Juanita também usava óculos muito grossos]. Tudo o que tendes de fazer é perceber que dentro de vós está a capacidade de enfrentar cada dia à medida que o viveis.

Estais a esforçar-vos demasiado agora. Deveis relaxar e confiar no eu interior para ver e para ouvir. Os primeiros problemas que ajudaram a espoletar a vossa dificuldade vós podeis agora, como adulta, superar ao perceberdes que o eu interior tem o seu próprio conhecimento e os seus próprios caminhos. Vós conseguis ouvir-me, e eu farei com que ouçais!

— Imaginai-vos a responder a perguntas que vos foram colocadas — continuou Seth para a Juanita. — Não precisais de imaginar que estais a ouvir claramente. Se imaginardes que estais a responder às perguntas, então dar-se-á como assente que as ouvistes corretamente. Quando vos esforçais demasiado para ouvir ou ver, ouvis e vedes menos. Relaxai e deixai que isso seja tratado por vós. Ora, vós não confiais no eu interior para fazer estas coisas, e deveis aprender a aceitar a sabedoria ancestral interior que é a vossa!

Engoli em seco. Eu era a próxima! Encolhi-me; o meu ouvido estalava com pontadas de dor. Seth virou-se para mim, fitando-me com o que eu esperava ser apenas a minha interpretação de severidade.

— E tu deves aprender que o amor é barulhento e pode ser um incómodo e pode intrometer-se, e deves aprender a não negar a validade dos teus próprios sentimentos naquelas direções em que tendes agora a escondê-los de ti mesma — disse Seth pausadamente. — Muito mais tarde farei com que o Ruburt te fale sobre isso especificamente. Por agora, limitar-me-ei a dizer-te que o incidente anterior de que falaste ao Ruburt [a dor de ouvido que eu tivera em 1966] está ligado a este. Tu sabes que está, mas deves pensar no que o barulho representa para ti e no que é que tu não queres ouvir e por que razão, nesta altura específica, não o queres ouvir.

Ilogicamente, lembrei-me de George Rhoads a manifestar uma severa desaprovação do pequeno-almoço de Cheerios do Sean, enquanto o Sean batia alegremente com uma colher no tabuleiro da sua cadeira alta — um barulho sem igual em capacidade de destruir puros nervos. — Então está relacionado com o Sean? — perguntei.

— Está ligado ao Sean, mas também tem raízes mais profundas — respondeu Seth. — Farei com que o Ruburt to diga. Isto também tem a ver, contudo, com o medo de estímulos exteriores e com o medo básico de que eles te arrebatem, destruam a tua pessoa. Tu tens, agora, segurança, e estes pensamentos e sentimentos são altamente erróneos. Vós tendes sentidos físicos por uma razão. Eles servem para vos ajudar, não para vos estorvar.

Quando te recusas a usá-los por que razão for, diminuis as tuas próprias capacidades e a tua própria eficácia, como sabes; mas isto nunca te é imposto. Isto é um método de aprendizagem e, à medida que aprenderes, resolverás o problema. — Seth dirigiu-se então ao grupo, apontando que — cada um de vós, à sua maneira, esconde certos conjuntos de sentimentos de si mesmo, pelo que não estou necessariamente a dirigir isto especificamente à nossa amiga aqui [eu], exceto que ela tem o problema no ouvido esta noite.

Terminado, Seth desapareceu através da sua porta dimensional. Contei à Jane o que ele dissera.

— Claro — respondeu ela, dando uma passa no Pall Mall que ardia pacientemente no cinzeiro —, é uma coisa que tens com o barulho, e… — Os olhos dela arregalaram-se. — Comida!

Comida?

— Claro, comida — percebi — continuou a Jane, falando rapidamente. — A comida representa não apenas sustento para ti, mas é um símbolo da tua condição feminina, estás a ver? Toda a história começou desta vez quando o George, a mulher dele e o médico se puseram todos em cima de ti por causa da forma como estás a alimentar o Sean. Tu não querias ouvir aquilo! Além disso — acrescentou ela, num tom um pouco conspiratório —, o sexo e o barulho estão ligados na tua mente — barulho alto, violência e sexo; sentes que eles te poderiam despedaçar por completo, por isso também

comes demais para ergueres uma proteção contra tudo isso, para que te deixem em paz, longe de todo esse processo.

Fazia um sentido magnífico, mas… tomei algumas notas e esquivei-me. A turma entoou um cântico Mu para a Juanita e para mim,[4] e nessa noite fui para casa a sentir-me um pouco melhor. Mas na manhã seguinte o meu ouvido doía da mesma forma e, por fim, por insistência da minha mãe, acabei mesmo por ir parar ao hospital outra vez, embora desta vez não se tenha sucedido nenhuma infeção generalizada. Contudo, não encarei as crenças que as observações de Seth e da Jane implicavam durante muitos anos — e, entretanto, lidaria com a manifestação delas sob inúmeras formas, e não apenas como sintomas físicos.

A turma tentava, logicamente, algumas experiências de cura em si mesma, como parte da nossa exploração das propriedades inexploradas da imaginação e da consciência. No início dos anos 70, o biofeedback alfa emergia como um método aceite de regulação de algumas das funções «involuntárias» do corpo. O alfa, uma das ondas cerebrais oficialmente rotuladas, envolve uma perceção relaxada e não é um estado tão intenso como o nível beta «normal» — ou mesmo um transe leve. Após alguns confrontos inconclusivos com uma lâmpada alfa (que se supunha mudar de cor aos olhos do indivíduo conforme se mudava de nível de onda cerebral), a Jane sugeriu que nos esquecêssemos da lâmpada e tentássemos ver que informação subjetiva poderia estar disponível no estado alfa.

Para entrar em alfa, costumávamos imaginar-nos a fazer algo inspirador, como pintar ou escrever, ou a ouvir música; depois «segurávamos» esse sentimento. Outros imaginavam, em vez disso, um pequeno eu posicionado ao lado das suas cabeças (o método favorito da Jane), ou concentrávamo-nos numa das muitas pinturas do Rob. Ao início, era difícil não ir mais fundo do que o alfa; mas após algumas semanas de prática, a maioria de nós estava bastante apta a mudar para esse estado sempre que algo invulgar acontecia na aula. Era como ver um acontecimento de vários lados ao mesmo tempo, já

que nunca se perdia o rasto das perceções «normais» — acrescentava-se-lhes algo.

A experiência que a turma fazia com mais frequência em alfa — à parte as «viagens» de perceção alterada — era direcionar a nossa perceção coletiva para um voluntário e revistar mentalmente o seu corpo, aceitando quaisquer imagens que percebêssemos num espírito leve de investigação lúdica. Qualquer coisa que «víssemos» que não «estivesse bem» deveria ser arranjada de acordo com as nossas próprias imagens mentais. Os membros da turma passavam quatro ou por cinco minutos nisto e depois saíam de alfa e escreviam o que tinham percebido. O voluntário descrevia então as suas reações durante a experiência e nós líamos as nossas «descobertas». (Para suplementar tudo isto, enviávamos energia à pessoa durante a semana.) Era muito divertido ver se as perceções alfa dos membros coincidiam — e coincidiam frequentemente.

Após viajarmos imaginativamente pelo Joel Hess, por exemplo, vários de nós fizemos notas independentes sobre ver «músculos inflamados» em redor da sua coluna e na zona lombar. — Imaginei que tinha uma mangueira de bombeiro em miniatura nas mãos — disse a Sally Benson. — Pus aquilo a pulverizar uma espécie de bálsamo calmante por todo o lado, e fiz com que funcionasse mesmo!

O Joel admitiu que tinha feito um esforço nas costas nessa semana, embora de qualquer forma elas lhe doessem cronicamente há anos. — Dir-vos-ia a todos que me sinto melhor esta noite do que me sentia há muito tempo — disse o Joel com humor —, mas provavelmente todos vós atribuiriam isso à sugestão. — Do mesmo modo, após experimentarem o alfa noutra estudante, vários membros relataram que tinham visto o estômago da Jeanette como «uma floresta de animais, a rondar e a caçar-se uns aos outros».

Alguns de nós imaginaram versões minúsculas de nós mesmos a expulsar os predadores; outros tentaram mimar os animais e criar uma miniatura do Reino da Paz a partir das entranhas da Jeanette. A Jeanette disse mais tarde que há várias semanas que andava nervosa e

«cheia de nós», e que o seu estômago andava frequentemente embrulhado.

Uma visitante da turma lançou-se nesta experiência alfa com um grande e revelador entusiasmo. — Imaginei-me a entrar no seu pulmão esquerdo — disse a mulher à Jane entusiasticamente —, e dei por mim num enorme depósito de carvão. Estava mesmo imundo e sujo ali dentro — que nojo! Então comecei a lavar as paredes com este limpa-vidros gigante e abri as janelas para deixar sair todo o fumo venenoso…

— Ora, espera um minuto — disse a Jane calmamente. — Antes que te deixes levar demasiado por essas sugestões, talvez deivesses examinar as tuas crenças sobre o meu ato de fumar.

— Crenças? — lamuriou-se a mulher. — O que têm as crenças a ver com isso? Quero dizer, toda a gente sabe que fumar faz mal, e você mais do que ninguém deveria saber que faz mal, visto que você é… — a mulher hesitou.

— Sim? — instigou a Jane. — Eu sou o quê?

— Bem… — confessou a mulher —, afinal de contas, você fala por Seth e está envolvida no seu trabalho espiritual, e fumar é tão pouco espiritual, e o Seth não lhe diz para parar?

A Jane suspirou. — Na verdade, ele adoraria que eu começasse a fumar charutos — disse ela. — Mas que se lixe isso! Além disso, tenho uns ótimos pulmões! — E a Jane soltou um enorme e prolongado «Muuuuuu!» para o provar.

A turma não interpretava as suas experiências de cura alfa num sentido tão literal, mas também não as víamos como sendo estritamente simbólicas ou «imaginárias», nos termos habituais. Além disso, os exercícios alfa não eram usados como um substituto, necessariamente, para o conselho médico. Eram usados como um

meio para descobrir as razões internas dos acontecimentos físicos (neste caso, sintomas físicos).

«Aprendi a acreditar na saúde», afirma simplesmente Arnold Pearson, referindo-se aos seus anos felizes de reforma após as aulas terem terminado. Mary Strand, enfermeira, diz que ensinou também os seus filhos a acreditarem na saúde, «e no poder deles para se curarem a si próprios. Conseguimos evitar medicamentos e médicos durante vários anos, [embora] velhos deuses e crenças ainda me ameacem em momentos de provação».

Tenho a certeza de que os velhos deuses ameaçam qualquer pessoa que comece a fazer a ponte entre a individualidade que nos foi ensinada ao longo de séculos de experiência humana e o tipo de individualidade revelada, ainda que parcialmente, na turma da Jane. Compreender a realidade privada e a de massa como criações do eu é um desvio radical e existem poucas estruturas sociais, se é que existe alguma, que permitam uma expedição equilibrada pelos mundos das circunstâncias.

CAPÍTULO 12

A GUERRA DAS FLORES IDIOTAS: NO QUAL SE DÁ UNS CHUTOS NO PEIXE DOS SONHOS, NA ESPONTANEIDADE E NA MOBILIZAÇÃO MILITAR

«Os deuses não conceberam o universo na tristeza; esta terra não proveio de uma lágrima. Vós formastes as vossas próprias lágrimas.»
— Seth na aula, março de 1972

FORA DAQUELAS JANELAS DE SACADA, OS FINAIS DOS ANOS 60 e o início dos anos 70 avançavam, com o mundo a fervilhar, ao que parecia, em violência e revolução social. Os motins dilaceravam os bairros degradados das grandes cidades. Profetas autoproclamados faziam explodir edifícios em nome da paz. A guerra no Vietname assolava sem tréguas. As soluções pacíficas eram condenadas por alguns como um caminho demasiado lento para a justiça, desprezadas por outros como ingénuas. Como se podiam pousar as armas num mundo cheio de armamento?

A guerra do Vietname e todas as suas questões subsidiárias de violência, agressão, patriotismo e dissidência estenderam os seus tentáculos até à turma da Jane naqueles anos, à medida que os homens — e as mulheres — enfrentavam a possibilidade muito real de envolvimento pessoal. Os acontecimentos à nossa volta serviam frequentemente para nos colocar em posições opostas em matérias de filosofia: Seria a violência alguma vez justificada? Se um motim num gueto atraía a atenção para condições deploráveis e, portanto, iniciava mudanças, então não seria justificável tal eclosão? E quanto à guerra — e quanto ao ideal de paz? Quando é que a lealdade se transformava em fanatismo?

— Os fins não justificam os meios — disse-nos Seth muitas vezes. — Na verdade, nesses termos, os fins são os meios. — Nenhuma violência era alguma vez justificada, dizia Seth — nunca. — Nunca há qualquer justificação para a violência… nunca há qualquer justificação para ameaças. Os meios criam o fim. E se os meios são violentos, os fins são violentos. — No entanto, o que se faz se alguém disparar primeiro?

Durante esses anos, enquanto o Ned e eu estávamos casados, ele lutou durante meses com os longos e complicados procedimentos exigidos para o estatuto militar de CO (Objeutor de Consciência) — sem sucesso. O Ned recorreu das suas objeções pessoais ao serviço militar perante o conselho de mobilização do distrito em Buffalo. Nada feito: sem CO. Agora teria de esperar pela inevitável alteração no seu adiamento por ser estudante universitário. Entretanto, os seus

estados de espírito saltavam de um profundo desespero para uma exuberância precária, enquanto se entretinha intermitentemente com a pintura e tentava concentrar-se no seu emprego num viveiro de árvores local.

A primeira aula em dezembro de 1970 coincidiu com uma noite de inverno fria e uivante. O salão da Jane estava bem quentinho, porém; os radiadores batiam alegremente nas divisões grandes e antigas, especialmente na gigantesca casa de banho em azulejo. A turma tinha piadas habituais sobre essa casa de banho: o enorme lavatório oval sobre a sua coluna; a cabine de duche com os seus nove bicos de agulha; a sanita que continuava a fazer barulho de água a correr após algumas descargas e que exigia frequentemente a perícia de canalização de um membro da turma para parar. Mas nada parecia chegar ao Ned, nem mesmo esta camaradagem caseira. Estava sentado no chão, num canto, a fumar cigarros, envolto num casulo de miséria e raiva.

Na aula pela primeira vez nessa noite estavam o Joel e a Alison Hess. Na altura, o Joel estava envolvido em organizações contra a guerra em Cornell e também pregava numa pequena igreja rural perto da sua casa. Parecia ser um homem muito sério e, durante a pausa, voluntariou algumas afirmações muito sérias sobre o bem e o mal — particularmente sobre o mal, e sobre como as suas características governavam o mundo.

— A única esperança que temos é que as pessoas boas sintonizem a sua tendência inata para fazer coisas más — afirmou o Joel em jeito de resumo.

— Oh… que parvoíce — respondi eu, cautelosamente. Imediatamente, o Joel e eu entrámos numa discussão furiosa, interrompida (para grande alívio do resto da turma) após várias trocas de palavras aquecidas pela voz troante de Seth.

— Ora, o eu espontâneo, o eu interior deixado por si só, é uma coisa boa — começou Seth, fixando o olhar incisivamente no Joel —,

e não entraremos numa definição da palavra «bom»! Deixado por si só, o eu interior mantém o vosso corpo a funcionar e a vossa visão apurada; mantém o vosso equilíbrio perfeito; mantém-vos vivos. Dá-vos uma sensação de alegria e vitalidade e enche-vos com a alegria de Tudo O Que É, que, como a maioria de vós sabe, é o meu termo para a palavra Deus!

Caramba!, pensei eu, aquele tipo está mesmo a levá-la boa — e logo na primeira vez que está na aula! Ah! Contudo, para minha secreta desilusão, notei que o Joel não estava muito perturbado com aquilo. Olhei para o Ned. Parecia perdido noutro mundo.

— Deixado por si só, então — dizia Seth —, vós sois uma criatura perfeita — e sentis uma união com a natureza. E quando caminhais pela rua, sentis uma unidade entre as pontas dos vossos dedos e o topo das folhas e entre os vossos pés e o pavimento por baixo deles. É apenas quando vos intrometeis no eu espontâneo que as dificuldades surgem — e a estas dificuldades podereis, se preferirdes, chamar mal.

O Joel acenou com a cabeça, pensativo.

— O mal surge, e não entraremos numa definição da palavra «mal», quando — e precisamente quando — não percebeis que o eu interior é a fonte de alegria, vitalidade e criatividade! — continuou Seth. — Nesse ponto, de facto, quando as dúvidas entram, então desconfiais de vós mesmos e do eu interior que forma a vossa imagem física. Então, quando não aceitais o eu espontâneo, decidis que aceitareis certos sentimentos e negareis outros. E aqueles que negais, que não considerais aceitáveis, esses crescem dentro de vós até atingirem uma forte carga; e essas cargas reprimidas, individualmente e em massa, causam violência!

— E se quiserdes equiparar a palavra «violência» a «mal», então essa é a origem dele; e é a desconfiança do eu espontâneo — o eu interior — que está dentro de todos vós.

— Agora, vejam bem, temos visitantes e eu estou a soar severo — disse Seth com humor, ainda a fixar o Joel. — Devo, por isso, dizer-vos que, visto ser muito mais velho do que qualquer um de vós e muito mais morto do que a maioria, vós percebeis e sentis a vitalidade que flui através desta imagem [a da Jane]; e, ao senti-la, percebei que esta mesma energia está disponível para cada um de vós! É a vossa herança — a herança da alegria, da espontaneidade e da criatividade —, por conseguinte, usai-a! Reconhecei-a em vós mesmos e não desconfieis dela.

— Bem — disse o Joel assim que Seth se retirou —, julgo que concordo que reprimir os sentimentos leva a uma raiva explosiva, mas parece-me que, reconhecendo isto, o indivíduo deveria esforçar-se por procurar a bondade em si mesmo e cultivá-la um pouco… dada a situação mundial e tudo o mais…

Abruptamente, Seth estava de volta, com as suas próprias expressões e gestos expansivos a movimentarem o corpo da Jane numa incongruência bem-humorada com o seu vestido comprido até aos tornozelos e os brincos pendentes. — Veremos mais de ti! — pronunciou Seth para o Joel, numa voz baixa ao estilo de Peter Lorre.

O Joel ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

— Agora, escuta-me — continuou Seth naquele tom grave e poderoso. — Não precisas de te esforçar tanto. Se confias no eu interior, então cresces como uma flor cresce. A flor cresce corretamente, e não se esforça por crescer, e não diz para si mesma: «Tenho de crescer cinco centímetros, valha-me Deus, até amanhã à noite ao crepúsculo!» Uma flor é, e permite-se crescer, e está segura do seu Ser e do espírito de Tudo O Que É dentro dela.

— Ora, a bondade é tão natural como uma flor que cresce. Se uma flor parasse quando o sol estivesse a brilhar sobre ela, contudo, e se começasse a ponderar e dissesse: «Espera! Devo crescer para a esquerda ou devo crescer para a direita? Será bom que o sol brilhe sobre mim, ou será fácil demais para mim crescer à luz do sol e,

portanto, deveria eu tentar crescer, em vez disso, na escuridão? Devo crescer cinco centímetros para a direita ou cinco centímetros para a esquerda? Tenho de me esforçar por crescer! Tenho de desenvolver um ego e um intelecto, e tenho de tentar alcançar esse sol que é Deus, e tenho de trabalhar no duro porque, se não me esforçar, não alcançarei — e eu tenho de alcançar!»

— Mas, ao lado da nossa flor intelectual e consciente, está um idiota de uma flor! E o idiota de uma flor ergue-se e sente o sol no seu rosto, abre as suas folhas e diz: «Este é o sol, e ele é bom dentro de mim; é o espírito do crescimento, e eu vou segui-lo e dar-lhe liberdade; e não me importa se cresço para a direita ou para a esquerda, pois, em perfeita confiança com o espírito dentro de mim, sei que crescerei corretamente.»

— E assim cresce, a nossa flor idiota, e cresce a partir de dentro. E é perfeita e é forte, mas ao lado dela está a nossa flor intelectual e espiritual. E esta flor diz: «Outra vez! Três horas da tarde, as sombras estão a chegar e as sombras são o mal, e este sol está a desvanecer-se, e a noite está a chegar, e a noite é o mal; e devo ponderar sobre qual a melhor forma de confundir estes adversários… e é fácil falhar e não usar as minhas capacidades e não crescer!»

— E vejam só, de manhã o sol nasce, e o que encontramos? A nossa flor idiota em pleno florescimento ao sol da manhã e a nossa outra flor com uma folha assim [Seth pendeu a mão sobre o braço da cadeira] e uma folha assado [o seu outro braço espetado no ar] e de cabeça baixa, ainda a ponderar sobre a natureza do bem e do mal e a não confiar no espírito de vitalidade que está dentro dela; e, por conseguinte, a não ouvir a voz interior… mas a questionar a cada passo e a cada hora: «Para que lado irei? Devo aceitar a luz do sol ou a chuva? Ou serão estas forças do mal?» E a dizer a si mesma, repetidamente, que crescer é difícil e morrer é fácil. A dizer a si mesma repetidamente — em termos metafísicos, agora — que ser bom é difícil e ser mau é fácil.

— E isso é um engano!

— A flor idiota — perguntou o Joel ceticamente —, que se limita a ficar ali naturalmente e aceita o que lhe é devido… tem a responsabilidade de tentar esclarecer a sua irmã flor que parece estar presa na confusão?

— Tem de facto — respondeu Seth —, e fá-lo pelo seu exemplo, pois a outra flor deveria olhar e dizer: «Como é que a minha irmã flor cresce tão belamente à luz do sol?»

— Agora, compreendei que estou a falar apenas por analogia — disse Seth —, e não estou a dizer a nenhum de vós que o intelecto esteja errado, ou que não o devais usar. Como qualquer professor, estou simplesmente a escolher um exemplo. Mas a existência da nossa flor idiota é, em si mesma, um exemplo, pois dir-vos-ei — nos termos mais simples que vos posso dizer — que podeis confiar no eu espontâneo interior. Ele é, nos vossos termos, um espírito de Tudo O Que É. Ele sabe como crescer. Fez-vos crescer de um feto até um adulto, e fê-lo sem o vosso esforço e sem que parásseis a cada momento para dizer: «Estarás a crescer bem? Estará o meu dedo esquerdo do pé a crescer corretamente ou estará a crescer na direção errada?» Se tivésseis tido voto na matéria, o corpo nunca se teria formado corretamente: teríeis demorado esse tempo todo só para vos decidirdes…

— Mesmo que sintamos o sentido de espontaneidade — insistiu o Joel —, temos a opção de reagir em função dele?

— Tu deves ir atrás dele! — respondeu Seth. — A menos que sejais como uma criança, não entrareis no Reino dos Céus! A menos que sejais alegres, a menos que vivais na confiança do espírito, não estais completos. Uma criança pequena os guiará porque a espontaneidade do espírito conhece Tudo O Que É… Tudo O Que É não é dignificado! Tudo O Que É não é «adulto»! Tudo O Que É não é pomposo! Tudo O Que É é, e no Ser vem… a criatividade. Podeis permitir ao vosso intelecto plena liberdade quando este segue la espontaneidade do vosso ser.

— Vós seguis o eu espontâneo enquanto fordes conscientes, em qualquer vida ou em qualquer existência. Mas para evoluirdes espiritualmente, deveis unir-vos conscientemente a ele, alegremente e com abandono.

— Agora, meu amigo — Seth sorriu para o Joel —, o Ruburt não é dado a citar a Bíblia cristã ou, na verdade, a usar exemplos cristãos, mas dir-te-ei isto: há uma citação que tem a ver com os lírios do campo.[1] Ora, quando não confiais no eu espontâneo, sois como os lírios do campo — a nossa flor novamente — que de repente começam a preocupar-se que não serão alimentados, nem vestidos, nem amparados, nem abrigados; e que os nutrientes de onde extraem a sua existência lhes possam ser retirados. É suposto acreditardes que sois amparados e sustentados… por Deus, nos vossos termos: por um espírito de vitalidade, ou por Tudo O Que É. Na medida em que não acreditais nisto, vós bloqueais-vos.

— Ora, essa é a minha resposta imediata para ti esta noite, meu jovem, mas podes encontrar as tuas próprias respostas… no teu próprio eu espontâneo e ao ouvires a voz de Tudo O Que É dentro de ti!

A turma já tinha ouvido a analogia da «flor idiota» de Seth antes, mas esta noite parecia enchê-la de um novo significado, talvez devido à intervenção enérgica do Joel sobre o bem contra o mal. As discussões continuaram até depois da meia-noite: as analogias sobre as flores eram todas muito bonitas, mas e quanto aos motins e às guerras?… A turma brincava e trocava impressões sobre as aplicações práticas envolvidas em ser «flores idiotas»: significaria isto simplesmente sair por aí e fazer uma patuscada qualquer que nos apetecesse e que se lixassem as consequências? Será que «uma patuscada qualquer que nos apetece» conotava automaticamente o mal? Seriam as «consequências» automaticamente más?

A semana seguinte trouxe à tona uma outra faceta das «consequências» da espontaneidade. O Joel relatou à turma que,

durante o seu dia de trabalho, encontrara um colega a dormir na secretária a meio de um projeto importante. O Joel confessou que tivera vontade de dar um pontapé no rabo do homem que dormia, embora, racionalmente, soubesse que essa não era a solução. Como, questionava-se o Joel, se poderia proceder para transformar sentimentos espontâneos como esse em sentimentos «não violentos»?

Seth manifestou-se com uma sucessão inicial de piadas e trocadilhos terríveis, dizendo por fim ao Joel para não negar a parte de si mesmo «que queria torcer o pescoço ao outro homem».

— Ficaste tão assustado com o pensamento que o inibiste imediatamente! — continuou Seth, com humor. — Ora, consideremos esse pensamento e a razão pela qual ficaste tão aterrorizado com ele. Ficaste aterrorizado com ele porque estás aterrorizado com a ideia de que o mal seja mais poderoso do que o bem e de que um único pensamento teu, violento e perdido, fosse mais importante e mais poderoso do que a vitalidade do bem… Os teus músculos tensaram-se, a tua produção de adrenalina aumentou [e] tu querias torcer-lhe o pescoço, e ficaste ali de pé e disseste: «Deus te abençoe, meu belo jovem, que tenhas uma vida longa e feliz.»

— Ora, telepathicamente, o nosso belo jovem sabe exatamente o que estás a sentir na altura! — trovejou Seth. — Tu é que estás fora de contacto com os teus sentimentos e emoções nesse momento, contudo; pois, neste ponto da tua «progressão espiritual», tu apenas imaginas que lhe desejas boa vontade… Originalmente, estavas com raiva suficiente para lhe dares um pontapé.

— Tens uma ideia qualquer na cabeça de que o bem é brando e o mau é violento e de que nenhuma violência pode ser boa, e isto é porque, na tua mente, a violência e a destruição são a mesma coisa. Ora, por esta analogia, como vês, a voz suave é a voz santa e a voz alta é a voz perversa e… um desejo forte é o desejo mau e um [desejo] fraco o bom, de modo que ficas com medo de projetar ideias para o exterior, ou desejos para o exterior; pois, no fundo da tua mente,

pensas que o que é poderoso é o mal e o que é fraco é o bem e deve ser protegido, mimado, alvo de preces e de súplicas.

— Em vez disso, o que te estou a dizer é que o universo é um universo bom… a tua própria natureza é uma natureza boa e podes confiar nela… Sê consciente dos teus próprios sentimentos [para o Joel, em referência ao trabalhador que dormia]… depois, tanto quanto possível, comunica esses sentimentos verbalmente, da forma que escolheres. Usa a raiva como um meio de comunicação; frequentemente ela guiar-te-á a resultados em que não pensas e, nos teus termos, a resultados benéficos.

Durante essa semana — e derivado, creio eu, das palavras de Seth sobre a espontaneidade e a expressão da raiva —, o Ned teve um sonho vívido no qual se viu inundado por uma raiva avassaladora e sem direção: como se estivesse literalmente a explodir de hostilidade. No sonho, estava de pé junto a um riacho. Inclinando-se, viu um belo peixe multicolorido surgir nas águas encrespadas. Num ápice, o Ned saltou para o riacho e pontapeou o peixe repetidamente, até que de repente ficou esvaziado de toda a raiva e ódio. O seu eu do sonho chorou então de alívio e ele acordou a sentir-se revigorado e em paz consigo próprio pela primeira vez em semanas.

Na aula da terça-feira seguinte, o Ned descreveu este sonho do peixe com deleite.

— E limpei-lhe o sebo à força de pontapés! — disse ele, com veemência. — Depois, tudo simplesmente se libertou, soltou-se. Soube mesmo bem! Foi tipo — uau, tipo, percebi que me podia livrar de todas as complicações cá dentro… bastando fazê-lo…

O Joel estivera a ouvir o sonho do Ned com uma expressão grave e de desaprovação no rosto. — Há uma coisa que me deixa desconfortável nisso — disse ele, interrompendo a dissertação do Ned. — Se é verdade que os nossos pensamentos formam realidades e os nossos sonhos continuam sem nós, ou se este era um peixe provável e indefeso numa realidade provável, então simplesmente não vejo como

foste capaz de pontapear aquele coitado do peixe. Quero dizer, acho que eu não teria querido matar o bicho, porque acharia que somos responsáveis pela vida em todas as suas formas, não é? E aqui, tu soltaste-te contra o peixe, pontapeaste-o e mataste-o, em violência.

Era impossível não nos lembrarmos do trabalhador adormecido do Joel e da quase bota que falhara o rabo deste. Mas o Ned, uma pessoa de coração terno, particularmente no que toca a animais, fitou o Joel como se fosse ele próprio, e não o seu peixe do sonho, a ser pontapeado. Dava para ver a boa disposição do Ned a esvaziar-se como o balão rebentado de uma criança.

— Mas eu… — gaguejou o Ned. Achei que ele ia chorar.

— Agora! — interpôs-se a voz de Seth. — Venho em defesa do Ned e do pobre peixe, e do Ned, o pobre peixe!

O Ned sorriu para Seth, obviamente aliviado.

— O nosso Ned escolheu um peixe, subconscientemente, por muitas razões — começou Seth. — Antes de mais nada, o peixe era uma parte de si mesmo que ele materializou dentro do estado de sonho. Representava, para ele, algo bastante diferente do peixe cristão [fio] que tu [Joel] trazes ao pescoço. O sonho serviu vários propósitos. Permitiu-lhe libertar a agressividade de uma forma muito menos violenta do que teria feito no passado. Também lhe permitiu, contudo, ver a imagem da sua própria agressividade tal como ela existia num nível subconsciente da sua mente. A agressividade que ele temia não era tão grande, enorme, poderosa, preta, peluda e ameaçadora como ele pensava! Em vez disso, era uma parte de si mesmo e muito pequena — do tamanho de um peixe, como vedes, e fácil de esmagar e pontapear!

— Neste caso, o peixe não era um peixe provável noutra realidade; era uma porção… da sua própria energia. Ora, teria sido muito mais benéfico se ele [Ned] tivesse sido capaz de usar essa energia, mantendo-a como parte de si mesmo, e de a transformar

numa natureza mais construtiva. No entanto, o sonho ensinou-lhe que a violência dentro de si mesmo não era grande nem ameaçadora e não precisava de ser temida. Ele podia usá-la como um símbolo para ver quão pequena era em comparação com todo o eu interior e quão fácil, portanto, era livrar-se dela…

— Cada vida individual, toda a vida, tem os seus próprios mecanismos integrados contra o perigo… Vós podeis ficar com tanto medo da violência que hipervalorizais o seu efeito; e, se me perdoais, ao fazê-lo estais a assumir a roupagem do diabo. É a mesma coisa, como vedes, que projetar num diabo hipotético todo o tipo de poderes de destruição. Podeis fazer a mesma coisa sem o perceberdes, ao projetardes na ideia de violência todos os poderes, e então parece-vos que a vida não tem capacidade para se proteger a si própria e que qualquer pensamento perdido de violência ou desastre fará imediatamente ricochete certeiro.

— A vossa coitada da flor inocente: quando chove, troveja e as tempestades chegam, porventura a nossa florzinha olha para cima e diz: «Aí vem esse diabo do relâmpago e do trovão»? Ela não pensa que o trovão, o relâmpago, o vento e a chuva andam à caça dela! Ela percebe que a força e a vitalidade da vida estão tanto no relâmpago, no trovão e na tempestade como na luz do sol, e tem a sensatez de perceber que precisa da chuva, ainda que a chuva que cai lhe possa arrancar um par de folhas. Vós tendes muito mais proteção do que imaginais!

— Bem — disse o Joel —, no entanto parecemos bastante vulneráveis. Estava a pensar no peixe outra vez. Quando diz que a flor idiota pode perder uma folha ou duas, mas continuar a ter uma grande proteção, eu perguntava-me — bem, o peixe do Ned era apenas uma imagem, mas imaginemos que eu tinha um peixe provável numa realidade provável? Que tipo de proteção teria esse peixe tido contra os meus atos violentos?

Seth fitou o Joel por um longo momento e a sua voz tornou-se sombria.

— Ora, em primeiro lugar — disse ele —, há várias coisas que deves compreender. Algumas destas coisas tu podes interpretar mal, e por isso vou de leve com elas na aula… mas, basicamente, vós não fazeis violência a ninguém. Basicamente, não conseguis magoar nada, mas enquanto pensardes que conseguis, então deveis habitar dentro dessa realidade.

— Ninguém poderia magoar o peixe do teu amigo, mesmo que fosse um peixe vivo, nos vossos termos. No vosso quadro de referência, nenhuma coisa, nos vossos termos, é magoada sem dar aceitação à mágoa; sem a atrair e sem a trazer para si mesma; pois, dentro do vosso quadro de referência, vós formais a vossa própria realidade. Não apenas os seres humanos formam a sua realidade, mas toda a consciência forma a sua realidade.

— Isto não significa que eu esteja a dizer: mata, mata, mata — advertiu Seth. — Vós não compreendeis a natureza santa e sagrada da vida ou da energia, e que não conseguis fazer mau uso dela. Podeis pensar que fazeis mau uso dela, mas não vos é permitido fazer mau uso dela. Não vos é permitido destruir. Enquanto viverdes com estas coisas, deveis lidar com elas e arcar com as suas consequências. Se matardes e acreditardes que matais, arcareis com essas consequências neste nível do vosso desenvolvimento, mas pensar que conseguis destruir uma consciência faria os deuses rir. Não conseguis destruir uma única semente de flor, quanto mais um homem!

O Joel não pareceu lá muito convencido. Certamente a turma — e Seth — trariam esta questão da violência, da agressividade e das suas consequências à baila muitas vezes nos anos seguintes. Em 1973, por exemplo, Seth respondeu vigorosamente a uma observação de Lauren DelMarie de que «os pensamentos podem dar pontapés nas pessoas».

— E elas [as pessoas] devolver-vos-iam alegremente os pontapés se vós as pontapeásseis com mais frequência, [e] vós não precisaríeis de bombas — nenhum de vós!

— Se libertásseis espontaneamente a vossa hostilidade quando a sentísseis, não teríeis esta hipercarga que sentistes que tínheis de atirar para fora ou seríeis condenados! Não seria tão pesada na tua cabeça — nem em nenhuma das vossas cabeças! O problema não é aquilo que considerais os vossos pensamentos negativos, mas o vosso medo deles.

— Uma vez que começais a suprimir, suprimis todas as emoções até certo ponto e ergueis barreiras porque tendes medo da realidade de vós mesmos. Se não conseguis expressar raiva, não conseguis expressar amor — e não apenas isso, vós confundis os dois!

— A única revolução é uma revolução de pensamento. As únicas mudanças feitas na vossa história, e na vossa nação, serão feitas através da mudança dos vossos pensamentos, e não através de uma ação violenta… Não conseguis mudar o vosso mundo a partir de fora, pois vós formai-lo a partir de dentro.

Mas a sessão da aula sobre o sonho do peixe do Ned afetou-o dramaticamente. Depois disso, disse ele, sentiu-se mais «em casa» consigo próprio e conseguiu ver as suas hostilidades reprimidas contra «o Sistema» pelo que eram, como se os sem-nome «Eles» existissem lá fora da mesma forma que o seu peixe existira, nos riachos de sonho dos seus próprios medos.

Dois meses após o seu sonho do peixe, o Ned foi chamado para a inspeção médica de incorporação do exército — e chumbou redondo. Nesse aspeto, pelo menos, os seus terrores e conflitos tinham terminado — e parece não ser coincidência que o campo de batalha que ele criara para si próprio com as autoridades de mobilização se tenha dissolvido pouco depois do seu confronto de sonho com a agressividade piscícula. Obviamente, esta não foi a última vez, de modo algum, que a turma traçou as suas próprias linhas de batalha nas questões da violência, da paz, da lealdade e da agressividade.

Em 1974, a Jane encarregou cada um de nós de escrever um ensaio retratando a forma como as nossas crenças afetavam as outras

pessoas e as reações delas a nós como indivíduos. Foram lidos e discutidos alguns textos curtos (tratando maioritariamente de ligações sexuais), mas parecia a mesma lengalenga de sempre. Seria a beleza um conjunto de crenças pessoais ou um conjunto de padrões culturais? Estaria o sexo oposto realmente preocupado se éramos gordos, desde que as nossas crenças fossem as corretas? Ou seria isso uma desculpa esfarrapada? Todo o debate estava a ficar bastante secante.

Foi então que o Jed Martz se levantou e partiu a loiça toda.

«Via pouca justificação para o envolvimento dos EUA no Sudeste Asiático sob quaisquer fundamentos — éticos, económicos, práticos, teóricos ou outros», leu o Jed a partir do seu texto sobre crenças (que citei aqui numa forma editada). «Rejeitava a Teoria do Dominó do Presidente Eisenhower (um termo mal definido). Devido a estas razões, não estava interessado em cumprir o meu dever e servir o meu país nas Forças Armadas. Também não estava moralmente ultrajado ao ponto de fugir para o Canadá ou ir para a prisão em protesto… No meu último semestre na faculdade, fui chamado para uma inspeção médica de pré-incorporação. Era isto — o grande momento que eu tanto temera durante tanto tempo. Tinha de determinar um plano de ação. Pensei em optar por um adiamento médico, dado que tinha tido uma hérnia dupla e um nervo comprimido nas costas, mas sabia que estava de boa saúde e esse método não funcionaria. Então decidi que teria de me fazer passar por passado dos cornos. Nunca tinha representado antes e sabia que teria de ser convincente. Era minha firme crença que me ia livrar da mobilização militar sem ter de abandonar o país ou ir para a prisão.»

«Fui chamado na mesma altura que um amigo meu, o Willie Bombeiro. Fiquei acordado a noite toda e às cinco da manhã vesti-me. Estava por barbear. Pus óculos de sol, uma camisa cor-de-rosa e as minhas jardineiras cor de flamingo. Não levava sapatos nem meias e usava um casaco rasgado. Apliquei no meu vestuário e na minha pessoa porções generosas do seguinte: uísque, lama, ketchup, vinagre, álcool sanitário, urina e vários outros cosméticos invulgares.

Apanhei o comboio e os outros passageiros davam uma olhadela ou uma fungadela na minha direção e retiravam-se para a outra extremidade da carruagem. O artigo que tinha o odor mais distinto era um creme para doenças de pele chamado Leucoderm. Tive vontade de comprar a empresa e patentear o produto como um repelente garantido contra a mobilização militar… Recebi uns olhares bizarros dos pais do Willie [quando cheguei a casa dele]. «O teu amigo está aqui, e está de pijama e não tem sapatos», disseram eles.»

«Quando chegámos à sala de espera do conselho de mobilização, o Willie disse para não prestarmos atenção quando o meu nome fosse chamado, mas para irmos à secretária buscar os nossos papéis depois de toda a gente. Fomos para uma sala cheia de secretárias e sentei-me em três diferentes… Tirei os lápis de todas as secretárias em redor para que os outros não tivessem lápis, ao passo que eu tinha nove… Preenchi o formulário do historial médico com vistos e cruzes em todas as colunas negativas e em todas as afirmativas. Também rabisquei na página e escrevi à canhoto para não ver como podiam extrair algum sentido dali.

Assinalei itens como tendências homossexuais, enurese noturna, alucinações recorrentes, abuso de drogas, etc. Depois, tínhamos de levar os formulários para uma sala onde nos devíamos despir até ficarmos em cuecas (as quais, por conveniência, eu não tinha vestido) e deram-nos um saquinho de celofane para transportarmos os nossos objetos de valor.»

«Entrei na sala e, enquanto toda a gente pendurava as suas roupas e se punha na fila, fiquei ali de pé a olhar para o teto.»

«Passado um bocado, alguém se aproximou e perguntou-me o que estava a fazer e eu entreguei-lhe os papéis com o saco de celofane por cima e fiquei a olhar para ele. Disse-me para tirar a roupa e eu limitei-me a olhar para ele de forma petrificada e abanei a cabeça a dizer que não. Levaram-me a um médico de medicina geral que tentou persuadir-me a ver o psiquiatra; protestei dizendo que tinha um medo de morte deles. Finalmente cedi… O psiquiatra tinha cabelo comprido

e um bigode farfalhudo, pelo que pensei que ele pudesse estar a par da minha onda; mas fiquei a olhar para o chão e não olhei para ele uma única vez e falei numa voz quase inaudível. Olhou para o que eu tinha assinalado: tendências homossexuais. «Já teve alguma vez relações sexuais com um homem?», perguntou ele. Eu disse: «Não, quero, mas tenho medo.» Perguntou: «Já teve alguma vez alucinações?» Eu disse: «Tenho visto rãs — e cores.» «Toma drogas?» «Às vezes.» «Está sob o efeito de drogas agora?» «Não.» Ele ficou boquiaberto com isso. Tinha dificuldade em acreditar que este era o meu comportamento normal! Já alguma vez tinha visto um psiquiatra? «Não, tenho medo que me queiram magoar.» Finalmente deu-me os meus papéis após preencher um relatório; li isto enquanto caminhava pelos corredores: «retraído, incoerente, usa óculos escuros, descreve alucinações vívidas».

«Recebi um 4-F: inapto para qualquer serviço militar, ponto final. Relatei estes acontecimentos para ilustrar de uma forma pessoal como podemos ter crenças que se provam bem-sucedidas em termos físicos práticos.

«Incidentalmente, sinto-me patriota em relação a isto porque achei que qualquer carreira militar acabaria por se revelar (para mim) nestes mesmos moldes, mas a sério.»

A maioria dos membros da turma, como é óbvio, tinha pontuado a leitura imperturbável do Jed com guinchos estridentes de riso. O Jed terminou o seu ensaio e olhou calmamente em redor da sala, sem um único indício de expressão no seu rosto redondo e inocentemente munido de óculos.

— Oh, Jed — disse finalmente a Florence MacIntyre, com o rosto contorcido de desaprovação. — Como foste capaz de te degradar tanto? Como foste capaz de agir dessa maneira?

— Oh, deixa-te disso! — respondeu alguém de pronto, mas o Jed limitou-se a encolher os ombros, sem se ofender. — Não me senti

degradado — disse ele. — Senti que a mobilização, a guerra e tudo isso era mais uma degradação, e não estava disposto a alinhar nisso.

— Simplesmente não percebo como é que uma pessoa inteligente como tu se pôde rebaixar a algo do género — afirmou a Florence. — Como — quero dizer — não tens nenhum sentimento de dignidade? Ou nenhum sentimento de lealdade para com o teu país, sequer?

— Sim, acho que tenho — disse o Jed. — Foi por isso que o fiz. — Outros na sala saltavam em defesa do Jed; poucas observações foram feitas (em voz alta) em concordância com a Florence. Ferveu uma discussão aquecida. As vozes subiram a um tom febril. Rostos por todos os lados ficaram vermelhos de raiva. Toda a gente gritava ao mesmo tempo. A Jane, na sua maior parte, escutava em silêncio.

«Achei a atitude do Jed bastante reles», recorda Harold Wiles (embora não tenha dito grande coisa na altura). «Acho que ele despendeu muito mais esforço para ficar fora do serviço militar do que despenderia se tivesse entrado! Tudo o que me lembro era de um sentimento subjacente de nojo pelos métodos e pela atitude dele, e por aquilo que ele passou.»

Como seria de prever, à medida que as vozes na sala ficavam cada vez mais altas, Seth arrancou os óculos da Jane e pôs fim a todo aquele burburinho com o seu autoritário «Agora!».

Com grande precisão, colocou os novos óculos estilo avó da Jane na mesa de centro. — Esta tem sido a vossa noite. E continua a ser a vossa noite — começou ele. — Mas quando todos os jovens se recusarem a matar em prol da paz, e quando todas as mulheres proibirem os seus homens de matar em prol da paz, e quando perceberdes que nenhuma paz virá através do ato de matar, e que os fins não justificam os meios, e quando crescerdes plenos e leves com pensamentos de paz, então haverá um fim para a guerra! Mas enquanto houver homens a ir para a guerra em prol da paz, haverá guerra. E enquanto houver alguma mulher a ensinar os seus filhos a irem para a guerra por amor à paz, haverá guerra.

— Vós fazeis o vosso mundo. Quando povoardes o vosso mundo com ideias de paz, então a paz crescerá. Quando pensais pensamentos de agressão, atraís a agressão e extraí-la-eis dos outros no contacto diário, e por parte das nações.

— Quando não vos compreendeis a vós mesmos, projetais aquilo que não compreendeis nos outros — nos vossos amigos e associados — e depois ficais com medo daquilo que não compreendeis, não compreendendo que se trata do vosso próprio medo. E fazeis a mesma coisa enquanto nação com outras nações. Não há forma de garantir a paz senão através de cada homem, cada homem, depor as suas armas.

— Mas o comportamento dele foi simplesmente louco! — interpôs a Florence, agastada.

— Fazer o que ele fez parece, na verdade, louco. Um comportamento idiota no mundo que conheceis! — respondeu Seth. — Mas é um comportamento muito sensato. O nosso amigo aqui [Jed] não foi capaz de saltar a barreira. Não conseguiu fazer uma conquista criativa a partir do ato de ir para a guerra. E dir-te-ei — Seth virou-se diretamente para o Harold que, até então, não tinha dito nada —, se tivesses a idade dele, e na mesma guerra, terias feito, à tua própria maneira, a mesma coisa! Terias transformado isso num esforço criativo de facto, e terias ajudado a liderar essa geração!

«Nunca cheguei a perceber muito bem o que o Seth queria dizer com essa observação», disse o Harold, sete anos mais tarde.

— Bem, se o Jed fosse meu filho, eu teria uma vergonha absoluta dele — disse a Florence, irredutível. — Eduquei o meu filho para compreender o que são a lealdade e a dignidade, e para cumprir o seu dever quando necessário! Para sentir um sentido de responsabilidade! Nunca iria querer que ele agisse como um louco!

— Se a sensatez é guiar os vossos filhos para a morte, então eu preferiria ser louco em qualquer dia — disse-lhe Seth. — E isto não é

para visar a nossa Senhora de Florence, tampouco. Pois, às vossas próprias maneiras, e em circunstâncias diferentes, o vosso raciocínio é frequentemente o mesmo [que o da Florence]. E muitos de vós ainda pensam que a paz deve ser silenciosa e digna, e que a agitação se encontra apenas onde não há paz… portanto, pensai nas formas em que o pensamento da nossa Senhora de Florence se aplica ao vosso próprio, noutras áreas da vossa atividade e pensamentos.

— Um ponto que quero focar: é necessária energia agressiva para enviar pensamentos e sentimentos de paz. Pelo que a vossa ideia de agressão está completamente errada. A agressão é ação, e os pensamentos de paz irradiados para o exterior requerem agressão, alegria e vitalidade… o impulso para a paz é tão natural como o impulso de uma flor para crescer a partir do solo. Agora, continuai.

A Jane saiu do transe e nós começámos a repetir as palavras de Seth para ela, o melhor que conseguíamos. — Ele disse que o Jed tinha razão quando agiu de forma louca daquela maneira — explicou uma rapariga. — Acho que ele nos estava a dizer para sermos não violentos.

Imediatamente, Seth reapareceu. — A vossa própria respiração, nesses termos, comete uma violência sobre o ar. Uma violência alegre! — Seth trocou uma ronda de sorrisos com a Florence, que bebia vinho calmamente, com o rosto vermelho e tenso. — Vós não compreendeis a posição da nossa Senhora de Florence — disse Seth —, e usais o mesmo pensamento vós mesmos noutras áreas, e é este: Imaginemos que os nossos belos rapazes americanos decidem não lutar. Mas imaginemos que os nossos belos rapazes russos ou chineses não tomam a mesma decisão. Então estais a deixar-vos desprotegidos — portanto, deveis enfrentar qualquer ameaça, ou ser fracos! Sendo assim — Seth apontou novamente para a Florence —, eu compreendo a vossa posição.

— Leste-me o pensamento, Seth — disse a Florence. — Estava precisamente a pensar: espero que o Seth diga ao inimigo para depor as armas também.

— Ora — respondeu Seth calmamente, com gravidade —, o «inimigo» não precisa de um Seth mais do que vós para lhe dizer para depor as armas. Eles precisam dos seus próprios eus interiores. E se um dos lados depuser as suas armas, o outro lado perceberá que não há necessidade de armas.

— Vós não conseguis compreender isto agora e, no entanto, digo-vos que a vossa preocupação com armas, enquanto país, é recebida pelos outros, e os vossos próprios pensamentos são materializados e criais guerras nas vossas mentes que depois têm de ser travadas com a vossa carne e com o vosso sangue. E nenhuma gota de sangue corre… que não corra primeiro na vossa mente, e em todas as vossas mentes!

— E não há outra forma de ter paz senão acreditar na paz. Enquanto falo aqui, outros também falam noutros países, como falaram noutros tempos. E vós não escutastes! E, ao não escutardes, continuais a criar a realidade que tendes. E, ao criardes essa realidade no mundo que conheceis, e no tempo conforme o compreendeis, vós regressais repetidamente — filhos que foram assassinados no campo de batalha nascem como mulheres, que depois educam os seus belos filhos para repetirem mais uma vez a velha história.

— Portanto, far-se-vos-á conforme fizerdes. E, conforme pensais, assim é o vosso mundo. A realidade que tendes é uma réplica dos vossos pensamentos. Se não gostais do mundo, deveis mudar os vossos pensamentos, e nenhuma manipulação exterior mudará um ápice a face da vossa experiência se não mudardes os vossos sonhos e os vossos pensamentos!

— Vós criais as montanhas. Vós criais os vossos corpos. Vós criais as estações, os continentes e os rios. Vós criais… — Seth olhou de relance para a Renée Levine e para o Stewie Gould, — o sorriso da Renée e a mão sobre a qual a cabeça do Stewie repousa. E a guerra e as pragas, todas as pragas que parecem assombrar a humanidade — a guerra e a pobreza —, vós criais essas coisas.

— É o vosso mundo. Então mudai-o — agora!

Enquanto a turma tentava pôr a Jane a par dos comentários de Seth, a porta principal no andar de baixo bateu com força ao abrir-se e conseguíamos ouvir passos a subir pelo corredor. Para nossa surpresa, o Dan MacIntyre, filho da Florence, entrou pela porta e sentou-se ao lado da mãe. O Dan já não vinha às aulas há muito tempo e, além disso, já estava perto das 11 horas. À medida que o Dan escutava as explicações do que tinha sido dito, começou a mexer-se nervosamente. Por fim, ele e a mãe olharam um para o outro, com alguma timidez.

Florence MacIntyre

— O que se passa? O que é que lhes disseste? — perguntou o Dan, de boa mente.

— Bem, Florence, diz-lhe tu — disse la Jane.

A Florence limpou a garganta. — Estava apenas a dizer-lhes como te ensinei a ter um sentido de responsabilidade e lealdade para com o teu país, só isso — disse ela.

— O quê?! — desabafou o Dan, horrorizado. — Queres dizer, a propósito desta guerra louca? Estás a falar a sério? Esquece! Eu nunca iria. De maneira nenhuma!

— Dan-iel! — gritou a Florence em desespero, mas instantaneamente os óculos da Jane andavam a abanar no ar vindos de uma mão sethiana. — Que isso te sirva de lição, na linha do que eu disse anteriormente! — disse ele para ela.

— Continuaria a querer que ele tivesse a sua dignidade — respondeu a Florence, com a voz a tremer.

— De que espécie? — perguntou Seth.

A Florence olhou para baixo, para as suas mãos, e não respondeu.

— Uma flor tem dignidade! — continuou Seth, docemente. — Tu tens dignidade! Ele [Daniel] tem dignidade! Ele tem dignidade independentemente do que faça, e ele [Jed] tinha dignidade quando fingiu que era um idiota!

Seth recostou-se na cadeira e balançou-se para a frente e para trás, de olhos fechados, durante vários minutos antes de continuar.

— Enquanto acreditardes na agressão e na força, neste país, elegereis pessoas que acreditam na agressão e na força e que reagem a isso, e o mesmo fazem as pessoas em todas as outras nações — disse ele. — Infelizmente, vós equiparais agressão a força, pelo que tendes medo de eleger um homem pacífico. E todos os outros países sentem o mesmo, pelo que têm medo de colocar no poder, por que meios for, homens pacíficos. Portanto, a vossa situação mundial é o resultado das vossas crenças individuais, em massa.

— Ora, quando individualmente acreditardes na paz, e quando já não acreditardes que o bem é fraco e o mal é poderoso, então, numa base extensível a todo o país, colocareis no poder pessoas que acreditam na natureza ativa da paz. E, repito, não há outra resposta.

— Eu sou, basicamente, como vós sois, independente da carne. Mas nos vossos termos, e apenas nos vossos termos, vós tendes descendência — descendência física, que deve lidar com o tempo e o lugar que criastes. E enquanto acreditardes que deveis lutar pela paz, perdereis a vossa descendência.

— Em termos mais amplos, sabeis perfeitamente que não conseguis aniquilar uma consciência. E todos aqueles que morrem na guerra sabem bem que vão morrer na guerra antes do tempo. Mas ainda assim, em termos físicos, tudo isso deve ser resolvido, pois o próprio objetivo da existência física é que percebais que os vossos pensamentos se tornam matéria enquanto estais aqui, e a matéria pode ser vulnerável. E assim, através da experiência direta, aprendeis o que

acontece quando deixais que os pensamentos e sentimentos de agressão tenham pleno curso. Já disse isto no meu livro [A Natureza da Realidade Pessoal].

— Um artista pode criar uma paisagem de guerra, e vós podeis olhar para ela, e pode ser uma obra-prima. Mas vós sois criadores multidimensionais! E quando criais uma paisagem de guerra, então as pinceladas sofrem, pois vós sois as pinceladas. E as armas são reais, e as feridas são reais. Mas é uma excelente representação — um excelente esforço criativo multidimensional!

— Se não gostais da paisagem, então mudais as pinceladas. Limpais o óleo. Fazeis uma nova pintura.

— E agora, despeço-me com um afetuoso boa-noite, bênçãos e tudo o mais!

Enquanto a turma abandonava o salão da Jane, a Florence caminhou até ao Jed e disse-lhe: — Não é que eu não goste de ti, porque gosto de ti. Simplesmente não compreendo como foste capaz de fazer aquilo tudo.

— Não faz mal — disse o Jed; a sua expressão não tinha mudado da sua complacência branda ao longo de toda a noite. — Não me importo. Mas acho que também não compreendo muito bem as tuas objeções, suponho eu.

Não tenho a certeza de que a Florence, o Jed, o Harold, o Daniel ou qualquer um de nós tenha compreendido realmente as implicações totais das observações de Seth nessa noite, mas o ponto essencial disso foi-nos incutido de novo numa das últimas aulas da Jane — uma «não-aula», na verdade, realizada numa noite de sábado em julho de 1975. Foi então que Seth sugeriu que começássemos a dizer a nós mesmos que vivíamos num «universo seguro».

Um universo seguro? Nesta era da Bomba, existia realmente, em termos práticos, tal coisa?

— Ora, cada um de vós, em algum grau ou outro aqui, acredita que o universo não é seguro e, portanto, deveis erguer as vossas defesas contra ele — disse Seth naquela noite de verão. — Ora, a consciência oficial e de via única com a qual estais familiarizados diz: «O mundo não é seguro. Não posso confiar nele. Nem posso confiar nas condições da experiência, ou nas condições da minha própria existência. Nem posso confiar em mim mesmo.

Posso olhar para um esquilo e rejubilar, mas não posso olhar para mim mesmo e rejubilar, pois eis que estou cheio de iniquidade, e sou, até certo ponto, mau, e devo esconder-me. Não sou apenas mau, enquanto eu próprio, mas provenho de uma raça mácula e defeituosa, e o meu pai e a minha mãe são maculados antes de mim, e envio estes defeitos trágicos diante de mim para o futuro; e por isso necessito de me proteger, e devo erguer a minha defesa da forma que puder, para me proteger num universo em que não posso confiar, e para me proteger de um eu que é mau e defeituoso.»

— Tendes uma civilização e um mundo inteiros erguidos com base nessas crenças que vos acabo de transmitir: que o universo não é seguro; que deveis defender-vos de inimigos que vêm de fora e, pior de tudo, de inimigos que estão dentro. E assim, de facto, vos sentis inseguros, e ergueis as vossas barreiras, e correis o mais rápido que conseguis, da forma que vos é dada, daqueles inimigos que são o resultado de uma espécie de consciência oficial de via única.

— Enquanto acreditardes que habitais num universo que é uma ameaça, deveis defender-vos dele. Enquanto acreditardes que o eu é defeituoso, e que a vossa raça está condenada e é má, deveis também defender-vos de vós mesmos, e como podereis então confiar na voz da psique?

— E, quando vos digo: «Sede espontâneos», como ousais dar esse passo, quando ser espontâneo daria obviamente origem a toda a luxúria, a toda a paixão, a todo o assassínio e a todo o ódio, para vós bastante obviamente inerentes ao coração humano? E então dizeis:

«Tentarei ser espontâneo, mas como posso sê-lo? Acredito que sou bom, mas como posso ser bom quando provenho de uma raça que é má?»

— Tentais dizer: «O universo é seguro», e depois vedes o noticiário na televisão, ou ledes o vosso jornal, e dizeis: «Que mentira é esta? Como pode o universo ser seguro quando leio sobre assassínios em massa, guerra, trapaça e ganância? Como posso ser eu próprio, pois se for eu próprio, não irei desencadear para o mundo apenas mais do horror que vejo em redor de mim; pois com certeza a natureza humana não pode mudar, e a natureza humana é má. Olhai que mal ela já operou no planeta no qual tenho a minha existência; depois diz-me, Seth, sê espontâneo. O que me pedes, e como posso eu, portanto, neste contexto, apoiar-me na autoridade da minha própria psique e dizer: "Insisto que sou bom"»?

— A via oficial da consciência forma um mundo em redor de si, e vós percebeis e experienciais esse mundo, e ele mostrar-vos-á sempre os resultados das crenças que são inerentes à via oficial da consciência. Enquanto vos dedicardes a essa via oficial da consciência, o mundo parecerá sempre o mesmo: mau, desastroso, destinado apenas à condenação, seja através da destruição nuclear ou do julgamento maior de um deus fundamentalista.

— A fase da consciência de via única foi necessária por razões que o Ruburt apresentou [em Psychic Politics e Adventures in Consciousness]. Mas essa fase continha em si o seu próprio ímpeto. Ergueu desafios que não podiam ser resolvidos nessa fase da consciência, e que vos guiariam automaticamente para outras vertentes de perceção. Só então essas contradições podem fazer sentido. Só então podereis dizer, individualmente — e escutai, agora — «Eu vivo num universo seguro.»

— Não precisais de dizer: «O universo é seguro», pois ao vosso nível atual isso só vos irá enfurecer! Vós dizeis, em vez disso: «Eu vivo num universo seguro», e assim será. E aquelas defesas que ergueis contra as ameaças desmoronar-se-ão, pois não serão

necessárias. Mas vós estais seguros, e sois inocentes, e podeis tornar-vos conscientes dessa inocência.

— Quando vós… abandonardes o tipo de consciência oficial de via única como o vosso critério para a realidade, levá-la-eis convosco como uma imagem, ou como uma perspetiva; talvez como uma paisagem que vistes em algum lugar — uma paisagem bela que amais! Mas não será a imagem inteira. Deveis sair dessa imagem, ao mesmo tempo que a amais e a segurais ternamente nas vossas mãos.

WARREN: — Seth?

SETH: — Meu querido amigo — mais uma vez!

WARREN: — Tudo O Que É sabe da porção de si mesmo que somos nós. Existe…

SETH: — Tudo O Que É conhece-se de facto a si mesmo, e desperta para si mesmo como vós.

WARREN: — Existe uma parte que nos enviou, semelhante a Tudo O Que É, que conhece cada parte de nós que existe?

SETH: — Existe de facto.

WARREN: — Existe alguma forma de nos tornarmos conscientes da porção que nos enviou?

SETH: — Existe de facto.

WARREN: — Qual é?

SETH: — Conhece-te a ti mesmo.

NOTAS

CAPÍTULO 1

Quem Disse Que a Realidade Era Mais Estranha Que a Ficção?

Este manuscrito foi concluído e publicado como How to Develop Your ESP Power em 1966 (Nova Iorque: Frederick Fell, Inc.). Foi reeditado em 1976 como The Coming of Seth (Nova Iorque: Pocket Books).

Do capítulo 1, «Conhecemos Seth», de The Seth Material.

Os romances de fantasia de Jane, The Education of Oversoul Seven e The Further Education of Oversoul Seven, publicados em 1973 e 1979 (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall).

Para uma discussão completa sobre a psicologia dos aspetos, ver Adventures in Consciousness de Jane.

Ver o capítulo 8 em The Seth Material para uma descrição completa destes testes em que a Jane, o Rob e o Seth participaram durante mais de um ano. Os resultados destes testes continuam a ser um mistério para a Jane e para o Rob; o Dr. «Instream», como a Jane lhe chamava, já faleceu.

Jane menciona esta personalidade no capítulo 5 de Adventures in Consciousness.

Ver o capítulo 1 de The Nature of Personal Reality para as notas do Rob sobre a inundação e o seu efeito na cidade de Elmira.

CAPÍTULO 2

O Elenco da Turma e Como Ele Cresceu

Os psicólogos, psiquiatras e outros cientistas que frequentaram a turma da Jane constam dos registos nos arquivos da Jane e do Rob.

Acredito que os Codicilos, conforme apresentados na parte 3 de Psychic Politics de Jane, representam o tipo de consciência que a turma estava no processo de desenvolver.

archy & mehitabel, de Don Marquis (Nova Iorque: Doubleday, 1927, 1930). Incluídos nesta coleção de ensaios noturnos de uma barata numa máquina de escrever de uma redação de jornal estão «mehitabel foi outrora cleópatra»; «o papagaio pete e shakespeare»; e «o fantasma clarence». (Archy, a barata, conseguia manusear todas as teclas da máquina de escrever, exceto a alavanca de maiúsculas.)

O Gnosticismo teve origem em tempos pré-cristãos e é um sistema de religião e filosofia que acredita no conhecimento, ou gnosis, como o meio de salvação da tirania da matéria, em vez da fé ou de uma busca pela «verdade». Seth tem mais a dizer sobre o Arturo no Livro 2 de CWS.

Durante muitos anos antes da Segunda Guerra Mundial, Elmira foi o centro de ensaios da Broadway para produções teatrais promissoras, e um local bem conhecido de teatro de verão; o vizinho Corning Summer Theater assumiu em grande parte este último papel.

CAPÍTULO 3

Experiências

Publicados em 1974 e 1976, respetivamente (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall).

Simplesmente: alfa é um de quatro padrões de ondas cerebrais oficialmente reconhecidos, medidos em unidades hertz, ou ciclos por segundo. Das mais lentas para as mais rápidas, são: delta, a onda do sono sem sonhos; teta, da criatividade e dos sonhos; alfa, do alerta relaxado e da consciência em mudança; e beta, tipificada pela concentração e foco intenso no mundo quotidiano. No apêndice 17 para a sessão 711 de The "Unknown" Reality, volume 2, Seth diz que as ondas beta «parecem ser o pulso oficial da vossa civilização, dando precedência à realidade oficial». O apêndice 17 de «Unknown» constitui uma leitura interessante para os comentários adicionais de

Seth sobre os padrões de ondas cerebrais. Ver o Livro 2 de CWS, apêndice 1 para um «monólogo» alfa de Seth.

Novamente, ver mais sobre as experiências de escrita automática e meditação do Theodore em «O Grande Salão» no Livro 2 de CWS, apêndice 2.

Os testes «Instream», descritos no capítulo 8 de The Seth Material.

CAPÍTULO 4

Quem É Que Não Tem Um Segredo?

Stranger in a Strange Land de Robert A. Heinlein (Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1961).

Ibid., p. 204.

Seth também elogiou a Florence, com humor, pela sua pontualidade ao faltar à primeira das sessões de segredos: «Visto que sois um membro fiel desta turma, então parece-me que estais a usar muito bem as vossas capacidades, pois sabeis precisamente quando deveis ficar longe!»

A analogia de Seth aqui foi dirigida a mim — pois eu tinha acabado de contar um segredo que guardava com uma tenacidade tão feroz que me recusei a revelá-lo novamente quando redigi este capítulo em 1979. Eu tivera um bebé em Martha's Vineyard em 1968 e tinha-o dado para adoção. Por volta de 1971, apenas alguns amigos próximos (incluindo a Jane) sabiam disso; os meus pais nunca souberam de todo (conscientemente, pelo menos). Só em 1993, muito depois de os meus pais já terem partido, é que ganhei coragem para dizer ao Sean que ele tinha «um irmão algures por aí». Contar o segredo na aula soube terrivelmente, humilhante além de qualquer recurso (não pelo facto de ter tido um bebé, mas por o ter deixado para trás), embora as palavras de Seth tenham sido estranhamente, se bem

que momentaneamente, reconfortantes. Só anos mais tarde consegui ver que esta confissão me ajudou a começar a libertar o peso da vergonha abjeta com que me tinha castigado durante tanto tempo (tendo deixado a criança partir, agarrei-me a isto).

Algumas aulas mais tarde, perguntei a Seth se eu viria a «ver aquele bebé outra vez», e Seth fitou-me durante um longo e estranho momento e respondeu: «De facto. Estou a responder pela afirmativa», e isso foi tudo. Nunca mais fiz quaisquer outras perguntas sobre o assunto; esta migalha de esperança fantasmagórica parecia, milagrosamente, mais do que aquilo que eu merecia. Eu estava demasiado intimidada pela parede impenetrável de silêncio que a adoção impunha naqueles dias para imaginar que outra coisa senão um golpe de magia nos voltaria a reunir. E embora não tenha contado o meu segredo nas suas páginas, o Conversas com Seth está semeado daquilo que eu pensava serem pistas que qualquer filho meu acabaria por descobrir, reconhecer e, por conseguinte, encontrar-me.

Bem, a magia pode acontecer de formas diretas. Em abril de 1993, o Sean fez exatamente dois telefonemas e localizou uma agência de Massachusetts que, de boa mente, nos ligou a «aquele bebé» a escassos dias do seu vigésimo quinto aniversário! O Dave, o Sean e eu já estivemos juntos várias vezes desde então, incluindo uma visita em 1998 à Beach Plum Lobster Farm do Dave em Ogunquit, no Maine, onde também conheci os pais dele. Além disso, as semelhanças e coincidências notáveis entre o Dave e mim revelam uma comunicação contínua (e não pouca magia) entre todos nós, a muitos níveis, sobre a qual planeio escrever um dia detalhadamente.

CAPÍTULO 5

Caixa de Crenças

Ver o capítulo 8 de A Natureza da Realidade Pessoal para as notas do Rob sobre os efeitos da Inundação de 1972.

Curiosamente, já agora, os meus cadernos de folhas soltas das sessões das aulas de Seth estavam na prateleira de baixo da minha estante atafulhada quando as águas da inundação subiram; do mesmo modo, os meus cadernos de sonhos estavam empilhados na gaveta de baixo da minha mesa de cabeceira.

Embora a água da inundação tenha coberto e arruinado tanto a mesa de cabeceira como todos os meus livros, nem os cadernos de sonhos nem as sessões das aulas sofreram danos — de facto, quando os escavei das suas zonas de prateleira lamacentas, descobri que as suas páginas nem sequer estavam molhadas, apesar de as capas de tudo estarem imundas. É claro que os cadernos das aulas estavam fortemente compactados no seu espaço de prateleira, pelo que a pura pressão poderá ter impedido a entrada da água; mas, por outro lado, todos os meus outros livros ficaram completamente encharcados. Os cadernos de sonhos de espiral, que estavam simplesmente colocados uns por cima dos outros, ficaram intactos numa gaveta cheia de lama!

A Natureza da Realidade Pessoal, sessão 614. Métodos específicos e detalhados para descobrir e mudar crenças são, contudo, a essência do livro de Seth, e este deve ser lido para uma compreensão aprofundada desta premissa.

Hoje em dia, o Richie tem um emprego regular e diz que finalmente compreende «a realização do trabalho».

O Carl acabou mesmo por cruzar o Atlântico e viveu durante algum tempo na Grécia — com as cavilhas do canado do leme aparentemente intactas.

O Prémio de Roma é um prémio atribuído anualmente nas belas-artes (escultura, música, pintura, escrita) por júris americanos. Um vencedor de cada categoria vai para Roma durante um ano e, enquanto lá está, são-lhe facultados um ateliê gratuito e os custos de vida.

Desde a altura em que escrevi esta passagem em 1981, o George passou a gozar de um séquito internacional. As suas esculturas adornam muitos edifícios públicos por todo o mundo (incluindo a Port Authority em Nova Iorque e o Bank One Ball Park em Phoenix, no Arizona). Ele também já apareceu no Good Morning America e noutros programas do género, respondendo pacientemente à inevitável pergunta: «Mas isto é arte?» «Podes crer que sim», diz o George.

Ver o capítulo 13 de A Natureza da Realidade Pessoal para uma discussão completa sobre estas crenças no que se refere a «estados de graça», crenças pessoais e de massa, e a experiência privada e social.

CAPÍTULO 6

A ESP Revisitada

Na parte final do século dezasseis, uma concessão de terras por parte da Rainha Isabel I deu permissão a Sir Walter Raleigh para estabelecer um povoamento no Novo Mundo em Roanoke Island, na Carolina do Norte. A primeira expedição de Raleigh para lá, em 1585, resistiu durante um ano contra tribos índias hostis antes de regressar a Inglaterra. Virginia Dare, a primeira criança filha de pais ingleses no Novo Mundo, nasceu a 18 de agosto de 1587, sete dias após o desembarque da segunda expedição de Raleigh, composta por 117 pessoas. Mas aquando do regresso dos navios de Raleigh de Inglaterra, na primavera de 1590, todos os vestígios do povoamento de Roanoke tinham desaparecido — exceto pela enigmática palavra «Croatoan» esculpida numa árvore. Escavações recentes na zona descobriram, no entanto, contornos de edifícios no local do povoamento de Roanoke.

Não sou, de modo algum, uma aficionada de história, e a Jane também não; na altura em que falámos com o Brad, eu tinha apenas as memórias mais vagas sobre «a colónia desaparecida». Acho que se pode dizer com segurança que a Jane não tem qualquer conhecimento consciente sobre esta migalha de tradição histórica. Para esta nota de rodapé, tive de pesquisar os factos acima no The World Almanac de 1977.

En 1979, com a idade de onze anos, o filho de Nadine venceu o Concurso de Piano do Estado de Nova Iorque, patrocinado pela Federação de Clubes de Música, para jovens de onze a quinze anos.

Alguns outros exemplos deste fenómeno poderiam incluir o familiar «companheiro imaginário» da infância. Ver a referência de Seth ao companheiro de infância do Rob, um «fragmento», na página 28 de The Seth Material, no qual o jovem Robbie materializou brevemente um companheiro de brincadeiras enquanto estava sentado num baloiço num parque infantil perto da sua casa. «Ocasionalmente, uma personalidade espantar-se-á a si própria com semelhante produção de imagem», disse Seth sobre esse incidente. «Normalmente, este tipo desaparece na altura em que a personalidade atinge a idade adulta. Na infância, contudo, tais instâncias são frequentes.»

Seth também tece comentários sobre OVNIs no Volume 2 de A Realidade «Desconhecida», sessões 713 e 743; também no apêndice 20 para a sessão 713. Entre outras observações sobre o assunto, Seth diz, na página 385 da sessão 713, que «Alguns casos relatados de OVNIs aconteceram no passado no que dizia respeito aos visitantes, mas surgiram como imagens ou realidades no vosso presente. Isto envolve apenas avistamentos de naves.»

Mas de longe a afirmação mais provocadora sobre estas matérias, na página 654 da sessão 743, é esta: «Vós não conseguis compreender os acontecimentos percebidos a menos que compreendais quem os percebe.» Esta última observação de Seth pode certamente aplicar-se a todo este capítulo sobre «A ESP Revisitada».

Página 655 do Volume 2 de A Realidade «Desconhecida».

CAPÍTULO 7

Os Sumari (e Outros) Regressam a Casa

Ver o capítulo 6 de Adventures in Consciousness, no qual a Jane descreve os seus sentimentos de se projetar através da paisagem fora das janelas de sacada do seu apartamento como quem voa através de um buraco rasgado em papel de seda. É interessante notar as suas sensações semelhantes durante a experiência de alteração de consciência que produziu «O Universo Físico como uma Construção de Ideias», a sua primeira experiência «psíquica» (descrita no capítulo 1 de The Seth Material). Ela também tinha estado sentada em frente àquelas janelas de sacada nessa altura.

Ver a sessão 594 para 13 de setembro de 1971 no apêndice de Seth Fala.

Capítulo 7, página 78, Adventures in Consciousness.

No volume 2 de A Realidade «Desconhecida», Seth elenca as seguintes «famílias» de consciência (e descreve mais detalhadamente os seus propósitos e intenções):

Gramada: fundar sistemas sociais.

Sumafi: transmitir «originalidade» através do ensino.

Tumold: curar, independentemente da ocupação individual.

Vold: reformar o status quo.

Milumet: nutrir misticamente a psique da humanidade.

Zuli: servir como modelos físicos, atléticos.

Borledim: providenciar uma estirpe terrena para a espécie através da parentalidade.

Ilda: espalhar e permutar ideias.

Sumari: providenciar a herança cultural, espiritual e artística para a espécie.

Também acho interessante que em 1970, um ano antes do desenvolvimento Sumari e cinco anos antes da lista de famílias de consciência de Seth, eu tenha escrito um conto baseado numa mulher que tinha frequentado a aula algumas vezes. Ela era da Escandinávia, tinha viajado extensivamente numa variedade de trabalhos de manequim e era muito conhecedora de uma multidão de filosofias (incluindo a de Seth) e culturas. O nome que escolhi para esta personagem na minha história foi «Ilda».

Esta transcrição está reproduzida no capítulo 15 de Adventures in Consciousness.

O George ficava sempre um pouco divertido pelo facto de o seu nome de entidade ser também a palavra francesa para queijo. No entanto, no poema Sumari da Jane, «Canções dos Irmãos de Prata», no capítulo 8 de Adventures in Consciousness, «Fromage» surge num outro contexto (e talvez mais apropriado):

For darambi
I speak
Tol arado fromabe
And syllables rearrange
Marjor astare
My worlds
Fromage
Fossilings
O borare
Rise wiggling like seeds
Gravunde
To growth in words

CAPÍTULO 8

Reencarnação

De facto, a 15 de maio de 1970, o Ned e eu registámos sonhos notavelmente semelhantes ocorridos na noite anterior. No meu, eu era uma mulher com uma espécie de farda, a tentar ajudar soldados a subir para um camião grande e coberto com uma lona, enquanto fogo de metralhadora pulverizava tudo em redor. No do Ned, ele viu-se como o condutor de um camião grande e coberto com uma lona; enquanto o tiroteio explodia por todo o lado, ele esperava que uma mulher na parte de trás do camião lhe fizesse sinal para arrancar. Ambos os sonhos terminavam numa perseguição louca através de uma grande cidade (referida nos registos de sonhos de ambos como «tipo Munique») em direção a «a fronteira».

Mais tarde, o Ned recebeu uma classificação de 4-F (inapto para o serviço militar) por razões físicas desconhecidas à data desta sessão.

Ver a sessão 692 para 24 de abril de 1974, no volume 1 de A Realidade «Desconhecida».

Já agora, não acho de todo que este tipo de vida onírica seja invulgar. Experimente perguntar aos seus amigos sobre os seus sonhos de infância e verá! Muitas pessoas recordarão alguns acontecimentos oníricos bastante fascinantes. Os pais poderiam também incentivar os seus filhos a falar sobre os seus sonhos, ou a manter registos deles (uma professora do ensino básico na minha cidade põe os seus alunos a registar os seus sonhos na aula todas as manhãs como um exercício de escrita). A um nível prático e quotidiano, os benefícios de tal manutenção de registos são óbvios.

Ver o capítulo 12 de The Seth Material.

Curiosamente, o amigo de Nova Iorque da Lauren, Jed Martz, registou o seguinte sonho antes de a Lauren ter a sua experiência do espelho: «Eu era um Tenente Confederado encarregue de uma unidade de campanha», diz o Jed. «No meu sonho, a Lauren tinha o mesmo cargo na unidade ao lado da minha. [Foi] cerca de um ano mais tarde que a Lauren… perguntou a Seth sobre [o seu oficial confederado]. Tive definitivamente a sensação de que um daqueles oficiais era uma encarnação minha.»

Reencarnar «para trás» no tempo é um dos temas dos romances de Jane sobre Oversoul Seven. Lydia, do século vinte, que morre em The Education of Oversoul Seven, renasce como Tweety na Suécia do século dezassete em The Further Education of Oversoul Seven. Jane escreveu o segundo romance em 1979, após as aulas terem terminado.

Ver o capítulo 2 de Adventures in Consciousness, que descreve a forma como a Bette e o Joel reagiram como mulher pioneira e guerreiro índio.

Esta é uma das primeiras referências de Seth à teoria das contrapartes, desenvolvida mais tarde em resposta às visões do Rob sobre um romano e uma mulher jamaicana no outono de 1974, conforme explicado em A Realidade «Desconhecida», e conforme explorado no Capítulo 6 do Livro 2 de CWS.

CAPÍTULO 9

O Nu e o Temido

Ver o apêndice 9 do Volume 1 de A Realidade «Desconhecida» para os comentários de Seth sobre o desenvolvimento histórico do nosso conceito de masculino e feminino.

CAPÍTULO 10

A Experiência Continua

Uma pergunta que ponderávamos frequentemente sobre isto era o que aconteceria se a Jane permitisse que Seth bebesse o seu estimado conhaque. Sairia ela do transe e daria por si embriagada? A Jane nunca consentiu nesta fascinante peça de investigação.

Contado no Capítulo 5 do Livro 2 de CWS.

Jane também discute esta aula no capítulo 1 de Adventures in Consciousness, «A Aula que Foi Longe Demais».

Entre outras correlações, há aqui uma ligação interessante entre esta imagem e uma experiência onírica coincidente do meu filho e minha, que está descrita no Capítulo 9 do Livro 2 de CWS. Nos nossos sonhos, a característica predominante era o mesmo tipo de «plano de perspetiva» geométrico e plano, e outras formas geométricas.

Seth refere-se aqui a uma evolução que se afasta da forma de consciência de via única, conforme discutido ao longo de A Realidade «Desconhecida».

Este sonho duplo está descrito com mais detalhe nas notas para a sessão 692 do Volume 1 de A Realidade «Desconhecida».

Mais uma vez, esta observação correlaciona-se, na minha mente, pelo menos, com a informação que Seth me deu sobre o meu avistamento de um OVNI e o seu possível significado como uma «mensagem enviada por um eu futuro», conforme descrito no capítulo 6 deste livro.

CAPÍTULO 11

Saúde, Cura e Como Caminhámos Através dos Ossos Uns dos Outros

De acordo com o dicionário, a doença de Hodgkin, uma forma de linfoma, é um tumor maligno dos gânglios linfáticos, acompanhado

por um aumento do baço e, frequentemente, do fígado e dos rins, afetando os vasos sanguíneos.

«[Quanto à história da cabeleira]», comentou-me o Will Petrosky em 1999 via correio eletrónico, «a tua suposição no livro foi a de que eu me estiquei para lhe puxar a fita. Na verdade, estiquei-me para lhe tocar na fita, muito à semelhança do que vi o Sumari fazer — só que eu fui um labrego desastrado e o meu puxão suave, que não era suposto fazer nada, arrancou-lhe a cabeleira.»

Embora a Jane nunca tenha tido cancro, a sua morte em 1984 foi o resultado de complicações decorrentes de artrite reumatoide, que a flagelava há muitos anos. As razões e crenças complexas e multifacetadas por trás dos sintomas da Jane estão tecidas ao longo dos seus livros, diários, poesia e no próprio material de Seth. Tudo isto está agora disponível para estudo nos Arquivos Jane Roberts na Universidade de Yale, em New Haven, no Connecticut, bem como em reimpressões e novas edições da obra da Jane, incluindo o seu arrebatador último livro de Seth, The Way Toward Health, ditado a partir da sua cama de hospital antes de morrer.

Ainda assim, o boato aqui referido em Conversas com Seth era um de muitos, frequentemente excêntricos pedaços de bisbilhotice disparatada, que aparentemente circulavam sobre a Jane entre pessoas que ela e o Rob nunca conheceram. Chegava-lhe de uma forma ou de outra que ela estava morta ou a morrer, que era alcoólica, que estava confinada a uma instituição mental ou a viver numa casa cercada por uma vedação eletrificada de três metros e uma matilha de cães de guarda.

«O único que me deixou mesmo furiosa», disse a Jane na altura, «foi quando ouvi o boato de que eu tinha repudiado Seth e me tinha tornado uma cristã evangélica renascida!»

O cântico «Mu», tal como o seu irmão «Om», são ambos sons de palavras utilizados por seitas e grupos meditativos por uma série de razões, sendo uma delas a utilização do som e da energia para manter estados de transe leve. A turma usava o «Mu» para enviar energia, ou por vezes apenas por diversão — mas sempre que organizávamos um

concurso de «Mu» para ver quem conseguia manter este som durante mais tempo, a Jane vencia sempre!

CAPÍTULO 12

A Guerra das Flores Idiotas

De Mateus 6:28, 29 (versão King James): «Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.»